



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Nídia Nunes Máximo

**TIPOLOGIA LINGUÍSTICA DA LIBRAS**

Recife  
2023

Nídia Nunes Máximo

## **TIPOLOGIA LINGUÍSTICA DA LIBRAS**

Tese apresentada ao Programa da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito necessário à obtenção do Título de Doutora em Letras. Área de Concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima

Recife

2023

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

M464t    Máximo, Nídia Nunes  
            Tipologia linguística da Libras / Nídia Nunes Máximo. – Recife, 2023.  
            255f.: il.

            Sob orientação de Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima.  
            Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de  
            Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

            Inclui referências, apêndice e anexo.

            1. Tipologia linguística. 2. Interface. 3. Libras. I. Lima, Stella Virgínia  
            Telles de Araújo Pereira (Orientação). II. Título.

410    CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2023-52)

Nídia Nunes Máximo

## **TIPOLOGIA LINGUÍSTICA DA LIBRAS**

Tese apresentada ao Programa da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito necessário à obtenção do Título de Doutora em Letras. Área de Concentração: Linguística.

Aprovada em: 31/01/2023

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof. Dr. Emanuel Cordeiro da Silva (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

---

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

---

Prof. Dr. Anderson Almeida da Silva (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAR

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo amparo, pela motivação e pela força. A esperança em Deus foi o que fez com que me reerguesse ao ter enfrentado a depressão e ansiedade no meio do Doutorado. Nos momentos mais turbulentos e sombrios, o Senhor me alcançou e me revigorou! À minha mãe, Nilmara Nunes, e ao meu pai, Paulo Máximo, pelos ensinamentos valiosos ao longo da minha vida, pela presença constante e amorosa. Sem vocês, nada disso seria possível. Gratidão imensa por terem estado comigo e por me resgatarem da dor emocional que vivi. Vocês são a motivação da minha vida! Ao meu irmão, Paulo Máximo Filho, pela parceria – a nossa irmandade nos faz dividir as vitórias e as perdas. Muito obrigada, meu irmão, pelos momentos em que você me ouviu quando precisei de amparo e até quando precisei de *insights* para escrever a tese! Às minhas tias, Hildete Tereza e Iracema Tereza, pelo amor, pelo empenho, pelo incentivo em toda a minha jornada acadêmica. Vocês são minhas mães. Eu as amo incondicionalmente e me sinto agraciada por tê-las ao meu lado sempre! Aos meus avós, Amaro Nunes, Nilza Costa, José Máximo e Lídia Tereza [in memoriam] por todo o amor e cuidado dedicados a mim! À minha amada orientadora, Profa. Dra. Stella Telles, pelas orientações acadêmicas, pelos conselhos para a vida e pela amizade que me foi ofertada. Stella, foi um privilégio inenarrável ter encontrado você na jornada. Você me ensinou e me acolheu. Você é uma inspiração para mim. Saiba que eu a admiro e a amo! Aos queridos amigos e parceiros de trabalho, Gláucia Nascimento e Jurandir Dias Júnior. Há doze anos vocês me apresentaram a Libras e viram em mim, ainda estudante de graduação, um potencial para a pesquisa. Vocês acreditaram em mim e me auxiliaram nos momentos em que precisei de sustento e confiança. Vocês são luz na minha vida! Ao meu namorado, Izonilton Sobrinho, pelo amor e amparo. Meu bem, nesses quatro anos de doutorado você esteve sempre comigo nas minhas quedas e adversidades e segurou minha mão quando mais precisei. Sou muito feliz com seu amor. Eu te amo! À minha amiga, irmã e “conji”, Isa Rocha, por me abraçar e amparar sempre. Amiga, o nosso amor está cravado na pele. Nada nem ninguém pode nos separar. Nossa irmandade é para sempre. Você é parte de mim! Eu te amo demais! À minha amiga maluca, Daiana Veloso, por me fazer voltar a sentir. Você sabe, amiga, o quanto me tornei dura e amarga e você resgatou em mim a sensibilidade, a capacidade de mergulhar nas minhas emoções e reconhecer minha humanidade. Eu te amo, Dai! À minha amiga Dayane Batista por me encorajar, por me ouvir e me dar tanta força para seguir em frente quando pensei em desistir. Amiga, você uma benção na minha vida! Eu

te amo! À Turma da Zuadinha – Léo, Nay, Luigi, Táfila, Edu, Roberto, Vlad, Flavinha – pelos inúmeros sorrisos que vocês arrancaram de mim quando precisei reencontrar alegria. A vida é mais leve e feliz ao lado de vocês! Ao amigo e colega de trabalho, Leonardo Rodrigues, por toda dedicação, zelo e esmero para captar minhas ideias e transformar em fotos, esquemas e imagens dando aquele toque gráfico que só você sabe fazer. Muito obrigada, Léo! À Profa. Dra. Evandra Grigoletto, coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras, pelo acolhimento, pela bondade e pela empatia quando precisei de ajuda para solucionar questões burocráticas referentes ao doutorado. Aos meus alunos, por me questionarem tantas vezes em sala de aula sobre as descrições e teorias acerca da Libras. Os questionamentos de vocês contribuíram muito para as minhas reflexões.

## RESUMO

Este trabalho traz uma proposta teórica para a tipologia da Libras, a partir da descrição dos fenômenos gramaticais nas interfaces. Partimos da hipótese de que a interface é relevante no funcionamento da gramática da Libras, desfazendo os muros e limites gramaticais, o que revelaria a ontogênese linguística do indivíduo surdo. Para tal, fizemos um apanhado teórico acerca da tipologia das línguas de sinais e da tipologia da Libras, a fim de encontramos padrões tipológicos para Libras, mediante uma reflexão de cunho epistemológico. Em seguida, analisamos três canais no Youtube e três perfis do Instagram, com produções de vídeos em Libras feitas por pessoas surdas, os quais divulgam o cotidiano das pessoas surdas e a cultura surda, com a finalidade de apresentarmos evidências linguísticas da língua em uso para corroborar a nossa hipótese de que as relações gramaticais se organizam nas interfaces – relações morfossemânticas, morfossintáticas e sintático-semânticas. Por fim, propomos uma tipologia para a Libras, a qual parte de um olhar funcional e cognitivo, tendo como base Bybee (1998), Givón (2012) e Langacker (2008).

**Palavras-chave:** tipologia; interface; Libras.

## **ABSTRACT**

This work presents a theoretical proposal for typology of Libras, based on description of grammatical phenomena in the interfaces. We start from the hypothesis that the interface is relevant in the functioning of grammar of Libras, undoing the walls and grammatical limits, which would review the linguistic ontogenesis of deaf individual. For this, we made a theoretical overview about the typology of sign languages and the typology of Libras, in order to find typological patterns for Libras, through an epistemological reflection. Then, we analyzed three YouTube channels and Instagram profiles, with video productions in Libras made by deaf people, which disseminate the daily lives of deaf people and deaf culture, with the aim of presenting linguistic evidence of the language in use to corroborate our hypothesis that grammatical relations are organized in interfaces – morphosemantic, morphosyntactic and syntactic-semantic relations. Finally, we propose a typology for Libras, which starts from functional and cognitive perspective, based on Bybee (1998), Givón (2012) and Langacker (2008).

**Keywords:** typology; interface; Libras.



## LISTA ILUSTRAÇÕES

|                    |                                                                                                   |    |
|--------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1 –</b>  | Sinais “dar” e “você me deu um livro muito pesado”                                                | 21 |
| <b>Figura 2 –</b>  | Sinais TEACH e TEACHER agentivo, na Língua                                                        | 23 |
| <b>Imagem 1 –</b>  | Sinal ÁRVORE, na Língua de Sinais Americana                                                       | 24 |
| <b>Esquema 1 –</b> | Traços semânticos hierárquicos para a classe entidade                                             | 25 |
| <b>Esquema 2 –</b> | Traços semânticos hierárquicos para a classe eventos                                              | 26 |
| <b>Quadro 1 –</b>  | Traços semânticos para a classe propriedade a.                                                    | 26 |
| <b>Quadro 2 –</b>  | Traços semânticos para a classe propriedade b.                                                    | 27 |
| <b>Esquema 3 –</b> | Critérios sintáticos para as classes entidade, evento e propriedade                               | 28 |
| <b>Esquema 4 –</b> | Critérios sintáticos para as classes entidade, evento e propriedade                               | 28 |
| <b>Esquema 5 –</b> | Critérios morfológicos para as classes entidade, evento e propriedade                             | 28 |
| <b>Figura 3 –</b>  | Sinais de numerais que apresentam iconicidade em relação à forma escrita dos números              | 30 |
| <b>Figura 4 –</b>  | Sinais CHECK, SEE e MAYBE, na Língua de Sinais Britânica                                          | 32 |
| <b>Figura 5 –</b>  | Sinais AGREE, sufixo NEG e DISAGREE, na Língua de Sinais Britânica                                | 32 |
| <b>Figura 6 –</b>  | Sinais TOMORROW e IN TWO DAYS, na Língua de Sinais Britânica                                      | 33 |
| <b>Figura 7 –</b>  | Sinais WORK e BUSY, na Língua de Sinais Britânica                                                 | 33 |
| <b>Figura 8 –</b>  | Sinal do verbo OPEN DOOR e sinal do substantivo DOOR derivado dele, na Língua de Sinais Britânica | 34 |
| <b>Imagem 2 –</b>  | Expressão temporal DAQUI PARA FRENTE                                                              | 36 |
| <b>Figura 9 –</b>  | Sinais da formação do plural do verbo ASK, ASK-ALL, ASK-EACH, na Língua de Sinais Britânica       | 37 |
| <b>Figura 10 –</b> | Sinal polimorfêmico, na Língua de Sinais Britânica                                                | 39 |
| <b>Esquema 6 –</b> | Representação da palavra prosódica                                                                | 42 |
| <b>Imagem 3 –</b>  | Frases entonacionais “o carro virou à esquerda /// o carro virou à direita”                       | 43 |
| <b>Figura 11 –</b> | Verbo COMER na ISL e ASL                                                                          | 46 |
| <b>Quadro 3 –</b>  | Proposta de redefinição das classes verbais                                                       | 48 |
| <b>Figura 12 –</b> | Locações indicativas das pessoas gramaticais                                                      | 49 |
| <b>Imagem 4 –</b>  | Sinal SÁBADO/LARANJA (cor)/ LARANJA (fruta)                                                       | 52 |
| <b>Imagem 5 –</b>  | Sinal “quando/que dia”, na Língua de Sinais Turca                                                 | 52 |

|                    |                                                                                           |     |
|--------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Imagem 6 –</b>  | Sinal “quantos?”; sinal “qual mês e data?”; sinal “qual idade?”                           | 53  |
| <b>Quadro 4 –</b>  | Sistema de negação manual e não manual                                                    | 55  |
| <b>Quadro 5 –</b>  | Tipos de negação e seus domínios semânticos correspondentes                               | 58  |
| <b>Imagem 7 –</b>  | Configurações de mão empregadas nos pronomes possessivos                                  | 59  |
| <b>Quadro 6 –</b>  | Configurações de mão empregadas nos pronomes possessivos                                  | 59  |
| <b>Imagem 8 –</b>  | Verbos de mudança de estado, na Língua de Sinais Israelense                               | 67  |
| <b>Quadro 7 –</b>  | Propriedades morfológicas dos campos semânticos                                           | 68  |
| <b>Imagem 9 –</b>  | Exemplo de dêixis e anáfora na Língua Italiana de Sinais                                  | 70  |
| <b>Figura 13 –</b> | Exemplo 1 de proforma                                                                     | 72  |
| <b>Figura 14 –</b> | Exemplo 2 de proforma                                                                     | 72  |
| <b>Figura 15 –</b> | Exemplo 3 de proforma                                                                     | 72  |
| <b>Esquema 8 –</b> | Composição do léxico da Libras                                                            | 75  |
| <b>Figura 16 –</b> | Exemplo de derivação                                                                      | 76  |
| <b>Figura 17 –</b> | Sinal ESCOLA                                                                              | 77  |
| <b>Figura 18 –</b> | Sinais PAIS, formado pelos sinais PAI e MÃE                                               | 77  |
| <b>Figura 19 –</b> | Sinal BOA NOITE, formado pelos sinais BOM e NOITE                                         | 77  |
| <b>Figura 20 –</b> | Incorporação de numeral                                                                   | 79  |
| <b>Figura 21 –</b> | Incorporação de negação nos verbos                                                        | 79  |
| <b>Quadro 8 –</b>  | Mudanças de aspecto e seus correspondentes semânticos                                     | 80  |
| <b>Quadro 9 –</b>  | Resumo das principais diferenças entre as expressões não-manuais afetivas e linguísticas. | 83  |
| <b>Quadro 10 –</b> | Resumo dos resultados acerca da análise do aspecto na Libras                              | 86  |
| <b>Quadro 11 –</b> | Proposição classificatória para as expressões não-manuais.                                | 99  |
| <b>Quadro 12 –</b> | Resumo dos resultados acerca da análise do aspecto na Libras                              | 103 |
| <b>Quadro 13 –</b> | Proposição classificatória para as expressões não-manuais                                 | 104 |
| <b>Quadro 14 –</b> | Resumo tipológico dos fenômenos linguísticos encontrados na revisão bibliográfica         | 123 |
| <b>Esquema 9 –</b> | Diagramas da gramática                                                                    | 129 |
| <b>Quadro 15 –</b> | Organização da ontogênese linguística da Libras                                           | 130 |
| <b>Imagem 10 –</b> | Sinal CASA                                                                                | 152 |
| <b>Imagem 11 –</b> | Sinal PRESENTE                                                                            | 152 |
| <b>Imagem 12 –</b> | Sinal SINALIZAR                                                                           | 153 |
| <b>Imagem 13 –</b> | Sinal DEFICIENTE AUDITIVO                                                                 | 153 |

|                    |                                                                                 |     |
|--------------------|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 22 –</b> | Configurações de mão em 1, em B e em P.                                         | 158 |
| <b>Imagem 14 –</b> | Sinal NÓS, movimento semicircular                                               | 159 |
| <b>Imagem 15 –</b> | Sinal ELES, movimento circular                                                  | 159 |
| <b>Imagem 16 –</b> | Sinal EU, movimento direcional                                                  | 160 |
| <b>Imagem 17 –</b> | Sinal TU, movimento direcional                                                  | 160 |
| <b>Imagem 18 –</b> | Sinal EL@, movimento direcional                                                 | 161 |
| <b>Imagem 19 –</b> | Sinal EL@S, CM em 1, movimento retilíneo                                        | 161 |
| <b>Imagem 20 –</b> | Sinal EL@S, CM em B, movimento retilíneo                                        | 161 |
| <b>Imagem 21 –</b> | Pronome EU com a CM em 1 e em B e pronome VOCÊ                                  | 162 |
| <b>Imagem 22 –</b> | Pronome EL@ com a CM em 1, locação mais lateralizada                            | 162 |
| <b>Imagem 23 –</b> | Pronome NÓS                                                                     | 162 |
| <b>Imagem 24 –</b> | Pronome VOCÊS com a CM em B, movimento retilíneo e CM em 1, movimento circular. | 162 |
| <b>Imagem 25 –</b> | Pronome EL@S com CM em 1, movimento circular, locação lateralizada.             | 163 |
| <b>Imagem 26 –</b> | Sequencialidade e espacialidade dos numerais                                    | 164 |
| <b>Imagem 27 –</b> | Sequência do numeral 9,90.                                                      | 164 |
| <b>Imagem 28 –</b> | Sequência do numeral 9,90.                                                      | 165 |
| <b>Imagem 29 –</b> | Entidades representativas 1a.                                                   | 167 |
| <b>Imagem 30 –</b> | Entidades representativas 1b.                                                   | 168 |
| <b>Imagem 31 –</b> | Entidades representativas 1c.                                                   | 168 |
| <b>Imagem 32 –</b> | Entidades representativas 1d.                                                   | 168 |
| <b>Imagem 33 –</b> | Entidades representativas 2a. v                                                 | 169 |
| <b>Imagem 34 –</b> | Entidades representativas 2b.                                                   | 169 |
| <b>Imagem 35 –</b> | Entidades representativas 2c.                                                   | 169 |
| <b>Imagem 36 –</b> | Entidades representativas 2d.                                                   | 169 |
| <b>Imagem 37 –</b> | Verbo FILMAR com concordância                                                   | 171 |
| <b>Imagem 38 –</b> | Verbo CONHECER sem concordância, com locação no corpo no sinalizante            | 171 |
| <b>Imagem 39 –</b> | Verbo QUERER sem concordância, com locação no espaço                            | 171 |
| <b>Imagem 40 –</b> | Verbo ESCREVER sem concordância, com locação na mão não-dominante               | 171 |
| <b>Imagem 41 –</b> | Espaço real.                                                                    | 179 |

|                    |                                                                 |     |
|--------------------|-----------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Imagem 42 –</b> | Espaço sub-rogado                                               | 179 |
| <b>Imagem 43 –</b> | Uso do espaço token para estabelecimento de referentes          | 180 |
| <b>Imagem 44 –</b> | Repetição do sinal PAI para recuperar a referência              | 180 |
| <b>Imagem 45 –</b> | Uso do espaço sub-rogado para recuperar os referentes PAI e MÃE | 180 |
| <b>Imagem 46 –</b> | Sinal composto SALA DE ESTUDOS                                  | 184 |
| <b>Imagem 47 –</b> | Sinal composto QUARTO                                           | 184 |
| <b>Imagem 48 –</b> | Sinal composto ESCOLA                                           | 184 |
| <b>Imagem 49 –</b> | Sinal composto LOJA                                             | 184 |
| <b>Imagem 50 –</b> | Sinal COZINHA                                                   | 185 |
| <b>Imagem 51 –</b> | Sinal NOVO com mãos duplicadas                                  | 187 |
| <b>Imagem 52 –</b> | Sinal DIFÍCIL com mãos duplicadas                               | 187 |
| <b>Imagem 53 –</b> | Sinal AGORA                                                     | 188 |
| <b>Imagem 54 –</b> | Expressão temporal DAQUI PARA FRENTE                            | 188 |
| <b>Imagem 55 –</b> | Expressão temporal DO PASSADO ATÉ HOJE                          | 188 |
| <b>Imagem 56 –</b> | Plano multidimensional das interfaces gramaticais               | 190 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|        |                                    |
|--------|------------------------------------|
| ASL    | Língua de Sinais Americana         |
| CM     | Configuração de mão                |
| EIA    | Estruturas Altamente Icônicas      |
| ISL    | Língua de Sinais Israelense        |
| L      | Locação                            |
| Libras | Língua Brasileira de Sinais        |
| LIS    | Língua Italiana de Sinais          |
| LSF    | Língua Francesa de Sinais          |
| M      | Movimento                          |
| M1     | Mão dominante                      |
| M2     | Mão não dominante                  |
| O      | Objeto                             |
| S      | Sujeito                            |
| UFPE   | Universidade Federal de Pernambuco |
| V      | Verbo                              |

## SUMÁRIO

|          |                                                                                            |            |
|----------|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                          | <b>15</b>  |
| <b>2</b> | <b>TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS</b>                                                     | <b>19</b>  |
| 2.1      | MORFOLOGIA                                                                                 | 21         |
| 2.1.1    | Classes de palavras/sinais                                                                 | 23         |
| 2.1.2    | Derivação e composição                                                                     | 31         |
| 2.1.3    | Classificadores                                                                            | 41         |
| 2.1.4    | Estrutura argumental do verbo                                                              | 44         |
| 2.1.5    | Interrogativos, negação, possessivos                                                       | 50         |
| 2.2      | SINTAXE                                                                                    | 62         |
| 2.2.1    | Ordem dos constituintes na frase                                                           | 62         |
| 2.3      | SEMÂNTICA                                                                                  | 64         |
| <b>3</b> | <b>TIPOLOGIA DA LIBRAS</b>                                                                 | <b>74</b>  |
| 3.1      | MORFOLOGIA                                                                                 | 92         |
| 3.1.1    | Flexão                                                                                     | 92         |
| 3.1.2    | Expressões não manuais                                                                     | 93         |
| 3.1.3    | Formação de sinais                                                                         | 101        |
| 3.2      | SINTAXE                                                                                    | 110        |
| 3.3      | SEMÂNTICA                                                                                  | 115        |
| 3.4      | PESQUISAS NAS INTERFACES GRAMATICAI                                                        | 118        |
| 3.5      | RESUMO TIPOLÓGICO: TEORIA DA ARTE                                                          | 123        |
| <b>4</b> | <b>AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E DE GRAMÁTICA:<br/>SITUANDO A ORIENTAÇÃO DA NOSSA PESQUISA</b> | <b>126</b> |
| <b>5</b> | <b>METODOLOGIA</b>                                                                         | <b>138</b> |
| <b>6</b> | <b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: POR UMA TIPOLOGIA<br/>DA LIBRAS</b>                      | <b>146</b> |
| 6.1      | EVIDÊNCIAS DE RELAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS                                                    | 155        |
| 6.1.1    | Classes ontogenéticas                                                                      | 155        |
| 6.1.2    | Entidades representativas                                                                  | 166        |
| 6.1.3    | Estrutura argumental do verbo e ordem dos constituintes                                    | 170        |
| 6.1.4    | Interrogação                                                                               | 172        |
| 6.1.5    | Negação                                                                                    | 173        |

|       |                                                                     |     |
|-------|---------------------------------------------------------------------|-----|
| 6.1.6 | Posse                                                               | 175 |
| 6.2   | EVIDÊNCIAS DE RELAÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICO                          | 177 |
| 6.2.1 | Relações de adição, oposição, explicação e conclusão                | 177 |
| 6.2.2 | Relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação | 178 |
| 6.2.3 | Referenciação                                                       | 179 |
| 6.2.4 | Categorias de ser e de estar                                        | 181 |
| 6.3   | EVIDÊNCIAS DE RELAÇÕES MORFOSSEMÂNTICAS                             | 183 |
| 6.3.1 | Formação de sinais                                                  | 183 |
| 6.3.2 | Quantificação e intensificação de entidades                         | 186 |
| 6.3.3 | Marcação de tempo                                                   | 187 |
| 7     | <b>TIPOLOGIA DAS INTERFACES: DEFINIÇÃO E FUNCIONALIDADE</b>         | 190 |
| 8     | <b>CONCLUSÕES</b>                                                   | 198 |
|       | <b>REFERÊNCIAS</b>                                                  | 202 |
|       | <b>APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DOS DADOS EM LIBRAS</b>                 | 211 |
|       | <b>ANEXO A – TRADUÇÃO DOS TRAÇOS SEMÂNTICOS HIERÁQUICOS</b>         | 255 |

## 1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante expormos a razão pela qual fomos movidas a investigar o funcionamento das categorias gramaticais na Libras para pensar uma tipologia para esta língua. A nossa **hipótese** é que a interface atua na organização da gramática da Libras, o que nos impeliu a apresentar uma proposta teórica para a tipologia da Libras, a partir da descrição dos fenômenos gramaticais nos níveis morfossintático, morfossemântico e sintático-semântico

Compreendemos que a pesquisa de natureza tipológica abarca não apenas a classificação das línguas, como também de componentes de uma língua específica (WHALEY, 1997) que é o nosso caso. Para propormos uma tipologia que possa ser aplicada à Libras, considerando as suas especificidades como língua de modalidade visual-espacial, buscamos descrever o funcionamento das categorias gramaticais da Libras mediante contextos de uso.

Diante disso, é fundamental enfatizar que a nossa proposta tipológica é distinta do que vem sendo historicamente realizado para as línguas orais e para as línguas de sinais, pois partimos da atuação da interface na arquitetura da gramática. Assim, a forma que agrupamos e descrevemos as categorias escapa à tradição tipológica que está ancorada em níveis gramaticais delimitados.

Alertamos, então, o leitor que a nossa pesquisa parte um olhar distinto da tradição linguística no campo da tipologia. No entanto, nossa proposta não exclui outras possibilidades tipológicas. Oferecemos ao leitor e à própria ciência linguística mais uma possibilidade de cunho descritivo e explicativo para o funcionamento dos subsistemas da gramática da Libras. Neste sentido, o nosso modelo teórico é um viés tipológico que permite examinar, descrever, categorizar e comparar elementos gramaticais da Libras.

Na Libras, percebemos que há indícios de fenômenos que acontecem nas interfaces. Não temos, no entanto, uma visão mais geral de uma gramática funciona nas interfaces, com a descrição e a sistematização dos fenômenos e das regras que arquitetam as relações nas interfaces. Por isso, destacamos a relevância de nossa pesquisa, ao nos colocarmos na posição de apresentar subsistemas relevantes na arquitetura da gramática, com vistas a propor uma tipologia.

Foi, em Máximo (2016), que emanaram alguns questionamentos acerca do papel da interface no funcionamento da gramática. Naquele momento, descrevemos o comportamento fonológico da mão não dominante (M2), o que nos possibilitou analisar



os aspectos que escapavam a organização hierárquica proposta por Brentari (2011) e por Sandler (2012), ressaltando a latente simultaneidade na Libras, visto que o funcionamento desta mão, no sistema fonológico da Libras, apresenta um comportamento imprevisível, no que tange aos parâmetros configuração de mão (CM) e movimento (M).

Paralelamente, vimos que a iconicidade está associada à obrigatoriedade da M2, pois esta mão representa alguma característica do objeto ao qual faz referência, em conformidade com o mapa conceitual do indivíduo surdo, revelando a ontogênese linguística da Libras. Além disso, a impossibilidade de esta mão ser retirada, dada à iconicidade que lhe é intrínseca, é algo que também reitera o seu estatuto fonológico.

Percebemos, ainda, que o comportamento da M2 repercute nos níveis morfológico, sintático e semântico da Libras, o que poderia indicar que mesmo um fenômeno que parece ser estritamente fonológico apresenta elementos que apontam para interfaces nesta língua por conta do funcionamento dos parâmetros fonológicos. Consequentemente, fomos imbuídas de questionamentos acerca das bordas e dos limites dos níveis gramaticais da Libras, os quais giram em torno da seguinte pergunta central: **até que ponto a definição de limites gramaticais na Libras nos auxilia na compreensão das categorias desta língua?**

Isso nos conduz a uma perspectiva tipológica língua, pois entendemos que a pesquisa tipológica da Libras não se trata apenas de definir e de explicar os limites/bordas e sim de questioná-los para que possamos ter um olhar mais real sobre a língua, isto é, um olhar sem idealizações, a fim de que possamos enxergar a Libras em seus modos de uso.

Reconhecemos, no entanto, que os muros nos ajudam a compreender em que ponto estamos e em quais os espaços podemos adentrar nas pesquisas acerca da Libras, visto que necessitamos delimitar um objeto de estudo, as teorias que nos permitem explicar este objeto e os métodos de análise que norteiam a compressão de um fenômeno.

Dessa forma, buscamos compreender como o sistema linguístico da Libras opera, tendo como base a língua em uso, o que nos permite perceber as operações conceituais que o indivíduo surdo realiza através desta língua. Afinal, pensar a gramática de uma língua, no que tange aos arranjos linguísticos implica, também, debruçar-nos sobre questões cognitivas que nos permitem representar as experiências do mundo.

Para Givón (1979), Langacker (1987) e Lakoff (1987), a gramática não é fruto apenas de um dispositivo mental inato e sim de um conjunto de habilidades cognitivas que também são empregadas em contextos cujas atividades não são de ordem linguística,

ou seja, as operações conceituais estruturam a mente humana para nos movermos em uma diversidade de processos e arranjos cognitivos que possibilitam nossa existência.

Neste sentido, é interessante investigar como as pessoas surdas usam a gramática, entendendo que a gramática está em uma relação de dependência do significado e do uso por estarmos partindo de uma orientação funcional e cognitiva para propormos um modelo tipológico para a Libras, considerando as suas especificidades.

Para tal, nosso **objetivo geral** é apresentar uma proposta de uma tipologia linguística para a Libras. Os **objetivos específicos** são: 1) identificar regularidades para os fenômenos gramaticais na Libras nas interfaces; 2) descrever fenômenos gramaticais nas interfaces; 3) sistematizar os fenômenos gramaticais nas interfaces, mediante regras de uso.

Ressaltamos a relevância da nossa pesquisa como um movimento científico de cunho primordialmente epistemológico – estamos no momento histórico de revisitar os conceitos e as teorias aplicadas à Libras, pois como demonstramos em Máximo (2016), o comportamento da mão não-dominante nos faz questionar o funcionamento das categorias gramaticais e, conseqüentemente, a amplitude da explicação dos modelos teóricos para a Libras.

Máximo (*op cit*) plantou um questionamento acerca da natureza dos parâmetros fonológicos, pois percebemos que eles desempenhavam funções em outros níveis gramaticais, ao analisarmos um fenômeno que, aos nossos olhos seria, estritamente, fonológico, como a mão não-dominante. Diante disso, impusemo-nos o desafio, neste estudo, de apresentar uma tipologia que possa ser aplicada à Libras, em face de seu funcionamento distinto das línguas orais.

Assim, optamos por compor o referencial teórico através de uma postura epistemológica, ao invés de fazermos uma revisão puramente bibliográfica, sobretudo por reconhecermos que é preciso confrontar o que se tem produzido acerca da tipologia das línguas de sinais e da tipologia de Libras, a fim de compreendermos tanto as limitações quanto as possibilidades descritivas, no que tange à gramática da Libras.

Na cadeia evolutiva da ciência, as divergências entre pesquisadores, seja no âmbito teórico e/ou metodológico, bem como as rupturas em face do surgimento de um novo paradigma científico, revelam que o progresso científico, principalmente na nossa área que é a Linguística, não se dá apenas por meio da substituição de teorias antigas por novas, pois a intensa relação de interdependência entre as teorias não pode ser ignorada. É, portanto, a confluência de modelos teóricos que aponta para a riqueza e para o rigor da

ciência, afastando-nos de uma postura dogmática que tende a enfraquecer e, até mesmo, corromper a prática científica (NETO, 2004).

Neste sentido, reforçamos que tanto a nossa postura epistemológica na organização do referencial teórico quanto a nossa proposta teórica para a tipologia da Libras coaduna com o próprio funcionamento da ciência – de um lado, criticamos os modelos existentes, buscando encontrar aspectos que apontam para a nossa hipótese; do outro, oferecemos mais um modelo descritivo e explicativo para as categorias da Libras.

Ao organizamos o referencial teórico apresentando as perspectivas tipológicas para as línguas de sinais, fizemo-lo como uma teoria da arte, ao passo que buscamos apontar indícios da atuação da interface no funcionamento das categorias gramaticais ao elucidarmos as propostas teóricas e descritivas para as línguas de sinais, fazendo, dessa forma, uma epistemologia linguística. Em seguida, reunimos as pesquisas realizadas no Brasil sobre a tipologia da Libras, especificamente, e sobre a morfologia, a sintaxe e semântica, com vistas delinear uma tipologia, entendendo que há poucas pesquisas de base tipológica, de fato, para a Libras.

Então, à medida que fomos apresentando as perspectivas teóricas sobre a tipologia das línguas de sinais e da Libras, apontamos nesses modelos como conseguimos captar possíveis traços da atuação da interface para a organização gramatical, com vistas a corroborar a nossa hipótese.

Ao fazermos esse apanhado teórico, reforçamos nossa postura epistemológica, no sentido de desenvolver uma reflexão crítica dos conceitos, princípios e hipóteses (SANTOS, 1989) adotados nas pesquisas encontradas tanto na tipologia das línguas de sinais quanto na tipologia da Libras. Não o fizemos em um paradigma positivista, pautado na objetividade e no empirismo, mas em um paradigma interpretativista, envolvendo uma sociologia do estatuto das teorias acumuladas acerca da Libras.

Esse movimento epistemológico é de suma importância porque nos faz refletir sobre a tipologia da Libras, no intuito de demonstrar não apenas as condições lógicas para as proposições acerca do funcionamento gramatical desta língua, partindo do pressuposto da falseabilidade<sup>1</sup> da ciência dada à sua desdogmatização (POPPER, 1968), como também para investigar o alcance interpretativo da metalinguagem empregada na descrição das estruturas que compõem o sistema gramatical da Libras.

---

<sup>1</sup> Popper considera que a capacidade de uma teoria ser testada ou refutada é o elemento central para que tal teoria seja concebida como científica, ou seja, é sua capacidade de ser falseada que garante sua cientificidade.

## 2 TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Para Zeshan e Palfreyman (2017), a tipologia das línguas de sinais é uma área de pesquisa que surgiu da união das pesquisas linguísticas sobre as línguas de sinais e sobre a tipologia linguística, como um todo, de forma que os estudos sobre a tipologia linguística abarcam as línguas de sinais, de um lado; e do outro lado, a tipologia das línguas de sinais examina a diversidade entre as línguas de sinais.

É um campo de estudo que se debruça sobre as línguas cuja modalidade é visual-espacial, no tocante aos traços e padrões tipológicos que tais línguas apresentam. Neste sentido, é importante destacar o papel e os impactos da modalidade visual e espacial nas pesquisas tipológicas acerca destas línguas, visto que alguns componentes gramaticais podem ser mais ou menos frequentes nas línguas sinais, se compararmos<sup>2</sup> com as pesquisas tipológicas sobre as línguas orais.

Tal diferença de modalidade, em termos tipológicos, aponta para questões acerca de como as línguas são percebidas e produzidas, no que tange aos canais visual/gestual e acústico/articulatório, respectivamente. As línguas de sinais utilizam sinais manuais e traços não manuais, fazendo com que a estrutura fonológica seja composta por cinco parâmetros: configuração de mão, movimento, locação, orientação da palma da mão e expressões não manuais. Tais parâmetros são considerados equivalentes funcionais aos fonemas nas línguas orais, pois são unidades mínimas sem significado.

Zeshan (2002) defende, no entanto, que a distinção tradicionalmente aceita entre fonemas e morfemas, nas línguas de sinais, pode ser revista diante de novos dados linguísticos, visto que as línguas de sinais apresentam elementos com significado mesmo no nível fonológico. Isso é justificado pela natureza icônica da língua que sustenta a ambiguidade fonema-morfema. Assim, as unidades sub-lexicais não poderiam ser isentas de significado por conta da relação icônica com o referente que o sinal representa.

Notamos, no entanto, que as tendências das pesquisas tipológicas sobre as línguas de sinais ainda apresentam traços e componentes equivalentes às línguas orais. Podemos perceber isso nos trabalhos de Sandler (1986, 1989, 1999, 2012), Brentari (1990, 1998), Sandler e Lillo-Martin, 2006, Perlmutter (1992), Eccarius (2011), os quais apresentam

---

<sup>2</sup> Embora não pretendamos fazer comparações tipológicas entre línguas de modalidades distintas, citamos a comparação entre os estudos acerca das línguas de modalidades visual-espacial e oral-auditiva dada à precedência das investigações tipológicas acerca das línguas orais, ao passo que a tipologia das línguas de sinais ainda se configura um campo recente, cujas pesquisas reúnem cerca de trinta línguas (ZESHAN; PALFREYMAN, 2017).

modelos fonológicos com propostas para os traços, as sílabas, as regras e os processos fonológicos.

As pesquisas de Padden (1988), Meir (1998), Sandler and Lillo-Martin (2006) tratam da estrutura argumental dos verbos, apontando para uma morfologia simultânea enquanto os trabalhos de Sandler e Lillo-Martin (2006:7) e Palfreyman (2015) mostram estruturas morfológicas sequenciais, especificamente compostos, afixos e clíticos. O argumento central para a existência deste aspecto sequencial na morfologia das línguas de sinais está ancorado na elisão ou assimilação de elementos fonológicos. Leeson e Saeed (2012) e Napoli e Sutton-Spence (2014), por sua vez, tratam da ordem dos constituintes nas línguas de sinais, considerando aspectos sintáticos e pragmáticos, respectivamente.

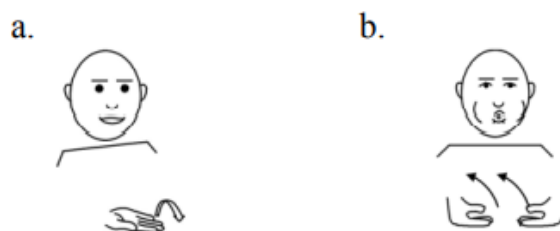
## 2.1 MORFOLOGIA

Schuit, Baker e Pfau (2011) destacam que poucas pesquisas tomam a morfologia como base para uma proposição tipológica acerca das línguas de sinais, em face da complexidade morfológica intrínseca à tais línguas por conta do comportamento simultâneo do que se considera como morfema, em detrimento da sequencialidade. Bellugi e Klima (1982) defendem que a Língua de Sinais Americana, por exemplo, tende a possuir uma organização morfológica semelhante às línguas orais que são polissindéticas.

Schwager (2004) sugere que a Língua de Sinais Russa é aglutinante, levantando os mesmos argumentos apresentados por Bellugi e Klima (*idem*) para a ASL. Erlenkamp (2000) mostra que a morfologia da Língua de Sinais alemã apresenta tanto um comportamento de língua isolante quanto um comportamento de língua flexiva (fusionante), embora não traga argumentos consistentes que confirmem sua proposição, como contra-argumentam Pfau e Steinbach (2002).

Para Schuit (2007), as línguas de sinais são aglutinantes pela possibilidade de segmentação do sinal, apesar de ser reconhecido o seu *status* fonomorfêmico. Na figura abaixo, podemos visualizar isso no verbo “dar”. Na figura (a), vemos a forma do sinal “DAR” com a palma da mão estendida e um curto movimento direcional para a frente. Na figura (b), há mudanças fonológicas simultâneas, como um percurso de movimento com uma locação inicial e final, o que indica, também, um sujeito e um objeto; uma mudança na configuração da mão, com a finalidade de classificar a forma do objeto que é dado; a duplicação do número de mãos e uma expressão facial como indicativos adverbiais.

**Figura 1** – Sinais DAR e VOCÊ ME DEU UM LIVRO MUITO PESADO



**Fonte:** Schuit, Baker e Pfau (2011, p. 9).

Ao observarmos a imagem e a descrição desta, a partir de Schuit, Baker e Pfau (*idem*), podemos verificar que o percurso de movimento, a mudança na configuração de mão, o número de mãos e a expressão facial são unidades fonológicas como vimos em Máximo (2016), no apanhado teórico que fizemos sobre a fonética e a fonologia nas línguas de sinais. O que faria, então, com que essas unidades fossem utilizadas para a construção de determinadas relações gramaticais? Qual o limite, de fato, entre os níveis gramaticais nas línguas de sinais?

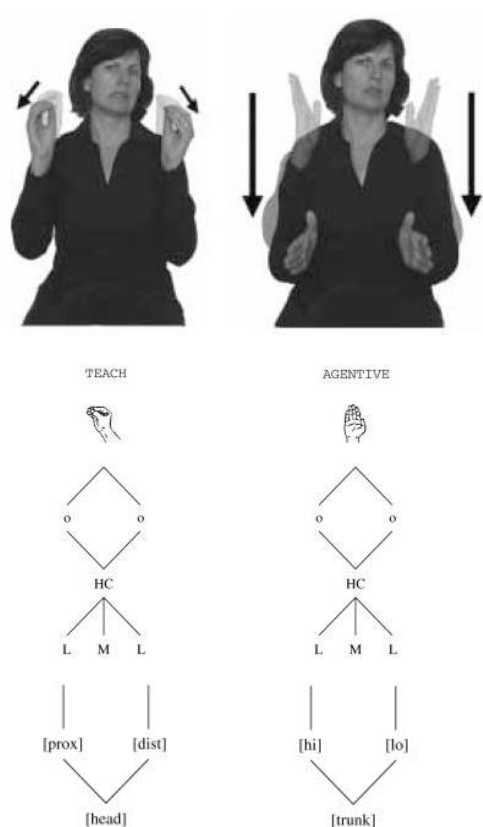
No exemplo acima, poderíamos dizer que é o emprego simultâneo dos elementos fonológicos destacados que fazem com que uma relação morfossintática seja criada. Isso aponta para a necessidade de determinar em quais contextos e quais parâmetros fonológicos são mais produtivos para criar as relações entre os níveis gramaticais. Ressaltamos que tais relações acontecem entre os níveis em face da simultaneidade como fenômeno característico das línguas de sinais, por conta da modalidade da língua, o que pode ser observado nas seções subsequentes desta tese.

Aronoff, Meir e Sandler (2005) mostram que as línguas de sinais possuem dois tipos de morfologia – sequencial e simultânea – dando evidências de um paradoxo na estrutura morfológica das línguas de sinais. As estruturas morfológicas simultâneas são mais produtivas nessas línguas enquanto as estruturas sequenciais são 1) menos produtivas; 2) apresentam variação entre os sinalizadores; 3) apresentam função gramatical e forma específicas.

A simultaneidade e a sequencialidade presentes na morfologia das línguas de sinais impactam a organização das categorias gramaticais, a produtividade e o desenvolvimento diacrônico. De maneira geral, a simultaneidade produz a flexão, os classificadores e a estrutura argumental dos verbos. A sequencialidade, por sua vez, permite a inserção de afixos (sufixos ou prefixos) na base dos sinais, envolvendo processos derivacionais encontrados na Língua de Sinais Americana e na Língua de Sinais Israelense.

Na figura abaixo, temos o sinal TEACH, na ASL, ao lado do agentivo TEACHER, consistindo em duas sílabas LML, cada uma com uma configuração de mão e uma locação:

**Figura 2** – Sinais TEACH e TEACHER agentivo, na Língua de Sinais Americana



**Fonte:** Aronoff, Meir e Sandler, (2005, s/p).

### 2.1.1 Classes de palavras/sinais

Schwager e Zeshan (2008) argumentam que as classes de palavras ainda são um tema que possui problemas teóricos e metodológicos. Os autores adotam critérios semânticos e formais para identificar e classificar as palavras nas línguas de sinais. Para Zeshan (2002), os sinais equivalem às palavras nas línguas orais, havendo palavras gramaticais e fonológicas, bem como clíticos e afixos nas línguas de sinais.

Sandler (1999) define restrições para a identificação do sinal como unidade monomorfêmica, em que o sinal é monossilábico, com um movimento e uma quantidade de dedos selecionados a partir da configuração de mão. O problema teórico para a determinação da palavra nas línguas de sinais é a iconicidade, ou seja, os sinais se assemelham à forma do referente que representam. Assim, o sinal representa algum elemento do significado do objeto do mundo ao qual faz referência, em níveis do que Zeshan (2002) denomina fonosimbolismo.



O sinal é composto por unidades menores, que são os parâmetros fonológicos configuração de mão, movimento, locação, orientação da palma da mão e expressão não manual. O que seria equivalente aos fonemas são as especificações da posição da forma da mão, nos dedos selecionados; o tipo de movimento; o ponto específico de articulação do sinal, dentre outros. Schwager e Zeshan (2008) trazem o sinal ÁRVORE como exemplo, cujos dedos se assemelham aos ramos e ao tronco da árvore, na mão dominante, e a mão não dominante às raízes.

**Imagem 1** – Sinal ÁRVORE, na Língua de Sinais Americana



**Fonte:** Schwager e Zeshan, (2008, p. 511).

A forma das mãos é significativa neste sinal e em outros, o que torna difícil distinguir fonemas de morfemas nas línguas de sinais, levando alguns autores, como Fernald e Napoli (2000), a cunharem os termos fonomorfemas e ion-morfes. Diante disso, podemos dizer que a natureza icônica dos sinais na Língua Brasileira de Sinais – até no nível fonológico, como argumentamos em Máximo (2016) ao analisarmos o estatuto fonológico da mão não dominante – desafia a determinação clara de um limite entre o que seria fonológico e o que seria morfológico, no que tange aos parâmetros fonológicos.

A iconicidade é um dos motivos pelos quais defendemos a relevância da interface na construção da gramática da Libras, como a forma que os indivíduos surdos empregam para codificar suas experiências de mundo e compreendê-las.

A noção tradicional de morfema como unidade mínima dotada de significado não pode ser aplicada, então, às línguas de sinais, tanto por conta da iconicidade latente nos sinais quanto dos classificadores que são sinais espacialmente icônicos e dos pronomes pessoais que usam configurações de mão representando a pessoa. Consequentemente, determinar o que seria a palavra nas línguas de sinais é uma atividade complexa, em face da morfologia dessas línguas. Desta forma, a categorização dos sinais em classes esbarra

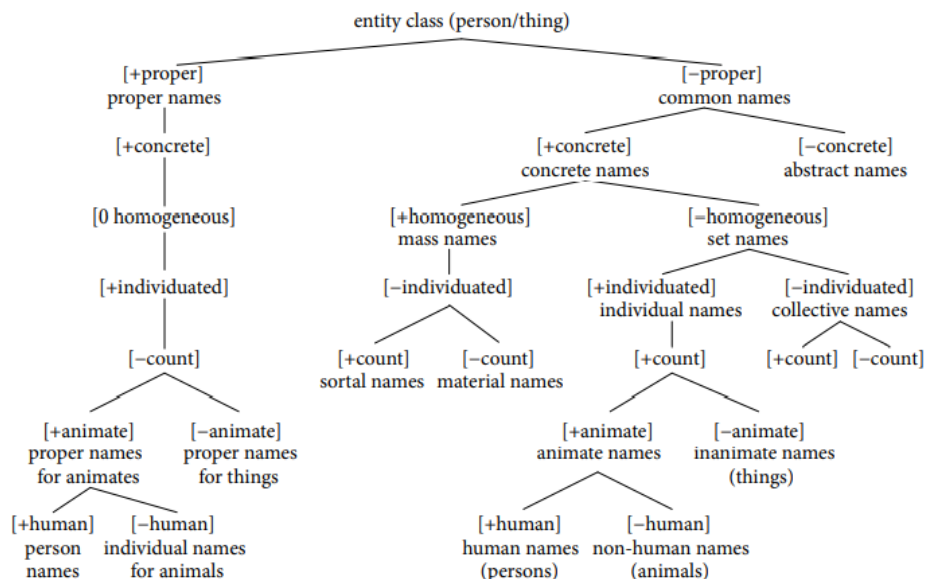
no problema da identificação de um critério de diferenciação entre os sinais (SCHWAGER; ZESHAN, 2008).

No nível lexical, as unidades partilham determinadas características que permitem agrupá-las em classes. Assim, é preciso determinar quais são os traços ou as características que determinados sinais partilham para que sejam inseridos em uma mesma classe gramatical.

Schwager e Zeshan (2008) adotam dois critérios para a categorização dos sinais em classes. O primeiro é semântico para estabelecer uma metalinguagem semântica que permita definir uma base conceitual cognitiva através das pesquisas tipológicas sobre as línguas de sinais. São empregados, então, critérios binários que possibilitam a conceitualização e a codificação dos sinais, em conformidade com as experiências de mundo das pessoas surdas através das línguas de sinais.

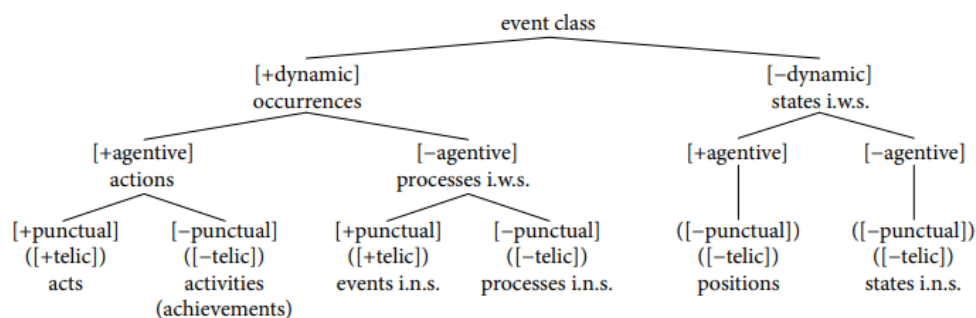
Eles propõem critérios semânticos para categorizar entidades, eventos e propriedades representadas pelos sinais, em uma organização hierárquica como está esquematizada abaixo para as classes de entidades e de eventos:

**Esquema 1** –Traços semânticos hierárquicos para a classe entidade



**Fonte:** Schwager e Zeshan (2008, p. 523)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Tradução do Esquema 1 no Anexo A.

**Esquema 2** – Traços semânticos hierárquicos para a classe eventos

**Fonte:** Schwager e Zeshan (2008, p. 523)<sup>4</sup>.

A classe “propriedades” apresenta um nível maior de complexidade para a definição de traços semânticos nesta estrutura binária, porque não há propriedades que possam ser tomadas como prototípicas. Assim, Dixon (1982) propõe uma lista de alguns traços de propriedade:

**Quadro 1** – Traços semânticos para a classe “propriedade” a.

| Traços             | Exemplo    |
|--------------------|------------|
| Dimensão           | Grande     |
| Valor              | Bom        |
| Cor                | Vermelho   |
| Idade              | Novo       |
| Propriedade física | Frio       |
| Traço humano       | Bochechudo |
| Velocidade         | Rápido     |

**Fonte:** Schwager e Zeshan (2008, p. 524).

Diante da problemática para o estabelecimento de traços semânticos binários para a classe “propriedade”, Schwager e Zeshan (2008) propõem um traço não aspectual baseado na [+/- qualidade], com vistas a possibilitar, pelo menos, a distinção entre a classe

<sup>4</sup> Tradução do Esquema 2 no Anexo A.

“propriedade” e as duas outras classes. O Quadro abaixo ilustra a distribuição semântica dos traços nas três classes:

**Quadro 2** – Traços semânticos para a classe “propriedade” b.

| binary semantic features | entity | event  |         |       | property |
|--------------------------|--------|--------|---------|-------|----------|
|                          |        | action | process | state |          |
| [proper]                 | ±      | 0      | 0       | 0     | 0        |
| [concrete]               | ±      | 0 / –  | 0 / –   | 0 / – | 0 / –    |
| [homogeneous]            | ± / 0  | 0      | 0       | 0     | 0        |
| [individuated]           | ±      | 0      | 0       | 0     | 0        |
| [countable]              | ±      | 0      | 0       | 0     | 0        |
| [animate]                | ±      | 0      | 0       | 0     | 0        |
| [human]                  | ±      | 0      | 0       | 0     | 0        |
| [dynamic]                | 0      | +      | +       | –     | 0 / –    |
| [agentive]               | 0      | +      | –       | ±     | 0 / –    |
| [punctual]               | 0      | ±      | ±       | –     | 0        |
| [qualitative]            | –      | –      | –       | –     | +        |
| [gradable]               |        | ±      | ±       | ±     | ±        |

**Fonte:** Schwager e Zeshan (2008, p. 524)<sup>5</sup>.

O segundo critério para a categorização dos sinais em classes é morfossintático. As propriedades semânticas dos sinais podem assumir funções sintáticas, conforme os estudos tipológicos das línguas de sinais. A classe entidade assume a função de argumento lexicalizada através de um nome. A classe evento assume a função de predicado lexicalizada através de um verbo. Por fim, a classe propriedade assume a função de um modificador e pode ser lexicalizada através de um adjetivo (função atributiva) ou de um advérbio, na concepção do autor. Isso está ilustrado na imagem abaixo:

---

<sup>5</sup> Trações semânticos binários      entidade      evento/ação      processo      estado      atributo

[adjetivo]

[concreto]

[homogêneo]

[individualizado]

[contável]

[animado]

[humano]

[dinâmico]

[agentivo]

[pontual]

[qualitativo]

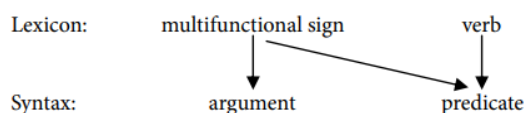
[graduável]

**Esquema 3** – Critérios sintáticos para as classes “entidade”, “evento” e “propriedade”

|    |                                |           |
|----|--------------------------------|-----------|
| a. | [entity; argument]             | Noun      |
| b. | [event; predicate]             | Verb      |
| c. | [property; argument modifier]  | Adjective |
| d. | [property; predicate modifier] | Adverb    |

**Fonte:** Schwager e Zeshan (2008, p. 528)<sup>6</sup>.

Erlenkamp (2000) tenta estabelecer uma relação entre os níveis lexical e sintático na organização das categorias “entidade”, “evento” e “propriedade”, entendendo que os sinais pertencem, na realidade, a um grupo maior de sinais multifuncionais.

**Esquema 4** – Critérios sintáticos para as classes entidade, evento e propriedade

**Fonte:** Schwager e Zeshan (2008, p. 529)<sup>7</sup>.

Este modelo, no entanto, é criticado por Keller, Pfau e Steinbach (2002) pela idiosincrasia presente na definição dos critérios que permitem categorizar as classes de palavras/sinais, o que inclui: 1) referência; 2) distribuição morfológica; 3) reduplicação; 4) valência; 5) ocorrência de itens lexicais em determinados contextos sintáticos. Assim, Schwager e Zeshan (2008) destacam a dificuldade de adotar tal abordagem para a realização de estudos tipológicos acerca das classes de palavras nas línguas de sinais.

No nível morfológico, Schwager e Zeshan (2008) ressaltam a complexidade e a diversidade do funcionamento da estrutura morfológica das línguas de sinais. Desta forma, propõem um esboço de três critérios morfológicos que poderiam ser empregados para a categorização dos sinais em classes, conforme a figura abaixo:

**Esquema 5** – Critérios morfológicos para as classes entidade, evento e propriedade

<sup>6</sup> a. [entidade; argumento]

Nome

b. [evento; predicado]

Verbo

c. [propriedade; argumento modificador]

Adjetivo

d. [propriedade; predicado modificador]

Advérbio

<sup>7</sup> Léxico sinal multifuncional

verbo

Sintaxe argumento

predicado

- a. Featural alteration is an intrasegmental morphological process.
- b. Suprafixation is a suprasegmental morphological process.
- c. Reduplication and affixation are segmental morphological processes; they can be simultaneous or sequential.

**Fonte:** Schwager e Zeshan (2008, p. 536)<sup>8</sup>.

Percebemos, porém, a limitação dos critérios morfológicos para agrupar os sinais em classes, visto que a maioria deles funcionariam apenas para os sinais sequenciais e não para os sinais simultâneos. Assim, o critério morfológico não daria conta dos sinais simultâneos, os quais são a maioria das línguas de sinais, por conta da iconicidade como argumentamos no início desta secção.

Os numerais são a classe de palavras que apresenta maior variedade tipológica nas línguas de sinais, de acordo com Hammarström (2010), principalmente por conta da diversidade de sistemas de numerais encontrados nas línguas de sinais em zonas rurais (ZESHAN; PALFREYMAN, 2017). Vale ressaltar os impactos da modalidade, da iconicidade e da motivação para a composição dos sistemas de numerais nessas línguas.

Palfreyman (2016) destaca que há fatores internos ou fatores de variedade linguística que afetam diretamente a organização deste sistema em detrimento de questões acerca da forma dos numerais. De maneira geral, os numerais são sinalizados através de um sistema parecido com a soletração manual, fazendo com que os números sejam sinalizados em uma ordem espacial, de maneira sequencial.

O autor enfatiza que a diversidade dos sistemas de numerais nas línguas de sinais mostra dois efeitos opostos para a compreensão da organização desses sistemas. O primeiro é que há sistemas que aproximam o funcionamento das línguas de sinais das línguas orais. Isso pode ser corroborado com a existência de numerais vigesimais e subtrativos em ambas as modalidades das línguas. O segundo é que há sistemas de numerais muito particulares nas línguas de sinais, de forma que as línguas orais não licenciam tais sistemas pela própria impossibilidade da modalidade da língua, como é demonstrado na morfologia espacial, a qual inexistente nas línguas orais.

Zeshan e Palfreyman (2017) ainda argumentam que a iconicidade é intrínseca aos numerais, porém preferem a utilização do termo “motivação”, pois a noção de iconicidade

---

<sup>8</sup> a. Alteração de traço é um processo morfológico intrassegmental.

b. Supra fixação é um processo morfológico suprassegmental.

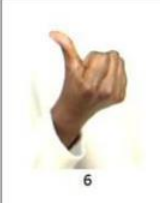
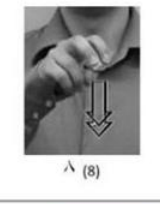
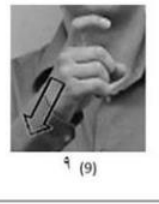
c. Reduplicação e afixação são processos morfológicos segmentais; eles podem ser simultâneos ou sequenciais.

aponta para níveis de abstração, enquanto a “motivação” abarca qualquer relação de não arbitrariedade entre o sinal e o seu significado. No caso dos numerais, a abstração é ainda mais evidente porque não aponta, necessariamente, para uma representação visual/imagética.

Nos numerais até 10 (dez), parece haver um padrão universal em relação à utilização da extensão dos dedos nesses sinais, principalmente nos sinais de 1 até 4, embora os dedos selecionados e a direção de tais dedos seja bem variada nessas línguas. Sagara (2014), por sua vez, propõe uma motivação icônica no âmbito tipológico, relacionado ao formato da escrita dos números nas línguas orais:

“1) The type of writing system that numeral signs are based on (e.g. Latin, Arabic or Chinese); 2) The type of articulator that is used in the sign formation (e.g. 'zero' can be expressed with a round handshape, by the eyes, or by the mouth); 3) The type of depiction used in terms of the movement trajectory (using a stationary shape vs. tracing the written shape)” (ZESHAN; PALFREYMAN, 2017, p. 25)<sup>9</sup>.

**Figura 3** – Sinais de numerais que apresentam iconicidade em relação à forma escrita dos números

|                                                         |                                                                                              |                                                                                              |                                                                                               |                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Hindu-Arabic numerals</b><br>(Ugandan Sign Language) | <br>6     | <br>7     | <br>8     | <br>9        |
| <b>Arabic-Indic numerals</b><br>(Turkish Sign Language) | <br>٦ (6) | <br>٧ (7) | <br>٨ (8) | <br>٩ (9)    |
| <b>Kanji</b><br>(Japanese Sign Language)                | <br>一 (1) | <br>二 (2) | <br>三 (3) | <br>千 (1000) |

**Fonte:** Sagara (2014, p. 81).

<sup>9</sup> “1) O tipo de sistema escrito no qual os sinais de numerais estão baseados (ex.: Latim, Árabe ou Chinês); 2) O tipo de articulador que é empregado na formação do sinal (ex.: ‘o zero’ pode ser expresso com a configuração de mão arredondada, através dos olhos, ou através da boca); 3) A representação empregada na trajetória do movimento (utilização de uma forma estática vs uma forma de representação da escrita).

Neste sentido, notamos uma redundância no emprego do termo iconicidade em Zeshan e Palfreyman (2017) e em Sagara (2014) como se a iconicidade fossem concebida apenas no campo do que é imagético e a motivação no campo do que seria gramatical, aproximando-se mais da iconicidade diagramática. O que seria, então, a iconicidade nas línguas de sinais? Como a tipologia abriga essa noção já que parece ser algo recorrente nessas línguas?

Pensamos que é necessária uma reflexão mais profunda acerca do funcionamento da iconicidade nas línguas de sinais em face da sua modalidade. Assim, não podemos conceber a iconicidade da mesma forma que esta se manifesta nas línguas orais. Por isso, a nossa proposta tipológica busca trazer um conceito de iconicidade e sua codificação em uma tipologia específica para a Libras.

### 2.1.2 Derivação e composição

Johnston (2006) resgata a ideia de que a morfologia trata das unidades mínimas com significado para explicitar que os morfemas são capazes de criar palavras ou modificar o sentido delas, colocando-as em uma nova classe de palavras através da derivação, ou inserindo uma informação gramatical, como número, pessoa e caso através da flexão.

Os sinais são concebidos como unidades lexicais monossilábicas ou, no máximo, bissilábicas<sup>10</sup> (JOHNSON AND LIDDELL, 1986; LIDDELL, 1984; SANDLER, 1995; WILBUR, 1993). Assim, as mudanças internas no sinal são simultâneas, o que impossibilita a organização sequencial dos morfemas. Isso se deve ao fato de que a articulação dos parâmetros fonológicos por meio das mãos, dos braços, do rosto e do corpo, como um conjunto complexo de articuladores, leva um tempo maior em termos de execução articulatória se compararmos com as línguas orais, de acordo com Bellugi e Fischer (1972).

Até mesmo quando alguns segmentos são adjungidos ao sinal ou retirados, nos processos de assimilação e de redução, respectivamente, a estrutura resultante é monossilábica ou bissilábica em morfemas que se realizam simultaneamente. Johnston

---

<sup>10</sup> Em Máximo (2016), trouxemos três modelos para a sílaba nas línguas de sinais (WILBUR, 1987; PERLMUTTER, 1990; BRENTARI, 1995), os quais possuem em comum a ideia de que o número de movimentos representa o número de sílabas. Ainda ressaltamos a organização simultânea das sílabas nas línguas de sinais, dada à simultaneidade intrínseca aos parâmetros fonológicos.



(2006) traz como exemplo o sinal CHECK, na Língua de Sinais Britânica, o qual é derivado dos sinais SEE e MAYBE. O sinal SEE perde o movimento final, assume a configuração de mão de MAYBE e o sinal MAYBE perde o movimento serpenteado, como está na figura abaixo:

**Figura 4** – Sinais CHECK, SEE e MAYBE, na Língua de Sinais Britânica

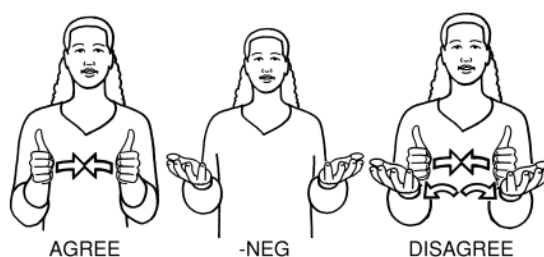


**Fonte:** Johnston (2006, p. 324).

No exemplo acima, notamos o quanto a descrição está pautada em terminologias fonológicas para justificar o processo de derivação sem contrariar a morfologia simultânea. Parece-nos haver uma contradição nessa descrição. Afinal, a derivação pressupõe o emprego de afixos, os quais funcionariam de forma sequencial. Isso é incompatível com morfemas cuja estrutura monossilábica ou bissilábica se realiza de forma simultânea.

Nas línguas de sinais, foi reconhecida a presença de afixos. A maior parte dessas línguas apresenta sufixos, com exceção da Língua de Sinais Israelense que apresenta prefixos. Os sufixos parecem ter sido gramaticalizados, como podemos ver no exemplo abaixo na Língua de Sinais Britânica – o sufixo negativo foi adjungido ao sinal AGREE para gerar o sinal DISAGREE.

**Figura 5** – Sinais AGREE, sufixo NEG e DISAGREE, na Língua de Sinais Britânica



**Fonte:** Johnston (2006, p. 325).

O processo de derivação, por sua vez, foi encontrado em sinais que evidenciam aspectos numerais, como os sinais TOMORROW e WEEK, nos quais algumas configurações de mão são incorporadas, com vistas a criar sinais específicos que carregam a ideia de numeração (IN TWO WEEKS), conforme a figura abaixo:

**Figura 6** – Sinais TOMORROW e IN TWO DAYS, na Língua de Sinais Britânica



**Fonte:** Johnston (2006, p. 325).

Outra estratégia empregada na derivação é uma mudança na qualidade do movimento, como no sinal BUSY que deriva de WORK ainda na Língua de Sinais Britânica.

**Figura 7** – Sinais WORK e BUSY, na Língua de Sinais Britânica



**Fonte:** Johnston (2006, p. 325).

Johnston (2006) ainda destaca a dificuldade de diferenciar, com clareza, as mudanças no movimento que fazem com que tenhamos uma modificação na haste, de um lado, e uma modificação de natureza suprasegmental, do outro. Isso acontece nos casos em que os nomes são derivados dos verbos nas línguas de sinais. De qualquer forma, foi atestado em várias línguas de sinais o processo morfológico de derivação de nomes a partir de verbos por alguma mudança interna no movimento do sinal. A imagem abaixo ilustra isso no substantivo DOOR que é derivado do verbo OPEN DOOR:

**Figura 8** – Sinal do verbo OPEN DOOR e sinal do substantivo DOOR derivado dele, na Língua de Sinais Britânica



**Fonte:** Johnston (2006, p. 325).

A iconicidade também está presente no processo morfológico de derivação, embora a produtividade neste processo seja limitada nos morfemas que geram a derivação, dificultando, ainda, o grau de gramaticalização das mudanças de movimento neste fenômeno.

Diante disso, podemos ver que a derivação, embora atestada nas línguas de sinais como processo morfológico, não é muito produtiva e necessita de algumas costuras teóricas para que a estrutura sequencial dos afixos seja justificada mesmo diante da simultaneidade intrínseca dos parâmetros fonológicos. Ademais, observamos a ausência de clareza quanto ao tratamento dado aos parâmetros fonológicos, pois são vistos como 1) unidades fonológicas sem significado; ou 2) unidades fonológicas com significado; ou 3) unidades fonológicas que assumem significado no processo morfológico de derivação; ou 4) morfemas, de fato.

Além da derivação, há processos morfológicos e morfemas que podem indicar a flexão quando informações gramaticais são inseridas no sinal, sem alterar o seu significado lexical, podendo acontecer com nomes e verbos. Vale ressaltar que a flexão por meio da concatenação de afixos é rara nas línguas de sinais.

Nos verbos, a flexão acontece na exploração do espaço sintático e não pela repetição do movimento. Nos nomes, a flexão se dá por meio da repetição do sinal, marcando o plural. Diante disso, Johnston (*op cit*) defende que essas marcações de flexão são parcialmente condicionadas pela fonologia.

Padden (1988), por sua vez, propôs uma divisão de verbos em três categorias, a saber verbos simples, espaciais e de concordância. Os verbos simples não apresentam alterações no movimento nem na locação para marcar sujeito e objeto da frase, sendo

necessária a especificação desses constituintes através da apontação ou mediante a localização do referente no espaço. Normalmente, esses verbos são ancorados no corpo ou no espaço neutro. Os verbos espaciais exploram estratégias espaciais para representar informações locativas. Por fim, os verbos com concordância fazem uso dos parâmetros movimento e locação para orquestrar a concordância verbal, demarcando sujeito e objeto frasais.

Observemos, neste ponto, a interface morfologia e sintaxe, de forma que há dois parâmetros fonológicos mais produtivos – movimento e locação – para a caracterização morfológica dos verbos, bem como para a definição dos constituintes sintáticos. Ressaltamos ainda que a direcionalidade do movimento é mais produtiva neste caso, visto que é a direção do movimento que gera uma mudança na locação do sinal, sendo possível identificar duas locações – uma para sujeito e uma para objeto – por conta do percurso no movimento no espaço. Assim, verificamos a atuação da interface na construção dos subsistemas da gramática.

Padden (*idem*) e outros linguistas concebem movimento e locação como afixos não concatenativos que demarcam as pessoas verbais, enquanto Lidell (2003) e outros entendem que as mudanças na locação por conta do percurso de movimento dos verbos de concordância são representações mentais dos eventos codificados por esses verbos.

Neste sentido, podemos dizer que há duas perspectivas distintas acerca dos verbos – uma estrutural e uma cognitiva. De um lado, notamos uma descrição puramente estrutural da organização interna dos verbos e de sua atuação na sintaxe espacial da Libras. Do outro lado, notamos uma tentativa de categorização morfossintática em termos das experiências cognitivas codificadas através da língua.

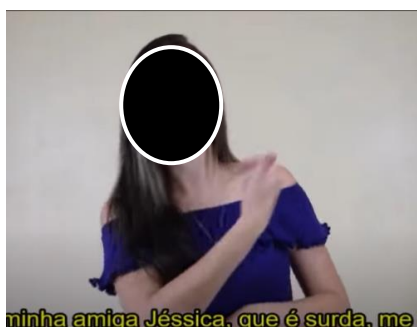
Pensamos que a proposta de Padden (1988) acerca das categorias verbais evoca, de forma subjacente, o paradigma positivista, visto que há uma descrição estrutural detalhada do comportamento desses verbos, em termos das especificações de movimento e de locação, e seus equivalentes sintáticos, o que permitiria o controle e a previsão da concordância verbal na língua de sinais estudada. O interesse técnico fica, então, evidente por meio dos dados empíricos apresentados que possibilitaram tal proposição da estrutura verbal.

A proposição de Lidell (2003), por sua vez, permite que reflitamos sobre a interpretação das pessoas surdas acerca dos eventos do mundo, permitindo-nos analisar como se dá representação do evento e a sua compreensão na perspectiva de mundo da pessoa surda, que faz uso de uma língua de natureza visual e espacial. Pensar em

representações mentais implica reconhecer a existência de espaços mentais como construções cognitivas que nos possibilitam pensar e falar, com o propósito de compreendermos e agirmos no mundo (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Tomemos como exemplo o verbo DIZER abaixo, na Libras, para elucidar como os espaços mentais se organizam por meio da conexão de elementos, traços e propriedades para arquitetar a organização mental dos indivíduos surdos em termos de domínios conceituais. Vejamos uma imagem extraída do nosso corpus:

**Imagem 2** – Verbo DIZER com concordância ALGUÉM ME DISSE



**Fonte:** (60) Como se comunicar com o surdo? - YouTube.

O verbo DIZER apresenta uma configuração de mão com dois dedos selecionados, os quais são direcionados, obrigatoriamente, para quem diz algo e para quem recebeu o que foi dito. É a direção do movimento que permite a rotação do punho para que as posições “QUEM FALA” e “QUEM RECEBE UMA FALA” sejam especificadas. Isso é uma representação gestual e visual que nos permite identificar o ato de dizer como dois espaços a serem preenchidos, especificamente, por um indivíduo que fala e um indivíduo que recebe uma fala dita por alguém. Na imagem 2, vemos a direcionalidade que indica que uma terceira pessoa que falou algo para a sinalizante.

Além disso, ainda nesta perspectiva de espaços mentais, poderíamos propor que o ato de DIZER é um movimento de contínuo deslocamento de espaços a serem ocupados, de forma que a rotação do punho no movimento materializa o domínio conceitual do DIZER, fazendo com que quem diz algo também possa ocupar, posteriormente, o lugar de quem recebe o que foi dito, articulando, então, a concordância verbal.

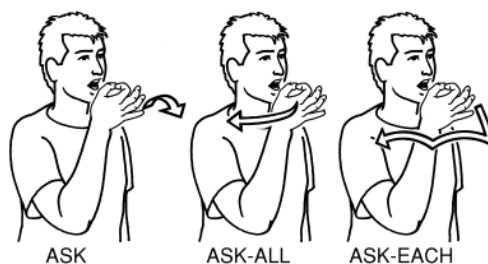
Assim, notamos que, nos verbos, embora a flexão não se realize por meio da repetição do movimento e sim pela exploração do espaço sintático (JOHNSTON, 2006), a disposição simultânea da configuração de mão, do movimento e da locação atuam para

gerar, na interface, as relações gramaticais que nos permitem identificar e descrever tanto a estrutura morfológica dos verbos quanto os constituintes sintáticos.

Isso reforça a simultaneidade latente no funcionamento dos parâmetros fonológicos para criar as relações entre os níveis gramaticais, mostrando que os espaços mentais, nas línguas de sinais, são construídos nas interfaces por conta desta organização simultânea dos parâmetros e da iconicidade.

Johnston (2006) também destaca que a mudança no movimento pode indicar, ainda, a flexão verbal para a determinação do número, ou seja para formação do plural, em que encontramos mudanças na locação do sinal por conta dos movimentos realizados para a construção do plural, como podemos ver na Figura 9:

**Figura 9** – Sinais da formação do plural do verbo ASK, ASK-ALL, ASK-EACH, na Língua de Sinais Britânica



**Fonte:** Johnston (2006, p. 326).

Não seria, então, uma contradição de Johnston (*idem*) ao defender que a flexão verbal não depende das modificações no movimento e sim do uso do espaço sintático? Em contrapartida, quando se trata do plural dos verbos, a flexão se dá por meio das mudanças de movimento? Como acontece, de fato, o fenômeno da flexão verbal nas línguas de sinais? Ou melhor, no que consiste a flexão verbal nas línguas de sinais?

Neste ponto, somos impelidos a reforçar nossa hipótese de que a interface atuaria na organização dos subsistemas da gramática da Libras a partir das pesquisas citadas sobre as línguas de sinais. Assim, não poderíamos pensar os fenômenos gramaticais isoladamente nas línguas de sinais por conta da simultaneidade e da iconicidade subjacentes aos parâmetros fonológicos – poderíamos entender que o que orchestra as relações entre os níveis gramaticais, possibilitando as interfaces, é tanto o funcionamento simultâneo dos parâmetros fonológicos quanto à iconicidade como princípio que cria, sustenta e perpassa a gramática das línguas de sinais.

Defendemos que precisamos nos desprender, momentaneamente, de algumas terminologias estruturais para olharmos como os indivíduos surdos codificam suas experiências de mundo através da linguagem, a fim de que possamos propor uma tipologia para a Libras que coadune, de fato, com as operações conceituais realizadas pelas pessoas surdas. Acreditamos que, desta forma, conseguiremos realizar uma descrição estrutural bem como uma tipologia mais alinhada com os usos que os indivíduos surdos fazem da Libras, em seus contextos de interação.

Enquanto fazemos esta revisão bibliográfica acerca da tipologia das línguas de sinais vamos encontrando algumas fragilidades nas terminologias empregadas como um reflexo da própria interpretação que é dada aos conceitos propostos para as línguas de sinais, o que nos move a realizar uma reflexão epistemológica ao passo que apresentamos a teoria e tipologia das línguas de sinais.

Notamos, então, que o espaço sintático está articulado à estrutura morfológica dos verbos e vice-versa, de forma que as bordas gramaticais se desfazem para que os domínios conceituais sejam construídos nas línguas de sinais. As mudanças no movimento podem gerar mudanças na locação, na configuração de mão, na orientação da palma da mão e na exploração do espaço sintático simultaneamente ou poderíamos dizer, também, que a exploração do espaço sintático gera mudanças na estrutura morfológica dos verbos e isso pode ser uma evidência da atuação da interface na construção de gramática.

Assim, não importa, para nós, se é a sintaxe que interfere na morfologia verbal ou se é a morfologia verbal que interfere na sintaxe. As relações são organizadas nas interfaces, as quais são sustentadas pela simultaneidade dos parâmetros fonológicos e pela iconicidade para que os elementos gramaticais construam os espaços mentais que organizam e codificam a compreensão da realidade pelas pessoas surdas.

Johnston (2006) também defende que há aspectos suprasegmentais, como as expressões faciais, que promovem mudanças no verbo. Ele destaca que várias expressões faciais foram identificadas nos estudos acerca de diversas línguas de sinais. Na Língua de Sinais Britânica e em outras línguas de sinais, há duas expressões faciais – uma equivalente ao *th* como se estivesse produzindo uma fricativa interdental e uma equivalente ao *mm* como uma protusão bilabial – empregadas para indicar modo ou aspecto verbal.

No caso dos nomes, a derivação também acontece pela gramaticalização de mudanças no movimento para gerar a flexão, no que tange ao aspecto e à maneira. Neste sentido, é importante destacar que a maioria dos sinais são monomorfêmicos ou

bimorfêmicos. Os sinais com alto nível de iconicidade podem ser considerados multiformêmicos, formados por três morfemas com seus correspondentes de significado: configuração de mão indicando um significado, movimento indicando outro significado e locação indicando mais um significado.

Para Johnston (2006), esses sinais multimorfêmicos são tidos como classificadores, como podemos ver no classificador na figura 16 destinado à pessoa andando, em que a configuração da mão com um dedo selecionado significa o indivíduo, a palma da mão significa o corpo, o movimento significa o caminho percorrido pelo indivíduo e o balançar da mão para cima e para baixo significa o ato de andar.

**Figura 10** – Sinal polimorfêmico, na Língua de Sinais Britânica



**Fonte:** Johnston (2006, p. 327).

Achamos que a descrição dos significados carregados por cada morfema proposto por Johnston (2006) é relativamente confusa. Para isso, elencamos cinco proposições. **Primeiro**, a palma da mão não poderia representar o corpo, visto que o dedo selecionado, ao significar o próprio indivíduo, já indica o corpo deste indivíduo, o que nos faz perceber certa redundância da descrição do autor. **Segundo**, o movimento de balançar a mão para cima e para baixo é o movimento do sinal e não o movimento direcional para frente que indicaria um caminho percorrido.

**Terceiro**, há uma confusão acerca de qual seria o movimento do sinal, pois o autor apresenta o movimento em si e um percurso de movimento, de forma que notamos dois tipos de movimento. Na realidade, há um movimento e um percurso de movimento, sendo este segundo uma especificação fonética.

**Quarto**, o percurso de movimento indicando o caminho percorrido poderia ser, na verdade, uma especificação fonética, como descrevemos em Máximo (2016) ao tratarmos de fonética em sinais, ou seja, não carregaria significado. O percurso de



movimento só seria fonológico quando gerasse uma mudança na configuração de mão por conta da própria fisiologia da mão de acordo com um padrão específico:

“O padrão encontrado é: o primeiro movimento é realizado pelas articulações dos ombros e dos cotovelos, e o movimento seguinte é realizado pelas articulações do pulso e dos dedos. Assim, o movimento da mão pelo espaço pode ser distinguido pela mudança na forma na mão ou na orientação da mão” (MÁXIMO, 2016, p. 42).

**Quinto**, parece que as especificações dos parâmetros feitas pelo autor carregam os significados que ele defende em face da iconicidade, a qual é construída por conta da simultaneidade da organização dos parâmetros, ou seja, a configuração de mão descrita pode ser encontrada em outros sinais, sem indiciar o significado de pessoa; o movimento de balançar para cima e para baixo pode ser encontrado em outros sinais sem significar a ação de andar. Assim, vemos um indício de uma relação morfossemântica.

A descrição feita pelo autor acerca dos parâmetros fonológicos nos faz questionar se esses parâmetros são fonológicos ou se são morfemas, pois o autor não demonstra os contextos gramaticais nos quais seria possível realizar esta distinção. Além disso, questionamo-nos se haveria tipos específicos de configuração de mão, de movimento, de locação, de orientação da palma da mão e de expressão não manual que poderiam ser considerados morfemas enquanto outros tipos seriam apenas fonológicos.

Esse paradoxo em torno dos parâmetros fonológicos nos moveu a propor uma nova concepção para eles, com princípios epistemológicos e uma tipologia que abarca as especificidades da Libras. Dessa forma, buscamos preencher as lacunas que temos apontado nessa revisão bibliográfica, entendendo que nosso modelo teórico para a tipologia da Libras é uma alternativa explicativa para o funcionamento da gramática dessa língua.

Portanto, percebemos 1) o efeito da modalidade da língua na organização dos fenômenos gramaticais derivação e composição nas línguas de sinais; 2) o papel da iconicidade; 3) a ausência de uma proposta tipológica que permita delimitar os limites gramaticais, pois os fenômenos descritos pelos autores parecem estar nas interfaces a partir dos questionamentos que trouxemos; 4) o funcionamento dos parâmetros fonológicos para construir as relações entre os níveis gramaticais; e 5) a necessidade de

uma revisão epistemológica das categorias gramaticais nas línguas de sinais, ou seja, uma reflexão que aborde o que seriam, de fato, as categorias gramaticais nessas línguas.

### 2.1.3 Classificadores

Sandler e Lillo-Martin (2006) definem os classificadores como formas nominais, cujas determinadas configurações de mão, associadas a outros elementos, representam a classe dos nomes. Schuit, Baker e Pfau (2011) propõe três tipos de classificadores: 1) classificadores que indicam tamanho e forma do referente; 2) entidades classificadoras, as quais representam categorias semânticas de ordem geral; 3) classificadores manipuláveis, os quais indicam como um determinado objeto é utilizado ou manipulado pelo indivíduo.

Tanto o segundo quanto o terceiro grupo de classificadores são concebidos como classificadores predicativos, pois são associados à raiz dos verbos. O terceiro grupo de classificadores também pode assumir a função representativa do objeto direto de um verbo. Paralelamente, o primeiro grupo de classificadores pode representar a função de sujeito do verbo.

Diante disso, vemos que o comportamento gramatical dos classificadores sugere a interface entre morfologia e sintaxe nas línguas de sinais, visto que a forma dos sinais classificadores pode representar as funções sintáticas de sujeito e de objeto na estrutura argumental do verbo. Desta forma, a configuração de mão – um parâmetro fonológico – associada a outros elementos, os quais são, também, outros parâmetros fonológicos, como determinados movimentos, expressões faciais e locações, constituem os classificadores.

Aronoff *et al.* (2003) resgatam a concepção de Supalla (1982; 1986) de que os classificadores são unidades nominais para alargar esta noção, defendendo que os classificadores são morfemas que podem atuar na classificação dos nomes a partir de um determinado critério semântico. Mais uma vez, questionamos o que seriam morfemas nas línguas de sinais, visto que na concepção desses autores os classificadores seriam morfemas, enquanto na concepção de Johnston (2006) os classificadores carregariam morfemas distintos.

Na perspectiva de Aronoff *et al.* (*idem*), os classificadores apresentariam um comportamento semelhante aos classificadores verbais nas línguas orais, tendo como base um critério tipológico de natureza semântica, agrupando-os em classificadores de categorias essenciais e classificadores de categorias físicas, os quais seriam equivalentes

aos classificadores acima denominados de “2) entidades classificadoras” e “1) classificadores de forma e tamanho”, respectivamente.

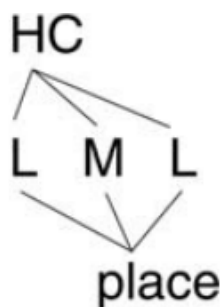
Embora o funcionamento dos classificadores seja distinto nesta comparação entre as línguas orais e as línguas de sinais, a comparação visa defender a existência de critérios semânticos abstratos que apontam para estruturas classificadoras que coadunam com a modalidade das línguas (ARONOFF *et al*, 2003).

Além dos três tipos de classificadores já descritos nas línguas de sinais, Supalla (*idem*) ainda traz os classificadores corporais, em que a utilização da cabeça e do corpo conferem animacidade ao que é representado através de movimentos corporais, fazendo do corpo um conjunto complexo de articuladores.

Os classificadores configuram-se, portanto, como construções morfológicas complexas simultâneas que codificam o movimento e a locação dos objetos no espaço, mediante a coocorrência do percurso de movimento e de uma configuração de mão específica que representa o objeto referenciado. Assim, a morfologia simultânea das línguas de sinais atuaria como uma representação espaço-temporal cognitiva das categorias e das relações do indivíduo com o mundo circundante, de acordo com Aronoff *et al* (*op cit*).

Os autores ainda destacam que a iconicidade é um fenômeno latente nos classificadores, embora a sua lexicalização se dê através de um processo diacrônico de gramaticalização. O processo diacrônico que envolve os classificadores faria, então, com que a iconicidade fosse se esvaziando com o tempo, para que os classificadores assumissem a forma de palavras prosódicas (SANDLER, 1999), conforme a figura abaixo:

**Esquema 6** – Representação da palavra prosódica



**Fonte:** Aronoff *et al* (2003, p. 70).

O Esquema 6 representa a generalização de que os sinais são monossilábicos, em que o movimento gera duas locações distintas e a configuração influencia a quantidade de dedos selecionados. Além disso, os sinais sofrem a influência das condições de simetria e de dominância. Na primeira condição, as duas mãos partilham das mesmas especificações fonológicas. Na segunda, uma mão é passiva e a outra ativa, de forma que a mão passiva apresenta algumas restrições fonológicas.

No caso dos classificadores, nota-se que esses sinais violam claramente a estrutura monossilábica, os dedos selecionados, a dominância e a simetria, fazendo com que não sejam considerados palavras prosódicas, pois não apresentam a forma fonológica para tal, de acordo com Brentari (1998) e Sandler (1999).

Assim, os classificadores são construções dissilábicas ou multissilábicas<sup>11</sup>, além de cada mão desempenhar papéis sintático e semântico distintos, o que reforçaria a complexidade dessas estruturas, apontando para a possibilidade de os classificadores serem frases entonacionais – um sinal classificador pode ter mais de uma frase entonacional. Na imagem abaixo, vemos o classificador referente ao sinal CARRO, nas frases entonacionais “O CARRO VIROU À ESQUERDA” e “O CARRO VIROU À DIRETA”.

**Imagem 3** – Frases entonacionais “O CARRO VIROU À ESQUERDA /// O CARRO VIROU À DIRETA”



**Fonte:** Aronoff *et al* (2003, p. 73).

<sup>11</sup> Neste ponto, é importante notar que a perspectiva apresentada pelos autores Brentari (1998), Sandler (1999) e Aronoff (2003) acerca dos classificadores é puramente fonológica, o que contraria a perspectiva apresentada por Pizzuto *et al* (2006) que destacamos na seção 1.4 Semântica, em que Pizzuto propõe uma diferenciação entre classificadores e proformas. O que há em comum entre essas abordagens aparentemente antagônicas é a função que os parâmetros fonológicos passam a desempenhar em outros níveis gramaticais. O comportamento dos parâmetros entrecorta os níveis gramaticais, desfazendo as bordas e construindo relações nas interfaces. Isso reforça a inovação e relevância da nossa pesquisa que traz um olhar epistemológico novo sobre os parâmetros, permitindo-nos descrever, analisar e propor uma tipologia para a Libras que expressa como a gramática desta língua opera para a codificação e representação das experiências de mundo vivenciadas pelos indivíduos surdos.

Neste sentido, notamos que a opção teórica feita por Aronoff *et al* (2003) conta com especificações silábicas e não especificações morfológicas, o que contraria a noção apresentada por eles de que os classificadores são construções morfológicas, pois não encontramos uma descrição dos morfemas que compõe a estrutura dos classificadores. Há, na realidade, descrições fonéticas ao evocarem a noção de sílaba. Consequentemente, a noção morfológica se esvai dos classificadores, visto que a estrutura da sílaba é, essencialmente, sem significado.

Ainda é importante ressaltar que Aronoff *et al* (2003), Supalla (1982; 1986), Brentari (1998) e Sandler (1999), em suas pesquisas sobre os classificadores, apontam para a existência de relações entre os níveis gramaticais ao ressaltarem como a fonologia impacta a sintaxe e a semântica; como a morfologia está ligada à fonologia; e como a sintaxe e a semântica se relacionam. Mais uma vez, percebemos que o cerne da nossa pesquisa – através da hipótese de que a interface atua na organização da gramática da Libras – é fundamental para uma proposição tipológica para Libras, a fim de que as bordas e os limites gramaticais, tão forçosamente adotados nas descrições linguísticas das línguas de sinais, possam ser desconstruídos.

Acreditamos que essa desconstrução nos fará enxergar como os fenômenos gramaticais se realizam na Libras nas interfaces, ressaltando a ontogênese linguística dos indivíduos surdos e mostrando a relevância de uma concepção de gramática de natureza cognitiva, em que estrutura linguística e cognição estão entrelaçadas para a codificação das experiências de mundo dos indivíduos.

#### 2.1.4 Estrutura argumental do verbo

A perspectiva tradicional categoriza a classe de verbos em a) verbos simples, b) verbos espaciais e c) verbos de concordância, as quais se caracterizam mediante o funcionamento das propriedades que os argumentos verbais codificam. Os verbos simples estão na classe semântica padrão porque não codificam nenhuma propriedade gramatical nos argumentos que compõem a estrutura do verbo. Os verbos espaciais detonam tanto movimento quanto posição no espaço, de forma que a direção do movimento aponta para posição espacial dos argumentos locativos, codificando o ponto de partida e o destino. Os verbos de concordância codificam o papel sintático dos argumentos bem como as características de pessoa e número por meio da direção do movimento das mãos e da posição da palma das mãos.

Meir et al (2006) trazem um novo olhar acerca da classe dos verbos nas línguas de sinais, o qual se afasta da centralidade nas mãos com papel ativo na representação dos argumentos dos verbos por conterem uma carga informação intensa. Elas propõem que o corpo tem a função básica de representar o argumento sujeito nas formas verbais, o que gera uma complexidade gramatical nas línguas de sinais.

Para tal, as autoras explicitam a peculiaridade tipológica do sistema de concordância verbal nas línguas de sinais centrada na proeminência do objeto em detrimento do sujeito e explicam os motivos pelos quais as formas verbais variam em níveis de complexidade nos diversos papéis do corpo.

Nos verbos ancorados no corpo, as autoras defendem que o corpo é o sujeito do evento codificado, independentemente da pessoa gramatical, seja ela 1ª, 2ª ou 3ª pessoa. Assim, elas evocam uma categorização de verbos na Língua de Sinais Israelense (ISL), em que o corpo é um argumento participativo no evento, correspondendo aos papéis temáticos de agente, paciente, experienciador e receptor:

- 1) verbos psicológicos apresentam locação no peito fazendo referência às emoções no argumento experienciador;
- 2) verbos de atividades mentais apresentam locação na testa ou nas têmporas;
- 3) verbos de percepção apresentam locação nos órgãos dos sentidos;
- 4) verbos que indicam falar apresentam locação na boca;
- 5) verbos de mudança de estado apresentam locação no rosto, no peito ou nos olhos.

Esse ancoramento no corpo se justifica por conta da iconicidade que faz com que o agente esteja representado como um argumento específico do evento. Portanto, a escolha do ponto de articulação no corpo para a realização do verbo não é aleatória. Para Falk (2006), Fillmore (1968), Grimshaw (1990) e Jackendoff (1990), por exemplo, um mapeamento das estruturas temática e sintática indica que o argumento que está ligado ao papel temático mais frequente é o argumento-sujeito.

Desta forma, as autoras propõem que o corpo está relacionado ao argumento-sujeito do verbo ao invés de estar atrelado a um determinado papel temático. Consequentemente, o padrão básico de lexicalização atestado pelas autoras para a representação de estados nas línguas de sinais é que o corpo atua como sujeito, visto que certas propriedades dos argumentos podem ser representadas no corpo, especificamente as propriedades do argumento-sujeito.

Diferentemente, as mãos codificam informações gramaticais distintas do corpo. Enquanto o corpo atua especificamente como argumento-sujeito, as mãos podem codificar aspectos associados ao evento, visto que elementos do movimento podem representar questões temporais do evento; a direção do movimento pode, na maioria das vezes, representar papéis temáticos espaciais dos argumentos, como o ponto de partida e o destino do movimento, na locação final; a configuração de mão codifica o argumento que está em movimento (o tema) ou a manipulação do argumento (o paciente) pelo sujeito.

Para ilustrar isso, Meir *et al* (2006) defendem que, no verbo COMER, o movimento representa a ação de colocar algo na boca do indivíduo; a configuração de mão codifica o comportamento de segurar um objeto sólido qualquer, o qual poderia ser a comida; e o movimento bidirecional aponta para uma ação ou para o que elas chamam de “evento atético”, como podemos ver na figura 11:

**Figura 11** – Verbo COMER na ISL e ASL



**Fonte:** Meir *et al* (2006, p. 84).

Apesar as autoras defenderem a existência do padrão básico de lexicalização denominado de corpo como sujeito, elas reconhecem que 1) nem todas as partes do corpo são locações possíveis, pois as partes localizadas abaixo da cintura não podem servir de locação.

Geralmente, nas línguas de sinais, as pernas e os pés são representados pelos braços e pelas mãos. Aqui, notamos que há uma restrição sintática, visto que apesar de alguns sinais serem ancorados no corpo, por conta de sua morfologia, o espaço de sinalização deve ser na frente do sinalizador – de sua testa até o quadril. Haveria, então, um padrão tipológico que evidenciaria a interface entre morfologia e sintaxe de que o parâmetro locação apontaria para uma locação básica nas línguas de sinais, a qual seria o espaço neutro na frente do sinalizador, sintaticamente referenciado como espaço real.

Além disso, elas admitem que 2) o corpo só pode representar o argumento-sujeito quando se tratar de entidade animadas, pois quando há eventos envolvendo sujeitos inanimados, tais sujeitos são representados pelas mãos, normalmente no espaço à frente do sinalizador. Assim, mais uma vez, nossa hipótese da atuação da interface entre morfologia e sintaxe, neste caso, poderia ser confirmada, em face da relação entre a morfologia verbal e a restrição do uso do espaço sintático, que seria no espaço neutro, por meio do parâmetro locação.

Já nos verbos de concordância, como o corpo atuaria como sujeito? Nesses verbos, as propriedades de pessoa e número são codificadas nos argumentos sujeito e objeto. No nível semântico, tais verbos podem denotar eventos de transferência, o que envolve a passagem de uma entidade que pode ser concreta ou abstrata de um determinado possuidor para outro. Assim, o corpo atua como sujeito no movimento das mãos em relação ao corpo: quando o sujeito é o próprio sinalizador, o movimento sai do corpo do sinalizador em direção ao destino; quando o sujeito não é o próprio sinalizador, o movimento sai do espaço em direção ao sinalizador, como nos verbos reversos.

Há, ainda, as formas flexionadas dos verbos de concordância, as quais codificam a informação gramatical de pessoa, de maneira que o corpo do sinalizador representa a primeira pessoa e as locações no espaço representam as outras pessoas gramaticais. Tanto a apontação quanto o direcionamento do olhar para o ponto específico em que as pessoas gramaticais foram localizadas no espaço compõem o sistema de pronominalização nas línguas de sinais. Assim, os verbos de concordância são responsáveis por codificar pessoa gramatical, por meio das locações no espaço, e papéis sintáticos, por meio da direção do movimento entre as locações dos argumentos sujeito e objeto.

Abaixo, vemos uma esquematização da proposta de Meir et al (2006) acerca da redefinição das classes verbais a partir da tipologia do corpo como sujeito. Observamos que há três elementos empregados simultaneamente na caracterização da morfologia verbal, considerando a sintaxe, a saber o corpo, as mãos e o espaço:



**Quadro 3** – Proposta de redefinição das classes verbais

| Classes verbais        | Corpo                                         | Mãos                                                      | Espaço                     |
|------------------------|-----------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|----------------------------|
| Verbos simples         | Corresponde ao sujeito                        | Não codifica propriedades dos argumentos                  | -----                      |
| Verbos de concordância | 1ª Pessoa                                     | Codifica os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos | Referentes a Não-1ª pessoa |
| Verbos espaciais       | Ponto de referência espacial ou não envolvido | Codifica os papéis locativos dos argumentos               | Localizações no espaço     |

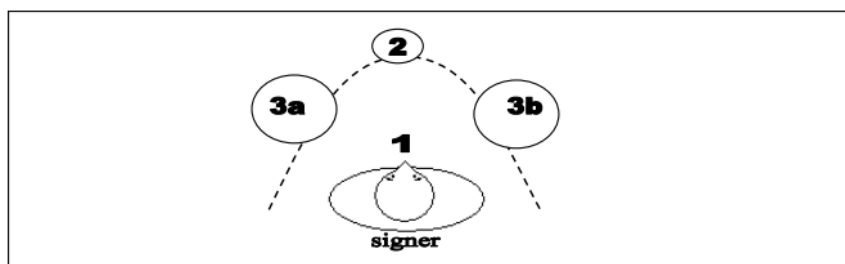
**Fonte:** Meir *et al* (2006, p. 90).

Vemos, então, que a morfologia verbal estaria diretamente atrelada ao espaço sintático, codificando pessoa gramatical, papéis sintáticos e papéis semânticos, de maneira que haveria dois parâmetros que organizariam esta interface – a locação e o movimento. Mais uma vez, destacamos a presença da interface no funcionamento da gramática. Poderíamos, ainda, destacar que a semântica abraça as relações entre os níveis gramaticais, dada a natureza icônica das línguas de sinais, se entendermos a iconicidade como um fenômeno cognitivo e não apenas como uma relação natural entre significante e significado.

Schuit, Baker e Pfau (2011), por sua vez, declaram que há diversas estratégias no tocante à análise da estrutura argumental do verbo nas línguas de sinais, embora eles não se proponham a analisar as perspectivas concorrentes. De maneira geral, a flexão verbal é materializada no espaço sintático que o indivíduo sinalizador utiliza ao localizar os referentes no espaço. Essas localizações dos referentes no espaço podem acontecer antes, depois, antes e depois, ou de forma simultânea com o sinal do próprio referente. Essas locações servem tanto para a pronominalização quanto para propiciar a estrutura argumental do verbo.

Para a composição da estrutura argumental do verbo, o espaço é dividido em partes que podem ser consideradas análogas às categorias gramaticais de pessoa, conforme está ilustrado na figura 20. Para a formação da pronominalização, apontar para o sinalizador indica a primeira pessoa; apontar para o destinatário indica a segunda pessoa e a apontação através de qualquer ponto no espaço indica a terceira pessoa. Há ainda verbos cujo percurso de movimento podem indicar a estrutura argumental, demarcando sujeito e objeto através do ponto inicial e do ponto final do movimento, respectivamente.

**Figura 12** – Locações indicativas das pessoas gramaticais



**Fonte:** Schuit, Baker e Pfau (2011, p. 13).

A forma ilustrada acima foi verificada em várias línguas de sinais, em relação à estrutura argumental do verbo. Neste sentido, é importante destacar que embora as línguas de sinais façam uso de uma estrutura argumental, nem todos os verbos apresentam flexão. Na Língua de Sinais Americana, por exemplo, Padden (1988) encontrou verbos que não flexionam, os quais são denominados de verbos simples, pois não se encaixam na estrutura explicitada acima, por possuírem determinadas restrições fonológicas. Esses mesmos tipos de verbos foram atestados em outras línguas de sinais, posteriormente.

Mais uma vez, percebemos, através do caso dos verbos simples, que há uma interface entre sintaxe e morfologia, a qual gera determinadas restrições acerca da flexão nesses verbos – há uma relação entre os espaços sintáticos e a flexão do verbo. Assim, somos impelidos, novamente, a destacar a relevância da interface na organização da gramática.

Em uma perspectiva tipológica, as línguas de sinais podem apresentar dois tipos de estrutura argumental para os verbos, a saber as línguas que fazem uso de uma estrutura verbal manual e as que possuem um pequeno instrumento argumental ou nenhum recurso argumental para os verbos.

Pfau e Steinbach (2018) mostram que há verbos cuja estrutura argumental impossibilita a realização de mudança no movimento do sinal, sendo necessárias determinadas marcações manuais no espaço – auxiliares argumentais – para determinar os constituintes sintáticos. Esses são denominados verbos simples. Há verbos que apresentam mudanças no percurso de movimento e na orientação da palma da mão, os quais são os verbos com concordância.

Ainda sobre a estrutura argumental dos verbos, os autores destacam a primazia do objeto em detrimento do sujeito nas línguas de sinais. Isso se deve a algumas questões. A

primeira é que a realização do objeto é obrigatória enquanto a realização do sujeito é opcional na estrutura argumental do verbo, de acordo com algumas pesquisas, a saber Meier (1982), Padden (1988), Lillo-Martin & Meier (2011), Morgan et al. (2006), Quadros & Lillo-Martin (2007). A segunda questão é que há alguns verbos com concordância, em que apenas o objeto é marcado. Isso foi atestado na Língua de Sinais de Inuit, por Schuit (2003). Não foi encontrada nenhuma língua de sinais em que os verbos com concordância marcam o sujeito fonologicamente.

Diante disso, vemos que os parâmetros fonológicos assumem papéis organizar as relações gramaticais entre os níveis morfológico e sintático, seja nos verbos com concordância ou nos verbos simples. Assim, a interface é possibilitada pela atuação de alguns parâmetros fonológicos. Isso nos impele a refletir acerca da estatuto estritamente fonológico que é atribuído aos cinco parâmetros. É preciso, então, alargar o nosso olhar, a fim de concebê-los para além dos muros da fonologia.

#### 2.1.5 Interrogativos, negação, possessivos

Zeshan (2006) pesquisou cerca de trinta e sete línguas de sinais em relação às construções interrogativas e negativas, nas quais ele percebeu o papel de elementos manuais e não manuais para a formação de perguntas e de frases negativas.

Embora haja sinais específicos que indiquem a construção de perguntas, os dados que ele apresentou demonstram que há línguas de sinais que empregam partículas interrogativas, obrigatoriamente, enquanto outras empregam tais partículas tanto para construções interrogativas quanto para confirmar perguntas ou para apontar a urgência de uma pergunta.

Para exemplificar, o autor traz a língua de sinais da Nova Zelândia. Nesta língua, há um sinal interrogativo “quem?”, o qual também é utilizado como pronome indefinido “alguém”. Assim, vemos que há uma relação entre sinais interrogativos e não interrogativos, o que indica que a mesma polissemia encontrada nas línguas orais é empregada nas línguas sinais (ZESHAN; PALFREYMAN, 2017)

Neste ponto, somos impelidos a tecer algumas reflexões acerca do paralelo linguístico que é feito entre as línguas orais e as línguas de sinais. A partir de Langacker (2008), entendemos que a gramática de uma língua é mais do que um conjunto de formas linguísticas com correspondentes abstratos, pois há aspectos cognitivos e comportamentais que são representados nos usos que fazemos da língua.

Pensar em comparações estruturais entre as línguas de sinais e as línguas orais, sem considerar natureza significativa da gramática – seja porque os sinais/palavras possuem seus próprios significados; seja porque a gramática nos possibilita criar, construir, simbolizar, representar sentidos diversos – é uma visão um tanto quanto reducionista, da qual pretendemos nos afastar. Afinal, não queremos encontrar correspondentes estruturais entre as línguas de sinais e as línguas orais para reforçar o estatuto linguístico destas primeiras.

As línguas de sinais são línguas não por apresentarem as mesmas estruturas básicas que as línguas orais<sup>12</sup>, mas pelo potencial gerador de múltiplos sentidos que lhes é intrínseco. Ao buscarmos descrever o funcionamento das estruturas de uma língua de sinais, no nosso caso a Libras, fazemo-lo através de um novo olhar tipológico que transcende os limites, por exemplo, de conceber os dois usos do sinal “quem” como pronome interrogativo e como pronome indefinido “alguém”, na língua de sinais da Nova Zelândia, buscando uma justificativa na ideia de polissemia. Reconhecer esses dois usos do sinal revela não apenas um fenômeno polissêmico, mas uma chave para compreendermos como a gramática é organizada nas línguas de sinais através das interfaces.

Para sustentar nossa argumentação, tomemos o sinal da imagem 4. Na Libras, os significados SÁBADO, LARANJA (COR) e LARANJA (FRUTA) possuem a mesma forma linguística, conforme a imagem abaixo:

---

<sup>12</sup> É compreensível que as estruturas das línguas orais tenham sido tomadas como referência para as descrições da gramática das línguas de sinais, visto que os estudos linguísticos, em suas mais variadas perspectivas teórico-metodológicas, foram realizados sobre as línguas orais primeiro. Consideramos, no entanto, que essa busca por correspondentes estruturais entre línguas de modalidades distintas pode, em alguma medida, impedir-nos de ver as línguas de sinais em seu funcionamento. Por isso, ao investigarmos o papel da interface na organização da gramática, com vistas a pensar uma tipologia linguística para esta língua, somos movidas a abandonar uma visão comparativa com as línguas orais, pois estamos propondo uma nova visão tipológica-funcional para estruturas que estavam, inicialmente, em níveis gramaticais delimitados.

**Imagem 4** – Sinal SÁBADO/LARANJA (cor)/ LARANJA (fruta)



**Fonte:** A autora (2023).

No novo olhar tipológico que propomos, conceber a mesma forma linguística para significados distintos não é apenas uma questão de polissemia. É uma manifestação da interface para que o indivíduo possa escolher qual significado cabe no contexto no qual está inserido. Precisamos ver, no contexto gramatical, quais sinais antecedem e sucedem o sinal da imagem 4 – qual o tipo de verbo, se sujeito e/ou objeto estão marcados na estrutura sintática. Assim, a interface é evocada quando os indivíduos surdos usam a Libras para representar suas perspectivas de mundo, mas também quando necessitam compreender as representações de outrem.

Outra relação entre os sinais interrogativos e não interrogativos nas línguas de sinais é o fato de que alguns sinais interrogativos derivam da adição de uma repetição de movimento de um sinal não interrogativo. Além disso, os sinais interrogativos apresentam um elemento não manual, como uma expressão facial ou uma posição da cabeça. Na imagem abaixo podemos ver que o sinal “quando/que dia”, na Língua de Sinais Turca, apresenta um curto movimento para frente e uma expressão facial neutra.

**Imagem 5** – Sinal “quando/que dia”, na Língua de Sinais Turca



**Fonte:** Zeshan e Palfreyman (2017, p. 8).

Há alguns paradigmas reunidos por Zeshan e Palfreyman (2017) acerca dos interrogativos nas línguas de sinais, com línguas que apresentam apenas um sinal interrogativo e outras que apresentam doze ou mais possibilidades de sinais interrogativos. Há alguns paradigmas mais complexos caracterizados por propriedades morfológicas.

A Língua de Sinais de Hong Kong, possui dois tipos de interrogativos – um para entidades (“o que?”) e um para quantidades (“quantos?”). Tang (2006) ainda destaca três tipos de interrogativos: um para entidades, um para quantidades e um para duração de tempo ou dia específico. Na Língua de Sinais Japonesa, há sinais que apresentam uma forma morfológica semelhante, de maneira que os sinais interrogativos são localizados no espaço em diferentes pontos de articulação, conforme a imagem abaixo.

**Imagem 6** – Sinal “quantos?”; sinal “qual mês e data?”; sinal “qual idade?”



**Fonte:** Zeshan e Palfreyman (2017, p. 9).

Na Língua Americana de Sinais (ASL), os sinais interrogativos derivam das perguntas WH da língua inglesa e são realizados por meio da soletração manual, demarcando a diferença entre esses sinais pelo próprio contato entre a ASL e o Inglês falado (FICHER, 2006).

Desta forma, Zeshan (2004, p. 9) propõe três paradigmas para os sinais interrogativos: “(i) the general interrogative covers the whole question-word paradigm, (ii) the general interrogative covers part of the question-word paradigm, and (iii) the general interrogative exists alongside an extensive question-word paradigm.”<sup>13</sup>

Diante disso, Zeshan e Palfreyman (2017, p. 9) propõe um universal: “If a generic content interrogative sign expresses one or several non-quantitative interrogative

<sup>13</sup> “(i) o sinal interrogativo mais geral abarca todo o paradigma de palavras interrogativas; (ii) o sinal interrogativo mais geral abarca parte do paradigma de palavras interrogativas; (iii) o sinal interrogativo mais geral existe ao lado de um extenso paradigma de palavras interrogativas”.

meanings other than ‘what’, the sign will also encompass ‘what’ in its range of meanings, but not vice versa”<sup>14</sup>.

Isso demonstra que não foram verificados casos em que um sinal interrogativo mais geral pudesse ser capaz de abarcar os significados de “como?”, “por quê?” e “onde?”, excluindo o sentido de “o que?”. Embora as línguas orais façam distinções entre interrogativos que se referem às entidades “o que” e “quem”, as línguas de sinais optam por distinguir os interrogativos de entidades dos interrogativos de quantidades.

Este ponto é relevante para nós porque reforça a necessidade de olharmos as línguas de sinais por elas mesmas para que consigamos descrever o funcionamento de sua gramática, a fim de encontrarmos indícios, também, de como opera o mapa conceitual dos indivíduos surdos. Se as pessoas surdas, linguisticamente, diferenciam interrogativos de entidades dos interrogativos de quantidades, mas não distinguem as entidades em si, isso nos mostra que categorizam de forma distinta da nossa, ouvintes, a experiência de PERGUNTAR.

Assim, os interrogativos, como manifestação linguística do evento PERGUNTAR, categorizam objetos (“o que?”) e indivíduos (“quem?”) em uma mesma classe enquanto a quantidade é categorizada em outra classe neste evento. O que isso evidencia acerca da experiência das pessoas surdas?

A nossa hipótese é que as pessoas surdas veem objetos e indivíduos como integrantes de uma classe maior, as entidades – sejam elas animadas ou inanimadas, concretas ou abstratas – pois são capazes de assumir funções no mundo, desempenhar papéis. Do outro lado, as quantidades são conjuntos que permitem que essas entidades sejam contabilizadas, isto é, organizadas em números.

Diante disso, argumentamos que coisas e pessoas estão de um lado e quantidades de outro lado no evento PERGUNTAR, que se materializa linguisticamente através dos interrogativos, como um indício da percepção conceptual dos indivíduos surdos do que pode assumir funções no mundo físico-material (as entidades) e de como as entidades são contabilizadas (as quantidades).

No que tange a posição dos interrogativos na frase, Zeshan (2017) define línguas de sinais cujos interrogativos aparecem no início da frase, no fim da frase ou em ambas

---

<sup>14</sup> “Se um sinal interrogativo mais geral expressa um ou mais de um significado de sinais interrogativos não quantitativos além de ‘o que’, o sinal também abarcará ‘o que’ em seus múltiplos significados, mas não o contrário”.

as posições, embora a maior parte das línguas de sinais licencie os sinais interrogativos apenas no final das frases, como a Língua Paquistanesa de Sinais e a Língua Italiana de Sinais. Vale ressaltar que marcadores não manuais, como as expressões faciais, estão presentes nos sinais interrogativos assim como no fenômeno da negação nessas línguas.

Neste sentido, há uma relação direta entre os marcadores manuais e não manuais para a construção na negação nas línguas sinais, priorizando a negação com a cabeça enquanto o sinal é realizado, além de partículas negativas e morfemas negativos. Nessas línguas, a possibilidade de a negação ser gramaticalmente realizada através de sinais manuais e não manuais conduziu a uma proposição tipológica acerca do sistema de negação.

Destacam-se duas estratégias não manuais: o balanço da cabeça para a esquerda e para a direita e o movimento da cabeça para trás com o queixo levantado (acompanhado das sobrancelhas levantadas). Ambas as estratégias são consideradas suprasegmentais tanto no sistema de negação quanto no sistema de interrogação. O Quadro abaixo resume a categorização proposta por Zeshan (2006), no que tange aos sistemas manual e não manual de negação:

**Quadro 4** – Sistema de negação manual e não manual

| <i>Characteristics of non-manual dominant systems of negation</i>                                    | <i>Characteristics of manual dominant systems of negation</i>                                                                |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| non-manual negation is obligatory                                                                    | non-manual negation is not obligatory                                                                                        |
| clause can be negated non-manually only, manual basic clause negator is optional                     | clause cannot be negated non-manually only, manual negator is required                                                       |
| choice of non-manual marking does not depend on manual signs                                         | choice of non-manual marking depends on choice of manual clause negator (if there is more than one non-manual configuration) |
| non-manual negation spreads freely over the clause                                                   | scope of non-manual negation is over the manual negator only or is closely tied to the manual negator                        |
| Examples: Deutsche Gebärdensprache (Germany), Svenska Teckenspråket (Sweden), American Sign Language | Examples: Kata Kolok (Bali), Türk İşaret Dili (Turkey), Nihon Shuwa (Japan)                                                  |

**Fonte:** Zeshan (2006, p. 43).

Das 37 línguas de sinais analisadas, 26 delas permitem apenas a negação com a cabeça acompanhando a realização do sinal, ou seja, não há nenhum marcador manual de negação. Assim, o sistema de negação não manual é o mais frequente nas línguas de



sinais. Em Zeshan (2006) e Pfau (2015), vemos uma organização hierárquica do sistema de negação não manual, conforme está representado abaixo:

**Elemento manual de negação** < Verbo/predicado < **Outros constituintes adjacentes** < Frase inteira

Para a formação da negação não manual, o elemento mínimo é um sinal manual negativo ou um verbo/predicado na ausência deste primeiro. A segunda possibilidade é a coocorrência de ambos, porém o verbo/predicado não pode ser empregado isoladamente se houver um sinal manual de negação na frase. Pfau (2015) ainda destaca que pode haver constituintes adjacentes na frase, mas não podem ser interrompidos por elementos linguísticos sem a negação não manual. Além disso, é possível perceber a presença da negação manual no fim da frase, de forma que a ordem dos constituintes na oração com a negação no final deve ser acompanhada de um verbo.

A posição sintática mais frequente na construção da negação é no final da frase. As ocorrências da negação na posição pré-verbal são raras, embora Tang (2006) tenha encontrado evidências de alguns casos da negação na posição pré-verbal da Língua de Sinais de Hong Kong, resultante da influência do cantonês oral.

Diante disso, notamos uma tendência na tipologia das línguas de sinais em relação à negação de não deixar explícita a simultaneidade latente neste fenômeno, ou seja, a maior parte das línguas de sinais exige um elemento não manual – que é o balanço da cabeça para a direita e para esquerda – ao mesmo tempo em que o sinal manual é realizado, o qual é frequentemente um verbo.

Somos levados, então, a refletir sobre esta necessidade exacerbada de destacar a sequencialidade no âmbito da morfologia quando as línguas de sinais, claramente, apresentam a simultaneidade nos fenômenos morfológicos, com maior frequência. Parece que a ideia de sequencialidade é o que sustentaria a existência da derivação como processo morfológico presente nessas línguas paralelamente à composição, sendo esta última mais produtiva em função da simultaneidade.

O cerne da questão é: estamos mais interessados em encontrar nas línguas de sinais os mesmos fenômenos que encontramos nas línguas orais ou em compreender estas línguas por elas mesmas em seus contextos de uso? Talvez a objetividade que remonta ao paradigma positivista ainda esteja muito evidente nas pesquisas linguísticas, impedindo-nos de conceber as línguas de sinais em seus diversos usos, pois isso reberitaria no desafio

epistemológico de revisitar a natureza das categorias gramaticais que foram tão caras às pesquisas descritivas e tipológicas.

Uma epistemologia linguística se torna imprescindível, neste momento, não para discutirmos a cientificidade da Linguística, o estatuto linguístico da Libras, ou para estudar os fundamentos dos seus conhecimentos linguísticos, mas para evocar o movimento de desdogmatização da ciência, em sua terceira vertente essencialmente filosófica (SANTOS, 1989), que nos permitirá lançar um novo olhar sobre a Libras ao analisarmos como as categorias gramaticais são organizadas nas interfaces.

Defendemos que é um novo olhar teórico, através da nossa proposta tipológica, que nos fará revistar a noção de fronteiras e de limites gramaticais sobre a Libras, compreendendo como as relações são arquitetadas nas interfaces, revelando, através da língua em uso, como a gramática da Libras é modelada pela pessoa surda. Neste sentido, mais a frente, justificamos em que medida estamos partindo de uma orientação funcional e cognitiva, especificamente na seção 3, para a apresentação da nossa proposta.

A reflexão epistemológica que empregamos nesta revisão bibliográfica acerca da tipologia das línguas de sinais toma como base a desconstrução hermenêutica empregada por Bachelard tanto pela influência de suas obras quanto pelo seu compromisso de apresentar uma “concepção de ciência comprometida com a defesa da autonomia e do acesso privilegiado à verdade do conhecimento científico, sem para isso recorrer a outros fundamentos que não sejam os que resultam da prática científica” (SANTOS, 1989).

Ainda sobre a negação nas línguas de sinais, Zeshan e Palfreyman (2017) destacam duas estratégias no âmbito da morfologia – a configuração de mão negativa e um padrão negativo de movimento – que coadunam com a simultaneidade intrínseca à alguns processos morfológicos nessas línguas. Meier, Cormier e Quinto-Pozos (2002) reconhecem a preferência pela simultaneidade em detrimento da sequencialidade morfológica, embora haja a tendência que já explicitamos de ressaltar a existência de processos sequenciais nestas línguas de forma comparativa com as línguas orais.

De maneira geral, a negação é um fenômeno restrito à alguns elementos, podendo ser realizada por meio de um sinal específico ou de outras estratégias. Independentemente do tipo de negação, há uma generalização evidente nos dados linguísticos acerca das línguas de sinais pesquisadas por Zeshan (2004), a qual apresenta uma relação semântica com os tipos de negação, de acordo com o que está sistematizado no Quadro abaixo entre os domínios semânticos e os verbos de negação correspondentes.

**Quadro 5** – Tipos de negação e seus domínios semânticos correspondentes

| <b>Domínio semântico</b> | <b>Verbos</b>                                 |
|--------------------------|-----------------------------------------------|
| Cognição                 | Não saber, não entender                       |
| Atitude emocional        | Não querer, não gostar, não cuidar            |
| Modais                   | Não poder, não precisar, não dever            |
| Posse/existencial        | Não ter, não existir, não conseguir           |
| Tempo/aspecto            | Não irá, não foi, não acabou                  |
| Julgamento valorativo    | Não é certo, não é possível, não é suficiente |

**Fonte:** Adaptado de Zeshan (2004, s/p)).

Ademais, há duas restrições morfológicas a serem consideradas sobre a negação. A primeira é que não podemos categorizar os tipos de negação em uma classe de palavras. A segunda é que os clíticos e afixos negativos ocorrem na posição pós-verbal enquanto os prefixos não foram encontrados nessas línguas, o que aponta para a preferência das línguas de sinais por elementos linguísticos negativos pospostos aos verbos. Essas duas restrições comprovam a simultaneidade na morfologia quando se trata do sistema de negação e a preferência pelas negações na posição pós-verbal, reforçando uma tipologia específica para as línguas de sinais, diferentemente do que é encontrado nas línguas orais.

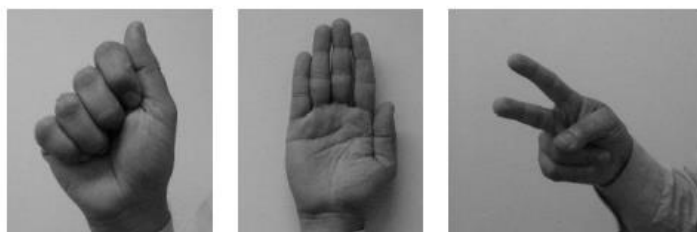
Paralelamente, somos imbuídas a questionar a noção de morfema nas línguas de sinais, pois a afixação não seria um fenômeno tão produtivo na Libras, como demonstramos na análise. Isso possibilita a discussão sobre o tipo de morfologia da Libras, principalmente se considerarmos que as relações gramaticais se dão nas interfaces como é o que defendemos.

Notemos, então, a contradição efervescente nas pesquisas tipológicas das línguas de sinais: 1) denomina-se morfema um parâmetro que seria apenas fonológico, que é o movimento; 2) reconhece-se a sequencialidade, em uma frequência menor, para reforçar a existência do morfema, embora a simultaneidade seja mais produtiva nessas línguas; 3) propõe-se a existência de clíticos e afixos quando, na negação e na interrogação, são mais frequentes as posições pós-verbais; 4) fala-se em fenômenos morfológicos quando, na realidade, percebemos fenômenos morfossemânticos e morfossintáticos, isto é, relações gramaticais que surgem nas interfaces, como as correspondências entre os verbos de negação e os domínios semânticos, e as posições sintáticas pós-verbais dos interrogativos e dos elementos de negação.

Em relação aos possessivos, Zeshan e Palfreyman (2017) discutem dois tipos – os atributivos e os predicativos – defendendo a ideia de que o seu funcionamento apresenta similaridades com as línguas orais, em um nível conceitual. No entanto, as línguas de sinais não apresentam uma marca morfológica para este fenômeno, considerando a ausência do caso genitivo, como acontece nas línguas orais, e a ausência de elementos preposicionais que também são empregados na construção dos possessivos.

As estratégias mais produtivas nas línguas de sinais são a justaposição e a inserção de pronomes possessivos nas construções nominais que indicam tal fenômeno. Há ainda configurações de mão que indicam pronomes possessivos, de acordo com a imagem abaixo.

**Imagem 7** – Configurações de mão empregadas nos pronomes possessivos



**Fonte:** Zeshan e Palfreyman (2017, p. 18).

Também foi atestado nas línguas de sinais que há línguas que não apresentam sinais que indicam possessivos e empregam a mesma estratégia para construções locativas, existenciais e possessivas, a qual é a justaposição com a apontação, de forma que o contexto é que determina o sentido. Outras línguas de sinais possuem um leque de possibilidades para as construções possessivas aliadas às propriedades semânticas, como podemos ver no Quadro 4:

**Quadro 6** – Configurações de mão empregadas nos pronomes possessivos

| Positive polarity sign                                            | Function                                                                                                 | Negative polarity counterpart sign                                                                            | Other related possessive forms                                       |
|-------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|
| THERE-BE (inflected spatially, with accompanying tongue wiggling) | Existential/possessive predicate (alienable and inalienable, except body parts, which have zero marking) | Uninflecting suppletive existential/possessive THERE-NOT-BE (alienable and inalienable, including body parts) | Tongue wiggling can occur on its own (co-articulated with possessum) |
| HAVE                                                              | Possessive predicate (for alienable possession only), with possessor as subject                          | Possessive predicate HAVE-NOT (with cliticised negative morpheme)                                             |                                                                      |
| BELONG                                                            | Possessive predicate, with possessum as subject                                                          | No negative polarity counterpart sign                                                                         | BELONG is formationally related to possessive NP linker DE           |

**Fonte:** Zeshan e Palfreyman (2017, p. 19).

Tanto partículas flexionais quanto não flexionais foram comprovadas nas línguas de sinais, no que tange aos possessivos. Além disso, no caso dos verbos espaciais, em face a sua estrutura argumental, é possível o emprego da flexão dos possessivos referente à pessoa, em função da morfologia espacial (ZESHAN; PALFREYMAN, 2017). Neste sentido, pensamos na possibilidade desta situação ser uma evidência de uma relação de interface entre morfologia e sintaxe, visto que a estrutura argumental do verbo é o que possibilita a flexão do possessivo quando este se refere à pessoa – a mão é posicionada no espaço associada ao possessivo ou na orientação da palma na mão para que as pontas dos dedos estejam direcionadas ao possessivo.

Os possessivos também indicam distinções semânticas, em algumas línguas de sinais, como a diferença entre possessivos alienáveis e inalienáveis, e possessivos temporários e permanentes, com base em propriedades físicas e espaciais que apontam para a noção de posse. Isso pode ser mais um indício de uma relação constituída na interface, especificamente entre os níveis morfológico e semântico.

Assim, diante das pesquisas tipologias somos levados a perceber como os fenômenos gramaticais são organizados nas interfaces, indicando a hipótese que elencamos de que a interface atua na construção da gramática.

Zeshan e Palfreyman (2017) apresentam uma comparação tipológica entre as línguas de sinais e as línguas orais acerca dos possessivos, defendendo uma diversidade tipológica maior nas línguas de sinais do que nas línguas orais.:

- 1) nas duas modalidades de línguas, há uma não preferência ou ausência de determinadas estruturas;
- 2) há estruturas que são atestadas nas duas modalidades de línguas, como os pronomes possessivos, partículas não flexionais e verbos de concordância;
- 3) as línguas de sinais possuem possessivos específicos determinados na sintaxe espacial enquanto as línguas orais apresentam o caso genitivo e o uso de preposições que indicam a noção de posse;
- 4) nas duas modalidades de línguas há uma base cognitiva comum que sustenta a noção de posse, ancorada nos mapas conceituais de locação, existência e posse, revelando a iconicidade nas duas línguas.

Nesta comparação tipológica, notamos um indício da interface morfologia e sintaxe e morfologia e semântica, nos itens 3 e 4, respectivamente. É a sintaxe espacial que determina os possessivos, ou seja, é a sintaxe que restringe os possessivos, especificando-os. Os mapas conceituais de locação, existência e posse, indicando

iconicidade, são aspectos semânticos que atuam na morfologia, determinando a natureza da posse.

## 2.2 SINTAXE

### 2.2.1 Ordem dos constituintes na frase

A discussão acerca da ordem dos constituintes na frase nas línguas sinais tem sido alvo de pesquisas desde a década de 70. Embora haja algumas propostas, Brennan (1994) destaca a complexidade da sintaxe espacial nessas línguas, sobretudo por conta dos aspectos simultâneo, icônico e pragmático que influenciam diretamente o funcionamento da sintaxe. Paralelamente, a dificuldade de estabelecer a ordem sintática básica para as línguas de sinais está associada aos fenômenos de topicalização e duplicação do pronome, como as duas operações que atestam esta dificuldade, de acordo com as discussões apresentadas por Neidle et al. (2000).

Neste ponto, destacamos que esses dois fenômenos que dificultam o estabelecimento da ordem dos constituintes podem ser mais um indício da interface morfologia e sintaxe, visto que seria preciso analisar fatores morfossintáticos que interferem na topicalização e na duplicação do pronome, ou seja, quais classes de palavras favoreceriam a topicalização e em quais contextos sintáticos os pronomes poderiam ser duplicados.

Para Schuit, Baker e Pfau (2011), o critério empregado nas línguas orais para a definição da ordem sintática básica não é aplicável às línguas de sinais – a existência de um sujeito e um objeto para o verbo é problemática nas línguas de sinais porque frases com sujeito e objeto explícitos são raras. Além disso, a quantidade de sentenças SVO e SOV é muito semelhante de acordo com os dados de Nadeau (1993), o que reforça a impossibilidade de determinar a ordem sintática básica. Isso também foi comprovado nas pesquisas de Johnston et al. (2007).

Aqui, notamos que a explicitude do sujeito e do objeto poderia ser em função da morfologia do verbo, isto é, depende da estrutura argumental do verbo como vimos na seção 2.1.4. Assim, a morfologia verbal, mediante as classes verbais e sua codificação para pessoa gramatical, papel sintático e papel semântico, através da locação e do percurso de movimento podem gerar restrições quanto à ordem dos constituintes.

Apesar disso, algumas pesquisas corroboram a existência de duas ordens básicas para as línguas de sinais por serem as ordens mais frequentes – SVO e SOV. Algumas línguas de sinais, como a Língua de Sinais de Hong Kong (SZE, 2003), a Língua de Sinais

Americana (FISCHER 1974; LIDDELL, 1980), Língua Brasileira de Sinais (QUADROS 1999), apresentam SVO como a ordem básica. A Língua de Sinais da Holanda (COERTS, 1994), a Língua de Sinais Alemã (GLÜCK & PFAU, 1998), a Língua de Sinais Italiana (CECCHETTO et al. 2006) são alguns exemplos de línguas cuja ordem básica atestada foi SOV.

Diante dos dados dessas línguas de sinais, vemos que tais línguas podem ser divididas em dois grupos: um no qual a ordem básica atestada é SVO e o outro no qual a ordem é SOV. Questionamo-nos, então, quais seriam os fatores morfossintáticos que fariam umas línguas adotarem a ordem SVO como básica enquanto outras adotam a ordem SOV. É preciso, portanto, uma descrição mais voltada para a interface e que parta dos usos da língua para elucidar isso como fizemos na análise.



## 2.3 SEMÂNTICA

Schlenker (2018) defende que a semântica das línguas de sinais contribui para a os estudos acerca da semântica universal, a qual está inserida em uma pesquisa tipológica, sob um viés gerativo. Tal defesa está ancorada em suas razões. A primeira é que as sentenças nessas línguas apresentam uma forma lógica, em que os referentes são localizados no espaço de forma que é possível perceber variáveis lógicas na organização das sentenças bem como mudanças no contexto semântico. A segunda é que a iconicidade é um fenômeno latente nas línguas de sinais, fazendo com que se constitua como o núcleo lógico dessas línguas.

A semântica universal objetiva determinar as propriedades interpretativas que são universais às línguas, independentemente da modalidade da língua, pois como seres humanos possuímos a mesma estrutura cognitiva que nos possibilita categorizar o mundo. Neste sentido, o autor destaca duas hipóteses que demonstram como as línguas de sinais podem abrir novos horizontes sobre a semântica universal.

A primeira hipótese – a lógica da visibilidade – demonstra que as línguas de sinais apresentam os mesmos mecanismos encontrados nas línguas orais acerca da forma lógica das sentenças e que tais mecanismos não são realizados morfológicamente nas línguas orais – especificamente em relação às estratégias de desambiguação, as quais não são realizadas morfológicamente nas línguas orais, mas são realizadas nas línguas de sinais por conta da modalidade visual e espacial dessas línguas. Assim, a locação dos referentes no espaço sintático é um mecanismo morfológico para desambiguar as sentenças.

Neste sentido, notamos uma interface entre morfologia, sintaxe e semântica através do parâmetro locação: a localização dos referentes no espaço sintático determina as condições semânticas para a compreensão da sentença nas línguas de sinais. Assim, vemos a função do parâmetro locação para arquitetar as relações entre os níveis gramaticais nessas línguas.

A segunda hipótese – a iconicidade – determina que as línguas de sinais empregam expressões com função lógica/gramatical e com iconicidade no nível semântico, cuja finalidade é preservar determinadas propriedades semânticas dos sinais que possibilitam a compreensão da função gramatical. Dessa forma, a organização imagética do sinal aponta o referente para o qual o sinal denota.

A iconicidade, então, estaria presente na própria estrutura morfológica dos sinais mediante a combinação dos parâmetros fonológicos para demonstrar como os indivíduos

surdos percebem e compreendem os nomes e os eventos, em uma relação direta com a semântica, reconhecendo, neste ponto, a interface entre morfologia e semântica.

Zucchi (2012) traz outras questões acerca de uma tipologia no nível semântico. Para ele, a realização dos pronomes se dá pela localização dos referentes no espaço e a recuperação anafórica desses pronomes é através da apontação, desfazendo qualquer possibilidade de ambiguidade, visto que os referentes estão postos no espaço em locações distintas.

Nas línguas de sinais, a marcação temporal se dá por meio dos advérbios (RATHMANN, 2005) mediante padrões dêitico, anafórico e narrativo. O padrão dêitico acontece pela ausência de um marcador temporal, isto é, de um advérbio na sentença, o que indica que ela está no presente. Em contrapartida, a presença de um advérbio na sentença indicaria o tempo passado ou futuro.

O padrão anafórico se dá pelo princípio estático da interpretação, em que a referência temporal de uma sentença que descreve um evento é igual a referência temporal da sentença anterior, ou seja, quando nos deparamos com duas frases, em que ambas apresentam a mesma referência de tempo, podemos entender que os eventos descritos pelas duas frases acontecem no mesmo período temporal – seja presente, passado ou futuro. Por fim, o padrão narrativo postula que quando há eventos consecutivos sendo narrados em várias sentenças, a referência temporal está na primeira sentença descrita.

Em relação aos classificadores, Zucchi (2012) reconhece o papel da semântica na estrutura morfológica deles, visto que a configuração de mão específica para a classe dos objetos (configuração em B) e o movimento do classificador não predicam um morfema, mas atuam como uma representação lógica do predicado. Vemos que a combinação desses dois parâmetros é o que possibilita a incorporação manual dos domínios conceituais nome e evento em um sinal classificador ou em uma construção classificadora.

Meir (2006), trata das propriedades morfológicas de quatro campos semânticos – espaço, posse, tempo, identificação – na Língua de Sinais Israelense para mostrar que os campos semânticos, nesta língua, possui propriedades morfológicas distintas, no que tange aos verbos. Para tal, ela argumenta que há muitas línguas orais que fazem uso de marcadores morfológicos para representar as noções de aspecto e modo, como as línguas russa e hebraica, destacando o paralelismo existente entre morfologia e semântica.

Neste sentido, a partir da Língua de Sinais Israelense, a autora defende que as propriedades morfológicas dos verbos podem ser determinadas pelo campo semântico no

qual esses verbos são empregados. Assim, a espacialidade nas línguas de sinais, por meio da locação, especifica os argumentos do verbo. É a direção do movimento que aponta para duas locações distintas no percurso do movimento do verbo, de forma que temos uma locação inicial e uma locação final como elementos que compõem o sistema referencial das línguas de sinais para compreendermos as diversas propriedades morfológicas em cada campo semântico.

No caso dos referentes nominais, a apontação ou o direcionamento do olhar para o local em que o referente foi localizado inicialmente no espaço são estratégias anafóricas e pronominais. Da mesma forma, há verbos que fazem uso de um sistema espacial referencial para estabelecer os argumentos de origem e alvo. Assim, o movimento do verbo em uma trajetória específica no espaço, de um ponto a outro, indica os argumentos do verbo.

Há dois campos semânticos presentes nos verbos – espacial e de posse – que utilizam o sistema espacial referencial de forma semelhante. A diferença entre eles consiste na utilização, efetiva, do espaço sintático. O campo semântico espacial adota o espaço como uma representação análoga ao mundo real, pautado na continuidade. Já o campo semântico de posse faz uso discreto do espaço, como em subpartes. Abaixo, temos uma descrição do comportamento morfológico dos verbos nesses dois campos semânticos, destacados por Meir (*idem*):

1. Variações fonéticas: as variações nas formas do sinal APONTAR são concebidas como variações fonéticas dos pronomes;
2. Expressão de relações espaciais: as formas locativas representam relações espaciais enquanto as pronominais pessoas não apresentam essa propriedade espacial.
3. O espaço entre dois referentes espaciais: quando dois pronomes locativos são localizados no espaço em pontos distintos, deve haver um espaço vazio entre eles, de forma que este espaço seja significativo ao ponto de ser mencionado no discurso depois. No caso dos pronomes pessoais, o espaço entre eles não possui qualquer significado.
4. Apresentando um novo lócus: quando um terceiro pronome locativo é inserido no espaço, deve-se levar em consideração os pontos em que os dois primeiros locativos foram estabelecidos bem como as relações entre eles.
5. Modificação do movimento na trajetória: os verbos espaciais podem sofrer mudanças na trajetória do seu movimento, com a finalidade de representar o percurso espacial de uma entidade. Em contrapartida, os verbos de posse não podem sofrer mudanças no percurso do seu movimento. Assim, verbos como ENVIAR, DIZER,

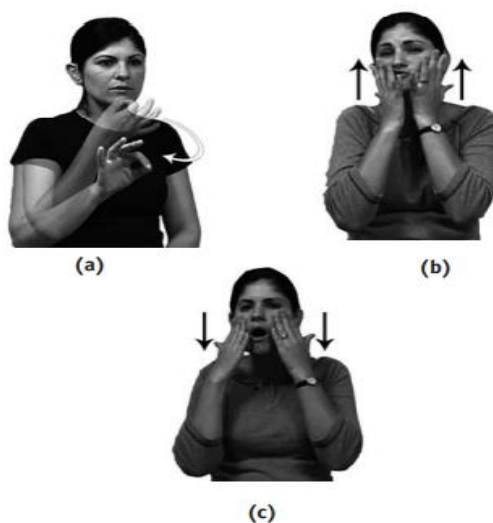
PERGUNTAR não podem ter seus movimentos modificados porque o movimento é intrínseco aos sinais, ou seja, é lexicalizado nos sinais.

6. A relação entre a trajetória e os referentes espaciais: no campo semântico espacial, o percurso de movimento deve ser completo de um ponto A até B. Caso contrário, entende-se que a entidade não alcançou o alvo. Assim, haveria uma mudança no significado do sinal pelo fato de trajetória do movimento não ter sido completada. No caso dos verbos de posse, uma mudança na trajetória do movimento não altera o significado.

O terceiro campo semântico trazido por Meir (*ibidem*) é o campo temporal. Os conceitos temporais são ancorados no espaço nas línguas de sinais por meio de preposições espaciais e verbos de movimento. Pelo fato de as línguas de sinais serem de natureza espacial, as noções espaciais e temporais podem ser materializadas na própria forma dos sinais. Várias línguas de sinais fazem uso, por exemplo, de uma linha temporal imaginária, em que o sinalizador constrói a referência temporal de forma contínua e progressiva, conceituando o presente bem na sua frente, o passado atrás do ombro ou do rosto e o futuro em uma projeção mais a sua frente.

O quarto campo semântico é o de identificação, em que há mudanças de estado nos verbos, como acontece nos verbos ENRUBESCER (a), AVERMELHAR (b) e MELHORAR (c), na Língua de Sinais Israelense, como vemos nas figuras abaixo:

**Imagem 8** – Verbos de mudança de estado, na Língua de Sinais Israelense



**Fonte:** Meir (2006, p. 112).

Nesses verbos, há uma codificação do estado final que o argumento do verbo denota por conta da mudança pela qual passou. Assim, o verbo AVERMELHAR indica a condição final gerada pelo estado que o verbo possibilita, que é a situação de estar vermelho. Não há qualquer possibilidade de esta mudança de estado significar mudar de amarelo para vermelho, por exemplo. Obrigatoriamente, a mudança se constrói na direção de mudança de um não estado para um estado, ou seja, de não estar vermelho para estar vermelho.

Nesses verbos, a mudança de propriedade está representada conceitualmente por uma mudança na locação, pois a noção de mudança de estado está alicerçada na experiência de movimento ao longo de um percurso específico, em que a mudança do estado implica, também, na mudança na locação durante a execução do movimento.

Diante disso, a autora resume as propriedades morfológicas dos campos semânticos, conforme o Quadro 5:

**Quadro 7** – Propriedades morfológicas dos campos semânticos

|                  | Uso do espaço                           | Loci-R     |
|------------------|-----------------------------------------|------------|
| Espacial         | Contínuo, Semelhante                    | Locações   |
| De posse         | Descontínuo                             | Referentes |
| Temporal         | Consiste de eixos                       | *****      |
| De identificação | *****<br>(sem uso direcional do espaço) | *****      |

**Fonte:** Meir (2006, p. 114)

Neste Quadro, vemos que os quatro campos semânticos – espacial, de posse, temporal e de identificação – são representados morfológicamente através do espaço e de Loci-R, o qual é locação do referente no espaço. Percebemos que o uso do espaço é concebido no nível morfológico, embora possamos dizer a partir de Lidell (2003) que o espaço está mais para o nível sintático.

Assim, reconhecemos a impossibilidade de restringir o uso do espaço a um nível gramatical específico, visto que a estrutura argumental do verbo bem como as relações referenciais de anáfora e pronominalização são construídas na interface entre morfologia e sintaxe, dada a natureza visual-espacial das línguas de sinais.

Ressaltamos que isso poderia indicar a forma abstrata e ontológica que as pessoas surdas enxergam o mundo, bem como o que é mais representativo em sua experiência através de como a língua codifica tais experiências.

Ao observarmos o uso do espaço em cada campo semântico, notamos que a utilização deste espaço corresponde conceitualmente às operações cognitivas de continuidade, descontinuidade, partição e ausência. Assim, argumentamos que a própria forma que o espaço é explorado representa como as pessoas surdas compreendem a realidade do mundo conceitual/de significado:

- a) o campo semântico espacial é explorado a partir da continuidade, dada a natureza dos verbos como ações progressivas, contínuas;
- b) o campo semântico de posse opera de forma oposta ao espacial, pautado na descontinuidade, por conta da materialização dos referentes;
- c) o campo semântico temporal está organizado em eixos, como uma projeção cronológica do que está culturalmente convencionalizado acerca do tempo;
- d) o campo semântico de identificação não apresenta qualquer representação espacial, visto que a noção de identificação está pautada na ideia de propriedades que são intrínsecas à natureza das entidades e à caracterização dos estados.

Em face dessas quatro observações que colocamos acima, destacamos a interface entre morfologia e semântica, entre sintaxe e morfologia e entre sintaxe e semântica, na forma que os parâmetros fonológicos são empregados para representar os conceitos de valência, de pronominalização, de posse, de anáfora, de referência, de estado. Assim, nas línguas de sinais, os níveis gramaticais não existiriam por si mesmos, mas em sua relação uns com outros como uma representação da ontogênese linguística dos indivíduos surdos.

Outra questão tipológica presente na semântica das línguas de sinais são os fenômenos de dêixis e anáfora, os quais destacamos inicialmente nesta seção, sendo aprofundados neste momento. Pizzuto et al (2006) mostram que as estruturas dêíticas e anafóricas, nas línguas de sinais, visam orquestrar a coesão textual para que os sinalizadores possam introduzir os referentes no discurso (dêixis) e retomá-los (anáfora).

A partir de Cuxac (2000); Liddell (200), Lillo-Martin e Klima (1990), McBurney (2002), Rathmann e Mathur (2002) há uma uniformidade nas línguas de sinais, no que tange às apontações manuais e visuais para estabelecer os referentes no espaço, em espaços especificamente marcados. Desta forma, o sinalizador pode localizar um referente no espaço através da apontação manual ou visual ou pode fazer uma alteração

morfológica na locação em que o sinal foi realizado. A anáfora, por sua vez, é construída ao se apontar novamente para a locação em que o referente foi posto.

Além dos padrões manual de apontação e não manual de direcionamento do olhar, as línguas de sinais apresentam estruturas altamente icônicas para os fenômenos de dêixis e anáfora, a saber 1) os classificadores, que são formas manuais cujas as relações entre o referente e o sentido são perceptualmente salientes ; e 2) o recurso da troca de papéis, em que são utilizadas determinadas expressões faciais, ou movimentos na cabeça e no tronco, direcionando o corpo para a locação em que o referente foi colocado (PIZZUTO et al, 2006).

Neste sentido, já podemos perceber que tanto a dêixis quanto a anáfora se constroem na interface, visto que os pronomes se materializam no espaço sintático, e que há dois parâmetros produtivos para isso – a locação e as expressões não manuais. Também podemos destacar que a semântica, neste caso, envolve essas relações, unindo-as, abraçando-as, em face da iconicidade latente nesses fenômenos.

Na imagem abaixo, vemos um exemplo que ilustra a dêixis e a anáfora na Língua Italiana de Sinais. Em 1a, temos o sinal nominal COLEGA, introduzido deiticamente pelo sinalizador. Em 1c e 1d, notamos a retomada anafórica por meio de duas estratégias: 1) o sinal COLEGA é realizado novamente, mas em uma posição não marcada, ou seja, no espaço neutro (1c); 2) uma segunda apontação (1d).

**Imagem 9** – Exemplo de dêixis e anáfora na Língua Italiana de Sinais



**Fonte:** Pizzuto *et al* (2006, p. 142).

Há, então, um padrão de referência anafórica e dêitica, considerado como algo universal nas línguas de sinais, visto que estruturas como a que está posta na imagem acima são encontradas em outras línguas de sinais, de forma que mudanças morfológicas são identificadas em alguns tipos de verbos, gerando alterações nas locações no espaço.

Passemos agora para outro fenômeno inserido no campo da semântica – a iconicidade. Para Cuxac (1985; 1996; 2000), a iconicidade é que propicia que as experiências perceptuais dos indivíduos surdos em relação ao mundo físico sejam codificadas, o que dialoga intimamente com a Semiótica. As línguas de sinais possuem uma especificidade que as línguas orais não apresentam na construção do significado que são as Estruturas Altamente Icônicas (EIA) ou Transferências; ou através do léxico padrão ou da apontação.

Assim, as línguas de sinais apresentam a capacidade de “dizer e mostrar”, no caso das EIAs e de “dizer sem mostrar”, no caso do léxico padrão. Isso evidencia como se dá o processo de construção do significado – ilustrando ou não ilustrando aquilo que se diz. Quando o sinalizante escolhe ilustrar seu discurso, diz-se que ele o faz por meio de operações denominadas Transferências, as quais são compreendidas como vestígios de “operações cognitivas por meio das quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tetradimensional do discurso sinalizado (as três dimensões do espaço acrescidas da dimensão tempo)” (PIZZUTO et al, 2006, p. 143).

Os elementos manuais que compõem essas estruturas de Transferência são chamados de “proformas” e não apenas de classificadores, visto que há uma diferença conceitual substancial entre essas duas nomenclaturas. Os classificadores são tidos como componentes puramente manuais enquanto as “proformas” abarcam aspectos articulatórios juntamente com padrões específicos da direção do olhar como representações icônicas da construção tanto no plano do discurso quanto no plano da gramática nas línguas de sinais.

Cuxac (1985; 2000) propõe três tipos basilares de Transferências, a saber: 1) transferência de forma e tamanho, as quais visam propiciar a descrição tanto de indivíduos quanto de objetos, por meio de proformas, além do direcionamento do olhar às mãos e à expressão facial, que especifica a forma; 2) transferências de situação, em que há a combinação do movimento do objeto em relação a uma locação fixa, de forma que parece que uma cena é descrita a uma certa distância de um observador, havendo, ainda, a direção do olhar à mão dominante e uma expressão facial que coaduna com o agente; 3) transferências de pessoa, a qual incide sobre um papel ativo ou passivo, ou um processo, de maneira que há a transformação do sinalizante na própria entidade ou ação a qual ele se refere. Observemos as figuras abaixo:

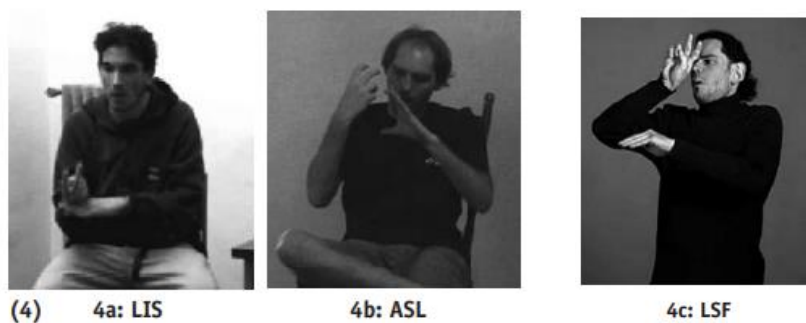


**Figura 13** – Exemplo 1 de proforma

Fonte: Pizzuto *et al* (2006, p. 145).

**Figura 14** – Exemplo 2 de proforma

Fonte: Pizzuto *et al* (2006, p. 145).

**Figura 15** – Exemplo 3 de proforma

Fonte: Pizzuto *et al* (2006, p. 145).

Para exemplificar 1), há o sinal padrão ÁRVORE, em 2a. Em 2b e 2c, há a descrição da forma física da árvore com uma expressão facial correspondente e o direcionamento do olhar para a locação onde a árvore foi fixada no espaço de sinalização. Para exemplificar 2), há o sinal padrão CAVALO, em 3a e as características manuais e

não manuais (expressão facial, olhar, corpo e mãos) que representam a entidade cavalo, em 3b.

Para exemplificar 3), há 3 proformas extraídos de narrativas na Língua Italiana de Sinais (LIS), na Língua Americana de Sinais (ASL) e na Língua Francesa de Sinais (LSF), os quais descrevem a queda de um cachorro da janela (4a e 4b) e um cavalo saltando uma cerca (4c), de maneira que a mão dominante representa o agente e o processo do cachorro caindo e do cavalo saltando, enquanto a mão não dominante representa o locativo e o objeto envolvido na ação locativa. Vale ressaltar que em 4a, 4b e 4c há a presença de uma expressão facial correspondente.

Notamos que, embora o autor não reconheça isso, há um padrão restritivo no tocante aos espaços sintáticos explorados nas construções proformas, nos três tipos de transferência: o sinal padrão é feito no espaço real ou token enquanto os proformas são feitos no espaço sub-rogado, ou seja, a postura corporal que é destacada como um elemento articulatório seria, na verdade, o uso do espaço sintático, o que indicaria uma interface entre morfologia e sintaxe.

Neste sentido, percebemos a diferença entre a noção de proformas e de classificadores – os proformas combinam os parâmetros fonológicos, especificamente, configuração de mão, movimento e expressão facial com determinadas restrições do uso do espaço sintático das línguas de sinais, enquanto os classificadores especificam tipos de configuração de mão e de orientações da palma mão, que são elementos puramente manuais.

### 3 TIPOLOGIA DA LIBRAS

Buscamos dissertações e teses nos Programas de Pós-Graduação em Letras, Linguística e Estudos da Linguagem das universidades federais do Brasil, a fim de compreendermos os percursos teóricos das pesquisas tipológicas acerca da Libras. Para tal, utilizamos os descritores *Libras*, *tipologia* e *gramática* nos programas em que havia a aba para refinar a busca. Nos programas em que não havia esta aba, lemos os títulos de cada trabalho para selecionar os que se enquadravam na nossa temática.

Entendemos que o banco de teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação são uma fonte de dados para percebermos os rumos das pesquisas linguísticas, visto que as Universidades Federais se configuram como centros de pesquisa por meio desses Programas. Afinal, as Universidades funcionam sob o tripé ensino-pesquisa-extensão.

Das sessenta e sete Universidades Federais em nosso país, cinquenta e duas possuem Programas de Pós-Graduação em uma das áreas que citamos acima e dezesseis não possuem Programas nessas áreas. Dessas cinquenta e duas, trinta e duas não apresentam qualquer pesquisa que se enquadra em um estudo tipológico ou gramatical acerca da Libras e vinte apresentaram dissertações e teses nesta temática.

Desses vinte Programas que possuem pesquisas sobre a temática, dois não conseguimos acessar o banco de dados por estar com algum erro no sistema ou pelo banco de dados ainda estar em construção, os quais foram o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal Fluminense (UFF); e o Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), respectivamente.

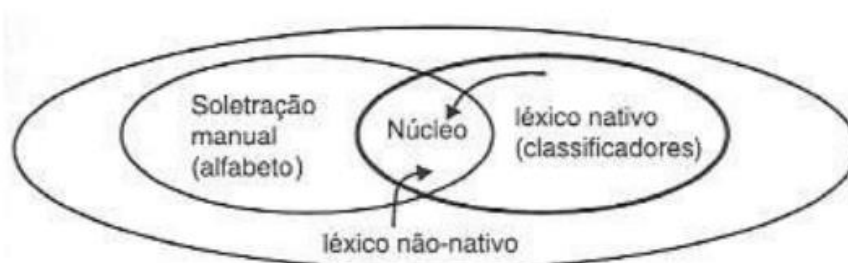
Encontramos, então, dezoito Programas de Pós-Graduação em Letras, Linguística ou Estudos da Linguagem, totalizando quarenta e quatro dissertações e teses que tratam da tipologia ou da estrutura e do funcionamento de algum aspecto da gramática da Libras. Percebemos que a maioria dos trabalhos se debruçam sobre questões morfológicas e sintáticas.

As pesquisas que tratam, especificamente, da tipologia da Libras são as de Pizzio (2011), Pêgo (2021), Oliveira (2018), Chaibue (2013), Carneiro (2020), Mendonça (2012). Apresentamos um resumo dessas pesquisas por se enquadrarem em um viés claramente tipológico que é o foco desta tese. Nas demais pesquisas, buscamos identificar e descrever o padrão tipológico de acordo com os níveis gramaticais e com os fenômenos que estão nas interfaces.

O trabalho tipológico de Pizzio (2011) toma como base a proposta de Supalla e Newport (1978) acerca da ASL para apresentar os elementos que possibilitam a distinção entre nomes e verbos na Libras, o qual está centrado em padrões de movimentos específicos para nomes e para verbos. De maneira geral, a autora aplica esta generalização à Libras, embora tenha verificado que o padrão proposto para a ASL não poderia ser encontrado em todos os pares de verbos na Libras, o que a motivou a realizar testes em busca da proposição de um padrão para a Libras.

Para tal, a autora evoca os trabalhos acerca das línguas de sinais e suas aplicações à Libras através de Quadros e Karnopp (2004), as quais defendem que o sistema gramatical da Libras é complexo, em face das propriedades específicas para esta língua que não estão presentes nas línguas orais. Elas destacam que isso é fruto do processo de formação dos sinais que são não-concatenativos, isto é, vários movimentos e contornos no espaço de sinalização são agregados à raiz ao invés do acréscimo de afixos como acontece nas línguas orais. Desta forma, o léxico na Libras é formado de acordo com o Esquema 8:

**Esquema 8** – Composição do léxico da Libras



**Fonte:** Pizzio (2011, p. 76).

No Esquema 8, vemos que o **léxico da Libras** é formado pelo léxico nativo, compreendido como as estruturas de classificadores, e o léxico não nativo, compreendido com as palavras da língua portuguesa que são soletras manualmente. Há, ainda, palavras em português que eram soletradas manualmente, mas que passaram por uma redução e se transformaram em sinais na Libras, como o sinal SOL e NUNCA. Neste sentido, já notamos que podem haver determinados parâmetros fonológicos que seriam mais produtivos na formação dos sinais, especificamente 1) na construção do léxico nativo, entendendo os classificadores como estruturas morfológicas de alto nível de complexidade e que apresentariam a interface morfologia-sintaxe como destacamos na

secção 2.1.3; e 2) na construção do léxico não nativo, por meio da manutenção de alguma configuração de mão alfabética e uma mudança no movimento. Vemos, então, indícios de que, na Libras, o léxico seria formado na interface morfologia-sintaxe.

Quanto aos processos de **composição e derivação**, Quadros e Karnopp (2004) destacam que a derivação acontece na mudança de categoria morfológica do sinal, quando deixa a categoria de verbo e passa a integrar a categoria de nome, através da mudança de um padrão de movimento; enquanto a composição acontece através de três regras morfológicas descritas para a ASL que também são aplicadas à Libras.

Na **derivação**, a produção do verbo é marcada por um movimento único e longo enquanto a produção do nome é marcada por um movimento curto e repetido (Figura 16). Na **composição**, as regras morfológicas são: 1) a regra de contato, em que os sinais compostos devem apresentar algum tipo de contato no movimento, seja em algum ponto no corpo do sinalizador ou na mão não dominante como no sinal ESCOLA (Figura 17); 2) regra de sequência única, em que há a eliminação da repetição do movimento, como no sinal PAIS (Figura 18); 3) regra de antecipação da mão não dominante, em que a mão não dominante antecipa a formação do sinal que é formado por dois sinais, como no sinal BOA NOITE (Figura 19).

**Figura 16** – Exemplo de derivação



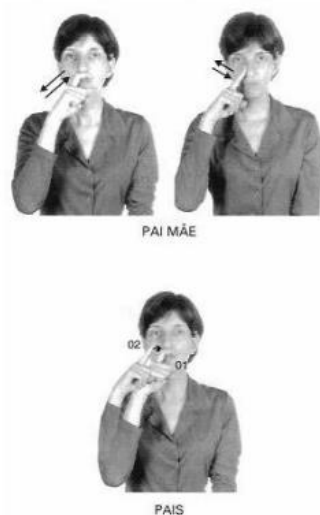
**Fonte:** Pizzio (2011, p. 78).

**Figura 17** – Sinal ESCOLA



**Fonte:** Pizzio (2011, p. 79).

**Figura 18** – Sinais PAIS, formado pelos sinais PAI e MÃE



**Fonte:** Pizzio (2011, p. 79).

**Figura 19** – Sinal BOA NOITE, formado pelos sinais BOM e NOITE



**Fonte:** Pizzio (2011, p. 78)

Felipe (2006), por sua vez, concebe a composição como a justaposição ou aglutinação de morfemas livres que possibilitam a formação de novos itens lexicais, a

qual acontece de três formas: 1) justaposição de dois sinais que formam um terceiro sinal (CASA+ESTUDAR=ESCOLA); 2) justaposição de um classificador com um sinal (coisa pequena+PERFURAR=ALFINETE); 3) justaposição da palavra em português feita em datilologia com o sinal que referencia a ação praticada pelo substantivo, a qual seria seu caso instrumental (COSTURARCOMAAGULA^A-G-U-L-H-A=AGULHA).

A partir disso, supomos que tanto na derivação quanto na composição é a proeminência dos parâmetros movimento e locação que gera esses fenômenos morfológicos. Vemos que pode haver indícios de uma interface entre morfologia e semântica por conta da iconicidade latente nesses dois fenômenos que, aparentemente, estariam restritos ao nível morfológico, pois como expusemos na secção 2.1.2, Johnston (2006) defende que a iconicidade está presente na derivação.

Na composição, notamos que as regras morfológicas adotadas para a Libras (QUADROS; KARNOPP, 2004) evidenciam que movimento e locação, especificamente no corpo do sinalizador ou na mão não dominante, seriam mais produtivos em face de sua motivação semântica – a iconicidade presente nesses sinais faz com que haja mudanças nesses dois parâmetros para gerar um novo significado nos compostos. Além disso, aquilo que se denomina antecipação da mão não dominante, defendemos que seria, na realidade, a obrigatoriedade da mão não dominante dada à sua iconicidade como atestamos em Máximo (2016), destacando mais um a vez a interface morfologia-semântica.

Já na proposta de Felipe (2006), notamos que não ficam claros quais parâmetros seriam mais produtivos no processo de composição, visto que a concepção acerca deste fenômeno recai sobre a noção de item lexical (sinal) como um morfema, cuja combinação de dois sinais, de um classificador e um sinal, ou um sinal e datilologia é o que viabiliza a composição, de maneira que desmembrar o sinal em outros morfemas é impossível, pois o próprio sinal já é o morfema. Isso seria um indício de que a morfologia da Libras se aproxima mais do funcionamento de uma língua isolante, como defendemos de forma mais direta na secção 5.

Sobre os aspectos de **número e de negação**, Quadros e Karnopp (2004) destacam que há o fenômeno da incorporação, no qual o número até quatro é incorporado ao sinal e a negação é incorporada ao verbo, respectivamente, como vemos nas figuras 33 e 34, reconhecendo a limitação da incorporação ao número de dedos.

Nesses exemplos, observamos que os parâmetros configuração de mão e movimento reforçam a iconicidade intrínseca aos numerais (PALFREYMAN, 2017), e

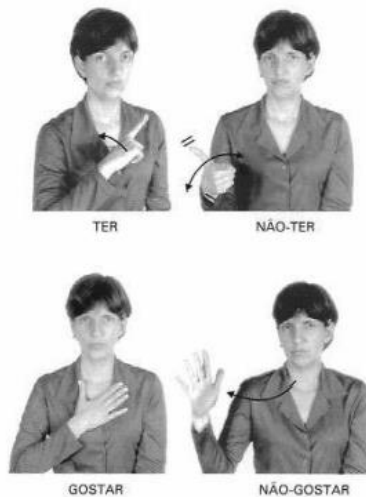
que, na negação, há correspondência entre os domínios semânticos e seus respectivos verbos (ZESHAN, 2004), marcando a interface morfologia-semântica, mais uma vez.

**Figura 20** – Incorporação de numeral



**Fonte:** Pizzio (2011, p. 80).

**Figura 21** – Incorporação de negação nos verbos



**Fonte:** Pizzio (2011, p. 80).

Quadros e Karnopp (2004) propõem **processos de flexão** para a Libras, a partir de Klima e Bellugi (1979), a saber as flexões de:

“pessoa (dêixis): flexão que muda as referências pessoais no verbo; número: flexão que indica o singular, o dual, o Trial e



o múltiplo; grau: apresenta distinções para ‘menor’, ‘mais próximo’, ‘muito’, etc; modo: apresenta distinções, tais como os graus de facilidade; reciprocidade: indica relação ou ação mútua; foco temporal: indica aspectos temporais, como ‘início’, ‘aumento’ ‘progresso’, etc; aspecto temporal: indica distinções de tempo; como ‘regularmente’, ‘incessantemente’, ‘continuamente’, etc; aspecto distributivo: indica distinções como ‘cada’, ‘alguns especificados’, ‘alguns não-especificados’, ‘para todos’, etc.” (PIZZIO, 2006, p. 81).

Nos tipos de flexão descritos acima, vemos indícios da interface morfologia-semântica, pois os parâmetros movimento e locação fazem com que questões morfológicas relacionadas ao aspecto tenham correspondentes semânticos, conforme a figura abaixo, de maneira que as mudanças simultâneas no movimento e na locação apontam a para mudanças de estado:

**Quadro 8** – Mudanças de aspecto e seus correspondentes semânticos

| Pares de Modulação     | Reduplicado | Regular | Tenso | Final Marcado | Rápido | Alongado |                    |
|------------------------|-------------|---------|-------|---------------|--------|----------|--------------------|
| Predisposicional       | +           | +       | -     | -             | +      | +        | Estado transitório |
| Susceptível/frequência | +           | +       | -     | +             | +      | +        | Mudança de estado  |
| Contínuo               | +           | -       | +     | -             | -      | +        | Estado transitório |
| Iterativo              | +           | -       | +     | +             | -      | +        | Mudança de estado  |
| <i>Protractive</i>     | -           |         | +     |               |        | -        | Estado transitório |
| Incessante             | +           | -       | +     | +             | +      | -        | Mudança de estado  |
| Intensivo              | -           | +       | +     | +             | +      | +        | Estado transitório |
| Resultativo            | -           | -       | +     | +             | -      | +        | Mudança de estado  |

**Fonte:** Pizzio (2011, p. 55).

Além disso, Felipe (2006) mostra que há quatro processos de formação de palavras na Libras, mediante mudanças na raiz, as quais acontecem pelo acréscimo de afixos ou por uma mudança interna no sinal, propondo cinco mecanismos para isso: 1) flexão referente à pessoa do discurso, através da direcionalidade do movimento dos verbos; 2) flexão de aspecto, em que informações sintáticas e discursivas são inseridas

através da mudança na frequência ou na velocidade do movimento; 3) flexão de gênero quando há mudanças na configuração da mão, tendo a função de classificador; 4) incorporação de numeral quando os numerais até quatro são representados nas configurações de mão; e 5) incorporação do advérbio intensificador MUITO que gera uma mudança no movimento para intensificar a ação representada pelo verbo.

Sobre os processos miméticos ou icônicos, Felipe (2006) argumenta que acontece uma transformação da “mímica em uma forma linguística que representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração sónica e da sintaxe da língua” (p. 205). Ela diferencia esses processos do que se compreende como classificadores, pois não é uma gramaticalização e sim um processo puramente mimético, como é o caso dos verbos SALTITAR, CAMBALEAR e DESFILAR, os quais derivam do verbo ANDAR.

Na proposta de Felipe, podemos perceber que a flexão é um fenômeno que acontece na interface morfologia-sintaxe, no caso dos verbos, e morfologia-semântica no caso dos nomes através dos parâmetros movimento-locação e movimento-locação-configuração de mão.

Tendo como base essas questões morfológicas apresentadas, Pizzio (2011) fez testes com pares de nomes e verbos em dicionários de Libras e ainda submeteu os pares aos voluntários surdos, com vistas a identificar o que distingue nomes de verbos, na Libras.

Nos três dicionários consultados, ela concluiu que havia 1) pares que não estavam presentes em todos os dicionários; 2) pares que possuíam a mesma forma em pelo menos um dos dicionários; 3) pares que possuíam a mesma representação dos três dicionários analisados por ela; 4) pares que se distinguiam apenas pelo número de repetições do movimento; 5) pares que apresentavam uma diferença na descrição do movimento, especificando que o nome possuía um movimento curto e repetitivo enquanto o verbo possuía um único movimento longo; 6) pares que se distinguiam totalmente em sua realização; 7) pares que apresentavam sinal composto; 8) pares que se distinguiam por outros aspectos. Diante disso, ela percebeu que a generalização proposta por Supalla e Newport (1978) não podia ser aplicada à Libras em todos os pares de nomes e verbos.

Nos testes realizados com os voluntários, a autora percebeu que 1) havia uma diversidade na realização dos pares, gerando uma dificuldade na identificação de um padrão que fosse comum a todos os pares de nomes e verbos que ela analisou; 2) o parâmetro movimento foi o que possibilitou o agrupamento dos pares analisados, apesar da generalização de Supalla e Newport (*idem*) não poder ter sido aplicada, visto que nem

todos os sinais se encaixavam no padrão proposto de que os verbos possuíam movimento longo e único e de que os nomes possuíam movimento curto e repetitivo; 3) diversidade na formação de compostos.

Vale ressaltar que no caso 2), o motivo que impossibilitava a aplicação da generalização estava no campo estritamente fonológico, em face do tipo de movimento, ou seja, movimentos circulares e alternados que caracterizavam alguns nomes e verbos não poderiam sofrer alterações. Já nos casos 1) e 3), a diversidade na realização dos sinais se deu pela quantidade de possibilidades de realização, pela ausência efetiva de uma diferenciação e pela diferenciação por meio da oralização quando o indivíduo articula oralmente a palavra – nome ou verbo – que se refere ao sinal que ele está fazendo.

Desta forma, vemos que um olhar que considere a forma que as relações gramaticais se organizam nas interfaces pode nos ajudar a elucidar fenômenos como este, buscando um padrão tipológico para a Libras que abarque tanto as características que singularizam os fenômenos quanto a ausência delas, reconhecendo o que há e o que, efetivamente, não há na Libras a partir de situações de usos reais da língua.

O segundo trabalho sobre tipologia é o de Pêgo (2011) e busca descrever o papel das **articulações-boca** no sistema gramatical da Libras e propor uma categorização baseada na forma, no tempo de coocorrência do sinal manual e na função. Para isso, ela resgata os autores que tratam das expressões não-manuais de natureza gramatical, como Coulter (1978); Woll (1981); Engberg-Pedersen (1990); Sandler (1999); Sutton-Spence e Woll (2006); Pfau; Quer (2010).

A autora diferencia as expressões não-manuais afetivas das linguísticas como podemos ver no Quadro 9:

**Quadro 9** – Resumo das principais diferenças entre as expressões não-manuais afetivas e linguísticas.

| Expressões Faciais Linguísticas                                                                                                                                                    | Expressões Faciais Afetivas                                                                                                                                                                                                     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ocorrem condicionadas aos elementos linguísticos.                                                                                                                                  | Ocorrem independentemente de elementos linguísticos (emoções são expressas pelo olhar, postura, gestos).                                                                                                                        |
| Possuem comportamento fixo e exigido em um momento específico (SANDLER; LILO-MARTIN, 2001).<br>Claro, rápido e padrão específico de início-fim (CORINA <i>et al.</i> , 1999).      | Possuem intensidade, duração e ocorrência variáveis (REILLY, 2006).<br>Inconsistentes e inconstantes em seu início e nos padrões de deslocamento e na sua forma ápice (CORINA <i>et al.</i> , 1999).                            |
| Início e fim passível de previsão (CORINA <i>et al.</i> , 1999).                                                                                                                   | Não há como delimitar ou prever seu início e fim (CORINA <i>et al.</i> , 1999).                                                                                                                                                 |
| Mediadas pelo hemisfério cerebral esquerdo, que envolve aspectos linguísticos, como a morfologia e a sintaxe (tanto para as línguas orais como para as de sinais). (REILLY, 2006). | Mediadas pelo hemisfério cerebral direito (em adultos). (REILLY, 2006).                                                                                                                                                         |
| Assumem funções linguísticas específicas (por exemplo, funções sintáticas, condicionais, relativas e adverbiais). (CORINA <i>et al.</i> , 1999).                                   | Não assumem funções gramaticalmente determinadas (CORINA <i>et al.</i> , 1999).                                                                                                                                                 |
| Exigidas pela gramática (REILLY; MCLNTIRE; BELLUGI, 1990).                                                                                                                         | Opcionais (REILLY; MCLNTIRE; BELLUGI, 1990).                                                                                                                                                                                    |
| Fazem uso de músculos faciais individuais (CORINA <i>et al.</i> , 1999); (BAKER; PADDEN, 1978); (LIDDELL, 1980); (REILLY; MCLNTIRE; BELLUGI, 1990).                                | Não há especificidade no recrutamento muscular (CORINA <i>et al.</i> , 1999); (BAKER; PADDEN, 1978); (LIDDELL, 1980); (REILLY; MCLNTIRE; BELLUGI, 1990).                                                                        |
| Aquisição, pelas crianças surdas, de marcadores faciais de forma semelhante aos sinais considerados lexemas ou morfemas (CAMPOS <i>et al.</i> , 1983).                             | Bebês surdos/CODAs e bebês ouvintes, até o final de seu primeiro ano, sempre utilizam expressões faciais afetivas universais, tanto para expressar quanto para interpretar os estados emocionais (CAMPOS <i>et al.</i> , 1983). |

**Fonte:** Pêgo (2011, p. 36,37).

No Quadro 7, percebemos que as expressões não-manuais linguísticas apresentam elementos fonético-articulatórios relacionados aos próprios movimentos faciais e corporais, como destaca Crasborn (2012), e elementos gramaticais que indicam a sua construção interfática quando a autora reconhece que tais expressões dependem de determinados condicionantes linguísticos fora da fonologia; que possuem função sintática; e que apresentam início e fim, o que nos faz que supor que a duração da expressão não-manual dependeria da duração do movimento do sinal, dada à simultaneidade latente nas línguas de sinais.

A associação da duração da articulação-boca à duração do movimento do sinal é corroborada por Pêgo (2011) quando ela propõe a classificação da articulação-boca em relação ao tempo no qual coocorre com os sinais manuais, seja de maneira síncrona (a

articulação-boca acompanha a duração do movimento do sinal), reduzida (a articulação-boca é reduzida por conta da redução do movimento do sinal) e estendida (a articulação-boca se estende por mais sinais manuais, influenciando-os), sobreposta (a articulação-boca se sobrepõe aos sinais que não estão ligados à ela semanticamente), independente (a articulação-boca acontece sem estar associada ao sinal manual).

Nessas cinco realizações da articulação-boca em relação ao tempo de duração, é notório que a articulação-boca depende do movimento do sinal em quatro delas, ou seja, haveria uma relação direta entre a expressão não-manual, especificamente, a articulação da boca, e o movimento do sinal, entendendo que o parâmetro movimento estaria presente na maioria das relações de interface como temos destacado ao longo de nossa revisão bibliográfica.

Nas línguas de sinais e na Libras, as articulações-boca funcionam para 1) desfazer a ambiguidade, para complementar ou para especificar itens lexicais; 2) preencher lacunas lexicais; 3) realizar modificações em adjetivos e advérbios; 4) desenvolver a negação; 5) atuar na derivação; 6) possibilitar a especificação de sujeitos ou agentes nos verbos que são classificadores; 7) vincular sujeitos aos verbos; 8) desenvolver um estilo de discurso (PÊGO, 2011). Consequentemente, vemos que as articulações-boca, como uma expressão não-manual, isto é, um parâmetro tido como fonológico, atua nos níveis morfológico, sintático e semântico, interligando-os.

O terceiro trabalho sobre tipologia é o de Oliveira (2018), o qual trata da distinção entre **aspecto lexical e aspecto gramatical na Libras**. Para tal, a autora tece uma reflexão sobre a categoria **Aspecto** nesta língua, a partir de Ferreira-Brito (1995), Finau (2004) e Silva (2010). Para Ferreira-Brito (1995), a categoria **Aspecto** está dividida em quatro. A primeira é o aspecto continuativo que está presente nos verbos não direcionais quando a ideia de continuidade é expressa através da repetição e do movimento circular mais alongado. A segunda é o aspecto pontual, o qual é expresso por meio de movimento curto, rápido e abrupto. A terceira é o aspecto durativo quando o movimento é mais alongado do que o movimento do aspecto pontual. A quarta é o aspecto habitual quando o verbo é repetido duas ou mais vezes.

Para Quadros e Karnopp (2004), o **Aspecto** é visto em seus elementos distributivos, organizando-os em três classes: 1) distributivos alternativos quando há a repetição do movimento para evidenciar a repetição exaustiva da ação, em si; 2) distributivo específico quando a ação é distribuída para referentes específicos; 3) distributivo não específico quando a ação é distribuída para referentes que não foram

determinados. Tais classes ainda apresentam flexões ligadas à forma e à duração do movimento, as quais apontam para a forma que a ação ocorre – incessante, ininterrupta, habitual, contínua, duracional.

Tanto na classificação de Ferreira-Brito (1995) quanto na de Quadros e Karnopp (*op cit*), notamos que é o parâmetro movimento, no que tange à duração e à repetição, que define a categoria **Aspecto**. Supomos que a locação também atua ao lado do movimento na representação desta categoria, pois há uma relação entre a ação, codificada pelo movimento do sinal, e os referentes, que normalmente são codificados por meio das locações a partir dessas classificações.

Finau (2004) mostra que o **Aspecto** é representado através da semântica dos verbos e dos seus respectivos argumentos, além da flexão gramatical realizada por meio do movimento, da configuração das mãos, da articulação dos braços e da expressão facial. Assim, para ela, há três tipos de aspecto na Libras: a) perfectivo que apresenta circunstâncias pontuais, isto é, que já tenha acabado; b) imperfectivo que apresenta circunstâncias mais prolongadas, sendo cessativas ou conclusivas quando a ação está em sua fase final, incoativas ou inceptivas quando a ação está em fase inicial e cursiva quando a ação está em progresso; e c) iterativo.

Silva (2010), por sua vez, diferencia o **Aspecto** perfectivo do imperfectivo associando-os às noções de significado télico e atélico, respectivamente, sem distinguir o aspecto gramatical do aspecto lexical, ao considerar que há uma convergência entre esses conceitos. De maneira geral, a autora estabelece que o aspecto lexical é definido por meio das propriedades semânticas dos verbos e seus argumentos, enquanto o aspecto gramatical é definido pelas marcas morfológicas do verbo.

Nas concepções dessas duas autoras, vemos que é a intersecção semântica-morfologia que constrói a noção de **Aspecto** pela combinação dos parâmetros movimento, locação e expressão não-manual, dada à estrutura morfossemântica dos verbos, especificamente, cuja iconicidade estaria representada nesses parâmetros por conta da estrutura argumental dos verbos, como vimos em Meir et al (2006), Schuit, Baker e Pfau (2011), na secção 1.2.4. Não há, portanto, uma distinção clara entre aspecto lexical e gramatical, em face da convergência acerca da percepção de perfectividade/telicidade e imperfectivida/atelicidade.

Diante disso, Oliveira (2018) busca demonstrar se há, de fato, a necessidade dessa diferenciação entre aspecto lexical e aspecto gramatical na Libras. Ela conclui que há uma

diferenciação entre esses aspectos e demonstra através do Quadro abaixo a recorrência dos resultados encontrados:

**Quadro 10** – Resumo dos resultados acerca da análise do aspecto na Libras

| ASPECTO LEXICAL    | RESULTADOS RECORRENTES                                                                                                                                                                                                      |
|--------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Telicidade         | Sinalizações com movimentos retos, abruptos, instantâneos e de menor duração e iconicidade.                                                                                                                                 |
| Atelicidade        | Repetição de sinais, prolongamento das sinalizações, reduplicação e iconicidade.                                                                                                                                            |
| ASPECTO GRAMATICAL |                                                                                                                                                                                                                             |
| Imperfectividade   | Sinais adicionais e expressões não manuais com prolongamento da sinalização e com noção de aumento/crescimento para cima, frente ou lado (com características icônicas), verbos com duração maior que sua forma infinitiva. |
| Perfectividade     | Expressões não manuais e faciais tensionados, sinais sem prolongamento ou repetição, verbos com duração menor ou próxima a sua forma infinitiva.                                                                            |

**Fonte:** Oliveira (2018, p. 70).

Neste quadro, notamos que a autora demonstra que o aspecto é desenvolvido pela relação movimento e expressões não-manuais, tanto no aspecto lexical quanto no gramatical. O que marca a telicidade é a duração reduzida do movimento e o que marca a atelicidade é a repetição do movimento no aspecto lexical; o que caracteriza a imperfectividade são as expressões não manuais prolongadas na sinalização; e o que caracteriza a perfectividade são as expressões manuais tensionadas, sem repetição ou prolongamentos. Ressaltamos, ainda, que a iconicidade é um elemento que perpassa o **Aspecto**, o que reforça a interface morfologia semântica neste fenômeno.

Assim, há uma relação de interdependência entre a atelicidade do aspecto lexical e a imperfectividade do aspecto gramatical, visto que as expressões não manuais prolongadas acompanham a duplicação do movimento enquanto a telicidade do aspecto lexical depende da perfectividade do aspecto gramatical, pois as expressões não manuais tensionadas estão ligadas ao movimento com menor duração, ou seja, embora Oliveira (2018) faça uma distinção entre esses dois aspectos, é inegável a convergência entre eles como a própria autora reconhece.

Isso nos faz supor que é a função que os parâmetros fonológicos assumem em outros níveis gramaticais que desfaz a necessidade de diferenciação entre os aspectos

lexical e gramatical, em face da latente interdependência entre movimento e expressões não-manuais para a construção do fenômeno **Aspecto** em um nível morfossemântico.

Talvez, os limites e as diferenciações estabelecidos para a língua portuguesa sejam improdutivos para a Libras, considerando, sobretudo, a iconicidade como um elemento ontogenético e cognitivo na forma que os indivíduos surdos percebem, compreendem, representam e codificam suas experiências de mundo por meio da língua.

O quarto trabalho sobre tipologia é o de Chaibue (2013) que busca investigar a aplicabilidade do **universal absoluto** de Greenberg (1966) de que todas as línguas distinguem nomes de verbos. A autora percebeu que a utilização do parâmetro movimento como elemento diferenciador de nomes e verbos é inconsistente, o que a fez recorrer a outros critérios para sustentar esta distinção morfológica.

Assim como Pizzio (2011), Chaibue (*op cit*) não consegue aplicar a generalização de Supalla e Newport (1978) proposta para a ASL de que é a padronização do movimento que distingue nomes de verbos. Por isso, ela traz os critérios semânticos de Givón (2001), a saber estabilidade temporal, complexidade, concretude, compacidade e contabilidade, para identificar os nomes e os critérios protótipos de instabilidade temporal, concretude, complexidade, difusão espacial, agentividade e atividade mental para os verbos.

Ela defende que os critérios semânticos são fundamentais para o estabelecimento dessas categorias morfológicas, visto que é o contexto semântico-pragmático que aponta para o enquadramento interpretativo do sinal como nome ou verbo. Em uma perspectiva tipológica-funcional, a autora ainda traz critérios gramaticais nos níveis morfológico e sintático, a fim de verificar como tais critérios aplicados às línguas orais podem ser transpostos para a Libras.

Os critérios gramaticais que ela apresenta são gênero, tempo/modo/aspecto e negação. Na Libras, a indicação do gênero depende do contexto pragmático, isto é, quando há necessidade de esta informação ser explicitada para a compreensão da situação exposta ao interlocutor. Para isso, usa-se os sinais HOMEM e MULHER.

As categorias tempo e modo, as quais são tipicamente verbais, também funcionam como no caso do gênero, dependendo da necessidade pragmática. Já as categorias aspecto e negação são manifestadas na morfologia verbal através dos parâmetros movimento e expressão não-manual. Outro critério gramatical são as construções predicativas nominais que acontecem por meio da realização do sinal É, verbo de ligação emprestado da língua portuguesa – embora seja menos recorrente na Libras – e por meio da justaposição de sinais.



A partir de Chaibue (2013), vemos, novamente, a limitação da generalização que diferenciaria nomes e verbos na Libras por meio do parâmetro movimento. Além disso, notamos a importância de um viés epistemológico para perceber as lacunas conceituais. A perspectiva tipológica-funcional e cognitiva trazida pela autora nos mostra a necessidade de olharmos para o funcionamento gramatical da Libras considerando a forma que as relações se constroem entre os níveis gramaticais, visto que o critério semântico-pragmático foi imprescindível para uma efetiva diferenciação entre as categorias lexicais nome e verbo.

O quinto trabalho sobre tipologia é o de Carneiro (2020) e visa realizar um estudo tipológico sobre a categoria gramatical **Número** nas línguas de sinais, a partir de amostras de dez línguas de sinais para apresentar os padrões de número para essas línguas, com manifestações intramodais e intermodais, as quais são produto de estudos comparativos entre línguas de sinais e entre línguas de sinais e línguas orais.

Há línguas de sinais que apresentam a categoria como opcional, cuja presença do número é geral, e outras como obrigatório. Quando a categoria número é opcional, a forma geral é equivalente a forma singular que é representada por zero. As categorias de número são singular, plural e dual com estratégias morfológicas e sintáticas correspondentes. Vale ressaltar que há a predileção do singular em detrimento do plural e do dual, o que indicaria que as línguas de sinais seriam isolantes no que tange à categoria número, diferentemente das línguas orais.

Ademais, o sistema de número das línguas de sinais é determinado fonologicamente. As formas trial e quaternal podem ser representadas através do que se chama de plural icônico, o qual acontece com o uso de uma pausa distintiva na replicação do singular. Nas estratégias morfológicas, há uma hierarquia implicacional, fazendo com que a utilização do *mouthings* seja a estratégia mais rara e reduplicação como a estratégia mais empregada. Ainda há a estratégia intramodal de arranjo do referente no espaço, o qual está expresso na categoria número.

Nas línguas de sinais analisadas por Carneiro (2020), as estratégias morfológicas encontradas para a categoria número são as utilizações do 1) nome + numeral; 2) nome + quantificador; 3) nome + verbos descritivos; 4) reduplicação com deslocamento; 5) reduplicação sem deslocamento; 6) *mouthings*; 7) zero; e 8) léxico.

Ele verificou que as estratégias sintáticas descritas em 1), 2) e 3) estão presentes em todas as línguas de sinais, correspondendo a justaposição de um nome e outro item

lexical. A estratégia 3) ainda abarca a reduplicação do verbo com deslocamento e a justaposição com sinais que indicam a apontação. Assim,

“As estratégias morfológicas para a marcação de número plural correspondem (i) à reduplicação com deslocamento, que abarca a (re)duplicação alternada, o movimento em varredura e a duplicação, (ii) à reduplicação sem deslocamento, (iii) ao mouthing e (iv) à marcação zero. Os verbos de indicação, através da articulação do sinal com movimento em varredura, bem como a reduplicação com deslocamento, também marcam número plural” (p. 119).

Carneiro (*op cit*) ressalta que a reduplicação apresenta restrições articulatórias e sintáticas nas línguas de sinais, em face da impossibilidade de a reduplicação acontecer em sinais ancorados no corpo, sinais com repetição, sintagmas que apresentam numerais e quantificadores. Parece que o bloqueio sintático coadunaria com o princípio da economia na morfologia que marca o plural. Por outro lado, as línguas de sinais que não apresentam tais restrição são caracterizadas pela prototipicidade, acontecendo apenas em uma parte do léxico, o que se configuraria uma certa restrição, também.

Neste sentido, o autor evoca Zeshan (2003) que reconhece a reduplicação como um recurso aplicado à categoria número e que acontece em uma parte do léxico, por conta das restrições articulatórias. Além disso, há efeitos semânticos gerados devido à posição sintática do sinal que sofre a reduplicação, visto que o mesmo sinal funciona ora como nome, ora como verbo.

Desta forma, a reduplicação sem deslocamento (forma iterativa) nos verbos possui ação repetida enquanto nos nomes geraria múltiplos referentes. Já a reduplicação com deslocamento (forma distributiva), “em verbos, implica a ação repetida em vários lugares e, em nome, implica vários referentes em vários lugares (CARNEIRO, 2020, p. 121).

Notamos, então, dois padrões tipológicos para a construção da categoria número. O primeiro é que o contexto sintático está diretamente relacionado ao fenômeno morfológico de justaposição, com um padrão específico de um nome com outro item lexical que seria, de maneira geral, um modificador de natureza nominal ou verbal. O segundo é que o parâmetro movimento une os níveis morfológico e sintático mediante a reduplicação com e sem deslocamento, havendo uma relação direta entre movimento e locação – seja nas locações distintas por conta da ação repetida em vários lugares, seja nos múltiplos referentes nominais gerados.

O sexto trabalho no campo da tipologia da Libras é o de Mendonça (2012) que focou na análise dos classificadores. Ela parte da ideia de que os classificadores estão dispostos em um *continuum* de gramaticalização que vai desde construções verbais a construções nominais, em conformidade com um funcionalismo-tipológico.

Ela apresenta um esboço de uma tipologia morfológica para os classificadores na Libras. Para tal, resgata a tipologia morfológica das línguas que as agrupa em línguas isolantes, aglutinantes, fusionais (flexionais) e polissindéticas. A autora opta por conceber a Libras como uma língua isolante, visto que os sinais correspondem aos morfemas na língua; são representados por um único morfe; e os verbos não flexionam.

Para tal, ela analisou gênero, número e pessoa na Libras, que são fenômenos no campo da flexão. Em relação ao gênero, ela demonstra que só é marcado o gênero para entidades que são humanas. O plural é indicado por um sinal plural que pode ser um numeral ou um sinal que indique quantidade. No caso da reduplicação do movimento para indicar o plural, ela defende que há uma mudança morfológica. Assim, a Libras está mais próxima do funcionamento de uma língua isolante, visto que para cada morfe há um morfema.

O fato de ela tratar a Libras como uma língua isolante não exclui a existência do fenômeno da flexão ou da aglutinação, até porque uma língua pode apresentar mais um aspecto morfológico no que tange à tipologia. Quanto aos classificadores, ela mostra que mais incomuns em língua isolantes, mas que estão presentes na Libras se comportamento como itens lexicais e como termos de classes. Já os classificadores verbais estão mais próximos do funcionamento dos ideofones, visto que possibilitam as características dos seus referentes.

Assim, ela defende que os classificadores são itens lexicais e que não há classificadores verbais, devido ao fato de que não há incorporação nominal, pois ela entende a incorporação como um fenômeno estritamente morfológico, sem influência da sintaxe. Esta é uma perspectiva tipológica que caminha na contramão das que apresentamos até o momento, o que é inesperado para nós se considerarmos o percurso das pesquisas linguísticas acerca da Libras.

Na sexta pesquisa, o que nos chama a atenção é o olhar exclusivamente morfológico para um fenômeno que claramente possui interface com a sintaxe e com a semântica. De qualquer forma, a autora reconhece que os classificadores nominais carregam iconicidade, o que não pode ser interpretado por um viés exclusivamente

morfológico dada a motivação semântica dos classificadores e a forma que são codificados na Libras, revelando as estruturas conceituais cognitivas das pessoas surdas.

Quanto à sintaxe, vemos nas imagens apresentadas dos dados que os classificadores são construções morfossintáticas, pois codificam entidade e evento em uma mesma estrutura complexa. A própria autora trata essas construções como predicados complexos “que representam a ação verbal decorrente da motivação visual na língua” (p. 126) – o que seria isso senão o reconhecimento da interface morfologia-sintaxe através dos parâmetros configuração de mão e movimento?

Esses seis trabalhos tipológicos focam, basicamente, nas categorias **nome, verbo e número**. São análises que buscam propor um padrão morfológico para essas categorias embora tal padrão não tenha sido, efetivamente, proposto dada à imprevisibilidade do comportamento gramatical dos parâmetros fonológicos. Acreditamos que o fato de não se reconhecer o quanto as interfaces interferem na organização da gramática é o que tem impossibilitado a proposição de uma tipologia para a Libras.

Entendemos, então, que esse padrão não pôde ser claramente definido por conta da forma que os parâmetros fonológicos se comportam, os quais desempenham funções nos níveis gramaticais para desfazer os muros gramaticais, a fim de construir relações nas interfaces, o que fugiria do que se é esperado para a Libras em uma perspectiva idealizada da língua. Neste sentido, é fundamental olharmos para a língua como ela, de fato, se comporta.

Diante disso, ao analisar essas pesquisas, bem como as propostas de Quadros e Karnopp (2004) e de Felipe (2006) que são os trabalhos basilares para as pesquisas feitas nos programas de Pós-Graduação sobre os quais nos debruçamos, vemos a necessidade de se estabelecer uma tipologia para a Libras que considere como as categorias gramaticais se organizam nas interfaces, mostrando um funcionamento gramatical que desfaça as bordas e os limites que não nos possibilitam descrever e compreender como os fenômenos linguísticos são delineados nesta língua.

### 3.1 MORFOLOGIA

Sobre a morfologia da Libras, encontramos doze pesquisas e optamos por descrever os trabalhos pelos fenômenos gramaticais encontrados em cada nível gramatical, com vistas a buscar um padrão tipológico para a língua, pois estamos investigando padrões e regularidades para a Libras que nos possibilitem identificar uma tipologia para esta língua a partir do funcionamento dos parâmetros fonológicos, dado o seu papel gramatical nos níveis morfológico, sintático e semântico para orquestrar os fenômenos linguísticos.

#### 3.1.1 Flexão

Na flexão, os trabalhos de Fabrício (2018), Bernardes (2020) e Lara (2019) buscaram trazer um padrão para flexão de número através da repetição do sinal, do acréscimo de um advérbio de intensidade/quantidade. Além disso, também mostraram que a flexão de gênero não é realizada na Libras em substantivos, adjetivos e pronomes e que a reduplicação é um indicativo de plural.

Fabrício (2018) mostrou que a flexão de número acontece mediante a repetição do sinal ou pelo acréscimo de um sinal que indique plural e a flexão de gênero não é recorrente na língua, embora haja a possibilidade através do acréscimo dos sinais **HOMEM** e **MULHER**.

Na flexão de número, Bernardes (2020) encontrou 1) a incorporação de numerais de um até quatro que gera modificações internas na raiz através de configurações de mão que são afixadas à raiz do sinal; 2) mudanças no movimento e na direcionalidade mediante acréscimo de numerais ou quantificadores, como **VÁRIOS**, **GRUPO**, **MAIORIA**, **MUITO** colocados antes ou depois do sinal; 3) utilização de um classificador antes ou depois do sinal; 4) repetição do sinal. Ela encontrou, ainda, uma especificidade na mudança do movimento dos pronomes plurais para distingui-los dos pronomes pessoais, de forma que os pronomes plurais são realizados com movimentos circulares ou semicirculares.

Lara (2019) analisou, também, a construção do **plural** na Libras, focando na estratégia da reduplicação como uma marca típica do plural. Para isso, ela diferencia reduplicação de repetição. A reduplicação é caracterizada pelo reaparecimento sinal como uma unidade linguística no tempo, criando a noção semântica de habitualidade, enquanto

a repetição é a reaparição do sinal como unidade linguística no espaço, embora ela reconheça que a duplicação é uma forma de repetição.

Assim, percebemos que embora haja um padrão para flexão de número, há outras estratégias empregadas a Libras para indicar quantidade e intensidade, visto que essas duas categorias semânticas parecem ser concebidas da mesma forma pelos indivíduos surdos. É preciso, então, uma descrição mais abrangente e, ao mesmo tempo, detalhada que perpassasse os níveis gramaticais, ressaltando a noção de quantidade/intensidade é representada nas interfaces, em quais interfaces e de que forma.

Defendemos que a flexão deve ser tratada a partir da interface porque nesses três trabalhos já podemos ver indícios de que não há, claramente, um morfema que indique a flexão de número ou de gênero. Assim, a flexão não é um fenômeno que pode ser visto exclusivamente como morfológico.

### 3.1.2 Expressões não manuais

Nos trabalhos de Pêgo (2013) e Araújo (2013), vemos que há o estabelecimento da boca como um morfema no sistema gramatical da Libras, indicando que este morfema pode ser um afixo, ou uma palavra, ou um advérbio. Com isso, ressaltamos a impossibilidade de se estabelecer um padrão para essa noção da boca como morfema na Libras.

A boca, apenas, não carrega nenhuma informação morfológica como número, grau, aspecto, gênero, como podemos ver nas pesquisas de Pêgo (2013) e Araújo (2013). Ademais, a boca não pode codificar nenhum significado sem estar articulada aos outros elementos faciais que compõem o parâmetro fonológico expressão não-manual, em face da simultaneidade como característica intrínseca à constituição das unidades mínimas que constituem o sinal – os parâmetros fonológicos.

Assim, é fundamental que critiquemos epistemologicamente essa noção da boca como morfema, a fim de mostrarmos, através desses dois trabalhos, as limitações de aceitação dessa proposição. Isso nos leva à defesa de que a boca não é um morfema e sim um traço fonético do parâmetro fonológico expressão não-manual.

Pêgo (2013) pesquisou o **aspecto morfo-lexical das expressões não manuais**, com o objetivo de analisar o funcionamento do morfema-boca na morfologia da Libras. Ela atestou a existência de regras linguísticas específicas, o tempo coordenado e a atribuição de significados específicos envolvendo a utilização desses morfemas-boca.

Então, a autora os categorizou em conformidade com as propriedades morfológicas apresentadas por Bilford. A primeira compreensão acerca dos morfemas-boca é que são unidades puramente lexicais, mas que se configuram como afixos derivacionais, pois apresentam itens lexicais de alta complexidade nos sinais manuais, em uma perspectiva morfo-derivacional.

A segunda compreensão é que tais morfemas estejam situados no léxico, embora assumam a função de afixo flexional ao serem associados aos sinais manuais, a partir das regras morfossintáticas da língua. A terceira compreensão é que esses morfemas são, efetivamente, palavras, cuja propriedade principal é a sua articulação simultânea com outras palavras, em conformidade com as regras sintáticas, na perspectiva de uma sintaxe simultânea.

Nas três possibilidades interpretativas acima descritas sobre os morfemas-boca, percebemos que embora as duas primeiras estejam aparentemente no campo exclusivo da morfologia a partir de autores como Baker-Shenk e Cokely (1980:17) e Liddell (1980:42), Neidle et al. (2000:43), eles recorrem à sintaxe arbórea e à caracterização sintática da topicalização, respectivamente, para descrever esses morfemas. Isso evidencia a necessidade de um olhar mais amplo e gramaticalmente relacional sobre os parâmetros fonológicos, até mesmo nas expressões não manuais, que é o caso dos morfemas-boca.

Bickford e Fraychineaud (2008) apresentam as características linguísticas específicas dos morfemas-boca, as quais são: 1) dinamicidade e tempo coordenado com os sinais manuais; 2) envolvimento de outros articulares não-manuais, como cabeça e ombros; 3) alterações no movimento do sinal manual a partir do morfema-boca; 4) reconhecimento dos morfemas-boca como advérbios, de fato, e não apenas com função adverbial; 5) restrições no que tange à coocorrência com os sinais manuais, visto que não é qualquer sinal manual que licencia o uso do morfema-boca, simultaneamente.

Os dados de Pêgo (2013) confirmaram que as cinco características acima são encontradas na Libras. O que nos chama atenção é que embora a autora defenda que a utilização da boca deva ser concebida como morfema, não há clareza quanto à sua semântica. Assim, evocamos alguns questionamentos. O morfema-boca faz parte de qual categoria gramatical? Ele modifica nomes e verbos ou apenas um deles? Há outras expressões não-manuais que poderiam ser consideradas como morfemas? Por que o uso da boca deve ser considerado um morfema? A boca é uma expressão não-manual ou apenas faz parte de uma expressão não-manual?

Trouxemos estes questionamentos com o intuito de mostrar a dificuldade de categorizar determinados elementos na Libras, principalmente quando se necessita recorrer aos outros níveis gramaticais para a realização de uma descrição exclusivamente morfológica, sintática ou semântica. Haveria, então, uma necessidade latente de se olhar os parâmetros fonológicos a partir de sua funcionalidade no sistema linguístico de forma relacional, ou seja, nas interfaces.

Vamos analisar epistemologicamente as cinco características de Bickford e Fraychineaud (*idem*) para o morfema-boca que foram corroboradas pela autora, com a finalidade de sustentarmos a nossa concepção de que há uma impossibilidade de se caracterizar a utilização da boca como morfema e que precisamos olhar para o comportamento dos parâmetros fonológicos na organização de fenômenos gramaticais nas interfaces.

A primeira característica depende, necessariamente, da simultaneidade. Assim, a ideia de que a sequencialidade faria parte da morfologia da Libras pode ser questionada, visto que qualquer tipo de expressão não-manual dependeria da articulação simultânea das mãos na produção do sinal e na sua constituição semântica. Afinal, a não utilização da boca mudaria o significado do sinal. Assim, o comportamento dos parâmetros fonológicos é, em sua natureza, simultâneo, como apontam Brentari (2011) e Sandler (2012).

A segunda característica mostra que a boca, por si só, não se configura um elemento distintivo, visto que depende de outras especificações de expressões não-manuais – não é apenas a boca que é articulada simultaneamente com o sinal manual, pois a cabeça, os ombros e até o arqueamento das sobrancelhas também atuam para compor uma expressão não-manual como um todo. Nesse sentido, é a expressão não-manual que atuaria como morfema e não apenas a boca.

A terceira característica mostra que é a combinação de expressão não-manual e movimento que promovem a estrutura morfossemântica do sinal, isto é, esses dois parâmetros seriam mais produtivos para mudar o significado do sinal. Mais uma vez, notamos o funcionamento dos parâmetros fonológicos para orquestrar relações entre os níveis gramaticais, desfazendo os limites.

Outro ponto é que parece que a expressão não manual não seria uma unidade que compõe, efetivamente, o sinal porque a terminologia “sinal manual”, empregada por Pêgo (2013), dá a ideia de que o sinal é composto apenas pelas mãos e que as expressões não-manuais seriam elementos puramente fonéticos, isto é, articulatórios, mas não



fonológicos. Observamos, no entanto, pelos próprios dados da autora que a expressão não-manual – na combinação de boca, cabeça, ombros e sobrancelhas arqueadas – é distintiva, pois muda o significado do sinal.

Isso corroboraria nossa hipótese de que a interface atua no funcionamento da gramática. Isso seria feito através das funções que os parâmetros fonológicos assumem nas interfaces. Assim, haveria dois ou três parâmetros que seriam mais produtivos, em seu emprego simultâneo, para gerar as relações nas interfaces. Os cinco parâmetros comporiam o sinal, porém alguns deles seriam mais produtivos para organizar os fenômenos linguísticos nas interfaces, fazendo-nos conceber processos de formação de sinais, flexão, classes de palavras, sistema de concordância verbal, ordem dos constituintes, construção do significado das palavras como fenômenos que ultrapassam os limites de um nível gramatical.

Ressaltamos ainda mais uma questão acerca da terceira característica: é a expressão não-manual – através do morfema-boca – que gera uma alteração no movimento ou é o movimento que influencia a forma da boca na articulação manual do sinal? Trazemos este questionamento pelo fato de que o movimento é o parâmetro que está presente de forma distintiva em fenômenos como a morfologia verbal, a flexão de número, a derivação, a demarcação das pessoas verbais e os classificadores. Assim, o movimento é o parâmetro que mais aparece nos fenômenos gramaticais. Além disso, lembramos que o movimento atua na fonologia gerando alterações na configuração de mão e na locação, como destacam Brentari (1998), Sandler (2012).

A quarta característica define que o morfema-boca é empregado assumindo função de negação, intensidade e quantidade, modificando o significado do sinal. Neste sentido, ressaltamos que os elementos descritos por Pêgo (2013), na composição do morfema-boca, envolvem lábios franzidos, sobrancelhas franzidas, bochechas sugadas, bochechas infladas, ou seja, há várias articulações faciais que compõem a expressão não-manual e não apenas uma forma de boca.

A quinta característica revela que há restrições para a coocorrência do morfema-boca com os sinais manuais, fazendo com que alguns licenciem o uso de morfema-boca, simultaneamente, enquanto outros não o fazem. Pêgo (2013) apresenta dois sinais – GORDO e LONGE – em que isso acontece. Questionamo-nos, então, quais tipos de sinais licenciariam, de fato, o uso de morfema – seriam substantivos, adjetivos, verbos; quais os contextos sintáticos de uso desses sinais; quais os contextos semânticos de uso desses sinais. Dessa forma, a autora deveria ter apresentado os contextos gramaticais em que tais

restrições acontecem para sustentar o argumento do caráter morfológico do morfema-boca.

Diante disso, reforçamos a importância e a necessidade de conceber os parâmetros fonológicos a partir de sua funcionalidade no sistema gramatical, visto que não é o tipo de expressão facial ou o tipo de movimento, por exemplo, que apresenta natureza morfológica, sintática e semântica – é a combinação proeminente de determinados parâmetros que organiza as relações entre os níveis gramaticais.

Araújo (2013) também realizou um trabalho no âmbito morfológico, cujo foco recaiu sobre as **expressões não-manuais**, apresentado sua função nos níveis fonológico, morfológico e sintático. A partir disso, ela descreveu e classificou as expressões não-manuais, em uma classificação geral, composta por expressões independentes e combinadas, e em uma classificação mais específica, composta por expressões superiores e inferiores.

As expressões independentes não necessitam de expressões manuais para serem compreendidas, pois carregam, em si mesmas, todo o significado do item lexical. Isso já nos instiga a questionar a real natureza das expressões não manuais – os sinais são, obrigatoriamente, formados pela articulação manual e não manual ou poderíamos dizer que há sinais que são formados apenas por expressões faciais ou apenas pela articulação manual? A que se deve a independência das expressões não-manuais? Qual a relação entre expressões não-manuais e articulação manual do sinal?

Esses questionamentos são importantes para pensarmos até que ponto essas descrições nos possibilitam explicar o funcionamento gramatical da Libras e até que ponto essas classificações revelam um olhar real sobre a língua. A descrição linguística pressupõe “a explicitação da relação que existe entre os significados e as formas dessa língua” (PERINI, 2006, p. 68) para que afirmações sobre a língua possam ser feitas.

Neste sentido, a descrição não é isenta de teoria e busca esmiuçar os fatos que tragam a realidade da língua para a formulação de regras gramaticais. Quando a autora descreve as expressões não manuais independentes, ela viola um conceito básico sobre a estrutura da Libras que é a maneira que os sinais são formados para além da articulação das mãos, como está posto em Máximo (2016), em nossa revisão bibliográfica sobre a fonologia da Libras. As expressões não manuais integram o sinal e não se configuram como um sinal, efetivamente, visto que é uma unidade fonológica.

Note o quanto é contraditória a atual perspectiva sobre os parâmetros fonológicos a partir das pesquisas que apresentamos até agora sobre as línguas de sinais e sobre a

Libras, de forma que podemos identificar três concepções acerca dos parâmetros fonológicos: 1) são unidades mínimas sem significado, por isso estão situados no plano da fonologia; ou 2) são unidades mínimas com significado, configurando-se morfemas; ou 3) são unidades fonológicas que apresentam funções gramaticais em outros níveis.

Se entendemos que a ciência é a acumulação de conhecimentos, talvez essas três concepções possam coexistir. Se encaramos, no entanto, que a ciência implica rompimento com teorias, métodos e/ou critérios, e que o conhecimento se constrói por meio de convulsões (DASCAL, 1978) – ou revoluções científicas, como denominou Kuhn (1972) – ousamos criticar essas três concepções e propor que os parâmetros configuração de mão, movimento, locação, orientação da palma da mão e expressão não-manual desempenham funções em outros níveis gramaticais, dando indícios de que a gramática da Libras se organiza nas interfaces.

Orientamo-nos no caminho da ruptura com os conceitos, descrições e explicações atualmente adotados para a Libras, sobretudo, porque entendemos o quanto esses modelos estão arraigados no funcionamento das línguas orais, o que é, em certa medida, improdutivo para a Libras, dada à sua natureza visual e espacial. Urge, então, um olhar não comparativo com as línguas orais – na contramão do que tem sido feito ao longo dos anos para corroborar que as línguas de sinais apresentam as mesmas categorias das línguas orais – na direção de uma epistemologia linguística.

Entendemos, a partir de uma perspectiva kuhniana, que ao estarmos situados no campo da revolução, precisamos propor uma mudança de paradigma<sup>15</sup>, no sentido de que estamos realizando um debate que visa pensar uma tipologia para a Libras, com uma nova concepção sobre esta língua de que a sua gramática se organiza nas interfaces. Por isso, estamos tecendo uma “sociologia da prática linguística contemporânea” (DASCAL, 1978, p. 41) sobre a Libras.

Retomando o trabalho de Araújo (2013), as expressões não-manuais combinadas são compostas pelo uso de expressões não-manuais e manuais simultaneamente. Elas estão subdivididas em expressões globais e exclusivas. As globais agrupam diversas expressões não-manuais em um movimento único, de maneira que não é possível desmembrá-las. Já as exclusivas são realizadas apenas com uma expressão não-manual e

---

<sup>15</sup> Reconhecemos que o termo “paradigma” empregado por Kuhn, em sua obra, carrega múltiplos sentidos. Por isso, delimitamos o sentido no qual optamos por adotar este termo em nossa pesquisa. Entendemos paradigma como um modelo teórico sustentado por princípios epistemológicos que o justificam.

uma expressão manual. Dessa forma, os sinais são realizados apenas com “um movimento da cabeça, um movimento do corpo ou da face” (p. 57).

Ela ainda defende que a cabeça é onde estão representadas as funções sintáticas. Já o corpo é o que faz com que as expressões não-manuais esclareçam o significado do enunciado. Ela mostra, também, que há expressões superiores e inferiores. As superiores abarcam testa e sobrancelhas e as inferiores reúnem bochechas, boca e língua. Em seguida, a autora descreve o emprego semântico de cada uma dessas expressões, o qual está resumido no Quadro 11 de acordo com os dados que ela analisou:

**Quadro 11** – Proposição classificatória para as expressões não-manuais

|               |                                                               |            |                                                                                               |                                                                                               |                                                                             |
|---------------|---------------------------------------------------------------|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
| INDEPENDENTES | Expressões que se realizam sem a EM (como ocorre em MASTIGAR) |            |                                                                                               |                                                                                               |                                                                             |
|               | COMBINADAS: EM+ENM                                            | GLOBAIS    | Envolvem face + cabeça + corpo<br>[ASSUSTADO]                                                 |                                                                                               |                                                                             |
|               |                                                               |            | CABEÇA<br>Movimento negativo [NÃO]<br>Movimento positivo [SIM]<br>Breve levantamento [o QUÊ?] |                                                                                               |                                                                             |
|               |                                                               | EXCLUSIVAS | FACE                                                                                          | Parciais                                                                                      | Superior<br>Olhos [CORUJA]<br>Testa e sobrancelhas [MAU]<br>Cabeça [O QUÊ?] |
|               |                                                               |            |                                                                                               |                                                                                               | Inferior<br>Boca [BEIJAR]<br>Língua [SORVETE]<br>Bochechas [GORDO]          |
|               |                                                               |            |                                                                                               | Compostas                                                                                     | Mais de uma ENM facial [OBA]                                                |
|               |                                                               |            | Totais                                                                                        | Realizadas em bloco [ARRANHAR]                                                                |                                                                             |
|               |                                                               | CORPO      |                                                                                               | [CARNAVAL]<br>Mudança de posição [CUNHO ANAFÓRICO]<br>Inclinação do corpo [CAIR DA BICICLETA] |                                                                             |

**Fonte:** Araújo (2013, p. 71).

Nas expressões não-manuais combinadas, mais uma vez, trazemos a questão da composição efetiva – em elementos não manuais e elementos manuais – do sinal que já refletimos quando tecemos nossa crítica sobre as expressões independentes, no intuito de reforçar o argumento sobre uma certa incoerência das três concepções que conseguimos perceber nesta revisão bibliográfica sobre os parâmetros fonológicos.

Ademais, notamos que a subdivisão em expressões globais e exclusivas está, obrigatoriamente, associada às funções sintática e semântica, pois a descrição feita pela autora indica a necessidade de se evocar a sintaxe e a semântica para reforçar o status morfológico das expressões não-manuais na Libras, o que nos faz pensar que o comportamento descrito para as expressões não-manuais estaria mais próximo do papel dos parâmetros fonológicos nas interfaces do que a constituição de um fenômeno morfológico, de fato.

Por fim, a autora mostra que as expressões não-manuais são um componente fonológico dos sinais, mas que desempenham papéis tanto na morfologia, especificamente com funções locativa, adjetiva e pronominal; quanto na sintaxe, com função sintática delimitadora.

O que escapa a autora é que para que essas funções sejam desempenhadas, os parâmetros locação e movimento também estão envolvidos de maneira mais evidente. Além disso, há uma dependência da sintaxe espacial – por meio da locação e do movimento – para que essas expressões adentrem a semântica, gerando mudanças no significado do sinal, o que faz com que tais expressões transcendam os limites da fonologia.

Outro ponto que parece ser controverso na autora está na noção de simultaneidade quanto ela mostra que ora as expressões não-manuais são realizadas simultaneamente com os sinais manuais e ora não o são. A simultaneidade, no entanto, é algo inerente aos elementos constituintes do sinal, que são os cinco parâmetros fonológicos (HULST, 1993). Dessa forma, questionamo-nos, se o comportamento das expressões não-manuais se orienta mais para um funcionamento simultâneo ou sequencial.

“Há modelos que reconhecem uma estrutura sequencial nos sinais. No entanto, há modelos que argumentam que essas estruturas não são profundas (WILBUR, 1993; BRENTARI 1998; VAN DER HULST, 1999; CHANNON, 2002) enquanto ainda há modelos que diferem no tocante à sequencialidade – se está expressa no nível dos segmentos, dos nós de classe ou dos traços.” (MÁXIMO, 2016, p. 53).

Diante disso, a simultaneidade pode ser vista como um traço intrínseco e latente nas línguas de sinais. Sandler (1989; 2012) destaca que a simultaneidade é algo típico na morfologia das línguas de sinais e que simultaneidade e sequencialidade coexistem.

Destacamos, no entanto, a impossibilidade de esses dois traços coexistirem, visto que para Sandler, esta coexistência depende do desmembramento do sinal, ou seja, a realização do sinal é simultânea, mas é possível estudar os elementos constituintes do sinal de forma sequencial ao desmembrá-los. Assim, esses traços existem em níveis distintos.

Ademais, em Máximo (2016) ainda atestamos a simultaneidade dos parâmetros fonológicos na obrigatoriedade da mão não dominante. À época, também questionamos a sequencialidade na Libras, pois só poderia ser verificada nos sinais que são realizados apenas com uma mão e não nos sinais que são realizados com duas mãos – seja sob condição de simetria, seja sob condição de dominância.

Outro ponto é que a regra de antecipação da mão não dominante na formação dos sinais compostos, demonstrou a obrigatoriedade desta mão e sua relevância no sistema fonológico da Libras, o que é garantido pela simultaneidade dos parâmetros fonológicos, embora o movimento pudesse ter um comportamento um pouco mais independente.

Hoje, supomos que o movimento não é o parâmetro mais independente e sim o que carrega mais distintividade e produtividade ao ponto de estar, na maioria das vezes, presente com a configuração de mão, ou com a locação, ou com as expressões não manuais para organizar as relações gramaticais nas interfaces. De qualquer forma, verificamos que a Libras apresenta uma maior simultaneidade do que sequencialidade, desde o seu nível fonológico (MÁXIMO, 2016).

### 3.1.3 Formação de sinais

Nos formação dos sinais, encontramos as pesquisas de Carvalho (2019), Ferreira (2013), Mak (2021), Rabelo (2020), Abreu (2019) e Lima (2012). Percebemos, nessas pesquisas, que os sinais são categorizados em sinais simples, sinais complexos, sinais compostos. O que permite a distinção desses três tipos de sinais são os parâmetros locação e movimento.

Além disso, a derivação e a incorporação aparecem como processos que possibilitam a formação dos sinais. Tanto na derivação quanto na incorporação não foi possível perceber, nesses trabalhos, qual é o padrão de realização desses dois processos, visto que a derivação não é muito produtiva na Libras e que a incorporação apresenta uma variedade de regras, embora seja possível identificar que os parâmetros movimento e locação assumem destaque maior para que seja possível o emprego desses processos.

Dessa forma, sentimos a necessidade de criticar esses trabalhos para corroborar as constatações acima descritas. Iniciamos com Carvalho (2019) que analisou como se dá a constituição da estrutura interna dos sinais bem como a produção desses sinais no espaço sintático de sinalização, com a finalidade de diferenciar **sinais simples e sinais compostos**.

Para tal, ela parte da concepção de morfema, descreve as características internas desses sinais e verifica como esses sinais se comportam no espaço sintático. Neste ponto, já vemos, claramente, uma interface entre morfologia e sintaxe, visto que há uma relação direta entre a morfologia do sinal e sua produção no espaço sintático.

A autora propõe três tipos de sinais na Libras, a partir de sua morfologia: 1) sinais simples, que são formados pelos parâmetros fonológicos comuns; 2) sinais complexos, que passam pelo acréscimo de afixos de flexão ou de derivação, os quais são facilmente perceptíveis por conta do espaço de realização, especificamente os verbos direcionais ; 3) sinais compostos, que estão divididos em suas subcategorias, a saber categoria típica, quando há a junção de dois sinais para gerar um terceiro sinal com significado, mediante as regras de composição e de sinais-nomes quando há a combinação da representação alfabética da primeira letra do nome da pessoa e uma característica física ou psicológica desta pessoa.

A autora ainda defende a) a existência de semelhanças nas noções de morfema e de composição entre as línguas orais e as línguas de sinais; b) critérios sintáticos para a realização dos sinais, em conformidade com os espaços de realização; e c) os impactos semânticos da organização desses sinais.

A autora identifica os parâmetros locação e movimento como os responsáveis pela distinção entre os três tipos de sinais na Libras. Assim, a local no espaço em que sinal foi colocado para o estabelecimento da referência bem como a direção e a frequência do movimento são importantes elementos distintivos nesses sinais. Notemos que a figura abaixo é uma proposta da autora para as características desses sinais, em que há uma mistura entre os parâmetros fonológicos que são distintivos na constituição interna dos sinais e questões atreladas à sintaxe espacial, como a demarcação pronominal, e à semântica, como estratégias descritivas.

**Quadro 12** – Resumo dos resultados acerca da análise do aspecto na Libras

| Características  |              | a)Contém de 1 até 4/5 parâmetros (ENM pode não ser indiferente); b) são convencionados por usuários antigos | a)acréscimo na raiz do sinal morfemas derivacionais ou flexionais (intensificadores, repetição acima de 2 vezes e ENM participantes ativos que reforçam essa característica); b)presença, ou não de CL;c)demarcação pronominal (verbos direcionais) | a)junção entre dois sinais com ou sem restrição fonológica (perda de M etc.), alguns respeitam regras já propostas por Liddel; b)atende critérios de regras morfológicas propostas por Liddel; c) com ou sem perda de M em um dos sinais; d)mão passiva se antecipa na articulação do sinal antes da mão ativa. | a)composição articulada sequencialmente envolvendo a junção de empréstimo inicial + a descrição de uma característica física específica dessa pessoa; b)composição com junção de empréstimo inicial + a descrição de uma característica física específica dessa pessoa, mas articulada simultaneamente; c)composição com articulação isolada descritiva da característica física da pessoa. |
|------------------|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                  |              |                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Sinais Simples   |              | X                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Sinais Complexos |              |                                                                                                             | X                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Sinais Compostos | Típicos      |                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                     | X                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|                  | Sinais-nomes |                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | X                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |

**Fonte:** Carvalho (2019, p. 96).

Ferreira (2013) analisou os **verbos manuais** na Libras, com o foco na formação desses verbos. Ela resgata Quadros e Karnopp (2004) para a caracterização das categorias nome e verbo, mediante o critério adotado por elas para distinguir nomes de verbos. A autora concluiu que os verbos na Libras são formados a partir do processo de derivação, visto que os verbos não apresentam sinal específico e sim o sinal do instrumento. Além disso, ela percebeu que a incorporação, como processo verbal, está restrita à incorporação de objetos.

A derivação e a incorporação são processos pelos quais os verbos são formados na Libras. Nos dados, a autora verificou que os verbos que se referem aos instrumentos assumem a forma desses instrumentos na configuração de mão. Para tal, ela demonstrou que os verbos CORTAR, ABRIR, PENTEAR, PINTAR E PASSAR não apresentam um sinal específico na Libras, o que faz com que sejam realizados com a forma dos instrumentos aos quais denotam, pelo processo de derivação e não de incorporação. Ela percebeu, no entanto, que não havia uma diferença clara no movimento ao ponto de distinguir os verbos manuais de instrumento dos nomes dos instrumentos.



Vemos que a análise é relativamente limitada a um grupo de apenas cinco verbos. Neste sentido, a análise da autora não possibilita a elaboração de generalizações para os verbos manuais na Libras, por conta da insuficiência dos dados. Podemos questionar o processo de derivação nesses verbos em face do próprio reconhecimento da autora de que a regra postulada por Quadros e Karnopp (2004) não possibilitou uma distinção clara entre verbos e nomes.

Outra questão que podemos apresentar é o nível de iconicidade dos sinais analisados. Talvez o caminho para a caracterização desses sinais não seja a derivação e sim a sua motivação semântica, por conta de sua iconicidade, o que coaduna com o funcionamento do mapa conceitual dos indivíduos surdos. Assim, uma perspectiva morfossemântica poderia ser mais interessante tanto na caracterização quanto na explicação do funcionamento desses verbos, principalmente porque os parâmetros configuração de mão e movimento codificam a iconicidade na visão do mundo da pessoa surda acerca dos verbos manuais que denotam instrumentos.

Mak (2021) também analisa a **formação dos verbos manuais**. Ela parte da caracterização de Padden (1988) sobre a categoria verbal e retoma Ferreira (2013) e Lourenço e Silva (2015) para tratar dos verbos manuais na Libras. Para a primeira, os verbos manuais são formados pelo processo de derivação enquanto para a segunda são formados pelo processo de incorporação. Mak (*idem*) objetivou analisar qual era, de fato, a formação desses verbos dada às duas perspectivas distintas.

Para tal, ela descreveu os verbos e os agrupou em quatro categorias: verbos locativos, verbos classificadores de entidade, verbos classificadores de instrumentos e verbos com configuração de mão classificadora, sendo esta última categoria uma proposta da autora para os verbos nos quais não se emprega um instrumento para a sua realização. Ela ainda atesta que os verbos manuais são, em sua maioria, formados pelo processo de incorporação, além dos processos de composição e de *blend*. A autora organizou o Quadro abaixo para resumir o funcionamento desses verbos:

**Quadro 13** – Proposição classificatória para as expressões não-manuais.

| Verbos locativos | Verbos classificadores de entidade        | verbos classificadores de instrumento          | verbos com configuração de mão classificadora |
|------------------|-------------------------------------------|------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| +localização     | +animados<br>+classificadores de entidade | +instrumento<br>+classificadores do tipo SASS. | +inanimado                                    |

**Fonte:** Mak (2021, p. 132).

Observamos que esta classificação dos verbos manuais apresenta, na realidade, dois grupos – verbos locativos e verbos classificadores, os quais se caracterizam pela proeminência do elemento localizador e classificador, respectivamente. Independentemente do tipo da ação classificadora, temos uma oposição clara entre verbos locativos e verbos classificadores. Assim, parece-nos que seria possível agrupar os verbos classificadores em uma mesma categoria, apenas com subdivisões que especificam a ação dos classificadores, visto que já há um padrão na realização desses verbos.

Além disso, podemos perceber que, nas três categorias de verbos classificadores, há um componente semântico no que tange à animacidade, ou seja, a morfologia desses verbos está diretamente ligada a um critério semântico evidente na configuração de mão e no movimento do sinal, que define a animacidade. Isso aponta uma relação gramatical que ocorre na interface por meio dos parâmetros fonológicos.

Rabelo (2020) se debruçou sobre o **processo de incorporação**, como um todo, para a formação dos sinais na Libras, descrevendo seus elementos linguísticos. A autora percebeu a existência de doze tipos de incorporação: quatro ligados ao verbo; dois ligados ao classificador de pessoa singular e plural; dois ligados à intensidade, sendo um realizado por meio da duplicação do movimento e outro por meio da repetição; uma ocorrência nominal em verbo; uma ocorrência de numeral; uma ocorrência de numeral em numeral; e uma ocorrência de instrumento.

A autora não conseguiu propor uma regra para a incorporação por conta da variedade de incorporações, mas foi possível perceber que as regras estão associadas ao tipo de verbo, especificamente no fenômeno da negação, variando para cada tipo de verbo, embora haja um elemento comum entre eles que é a expressão facial que denota a negativa.

Na incorporação de nome em verbo, a autora percebeu que este fenômeno ocorreu em verbos de deslocamento e em verbos de ação, havendo um morfema incorporado ao verbo. Na incorporação de numeral em numeral, a autora confirmou o que havia trazido no referencial teórico. Na incorporação de classificador de pessoa, notou um tipo de flexão para singular e outro tipo de flexão para plural de pessoa, de forma que o diferencial entre eles está na combinação de orientação da palma da mão com o movimento. Na incorporação de instrumento, há a necessidade de um sinal para complementar a ideia já que é complexo separar o objeto que serve de instrumento da ação em si.

A autora conclui que a incorporação é empregada pelas pessoas surdas de diversas formas; que é um fenômeno inserido no campo da morfologia, além de reconhecer que “o fenômeno de incorporação precisa ser visto como um morfema base que origina outro morfema por meio da mudança de um dos fonemas/ou parâmetros” (p. 129); que deve ser encarado como parte do processo de formação de sinais, de forma separada da derivação; e que deve ser visto sob uma perspectiva morfofonológica e morfossintática.

O que nos chama atenção neste trabalho é que a autora reconhece claramente que a incorporação não pode ser estudada sem uma abordagem que considere a interdependência entre os níveis gramaticais para propor categorias, regras e explicações para o funcionamento do sistema da Libras. Assim, as relações de interface foram consideradas para tratar da incorporação e vemos, mais uma vez, a atuação dos parâmetros fonológicos organizando as relações entre os níveis gramaticais.

Abreu (2019) também pesquisou sobre os **processos de formação de sinais**, focando na derivação e na incorporação para nomes na Libras, a fim de descrevê-los no nível morfológico. Ele encontrou dois tipos de derivação. O primeiro foi a derivação infixal, marcada pelo parâmetro movimento. O segundo foi a derivação sufixal através dos marcadores de negação.

Ele apresentou os critérios morfológicos e sintáticos estabelecidos para as línguas de sinais, os tipos de afixos (prefixo, sufixo e infixo), os tipos de morfologia (simultânea e sequencial) e os processos de formação de sinais (derivação, incorporação e composição). É interessante notar que ao apresentar esses elementos teóricos, podemos ver os parâmetros fonológicos desempenhando funções entre os níveis gramaticais, especificamente as combinações com o parâmetro movimento: movimento e configuração de mão, movimento e locação, movimento e orientação da palma da mão, movimento e expressão não-manual, além da necessidade de se evocar a sintaxe para a descrição morfológica do fenômeno estudado.

Outro ponto que destacamos é a noção de morfema – ora é vista como o sinal, em si; ora é vista como unidade mínima com significado, possibilitando o acréscimo de afixos à raiz do sinal. Isso nos faz questionar qual seria, de fato, a noção de morfema na Libras e qual é o tipo de morfologia desta língua, principalmente porque o autor atestou que a Libras é mais produtiva para infixos, mediante o fenômeno de incorporação presente nos verbos manuais e nos verbos simples.

De maneira geral, o autor defende que a tendência na Libras é a incorporação dos argumentos verbais, nas posições adjunto e objeto – seja nos verbos manuais, seja nos

verbos simples. Assim, a sintaxe parece ser fundamental tanto para a descrição quanto para a explicação dos fenômenos morfológicos, o que aponta para a necessidade de adotar um olhar mais voltado para as relações gramaticais nas interfaces. Isso é reconhecido pelo autor quando ele defende a importância de uma abordagem morfossintática para se elucidar o processo de incorporação, visto que não se chega a um consenso acerca desta questão.

Ademais, vemos que, embora o autor tenha se proposto a tratar dos nomes, muito é descrito acerca dos verbos tanto para a derivação quanto para a incorporação – talvez porque esses processos sejam mais produtivos, de fato, nos verbos em face do papel do parâmetro movimento que é o que possibilita a incorporação dos instrumentos verbais.

O que escapa ao autor é que o parâmetro movimento não orchestra esta incorporação sozinho, pois há necessidade de atuar com o parâmetro locação para que os argumentos verbais sejam identificados no espaço sintático de sinalização, principalmente por conta da natureza visual e espacial da Libras.

Outro ponto que o autor não percebe é que, ao se evocar a sintaxe para tratar do fenômeno de incorporação, é preciso, também, avaliar se há restrições sintáticas quanto aos três espaços explorados na sintaxe espacial, a saber os espaços real, token e sub-rogado. Se há, de fato, uma interface com a sintaxe, há verbos que não podem ser realizados no espaço token, como os verbos simples por conta do próprio movimento do sinal enquanto os verbos manuais e os verbos de concordância podem, justamente porque a direcionalidade do movimento permite que esses verbos circulem nos três espaços sintáticos.

Lima (2012) analisou as **propriedades morfológicas e sintático-semânticas que permitem a definição das categorias nome e verbo**. Ele parte de uma perspectiva funcional-cognitiva para traçar as noções verbais e nominais, com base nos elementos semânticos prototípicos propostos por Givón (2001), em que a característica semântica de dinamicidade foi o elemento que possibilitou maior contraste da distinção entre nomes e verbos.

Por conta da ausência de critérios morfológicos e sintáticos para a distinção de nomes e verbos como vimos em trabalhos anteriores, o traço semântico de dinamicidade foi que permitiu ao autor distinguir os eventos/verbos das entidades/nomes do mundo, visto que os nomes apresentam uma maior estabilidade no tempo.

Ele apontou que os sinais que descrevem entidades e estados possuem construções sintáticas equativa, inclusiva, existencial e locativa enquanto os sinais que descrevem

eventos apresentam construções com predicacões verbais de movimento e ações que envolvem o paciente e o agente, o que possibilitou a categorização em sinais nominais e sinais verbais. Além disso, os traços semânticos “humano”, “animado” e “inanimado” também foram utilizados para correlacionar os tipos de entidades com os tipos de construções sintáticas que codificavam tais entidades.

Interessa-nos, nesta pesquisa, tentar identificar quais são as combinações dos parâmetros que estão presentes nas estruturas nominais e verbais para codificar as entidades e eventos do mundo, a partir da descrição que o autor realizou nos três tipos de construções que ele encontrou.

O primeiro tipo de construção incide sobre os sinais que codificam os nomes por apresentarem características semânticas prototípicas e pela organização sintática (justaposição de sinais, posição sintática). Neste ponto, destacamos que, a partir dos dados apresentados, os sinais foram empregados nos espaços sintáticos real e sub-rogado para anunciar as entidades e para retomá-las, respectivamente. Isso requer, necessariamente, a utilização do parâmetro locação, considerando que os sinais nominais possuem ancoragem no corpo ou no espaço neutro.

O segundo tipo de construção aponta para a existência de uma entidade no universo do discurso, em duas categorias – entidades com o traço semântico “humano” e entidades com o traço semântico “animado” – nas quais foram utilizados os sinais VIDA/VIVER e TER para indicar as noções de existência humana e de existência de uma entidade em algum lugar no universo, respectivamente. Nessas construções foi empregado um referente locativo em posição inicial para o traço “humano” e em posição final para o traço “animado”.

O terceiro tipo de construção envolve os predicados verbais e se caracteriza por movimentos que representam o estado das coisas do mundo. O padrão de movimento encontrado foi 1) o movimento assume a forma da execução da ação; 2) a entidade independe do movimento da ação. Assim, há construções que codificam eventos e construções que codificam entidades em que o evento está presente, mas não é o foco da representação conceitual, com expressão não-manual específica.

Diante disso, nas construções de tipo um e dois, é possível notar que o parâmetro locação é explorado na sintaxe espacial, ao lado de critérios semânticos, para a codificação dos nomes. No terceiro tipo de construções, o movimento e a configuração de mão codificam os eventos, em si; e o movimento e a expressão não-manual codificam a noção verbal praticada pela entidade.

O autor conclui que os critérios semânticos relevantes para a distinção entre nomes e verbos são os traços semânticos supracitados e a correlação entre esses traços e os tipos de construções sintáticas que figuram as entidades. Vemos, então, que uma visão cognitiva e que considera as interfaces parece ser assertiva na identificação, na caracterização e na categorização dos fenômenos gramaticais da Libras ao lado de uma tipologia que considere as funções gramaticais desempenhadas pelos parâmetros fonológicos como realizamos nesta tese.

### 3.2 SINTAXE

Sobre a sintaxe da Libras, encontramos as pesquisas de Silva (2019), Araújo (2016), Carneiro (2012), Andrade (2015), Miranda (2015), Oliveira (2020), Souza (2014). Nessas pesquisas, encontramos os seguintes padrões sintáticos nos fenômenos analisados pelos autores:

- As relações de coordenação e de subordinação podem acontecer através do uso de conectivos (mas, também), pela estratégia de enumeração e pelo uso do sinal “mais”, além de elementos semânticos que caracterizam a natureza das ações realizadas pelos agentes bem como os próprios agentes.
- A existência de três espaços para a realização da sintaxe, a saber espaços real, token e sub-rogado, com o espaço real marcando primeira e segunda pessoas e o sub-rogado marcando a terceira pessoa.
- A topicalização, através da mudança na ordem dos constituintes de oração, acontece sem a voz passiva;
- Nos predicativos, sua ocorrência pode ocorrer de forma semelhante à língua portuguesa e pode ser realizada sem sinalização dos verbos copulativos nas sentenças;
- Os verbos de concordância apresentam padrão nominativo e os verbos com concordância reversa se caracterizam por um padrão Ergativo.

Vamos analisar epistemologicamente esses trabalhos, começando por Silva (2019) que tratou a articulação das orações na Libras, especificamente as estruturas de encaixamento, nos casos de **coordenação aditiva e adversativa** nesta língua. A hipótese era que a Libras apresenta estratégias para coordenar eventos como acontece com a língua portuguesa, mas diferindo desta em relação aos mecanismos morfossintáticos empregados para arquitetar as relações de adição e de oposição nas orações.

A autora considerou o contexto semântico no qual os conectivos foram utilizados e a ocorrência da justaposição, de forma que ela percebeu que a adição foi marcada pela justaposição de sentenças com sentido aditivo e pelo uso dos sinais TAMBÉM, MAIS e a enumeração; enquanto a oposição foi marcada pelo uso do conectivo MAS, o qual indicava a noção de oposição tanto no âmbito da coordenação quanto da subordinação.

Neste caso, a interface é entre a sintaxe e a semântica, visto que sem o contexto semântico fica impossível identificar, descrever e compreender as relações de adição e de oposição. O que não fica claro para nós é o uso dos parâmetros fonológicos neste fenômeno. Mesmo assim, tentamos propor que são os parâmetros movimento – através

da intensidade do movimento – e expressão não-manual que atuam em conjunto para construir o contexto semântico e possibilitar a construção sintática das orações.

Araújo (2016) analisou o uso dos **espaços real, token e sub-rogado na Libras**, percebendo como as alterações no uso do espaço estão associadas às mudanças de pessoa e à necessidade de se inserir elementos locativos. Cada espaço apresenta funções estruturais específicas, a saber: 1) o espaço su-rogado representa a expressão de terceira pessoa; 2) o espaço token possibilita a inserção de locativo; 3) nas narrativas, o espaço real representa primeira e segunda pessoas enquanto o espaço sub-rogado representa a terceira pessoa; 4) a existência de um espaço não-marcado em narrativas.

Outros elementos estruturais foram encontrados na exploração dos três espaços sintáticos, como a apontação, o direcionamento do olhar, a posição do corpo, a presença ou ausência de elementos tidos como secundários (gingado do corpo e deslocamentos), as expressões não manuais e o tamanho das transferências, sendo este último ligado ao grau de iconicidade das estruturas.

Diante disso, destacamos que os espaços sintáticos dependem, exaustivamente, da exploração do parâmetro locação e da morfologia do verbo, visto que alguns verbos não podem acontecer no espaço token, como os verbos simples. Além disso, a interface com a semântica também está presente por conta da iconicidade, por meio das transferências, como estruturas conceituais altamente icônicas, como vimos em Cuxac (1985; 2000), principalmente nas expressões faciais, na configuração de mão e no movimento do sinal, que são parâmetros fonológicos, mas que, no caso das transferências, atuam de maneira mais proeminente em sua representação imagético-conceptual.

Carneiro (2012) também focou nos **espaços da Libras**, a fim de analisar como o corpo poderia codificar os eventos nesses espaços em narrativas. O autor identificou que as construções representativas de eventos apresentam entidades participantes visíveis quando estão no corpo do sinalizador e entidades participantes invisíveis quando estão no espaço de sinalização.

Ele percebeu que quando o sinalizante incorpora os participantes do evento há um processo icônico envolvido nisso, além de uma mimese corporal que possibilita a representação do evento. Não conseguimos identificar neste fenômeno a proeminência dos parâmetros fonológicos para garantir seu funcionamento, mas notamos o papel da interface sintaxe-semântica, em face da codificação dos participantes se dá no corpo do sinalizante, em um movimento icônico, essencialmente semântico. Assim, mais uma vez, notamos a atuação da interface no funcionamento do sistema gramatical na Libras.



Andrade (2015) analisou a **causatividade** em Libras para descrever seu funcionamento. Os dados da autora revelaram que há três especificidades para a Libras. A primeira é que a Libras possui causatividade de natureza perifrástica. A segunda é que quando a causação é mais volitiva, há a necessidade de mais material linguístico para expressá-la, com sinais que visem indicar maior volição do causador. A terceira é que há o emprego da repetição de partes do discurso com o intuito de enfatizar o agente causador bem como a sua volição.

A autora trouxe questões semânticas que interferem na representação do agente causador e da volição, como os critérios [+humano] e [+animado], inclusive na mudança na ordem da frase, fazendo com que o argumento [+humano/+animado] assumira a posição de objeto, revelando uma relação sintático-semântica na causatividade. Conseguimos identificar que há uma interface – a natureza semântica do agente interfere na ordem dos constituintes. Não ficou claro que há a combinação de dois ou três parâmetros para a construção interfática da causatividade.

Supomos que isso se deva à própria natureza das estratégias linguísticas empregadas, as quais necessitam do item lexical completo, sem a proeminência de alguns parâmetros, para desenvolver a noção de volição. Assim, começamos a ver que, na relação entre sintaxe e semântica – o funcionamento dos parâmetros precisa ser visto em sua totalidade para a construção da noção de responsabilidade/culpa da ação, por exemplo.

Começamos, então, a alargar<sup>16</sup> a nossa concepção acerca dos parâmetros fonológicos, a qual residiria em seu potencial para orquestrar relações entre os níveis gramaticais. Isso é relevante para nós, pois estamos demonstrando como o sistema gramatical da Libras funciona na interface e os parâmetros fonológicos viabilizam esse funcionamento.

Miranda (2015), por sua vez, fez um estudo da sintaxe da Libras para verificar o funcionamento da **voz passiva** na Libras. Ele percebeu a ausência de uma forma morfossintática própria para a voz passiva, mas identificou a existência de possibilidades de topicalização do paciente através de construções sintáticas de natureza transitiva.

O autor notou que, em construções que estariam na voz passiva, a Libras opta por manter o sujeito-agente e que não há uma marca morfológica no verbo para indicar a passividade. Ele nota que as sentenças – naquilo que seria a voz passiva – estão

---

<sup>16</sup> Estamos mostrando, gradativamente, as reflexões que realizamos acerca da natureza dos parâmetros fonológicos para transicionar para uma outra noção acerca dos parâmetros até a proposição de uma tipologia linguística para a Libras.

estruturadas na forma *algo inanimado + verbo*, em que a entidade inanimada ocupa a posição que deveria ser do sujeito-tópico-agente. Não acontece a estrutura esperada que seria [+HUMANO+ANIMADO+VOLITIVO+CONTROLADOR]. Dessa forma, na Libras, a construção passiva é transformada em uma sentença ativa.

Os dados mostraram o uso frequente da **topicalização**, mas sem voz passiva. Existe a possibilidade de se colocar o paciente na posição de tópico, mediante a mudança dos constituintes da oração, mas esta alteração não foi empregada como recurso para a construção da voz passiva.

Neste sentido, notamos que, na sintaxe, alguns fenômenos são inexistentes na Libras, como a voz passiva e até a marca morfológica de passividade. Isso é mais um indício de um padrão para a Libras sobre a forma que as relações gramaticais se organizam nas interfaces – as estruturas que a Libras apresenta se arquivam nas interfaces e as estruturas que não existem na Libras, como a voz passiva, simplesmente não aparecem em nenhum dos níveis gramaticais, ou seja, não haveria um fenômeno que se encaixaria apenas em um nível gramatical. Portanto, se não é possível que este fenômeno funcione de maneira relacional entre os níveis, ele não irá existir na Libras.

Oliveira (2020) descreveu a categoria sintática **predicativo** na Libras, atestando que o predicativo ocorre de modo semelhante ao que acontece na língua portuguesa e que os verbos copulativos não são sinalizados nas sentenças, embora seja possível a percepção de que há uma relação entre sujeito e predicativo.

Neste trabalho, notamos que o uso da expressão não-manual associada ao predicativo, independentemente da ordem dos constituintes na oração, pode ser um indício da distintividade desse parâmetro para marcar as construções predicativas, na relação entre sintaxe e semântica, isto é, a expressão mão-manual poderia ser um recurso semântico para a identificação do predicativo em qualquer posição que ela apareça nas sentenças consideradas gramaticais. Desta forma, a interface fica evidente, mais uma vez.

Souza (2014) tratou do sistema de **concordância verbal** na Libras, especificamente dos verbos com concordância regular e dos verbos com concordância reversa. Ele viu que o primeiro tipo de verbo possui um padrão nominativo de concordância, fazendo com que o sujeito da sentença receba caso nominativo enquanto o objeto da sentença recebe caso acusativo. Isso é fruto do padrão de concordância que é SUJEITOsubVERBOobjOBJETO. O segundo tipo de verbo se caracteriza por um padrão ergativo de concordância, de forma que o sujeito recebe caso ergativo inerente e o objeto

recebe caso nominativo, resultando no padrão de concordância SUJEITOobjVERBOsubjOBJETO.

Diante da perspectiva teórica adotada por Souza (2014), baseada no Programa Minimalista, questões morfológicas são concebidas a partir da sintaxe. Então, não fica claro o funcionamento dos parâmetros promovendo relações gramaticais nas interfaces porque a teoria direciona a compreensão para uma abordagem puramente sintática. Tentamos hipotetizar, pelo que está posto nas descrições para as línguas de sinais e para a Libras, que os verbos de concordância regular são os verbos simples e os verbos de concordância reversa são os verbos com concordância.

Desta forma, supomos que os casos atribuídos a esses tipos de verbo são em decorrência da morfologia do verbo, que gera padrões de concordância distintos, por conta da combinação dos parâmetros movimento e locação que atua diretamente no estabelecimento dos argumentos dos verbos e na ordem sintática dos constituintes. Isso revelaria uma interface entre morfologia e sintaxe a partir da função que os parâmetros fonológicos poderiam assumir em outros níveis gramaticais.

### 3.3 SEMÂNTICA

Na semântica, as pesquisas que encontramos foram as de Souza Júnior (2012), Soares (2013), Mendes (2013), Medeiros (2019), Machado (2020). Vemos as seguintes regularidades para os fenômenos linguísticos que esses autores investigaram:

- A toponímia faz referência a língua portuguesa, de forma que a configuração de mão do sinal remonta a alguma letra do alfabeto;
- A homonímia é desfeita no contexto sintático, especificamente mediante a observação dos sinais que antecedem o sinal homônimo;
- Na construção das metáforas, são os parâmetros movimento e locação que carregam a iconicidade;
- A iconicidade apresenta motivações;
- Os frames são adicionados pelas expressões não-manuais.

Assim como fizemos nas seções anteriores, trouxemos uma reflexão de cunho epistemológico para verificar em que medida esses trabalhos não conseguem enquadrar os fenômenos apenas em um nível gramatical, mostrando como a gramática funciona nas interfaces.

Souza Júnior (2012) tratou do fenômeno da **toponímia** na Libras<sup>17</sup>, com foco na nomeação de lugares dos treze estados brasileiros. Ele percebeu uma motivação semântica neste processo, a qual está pautada na grafia do nome em língua portuguesa, de maneira que a configuração da mão representa uma letra do alfabeto, embora o movimento e a locação carreguem a iconicidade que reflete a percepção de mundo da pessoa surda.

Notamos que é a combinação dos parâmetros configuração de mão, movimento e locação que relaciona o léxico da Libras à semântica. Não podemos deixar de citar que a toponímia não deixa de apontar para um processo de formação de sinais, no âmbito da morfologia, o que indicaria a interface morfologia-semântica. Destacamos, no entanto, a influência da língua portuguesa, no que tange à configuração de mão alfabética, neste processo. Assim, vemos a Libras pode apresentar uma diversidade de processos para a formação dos sinais por conta de sua morfologia – composição, derivação, incorporação e toponímia – como vimos nas seções 2.1.2 e 6.1.3.

---

<sup>17</sup> Reconhecemos que a toponímia está no campo do léxico, mas que pode estar articulado com os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico. Neste sentido, optamos por situar o trabalho de Souza Júnior (2012) no campo da semântica pelo enfoque que ele escolheu que foi a motivação semântica.

Diante disso, vemos que é preciso uma nova proposição para a morfologia da Libras e para o funcionamento do sistema gramatical a partir das interfaces para que possamos ver como os fenômenos se organizam, de fato. Afinal, temos demonstrado que os fenômenos transcendem os limites do nível gramatical no qual foram enquadrados, visto que critérios de outros níveis são evocados para descrever seu funcionamento. Reiteramos, então, a necessidade de um modelo teórico que enxergue o papel da interface na gramática da Libras.

Soares (2013) tratou da ambiguidade presente no fenômeno da **homonímia** em Libras, tendo como a base a dicotomia significante-significado, a qual estabeleceu quinze significantes com dois ou três significados para cada um deles. Os dados indicaram que a desambiguação é viabilizada pela correlação com outros itens lexicais no contexto.

O autor propôs uma análise sêmica dos itens lexicais para distinguir os pares de homônimos, com características semânticas, como [+/-verbo], [+/-animado], [+/-processo], [+/-produto], dentre outros. Destacamos, no entanto, que esses critérios são insuficientes para a desambiguação, visto que o contexto gramatical necessita ser evocado, principalmente o contexto sintático, analisando os elementos que antecedem e sucedem o sinal homônimo na sentença.

Assim, os critérios exclusivamente semânticos necessitam da relação com a sintaxe para a compreensão do significado do sinal no contexto gramatical, visto que os parâmetros fonológicos são iguais e não possibilitam a distinção dos sinais – afinal, são homônimos, ou seja, apresentam a mesma forma linguística.

Neste caso, ressaltamos a necessidade de olharmos a função dos parâmetros fonológicos em contextos gramaticais de interface a partir de dois vieses – um viés voltado para os contextos nos quais os parâmetros são estritamente fonológicos; um viés que enxergue os parâmetros a partir das funções que eles desempenham nas interfaces.

Mendes (2013) focou na **constituição metafórica dos sinais** a partir de sua estrutura interna, que são os parâmetros fonológicos, para identificar os tipos de metáforas presentes na Libras e quais deles seriam mais produtivos na língua. Através da análise de narrativas, a autora encontrou três tipos de metáforas: conceituais, ontológicas e orientacionais. Ela defende que combinação dos parâmetros movimento e locação codifica a iconicidade presente nas metáforas, além do fato de que a metáfora também está presente no nível morfológico e não apenas no nível sintático como acontece com as línguas orais. Isso coaduna com a perspectiva que estamos adotando nesta pesquisa acerca da atuação da interface no sistema gramatical da Libras.

Medeiros (2019) (re) discutiu as noções de **iconicidade e arbitrariedade da Libras**. Para tal, categorizou as motivações dos sinais a partir das descrições dos sinais no dicionário de Capovilla, agrupando-os em seis tipos: 1) classificador; 2) gestualidade; 3) espacialidade; 4) empréstimo linguístico do português; 5) expressão não-manual; 6) movimento.

Nesta pesquisa, podemos notar que o que está presente nesses seis tipos de motivação propostos pelo autor é a combinação dos parâmetros configuração de mão e movimento no primeiro tipo; configuração de mão e expressão não-manual no segundo tipo; movimento e locação no terceiro tipo; configuração de mão e locação no quarto tipo; expressão não-manual e movimento no quinto tipo; movimento e locação no sexto tipo a partir das descrições que o autor fez em sua análise. Percebemos, portanto, que a articulação de dois parâmetros, dada à sua função no sistema gramatical, seria o que construiria as relações entre os níveis morfológico e semântico, acerca do fenômeno da iconicidade.

Machado (2020) analisou o papel das **expressões não-manuais para o acionamento de frames**, a fim de que as informações indispensáveis à compreensão sejam postas no enunciado, quando os indicadores manuais não o fazem. Nisso, já podemos questionar, como fizemos anteriormente, esta oposição de sinais manuais e não-manuais como se as expressões não-manuais não integrassem a articulação manual do sinal, de forma simultânea.

Na descrição da autora acerca do emprego das expressões não-manuais em cada exemplo analisado por ela, é utilizado o termo “sinal realizado com intensidade moderada”, na maior parte das descrições, e “sinal realizado com intensidade” e “sinal realizado com um pouco mais de intensidade” nas outras descrições, o que revela que há uma mudança no parâmetro movimento de forma simultânea à expressão não-manual – a combinação de dois parâmetros para a ativação de frames que são operadores cognitivo-conceptuais.

Neste sentido, reforçamos a simultaneidade como um traço necessário para o funcionamento do sistema gramatical da Libras bem como um olhar para o papel da interface nesse sistema, a fim de que possamos identificar, descrever e sistematizar os fenômenos que realmente acontecem nesta língua.

### 3.4 PESQUISAS NAS INTERFACES GRAMATICAIS

Encontramos os trabalhos de Souza (1998), Dias Júnior (2016), Sá (2013), Figueiredo (2020), Lima (2019), Pinto (2018) e Castro (2007) que se propõem a adotar uma abordagem pautada nas relações entre os níveis gramaticais. Foi possível perceber que:

- A flexão verbal é um fenômeno que pode se realizar entre os níveis morfológico, sintático e semântico, marcando gênero através das configurações de mão, número-pessoal e locativo através dos parâmetros fonológicos movimento e locação;
- Os verbos podem ser categorizados morfossintaticamente, de forma que o padrão de realização dos verbos nos espaços sintáticos é no espaço real;
- Os definidos fracos são realizados no espaço neutro e os definidos fortes são realizados no espaço sub-rogado;
- O tempo é marcado na Libras pelos advérbios de tempo, pelas expressões temporais e pelas especificações aspectuais do verbo;
- A causalidade acontece através de conectivos causais, temporais e condicionais e através da justaposição.

Mais uma vez, fizemos uma reflexão epistemológica acerca desses trabalhos, iniciando com Souza (1998) que buscou analisar a constituição do verbo como um item lexical que apresenta uma raiz, na qual outros elementos são acrescentados – sejam marcas de concordância, sejam satélites. Assim, ela propôs um **sistema de flexão verbal** a partir de gênero, número-pessoal e locativo.

Para ela, as configurações de mão expressam o gênero animado/inanimado. A direcionalidade, o ponto de articulação e o movimento também integram um sistema complexo de desinências no fenômeno da flexão verbal. Assim, o verbo apresenta propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas, em um sistema de flexão e de satélites; nas características de seleção e subcategorização; e nas regras temáticas, respectivamente.

Nesta pesquisa, vemos uma outra concepção sobre gênero, a qual não está pautada na dicotomia masculino/feminino e sim no campo semântico da animacidade. Isso nos mostra que as categorias tradicionais precisam ser revistas no que tange à sua aplicabilidade para a Libras, pois não se encaixam totalmente no sistema gramatical desta língua.

Ademais, esse sistema de flexão verbal proposto por Souza (*idem*) pautado na integração dos níveis gramaticais permite que tenhamos um olhar mais abrangente sobre a categoria verbal, entendendo suas especificidades em relação à própria natureza visual-espacial da Libras – o espaço atua na organização de número e pessoa.

Dias Júnior (2016) trata dos elementos morfossintáticos para a categorização dos **verbos** nos espaços mentais da Libras. Ele percebeu que 89% dos verbos foram realizados no espaço real; 4,8% foram realizados no espaço token; e 6,2% no espaço sub-rogado, o que o fez argumentar que a maioria dos verbos foi empregada o espaço real por conta da natureza do gênero textual, predominantemente dissertativo-argumentativa, fazendo com que a maior parte dos participantes produzisse um texto na primeira pessoa do singular.

Nos espaços integrados, dos dezessete verbos sem concordância, onze aconteceram no espaço sub-rogado e seis no espaço token. Dos trinta verbos com concordância, catorze foram realizados no espaço sub-rogado e 25 no espaço token.

Assim, a restrição no que tange à realização dos verbos nos espaços sintáticos por conta de sua morfologia diz respeito aos verbos que são ancorados no corpo, os quais não podem acontecer diretamente no espaço token – precisam ser sinalizados no espaço real para depois serem repetidos no espaço token.

Já os verbos com concordância não apresentam restrições nos espaços sintáticos por conta de sua morfologia, especificamente em face da combinação dos parâmetros movimento e locação que lexicalizam os argumentos do verbo no sinal.

Nesta pesquisa, interessa-nos o reconhecimento de que há uma relação entre morfologia verbal e sintaxe, mostrando as restrições em relação à realização dos verbos. Assim, podemos ver uma questão teórico-metodológica que pode auxiliar na compreensão da atuação da interface no sistema gramatical – é relevante perceber as regularidades e as restrições no funcionamento gramatical para a proposição de uma tipologia que considere a interface.

Sá (2013) buscou apresentar as diferenças morfossintáticas entre os **definidos fracos e fortes** na Libras. A primeira diferença está no uso do espaço sintático – os definidos fracos foram sinalizados no espaço neutro enquanto os definidos fortes foram sinalizados no espaço sub-rogado. Isso se deve ao fato de que é a propriedade de unicidade que distingue esses definidos.

Autora defende que a diferenciação espacial é um elemento de marcação de correferência, pois os substantivos que serão retomados são localizados em espaços específicos enquanto os substantivos que não serão retomados são localizados no espaço



neutro. A autora destaca a impossibilidade de se aprofundar nos mecanismos de anáfora por conta da limitação dos seus dados. De maneira geral, vemos que o parâmetro locação, provavelmente ao lado da expressão não-manual, marca o nível de definitude desses elementos linguísticos – se fracos ou fortes.

Consequentemente, entendemos que é preciso olhar como as noções ontogenéticas são representadas na gramática. Acreditamos que isso pode ser feito mediante um caminho de revisitação das categorias gramaticais da Libras a partir de uma tipologia que possa ser aplicada à Libras, considerando suas especificidades.

Figueiredo (2020) analisou como se dá a **marcação de *tense*** na Libras, entendendo que a Libras apresenta as mesmas características morfossintáticas que a língua chinesa que não apresenta marcação de *tense*. Isso não implica dizer que a língua não apresenta recursos para a marcação de tempo. Assim, a autora percebeu, em seus testes, que a marcação temporal é feita através do aspecto em sentenças não-marcadas em Libras e em rastreamento ocular.

As sentenças não marcadas mostram uma relação entre “a telicidade do verbo e a interpretação de referência temporal de sentenças não marcadas com expressões temporais em Libras (p. 126), ou seja, as sentenças com verbos télicos são mais interpretadas no passado se comparadas com as sentenças com verbos atélicos, enquanto os verbos atélicos são mais interpretados no presente do que os verbos télicos. Isso se deve ao fato de presença de um elemento morfológico, especificamente um morfema que indica um estado final na Libras, marcando a interface morfologia-semântica.

Como os resultados não apontaram para a presença desse morfema que indica estado final gerando uma interpretação no passado, em todas as ocorrências, a autora propôs um teste de rastreamento ocular para analisar as diversas interpretações temporais em sua associação com os elementos lexicais dos verbos na Libras.

Os resultados dos testes “confirmam que há uma relação entre a telicidade do verbo e a interpretação de referência temporal de sentenças não marcadas com expressões temporais em Libras” (p. 143). Assim, ela apresentou evidências “de que a presença de telicidade em sentenças não marcadas por expressões temporais em Libras faz com que a interpretação de passado seja considerada pelos falantes dessa língua” (p. 146).

Diante disso, ela concluiu que a Libras é uma língua que não apresenta *tense*, mas que realiza a referência de tempo através de expressões temporais, advérbios de tempo e especificações aspectuais do verbo. Há uma relação de interface aqui, mas não conseguimos perceber como os parâmetros fonológicos contribuem para isso, embora

possamos supor que dada a natureza morfológica das estratégias empregadas pode haver uma intensificação no movimento e da expressão não-manual, simultaneamente, para a construção dessas estratégias temporais.

De qualquer forma, é importante notar como a noção de tempo é codificada na Libras, revelando a especificidade visual-espacial da língua e indícios de uma ontogênese própria da pessoa surda. Assim, a maneira que os indivíduos surdos percebem e compreendem o tempo é distinta da forma que os indivíduos ouvintes o fazem, pois as estratégias linguísticas empregadas corroboram essa diferença.

Lima (2019) trabalhou com a interface sintaxe-semântica para investigar o funcionamento do fenômeno da **causalidade** na Libras. Ela adota a hipótese de que as relações de causalidade se dão através de conectivos manuais (causais, temporais e condicionais) e através da justaposição, sem o uso de conectivos, sendo que nos dois tipos de ocorrência, as expressões não-manuais são imprescindíveis para a organização das categorias semânticas que também garantem a causalidade.

O que nos interessa neste trabalho é o emprego das expressões não manuais com o uso dos conectivos ou com a estratégias de justaposição, ao lado de alguma mudança na intensidade do movimento, visto que a autora evoca questões pragmáticas e semânticas, para a construção argumentativa, que só poderiam ser identificadas através de alterações no movimento do sinal, considerando o movimento como um parâmetro que carrega um potencial para relações gramaticais que necessitam de intensidade – seja na causalidade, na temporalidade, na condicionalidade ou na topicalização.

Pinto (2018) analisou a **ambiguidade** na Libras em sentenças com verbos simples para investigar os seus impactos na ordem dos constituintes na sentença. Ele reconhece que a ordem básica na Libras é SVO, mas que ambiguidades podem ser geradas quando os constituintes são reorganizados na sentença. Assim, a desambiguação depende do traço semântico do verbo já que a topicalização mantém a ambiguidade – ao alocar os argumentos do verbo para o início da sentença a ambiguidade se desfaz. O autor ainda reconhece que os parâmetros expressão não-manual e locação ao serem combinados contribuem na compreensão da ordem dos constituintes na sentença.

Diante disso, vemos a ambiguidade é desfeita quando se olha o fenômeno a partir da interface. Isso é mais um indício de que a interface atua no funcionamento da gramática da Libras e que os parâmetros fonológicos assumem funções para unir os níveis gramaticais a fim de representar a forma que as pessoas organizam a língua.

Castro (2007) estudou as **proposições** em Libras, isolando-as para encontrar seus encaixes sintáticos e apontar suas marcas. Nessas proposições, ela percebeu o uso das expressões não-manuais com o movimento para criar encaixes, tanto nos processos de derivação e de composição. Isso é interessante para nós no sentido de que dois parâmetros foram combinados para a organização de mais um fenômeno gramatical, na interface, que é são as estruturas proposicionais.

### 3.5 RESUMO TIPOLOGICO: TEORIA DA ARTE

A partir dos trabalhos que trouxemos sobre a tipologia da Libras e sobre os níveis gramaticais, buscando tecer uma reflexão de cunho epistemológico para encontrar indícios da atuação das interfaces na organização da gramática, apresentamos um resumo de uma possível tipologia, tendo como base as pesquisas apresentadas. Esta ainda não é a proposta tipológica que elaboramos para a Libras, visto que necessitamos de evidências linguísticas através de nossos dados para confrontá-los com o referencial teórico.

O Quadro 14 busca esboçar a tipologia baseada nas descrições atuais da Libras. Posteriormente, confrontamos essa tipologia com a tipologia que propomos a partir dos nossos dados, considerando como as categorias da Libras funcionam em uma gramática que se estrutura nas interfaces.

Neste ponto, é importante destacarmos que nas pesquisas que trouxemos, em uma teoria da arte, notamos que o que possibilita que a gramática da Libras seja organizada nas interfaces são as funções que os parâmetros fonológicos desempenham para orquestrar as relações entre os níveis gramaticais. Organizamos, então, esse Quadro apresentando o fenômeno linguístico, os parâmetros fonológicos que parecem ser mais proeminentes e o tipo de relação de interface gramatical:

**Quadro 14** – Resumo tipológico dos fenômenos linguísticos encontrados na revisão bibliográfica

| <b>Fenômeno linguístico</b>  | <b>Parâmetros fonológicos mais proeminentes</b> | <b>Tipo de relação de interface gramatical</b> |
|------------------------------|-------------------------------------------------|------------------------------------------------|
| Derivação                    | movimento e locação                             | Morfossemântico                                |
| Composição                   | movimento e locação                             | Morfossemântico                                |
| Número                       | configuração de mão e movimento                 | Morfossemântico                                |
| Negação                      | configuração de mão e movimento                 | Morfossemântico                                |
| Flexão de pessoa e de número | movimento e locação                             | Morfossemântico                                |
| Flexão de nomes              | movimento e locação                             | Morfossemântico                                |

|                                     |                                                                              |                     |
|-------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| Flexão de verbos                    | movimento, locação e configuração de mão                                     | Morfossintático     |
| Aspecto                             | movimento e locação / movimento e expressões não-manuais                     | Morfossemântico     |
| Flexão de gênero                    | Inexistente                                                                  | -----               |
| Nomes                               | locação e configuração de mão                                                | Morfossemântico     |
| Verbos                              | movimento, configuração de mão e expressão não-manual                        | Morfossintático     |
| Traços semânticos                   | configuração de mão e movimento                                              | Morfossemântico     |
| Coordenação (por adição e oposição) | movimento e expressão não-manual                                             | Sintático-semântico |
| Espaços real, token e sub-rogado    | movimento, configuração de mão e expressões não-manuais/ movimento e locação | Sintático-semântico |
| Causatividade                       | totalidade dos parâmetros                                                    | Sintático-semântico |
| Voz passiva                         | Inexistente                                                                  | -----               |
| Topicalização                       | Locação                                                                      | Morfossintático     |
| Predicativo                         | expressão não-manual e locação                                               | Sintático-semântico |
| Concordância verbal                 | movimento e locação                                                          | Morfossintático     |
| Toponímia                           | configuração de mão, movimento e locação                                     | Morfossemântico     |
| Homonímia                           | totalidade dos parâmetros                                                    | Sintático-semântico |
| Metáfora                            | locação e movimento                                                          | Morfossemântico     |

|                           |                                                                                                                                                                                         |                     |
|---------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
|                           |                                                                                                                                                                                         |                     |
| Iconicidade –             | configuração de mão e movimento; configuração de mão e expressão não-manual; movimento e locação; configuração de mão e locação; expressão não-manual e movimento; movimento e locação. | Morfossemântico     |
| Definidos                 | locação e expressão não-manual                                                                                                                                                          | Morfossintático     |
| Marcação de tempo         | expressão não-manual e movimento                                                                                                                                                        | Morfossemântico     |
| Causalidade               | expressões não-manuais e movimento                                                                                                                                                      | Sintático-semântico |
| Ambiguidade               | expressão não-manual e locação                                                                                                                                                          | Sintático-semântico |
| Estruturas proposicionais | expressões não-manuais e movimento                                                                                                                                                      | Sintático-semântico |

**Fonte:** A autora (2023).

Através deste Quadro, podemos perceber que: 1) há um padrão de combinação de dois parâmetros para organizar relações nas interfaces gramaticais: 2) o padrão movimento está presente na maioria das combinações, o que nos impele a refletir sobre o seu papel no sistema gramatical da Libras; 3) a maior parte das relações gramaticais são de natureza morfossemântica pelo fato de que a maior parte das pesquisas realizadas está inserida no campo da morfologia; 4) a orientação da palma da mão não aparece em nenhuma das combinações dos parâmetros, o que nos faz questionar seu lugar no sistema gramatical da Libras.

#### 4 AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E DE GRAMÁTICA: SITUANDO A ORIENTAÇÃO DA NOSSA PESQUISA

Partimos uma orientação de base funcional e cognitiva para propor um modelo tipológico que possa ser aplicado à Libras. Assim, ao investigarmos como as categorias gramaticais em Libras se estruturam nas interfaces, reconhecendo que a interface desempenha um papel relevante na organização da gramática da Libras, fizemo-lo com uma inspiração teórico que nos aproxima de um funcionalismo norte-americano.

Pensamos que o Funcionalismo, em suas mais variadas escolas linguísticas, apresenta uma abordagem para o estudo da gramática que evoca a interação verbal para explicitar o funcionamento das expressões linguísticas (NEVES, 2017; DIK, 1997). É fundamental, então, enxergar os usos da língua para compreendermos a organização da gramática.

Neste sentido, não escolhemos um modelo teórico específico para explicar o funcionamento gramatical da Libras, visto que nosso trabalho é eminentemente teórico, ao passo que propomos uma tipologia para esta língua – debruçamo-nos sobre as categorias gramaticais, especificamente as estruturas e as regras que arquitetam e codificam as experiências de mundo das pessoas surdas por meio da Libras.

Optamos por situar nossa pesquisa mediante a delimitação do olhar que estamos analisando a Libras. Para tal, optamos por explicitar **a concepção de língua e de gramática** que adotamos, a fim de que o leitor saiba a partir de que viés estamos enxergando as categorias gramaticais nas interfaces para propor um modelo teórico de tipologia linguística específica para esta língua.

A partir de Bybee (1998), entendemos que a gramática está intimamente relacionada tanto à função quanto ao significado, pois é produto de habilidades cognitivas que também são empregadas em atividades de natureza não linguística. Consequentemente, afastamo-nos de uma visão rígida da gramática, pois esta é viva – novas formas linguísticas assumem o lugar de formas linguísticas mais antigas, em face de aspectos culturais emergentes.

Isso implica o reconhecimento de que a gramática está intimamente ligada ao significado e ao uso, ao invés de carregar independência em relação a estes. Habilidades cognitivas como representações mentais, categorização, generalizações, inserção de informações velhas antes de informações novas são perpassadas pela gramática.

Isso coaduna com Langacker (2008), cognitivista, o qual compreende que a gramática é essencialmente significativa, isto é, geradora de significado para os seres humanos tanto nos elementos que a compõem quanto na possibilidade que ela nos oferece de simbolizar nossas experiências de mundo, sobretudo ao construirmos a realidade no intercâmbio de significados e de estruturas mais complexas. A gramática integra a nossa cognição, mas também nos ajuda no entendimento do funcionamento desta cognição.

A conceptualização emerge como uma operação mental que se materializa através da língua – as estruturas conceituais alicerçadas no cérebro são representadas linguisticamente através de expressões e formas gramaticais. A partir disso, entendemos que ao propormos uma tipologia específica para Libras, através da análise do funcionamento das categorias gramaticais nas interfaces, podemos obter evidências dos processos de conceptualização, como um todo, que os indivíduos surdos realizam.

A relação entre significado linguístico e cognição, nos estudos acerca da língua, está ancorada, basicamente, em quatro fatores: 1) há um substrato conceptual elaborado no conhecimento acumulado que o indivíduo carrega e na percepção dos contextos físico, social e linguístico que o circundam; 2) a própria expressão linguística aponta para a proeminência de uma possibilidade interpretativa em detrimento de outras que a situação oferece; 3) as habilidades imaginativas do indivíduo possuem uma dimensão longitudinal, através de estratégias linguísticas como a metáfora e a referenciação com os pronomes indefinidos; e 4) fenômenos linguísticos como esses dois citados revelam a multiplicidade de arranjos mentais que podemos realizar nesse movimento de interpretação da realidade em que vivemos e sobre a qual falamos.

Dessa forma, a gramática abriga as construções cognitivas, as quais são de natureza conceptual e semântica, da abstração humana. Trabalhar com a gramática, descrevendo-a e sistematizando-a é mergulhar nesse profundo universo relacional entre significado e cognição que nos torna humanos.

Diante disso, concordamos com Langacker (2008) de que a gramática é simbólica, em sua natureza. Neste sentido, o símbolo é a estrutura bipartida em estrutura semântica (significado) e estrutura fonológica (forma fonológica)<sup>18</sup>. “Léxico e gramática formam

---

<sup>18</sup> Neste ponto, notamos que a perspectiva de Langacker acerca da língua passou por um refinamento, visto que em Langacker (1972) há a concepção dessa estrutura bipartida, em som e significado, mas em Langacker (2007) vemos que ele reforça o aspecto cognitivo imbuído no símbolo, ao usar os termos “estrutura fonológica” e “estrutura semântica” para se referir ao que antes ele denominava de “som” e “significado”. Pensamos que é relevante destacar isso porque entendemos, em nosso posicionamento epistemológico diante da teoria, que conceitos e métodos são transformados, aprimorados, ou até mesmo abandonados nesse processo de construção do saber científico (KUHN, 1978).



uma gradação que consiste, unicamente, em conjuntos de estruturas simbólicas” (p. 5). Consequentemente, a metalinguagem empregada nas descrições gramaticais é embebida de significado.

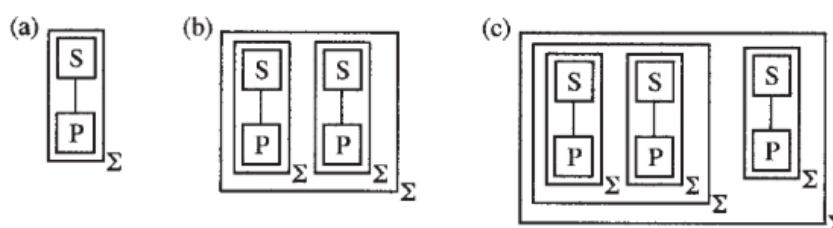
Isso ressoa diretamente em nossa pesquisa na forma que descrevemos as evidências linguísticas das relações morfossintáticas, morfossemânticas e sintático-semânticas para propormos, em seguida, uma tipologia para a Libras. A aventura desafiadora de fazermos um apanhado das categorias gramaticais da Libras, como linguistas, não pode ser totalmente objetiva, pois também está embebida de significados em nossa tentativa de empregar uma metalinguagem que retrate como a Libras realmente é, partindo de uma orientação funcional e cognitiva.

O autor ainda destaca que, na teoria funcional e cognitiva, é preciso considerar, em um primeiro nível, a descrição das estruturas linguísticas. Em um segundo nível, é preciso verificar o que é prototípico na língua e seu grau de prototipicidade, isto é, o que leva as estruturas linguísticas a se agruparem em uma determinada categoria ou a se repelirem. Em um terceiro nível, é necessário apresentar explicações funcionais para os dados encontrados no segundo nível.

Para Langacker (2013), a gramática de uma língua deve apresentar três estruturas, a saber uma estrutura semântica, uma estrutura fonológica e uma estrutura simbólica, sendo esta última a que abriga as duas primeiras. As estruturas simbólicas são bipolares, com um polo semântico e um polo fonológico. Assim, léxico, morfologia e sintaxe estão dispostos em um *continuum* reduzido aos agrupamentos de estruturas simbólicas, fazendo com que a estrutura simbólica seja correspondente à motivação entre a estrutura semântica e a estrutura fonológica.

Nessa perspectiva, a iconicidade está situada em nível conceptual, mediante a representação de diagramas pictóricos que coadunam com a abordagem cognitiva. Abaixo, vemos esses diagramas que representam o *continuum* entre o léxico e a gramática.

Podemos dizer que (a) é uma representação icônica do sinal CASA, de forma que o item simbólico apresenta uma estrutura semântica e uma fonológica. Em (b), há a combinação de duas estruturas simbólicas formando uma estrutura simbólica superior que codifica um sintagma, como a frase “comprou uma caneta”. Em (c) encontramos uma estrutura conceptual de nível mais elevado, como “Nídia comprou uma caneta”. O digrama representa, então, o *continuum* que uma estrutura percorre de um nível mais simples para um nível de alta complexidade.

**Esquema 9** – Diagramas da gramática

**Fonte:** Langacker (2013, p. 15).

Diante disso, esse diagrama representa, conceitualmente, o evento do mundo, correlacionando forma e função, estrutura semântica e estrutura fonológica, na gramática funcional cognitiva. Consequentemente, a iconicidade passa a ser um construto cognitivo mediado pelas estruturas simbólicas.

Foi esse percurso que trilhamos na nossa análise de dados para pensar uma tipologia para a Libras. Este também foi mais um motivo que nos conduziu a não adotar um modelo específico, pois não queríamos enquadrar nossos dados linguísticos em um modelo gramatical e sim olhá-los como eles realmente são para que pudéssemos perceber como o funcionamento das estruturas revela a cognição das pessoas surdas.

Diante disso, faz-se necessária uma ontogênese da Libras, a partir de Givón (2011). Ele propõe que os fenômenos linguísticos designam aspectos semânticos que classificam a forma que experienciamos o mundo físico-sensível, classificando-o na existência espacial (existir no espaço), existência temporal (existir no tempo) e existência pura (existir).

A existência espacial é conferida as entidades do mundo à medida que as nomeamos através dos substantivos. A existência temporal é codificada, na língua, através dos verbos, os quais representam as ações ou eventos que vivenciamos e que podem ser organizados cronologicamente em passado, presente e futuro.

Por fim, a existência pura é materializada na língua em palavras mais abstratas que não apresentam noções exclusivamente espaciais ou temporais e nos verbos *ser* e *estar*, os quais indicam os atributos das entidades do mundo, conferindo-lhes existência.

Observemos o quadro abaixo que é uma indicação das estruturas linguísticas que codificam a existência espacial, a existência temporal e a existência, focando a constituição linguística da Libras, a partir do que podemos extrair das pesquisas que apresentamos sobre a Libras na **seção 3**:

**Quadro 15** – Organização da ontogênese linguística da Libras

| EXISTIR NO ESPAÇO                                                                                                                                                                                                                   | EXISTIR NO TEMPO                                                                   | EXISTIR                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1) nomes (substantivos)<br>Ex: cadeira, mesa, caneta, sol, lua, estrela, estojo, sala, carro, sandália, perfume, ventilador, televisão, etc)                                                                                        | 1) verbos (descrevem eventos e ações no mundo)                                     | 1) nomes que indicam noções abstratas. Ex: amor, liberdade, ideia, coragem, etc.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 2) predicados que indicam o lugar onde estamos, como: a) estar no espaço. Ex: sala [apontação) número 101; b) sentar. Ex: Ex: auditório UFPE sentar. d) deitar. Ex: Às vezes, sofá casa deitar. e) dormir. Ex ônibus sentar dormir. | 2) expressões dêiticas de tempo: a) agora, ontem, amanhã, hoje, antes, depois, já. | 2) predicados-qualidades (frases com os verbos ser e estar que indicam as características físicas das pessoas e dos objetos e que indicam os estados de espírito das pessoas. Em Libras, geralmente, não se usa esses verbos, pois a ideia de ser e de estar parecem estar lexicalizadas nos adjetivos. Ex: Maria linda/ Maria professora libras/ Maria cansada/ Maria feliz. No entanto, é possível dos sinais SOU e do verbo ser na forma “é”, como apresentamos na análise. |
| 3) expressões dêiticas de pessoa que em Libras são realizadas por meio: a) do espaço token; b) da apontação                                                                                                                         |                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

|                                                                                 |  |  |
|---------------------------------------------------------------------------------|--|--|
| 4) expressões dêiticas de espaço: a) aqui, ali, perto, longe, em cima, embaixo. |  |  |
|---------------------------------------------------------------------------------|--|--|

**Fonte:** A autora (2023).

Para Givón (2011), o que possibilita a percepção espacial é o julgamento perceptual e a calibração<sup>19</sup>. O indivíduo percebe o espaço e o classifica através dos nomes (substantivos) e através de dicotomias como dia e noite, gordo e magro, bonito e feio, alto e baixo, cheio e vazio. Essas dicotomias são distinções binárias, visto que possibilitam tanto a percepção das entidades do mundo quanto à sua organização cognitiva através de oposições que são materializadas por meio das palavras (nas línguas orais) e dos sinais (nas línguas de sinais).

Então, a percepção espacial se organiza, também, por meio de distinções binárias. Tais distinções/propriedades fazem com que seja possível diferenciar os indivíduos e os objetos do mundo, segregando o universo em dois subconjuntos – um com as entidades que têm a propriedade (de gordura corporal acima do usual, por exemplo – GORD@) e outro com as entidades que não têm a propriedade (de não ter gordura corporal acima do usual, por exemplo – MAGRO).

Quando o indivíduo emprega a sua percepção espacial através dos nomes e das distinções binárias, ele é impelido a realizar um julgamento perceptual, avaliando se as propriedades do objeto estão de acordo com a palavra ou o sinal que é utilizado para se referir a esse objeto. Se um indivíduo utiliza o sinal GORD@ para se referir à pessoa magra, a percepção espacial seria julgada inadequada.

Outra forma de julgar a percepção espacial é através dos sentidos – tato, olfato, paladar, visão e audição – à medida que são empregadas palavras ou sinais para nomear as propriedades das coisas do mundo, as quais são percebidas pelos sentidos. Assim, ao conferir atributos às entidades realiza-se um julgamento de como essas entidades são ou não são.

Tomemos como exemplo um indivíduo surdo que come um bolo de chocolate e o seu paladar percebe que esse bolo é doce, em oposição ao que o seu paladar perceberia se comesse uma coxinha de galinha que é salgada. Como este indivíduo poderia expressar

<sup>19</sup> Optamos por não tratar da calibração para não apresentarmos conceitos que não estão diretamente relacionados ao nosso objeto de estudo e aos nossos objetivos de pesquisa.

as propriedades que foram detectadas pelo seu paladar nesta experiência gustativa? Através da língua, nos sinais DOCE e SALGADO.

Na experiência temporal, Givón (2011) demonstra que o universo das ações ou eventos é mapeado na língua através dos verbos, especificamente na categoria dos verbos. Nesse sentido, os verbos se organizam em dois grupos: verbos que descrevem eventos e verbos que descrevem estados. Os verbos que descrevem estados não envolvem mudança no tempo e podem durar porções de tempo mais curtas ou mais longas enquanto os verbos que descrevem eventos envolvem mudança no tempo, porque apresentam um estado inicial e um estado final. Vamos analisar algumas frases do nosso *corpus*:

- (a). Estado: “Agora **viver** aqui sala própria particular estudar”.
- (b). Estado: “Porque passado 2001 **estar** curso capacitação”.
- (c). Evento: “Eu aprender língua português incluir/incluído **entrar** mundo ouvinte eles sociedade, eles povo grande”.
- (d). Evento: “Eu pensar passeata como? Medo polícia trotar eles **cair**”.

Nos exemplos (a) e (b), vemos que a noção de estado está sendo representada na Libras através dos sinais VIVER/VIDA e ESTAR. Perguntamo-nos, então, por que o sinal VIVER/VIDA é empregado no sentido de estar, mostrando que não apenas o verbo “estar” codifica o estado? Entendemos que a condição de viver é percebida pelos indivíduos surdos como uma noção de estado, visto que, nos seres animados, ter vida é estar situado no tempo e do espaço.

Quanto ao emprego do verbo ESTAR, notamos que a frase evoca uma delimitação do tempo passado para indicar a existência de um estado, o que coaduna com a perspectiva de Givón de que os verbos estativos estão restritos a uma duração de tempo, seja esta mais curta ou mais longa, porém sem envolver uma mudança ao longo do tempo.

Nos exemplos (c), observamos que havia um estado inicial fora da sociedade ouvinte e um estado final dentro da sociedade ouvinte. No exemplo (d), o estado inicial era em cima do cavalo e o estado final era no chão. Assim, é possível perceber que os verbos ENTRAR e CAIR descrevem mudanças no tempo, gerando um estado inicial e um estado final marcados pela ação desses verbos.

Ainda no universo temporal, é preciso olhar para os verbos que carregam volição, isto é, ações que precisam ser praticadas por um agente – um indivíduo que age intencionalmente. Podemos ver isso em um dos enunciados do nosso *corpus*:

(e). “Eu (DIRECIONALIDADE DO PRONOME – eu mesma) autonomia pedir meu pais dar (DIRECIONALIDADE DO VERBO – alguém dá à mim) aparelho auditivo”.

Neste enunciado, vemos a sinalizante surda, Tainá, falando que pediu aos seus pais um aparelho auditivo e eles o fizeram. Tanto o verbo PEDIR quanto o verbo DAR são ações que dependem da atitude voluntária de um agente que seja capaz de controlar as suas ações. “Cada instância de causação controlada também envolve intenção, mas algumas intenções podem não envolver causação controlada” (GIVÓN, 2011, p. 473), como está expresso neste enunciado:

(f). “Eu limitar/limitação/barreira sempre deficiência geral também limitar/limitação/barreira”.

Em (f), Tainá destaca que o indivíduo surdo é limitado pela sociedade assim como outras pessoas que têm deficiências também passam por limitações. Notamos que ação de limitar é sofrida pelo indivíduo surdo e que não há nenhum indicativo de alguém teve a intenção de limitar a pessoa surda.

Tivemos essa interpretação porque no campo temático em que o vídeo está inserido, a Tainá expõe como as pessoas ouvintes adotam a postura de limitar as pessoas surdas quando não colocam legenda em seus vídeos. No entanto, ela assume no vídeo a posição de orientar os ouvintes acerca da importância de legendar os vídeos. Assim, essa atitude das pessoas ouvintes de limitar a compreensão dos indivíduos não é intencional.

Para sabermos, de fato, quem é agente e quem não é agente, Givón traz critérios experienciais que auxiliam nessa identificação. No mapa cognitivo dos eventos causados, apenas agentes podem ser sujeitos de verbos/predicados que descrevem tais eventos. Na língua, a classe dos agentes é exclusivamente humana, com raras permissões para carros (O carro bateu no poste), computadores (O computador quebrou), ventos (O vento derrubou a árvore), fogos (O fogo queimou a casa toda), água (A água vazou pela bacia sanitária), vertebrados superiores (O leão comeu o veado). Então, há dois critérios experienciais para os agentes: se o agente é mais humano e se a ação praticada pelo agente pode ser caracterizada como intencional porque o agente precisa apresentar comportamento intencional além de ter controle sobre seu comportamento.

Há uma classe de verbos que seleciona, também, sujeitos humanos adultos, com poucas exceções, é claro. É a classe dos verbos de cognição, emoção e intenção. Eis alguns exemplos desses verbos:

Verbos de cognição: saber, pensar, acreditar, entender, supor, suspeitar, etc. b.

Verbos de emoção: temer, esperar, ficar triste, ficar zangado, ficar feliz, etc. c.

Verbos de intenção: querer, pretender, planejar, aceitar, recusar.

Todos esses verbos descritos em acima apresentam uma característica comum que é a consciência. Nesse sentido, entendemos que ação intencional implica consciência, mas consciência não implica ação intencional. Como assim? Uma pessoa que acredita em Deus tem a intenção de acreditar em Deus e tem, conseqüentemente, a consciência de que acredita em Deus.

Dessa forma, tais verbos em acima exigem que o agente tenha intenção e consciência dessa intenção. No entanto, imaginemos uma situação em que uma pessoa quebrou a janela de uma sala porque tropeçou na mesa. Ela tem consciência de que quebrou a janela, porém ela não o fez intencionalmente. Afinal, sua ação foi um mero acidente.

Além dos sujeitos serem entidades conscientes e obrigatoriamente humanas, de maneira geral, esses sujeitos podem ocupar a posição de objeto em algumas frases. Uma entidade consciente pode ocupar a posição sujeito agente, sujeito consciente e objeto consciente.

Givón (2011) mostra como o mapa cognitivo apresenta aspectos da linguagem que apontavam para o nosso sistema de representação cognitiva, memória e recuperação. Em seguida, ele estabelece uma conexão entre o comportamento dos organismos e os estados de mudança de seu universo, ou seja, o ambiente. Para ele, a “evolução biológica e cognitiva de um organismo como um processo de interação entre um organismo intencional e seu ambiente” (GIVÓN, 2011, p. 484) destaca os modos de interação subjacentes – interação com o ambiente, comportamento interpessoal e comunicação.

O próprio conceito de ação pressupõe interação entre um organismo consciente (uma pessoa, um animal) e o seu ambiente. Nesse sentido, os eventos podem ser neutros no comportamento dos organismos ao descrevem estados iniciais e finais no universo em que não havia o envolvimento de nenhum ser sensível ou agente. Por outro lado, as ações

são mudanças no estado do universo em que o comportamento intencional dos agentes está envolvido.

Nesse sentido, quando o agente pratica uma ação volitiva, apresentando comportamento intencional, ou seja, causando mudança, esse agente agiu sobre o ambiente. Tal comportamento é o primeiro passo para a interação – mesmo que esta seja unidirecional, visto que o objeto da ação do agente não pode reagir à ação praticada por ele.

A intenção do agente não altera o estado inicial de um evento porque o estado já está lá e pertence, conseqüentemente, ao tempo anterior ao eixo da ação. No entanto, a intenção do agente exerce papel fundamental sobre o estado posterior a ação do agente porque esse estado posterior é resultado, obrigatoriamente, da intenção de ação do agente. É portanto, um fato novo.

Tomemos a sentença “Maria derrubou o copo da mesa”. Qual é o estado inicial do copo? O copo já estava sobre a mesa e a frase não indica que o agente colocou o copo em cima da mesa. Então, o agente não teve qualquer intenção de ação no ato de colocar o copo em cima da mesa. Dessa forma, a intenção do agente não interfere no estado inicial da ação porque o estado do copo em cima da mesa já é um fato dado e anterior ao tempo de ação do agente.

Todavia, o ato intencional de Maria de derrubar o copo que estava em cima da mesa faz com que o copo caia no chão, conseqüentemente. Então, a ação intencional de Maria interfere diretamente no estado final do copo que é estar no chão.

Diante disso, na interação com o ambiente há dois tipos de fatos: fato velho e fato novo. Os fatos velhos são, indiscutivelmente, certos porque eles já aconteceram e não há nada que o agente possa fazer para mudar o estado inicial desses fatos. Os fatos novos, por sua vez, são fatos pretendidos e são, portanto, incertos e discutíveis porque a ação do agente ainda irá influenciar o estado final. Então, “os conceitos de novos estados, incerteza e universo pretendido são relevantes apenas para agentes, isto é, para organismos capazes de ação pretendida” (GIVÓN, 2011, p. 486).

O fato de o ambiente sofrer com ação de eventos pretendidos por um agente indica que no processo evolutivo dos organismos, o novo ambiente (o universo pretendido) é fruto da evolução da percepção dos organismos. Quando os organismos desenvolveram a percepção frente-costas, eles passaram a ter uma experiência espacial tridimensional. Essa percepção de frente faz com o ambiente se mova para frente e faz com que os eventos pretendidos possam existir, de fato, no tempo e possam estar sujeitos a intenção de ação



do agente. Esse movimento para frente do ambiente estimula a nossa cognição a conceber o estado final como um estado situado no tempo futuro.

Diante disso, a comunicação entre organismos conscientes é fruto não das informações velhas e informações novas, mas do surgimento de agentes e do movimento sob intenção dos agentes. Sobre isso Givón (2011) destaca:

“Isso acontece porque o movimento intencional, não-causal introduz um viés interno entre experiências novas – aquelas que são encontradas no novo ambiente em direção ao qual o indivíduo se move – e experiências velhas, familiares, perceptualmente menos salientes, encontradas repetidamente no velho ambiente do qual o indivíduo está se movendo. Assim, a informação/teoria potencial para a comunicação já está presente na interação unidirecional entre o agente volitivo que se move e seu ambiente. De fato, o movimento volitivo abriu a porta para a emergência de nossa construção de informação nova versus velha. A evolução dos agentes e o movimento volitivo, assim, tornaram o universo de mapeamento cognitivo não-causal, e devem ter sido um percussor necessário a evolução de comunicação”. (p. 488).

A evolução do comportamento unidirecional dos organismos em relação ao ambiente para um comportamento bidirecional ou interação social foi motivada, provavelmente, pela evolução paralela da estrutura social. Na história da evolução, o percussor para isso deve ter sido o modo sexual de reprodução. Os organismos mais rudimentares se reproduziam sozinhos, sem ser necessária a existência de outros organismos, mediante a reprodução assexuada, em que um organismo se reproduz dividindo seu próprio corpo para dar origem a outros organismos que são geneticamente iguais à ele.

A partir do surgimento da reprodução sexual com dois organismos copulando, surgiu, então, a diversificação genética intraespécies. É provável que a evolução de interação social seja resultado da relação sexual a dois e que tal evolução tenha acontecido paralelamente à comunicação interpessoal.

Tanto a evolução sexual quanto a comunicação interpessoal são características de organismos que agem intencionalmente. Isso significa que para que ambas fossem possíveis, houve uma evolução na estrutura cognitiva dos organismos, os quais

desenvolveram algum esquema inferencial através do qual um indivíduo pudesse julgar o significado, a intenção, ou o propósito de outros indivíduos por meio da observação do seu comportamento explícito. Assim, o comportamento é a chave para a informação.

Consequentemente, o surgimento de um sistema especializado e convencionalizado de comunicação – as línguas do mundo – é resultado do refinamento desses esquemas inferenciais iniciais permitindo a intensificação da carga informacional. Isso indica que a linguagem é um fenômeno que está sempre em movimento, isto é, em constante evolução.

Na comunicação entre dois indivíduos, as informações velhas e novas são fundamentais para que entendamos o comportamento nos indivíduos na interação. Se um diálogo está repleto de informações velhas, ou seja, se as informações dadas por um primeiro indivíduo são todas previsíveis, então o segundo indivíduo (o ouvinte) perderá o interesse pela conversa. Se em um diálogo, o primeiro indivíduo apresenta informações novas que são tão inesperadas e que destoam muito do conhecimento de mundo, então o segundo indivíduo se sentirá confuso e frustrado.

Isso mostra que a comunicação humana precisa conter informações coerentes, além de manter o equilíbrio entre informações velhas e novas. Então, a espinha dorsal da estrutura comunicativa é a divisão informacional entre informação pressuposta (velha) e informação asseverada (nova).

Dessa forma, extraímos de Bybee (1998), Langacker (2008) e Givón (2012) a orientação funcional e cognitiva que nos inspiraram para explicar o funcionamento das categorias gramaticais para investigarmos como a interface atua na organização da gramática, com a finalidade de propormos uma tipologia para a Libras que considere os arranjos cognitivos feitos nos usos da língua.

Afastamo-nos, portanto, em certa medida, da metalinguagem empregada nas descrições contemporâneas do sistema gramatical da Libras, pois estamos em um movimento epistemológico para discutir, de fato, a natureza das estruturas, das categorias e das regras gramaticais da Libras, olhando a língua como ela realmente é. Assim, pudemos realizar uma proposição tipológica que coadune com o funcionamento real da língua.

## 5 METODOLOGIA

A partir de Daniel (2012), entendemos que a fonte de dados para a realização de uma tipologia linguística deve estar ancorada em um *corpus* que é composto por usos reais da língua, visto que as gramáticas produzidas não apresentam as informações necessárias que interessariam aos tipologistas, posteriormente. Assim, o autor sugere o acesso ao *corpora* eletrônico, como o British National Corpus, Russian National Corpus, que são fontes expressivas de dados com informações linguísticas oriundas de usos reais da língua.

Diante disso, destacamos a ausência da produção de uma gramática formal da Libras bem como de um *corpora* eletrônico com dados reais dos usos da Libras, o que nos impeliu a optar como fonte de dados três canais no Youtube e três perfis do Instagram, com produções de vídeos em Libras feitas por pessoas surdas, os quais divulgam o cotidiano das pessoas surdas e a cultura surda.

Reforçamos que esses canais e perfis são abertos, dispensando a necessidade de autorização de imagem porque os proprietários das contas se colocaram em uma situação de exposição voluntária ao produzirem esses vídeos e deixarem o acesso livre para qualquer público nesses espaços digitais. Além disso, consideramos que as mídias sociais, por sua veiculação visual, podem abrigar uma diversidade de vídeos em Libras, sendo uma fonte de registro de diversos usos desta língua. Abaixo, estão os links das contas midiáticas analisadas:

- Canal IsFlocos ((93) Isflocos - YouTube);
- Canal Visurdo ((93) Visurdo - YouTube);
- Canal A Moda Muda ((93) A moda muda - YouTube);
- @renata\_freitas\_libras;
- @meussinaisexpressam;
- @rodrigocustodio84.

Optamos por constituir um *corpus* robusto, entendendo que quanto maior o *corpus*, maior a probabilidade de os fenômenos serem encontrados (DANIEL, 2012). Desta forma, analisamos cinco vídeos de cada canal e perfil acima destacados, totalizando trinta vídeos, os quais somaram 1h 39 min 13s.

Para a seleção dos vídeos utilizamos como critérios 1) o vídeo ser produzido por um indivíduo surdo usuário da Libras; 2) o vídeo poder ser enquadrado em um gênero textual, visto que há vídeos produzidos por indivíduos surdos que apresentam material linguístico, de fato, configurando-se como colagem de imagens ou mímicas intencionais; 3) o vídeo apresentar pelo menos um fenômeno em cada uma das interfaces que estabelecemos.

Em primeiro lugar, precisamos caracterizar os canais e perfis que analisamos. O Canal IsFlocos é gerenciado pelo Gabriel Isaac e tem o propósito de trazer conteúdo digital sobre temas diversos, que vão desde questões relacionadas ao mundo surdo às questões mais contemporâneas como o cancelamento nas redes sociais, rotina, autoestima, relacionamentos, dentre outros. Todos os vídeos são sinalizados em Libras e apresentam legenda. Os gêneros nos quais podemos enquadrar os vídeos são entrevista, depoimento, diálogos, textos publicitários.

O Canal Visurdo é produzido pelos irmãos surdos Tainá e Andrei Borges. O Canal objetiva apresentar a cultura surda, defender a importância da Libras para as pessoas surdas, trazendo informações sobre a vida dos surdos, com o intuito de diminuir as barreiras vivenciadas por eles em país majoritariamente ouvinte. Assim, os temas giram em torno da surdez, da Libras, da cultura e identidade surdas e do potencial do indivíduo surdo. Todos os vídeos são sinalizados em Libras e possuem legenda. Podemos enquadrar os vídeos nos gêneros depoimento, entrevista e diálogo.

O Canal A Moda Muda é feito pela surda Carol Longman e objetiva ser uma ferramenta política para promover empoderamento, afirmação e valorização da vida e da cultura surda. Carol suscita temas acerca da vida profissional e acadêmica das pessoas surdas, além de temas que reforçam a luta histórica das pessoas surdas por inclusão e o lugar de fala desses indivíduos. Alguns vídeos estão organizados séries temáticas, como Futuro Surdo e SurdoAtletas. Todos os vídeos são sinalizados em Libras e têm legenda.

O Perfil de Instagram @renata\_freitas\_libras pertence a Renata Freitas, professora de Libras, de literatura e de poesia, tradutora de Libras e poeta. Este perfil se encaixa na modalidade Arte, no Instagram e expressa a identidade de poeta surda de Renata, pois está destinado apenas aos seus poemas em Libras. Todos os vídeos trazidos por ela são poemas em Libras, estão sinalizados em Libras, mas não apresentam legenda.

O Perfil de Instagram @meussinaisexpressam traz os vídeos da multiartista, poetisa e desenhista Yanna Porcino. Dos trinta e um vídeos do canal, apenas dois possuem

legenda. A maior parte dos vídeos se enquadra no gênero poema. Apenas dois vídeos são textos opinativos e dois são slow motion.

O último perfil @rodrigocustodio84 traz vídeos de Rodrigo Custódio que é professor da USFC, especificamente na área de Linguística aplicada à Libras. Ele se intitula criador de conteúdo digital, o que faz com que seus vídeos estejam situados em diversos subtemas em torno do mundo surdo. Encontramos gêneros como poemas, textos humorísticos e críticas. Ressaltando, no entanto, que a maioria dos vídeos é de cunho humorístico e de crítica social acerca da vida da pessoa surda.

Após a seleção dos vídeos e caracterização dos canais e perfis que analisamos, realizamos a transcrição de todos os vídeos<sup>20</sup>. Optamos por desenvolver nosso próprio estilo de transcrição, com um sistema de glosas que visa trazer palavras aproximadas em língua portuguesa para representar a forma do sinal em Libras. Fizemos essa escolha dada à especificidade da nossa pesquisa que propõe um modelo teórico de uma tipologia que possa ser aplicada à Libras.

Assim, as palavras e expressões que escolhemos neste sistema próprio de glosas refletem nosso movimento epistemológico e metalinguístico em torno de uma proposição tipológica que possa mostrar como a gramática da Libras funciona a partir das interfaces e como essas interfaces estão organizadas em fenômenos. Abaixo, temos esquematizada a forma que organizamos nosso próprio sistema de transcrição:

- **Negrito** – sinais que apresentam mesma forma linguística, mas podem ter significados ou usos distintos;
- **Barra** – usada para apontar possibilidades de palavras que representam os sinais que apresentam a mesma forma linguística, mas podem possuir significados distintos. Usado, também, para separar as descrições empregadas entre colchetes;
- **Itálico** – expressões temporais, espaciais ou adjetivais, estruturas de classificadores ou de transferência.
- **Em colchetes** – descrição da forma que o sinal acontece, tipo de concordância, tipo de espaço sintático, quantidade de mãos, ou outras questões que foram descritas;
- **Entre parênteses** – recurso para introduzir ou recuperar referente

---

<sup>20</sup> A transcrição de todos os vídeos consta do Apêndice I, seguindo nosso próprio estilo de transcrição.

- Ponto de interrogação – expressão de interrogação
- Ponto final – indicar o fim de uma oração ou período.
- Ponto de exclamação – indicar ênfase na expressão facial.
- Caixa alta – gestos ou recursos miméticos.
- Cores – utilizadas para especificar aspectos não convencionais na sinalização, como a sinalização apenas com uma mão.

Após realizarmos a transcrição dos vídeos, definimos categorias e fenômenos gramaticais em três relações de interface – morfossintática, sintático-semântico e morfossemânticas – a partir dos indícios que encontramos na revisão da literatura ao fazermos uma reflexão de cunho epistemológico de que a gramática da Libras se organiza nas interfaces, visto que em todos os trabalhos eram evocados aspectos de outro nível gramatical para se explicar o fenômeno estudado em um determinado nível<sup>21</sup>.

Em seguida, descrevemos e analisamos os fenômenos gramaticais com base em uma proposição nossa de noções interpretativas do mundo, em uma metalinguagem que busque apontar o funcionamento real da Libras, a partir dos usos dos indivíduos surdos mediante os vídeos que compõem nosso *corpus*. Assim, apresentamos evidências linguísticas de fenômenos gramaticais situados nas interfaces a partir desses vídeos, seguindo a organização abaixo:

### 1. Relações morfossintáticas

- a. Classes ontogenéticas (substantivo, verbo, adjetivo, pronome, advérbio, numeral, conjunção);
- b. Entidades representativas (classificadores e proformas)
- c. Estrutura argumental do verbo
- d. Interrogação
- e. Negação
- f. Posse

### 2. Relações sintático-semântico

---

<sup>21</sup> Sugerimos que o leitor consulte o Quadro 14, a qual traz um resumo dos fenômenos gramaticais, dos parâmetros fonológicos mais proeminentes e do tipo de interface. Este Quadro foi tomada como base para propormos os tipos de interface e os fenômenos gramaticais em cada uma dessas interfaces.

- a. Relações de adição, oposição, explicação, alternância e conclusão
- b. Relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação
- c. Referenciação
- d. Noções de ser e estar

### 3. Relações morfossemânticas

- a. Formação de sinais
- b. Quantificação de entidades
- c. Marcação de tempo

Para a apresentação das evidências linguísticas dos fenômenos acima listados, utilizamos trechos da transcrição dos vídeos, *prints* das telas dos vídeos e imagens próprias a fim de possibilitar a visualização e interpretação dos fenômenos que estudamos. As imagens próprias foram fotografadas e editadas no Estúdio de Produção Audiovisual de Libras (EPALI), do Departamento de Letras, localizado no Centro de Artes e Comunicação, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Recorri<sup>22</sup>, ainda, ao recurso da aula, por ser professora de Linguística na UFPE, especificamente no Curso de Licenciatura em Letras Libras, para promover discussões com os estudantes acerca dessas evidências linguísticas e da Tipologia que propomos, com o intuito de testar, informalmente, o alcance interpretativo de nossa proposta teórica. Fiz isso em face da insuficiência de materiais didáticos no ensino superior.

Ressaltamos que o conteúdo programático das disciplinas LE970 Semiologia, LE735 Linguística I – Fundamentos Teóricos, LE742 Linguística II – Teorias Linguística, impele-me, constantemente, a realizar a análises linguísticas de vídeos em Libras, em sala de aula para mostrar aos estudantes como os conceitos podem ser aplicados à Libras. Além disso, alguns dos questionamentos trazidos pelos estudantes sobre as singularidades da Libras, como o tipo de morfologia da Libras, a sintaxe espacial, os classificadores, escapa à teoria linguística pelo fato de que os modelos foram criados para as línguas orais e não para as línguas de sinais.

---

<sup>22</sup> A partir deste momento, optamos por utilizar a forma da primeira pessoa do singular para relatar uma experiência pessoal como professora que permitiu, em certa medida, testar a nossa proposta teórica diante do próprio funcionamento da Universidade que nos exige o trabalho integrado dos eixos ensino-pesquisa-extensão.

Neste sentido, foi relevante para mim observar as reações dos alunos surdos quando eu apresentava um elemento da nossa proposta tipológica. Para exemplificar, quando estávamos trabalhando o conteúdo Morfologia, ao estudar as classes de palavras, mostrei os vídeos (13) A IMPORTÂNCIA DA GRATIDÃO - YouTube e (13) TOUR PELO APARTAMENTO - YouTube.

Questionei os alunos sobre o que diferenciava substantivos de verbos e adjetivos na Libras, destacando os sinais AGRADECER/GRATIDÃO/GRATO, VIDA/VIVER, COMER/COMIDA, CASA/MORAR, INTERAÇÃO/INTERAGIR, BRINCADEIRA/BRINCAR, UNIÃO/UNIR, TRABALHO/TRABALHAR, OPORTUNIDADE/APROVEITAR.

Os alunos resgataram o que haviam aprendido em disciplinas anteriores sobre a gramática da Libras através de Quadros e Karnopp (2004). Apresentei as propostas de Schwager e Zeshan (2008), Zeshan (2002), Zeshan e Palfreyman (2017) para alargarmos a discussão teórica e os questionei acerca da existência de alguma marca morfológica que permitisse a diferenciação dos sinais e seu agrupamento em classes de palavras.

Em suas respostas, todos os alunos surdos evocaram aspectos sintáticos, como a ordem dos constituintes, sinais que antecediam e sucediam o sinal estudado, para poderem agrupar os sinais em uma mesma classe. Em seguida, eu os questionei por qual razão eles achavam que a Libras não diferenciava morfológicamente esses sinais. Eles não souberam responder. Então, perguntei o que significava para eles cada um desses sinais.

Os alunos surdos responderam de forma que foi possível perceber como eles apresentavam uma mesma ontogênese linguística mais voltada para a sua experiência com as entidades, os eventos e os atributos das entidades, sem a necessidade efetiva de diferenciá-los gramaticalmente, pois estavam situados em um mesmo campo de sua experiência interpretativa com o mundo.

Isso foi relevante para nós porque demonstra com a gramática da Libras reflete a forma específica com a qual as pessoas surdas percebem e interpretam o mundo no qual vivem e acerca do qual falam. Assim, reforçamos a necessidade de uma tipologia que considere as especificidades desta língua.

Para a elaboração da nossa proposta teórica de uma tipologia para a Libras, partimos de um raciocínio indutivo (TROCHIM, 2002; LIBERALI; LIBERALI, 2006), visto que observamos dados empíricos da Libras através da composição de um *corpus* para analisar a constituição tipológica desta língua. Assim, ao realizarmos descrições e



sistematizações das categoriais gramaticais nas interfaces, a fim de elaborar uma tipologia para esta língua, estamos nos movendo de observações específicas para generalizações.

A detecção de regularidades para as categorias gramaticais na Libras nos fez elaborar a hipótese de que as interfaces atuam na construção da gramática, desfazendo as bordas e limites gramaticais da Libras. A exploração dessa hipótese nos permitiu a proposição de uma tipologia para a Libras, baseada nas evidências de relações gramaticais de interface, de forma que organizamos a Análise apresentando tais evidências para corroborar nossa hipótese bem como apontar para as devidas conclusões, posteriormente.

Consideramos, ainda, que um estudo tipológico como o nosso se enquadra em uma abordagem pluralista, pois há uma diversidade de filosofias que poderiam ser utilizadas para a explicação da tipologia linguística específica que propomos para a Libras, visto que nosso trabalho é descritivo e teórico, ou seja, partimos da descrição dos fenômenos gramaticais para trabalhar com a Libras e propor um modelo que abarque as especificidades desta língua.

Estamos situados, então, na orientação da tipologia funcional e cognitiva (BYBEE, 1998; LANGACKER, 2008; GIVÓN, 2012), ancoradas em uma visão de gramática que parte dos usos dos falantes, da funcionalidade e do significado das estruturas no sistema linguístico e da relação entre gramática e cognição, visto que a gramática de uma língua é o que permite aos indivíduos codificar, representar e interpretar suas experiências de mundo.

Por fim, elaboramos uma proposta tipológica para a Libras, desprendendo-nos, em certa medida, da metalinguagem atualmente aplicada à Libras nas descrições que apresentamos no referencial teórico, pois buscamos empregar as noções que permeiam as estruturas gramaticais ao invés de apenas nomear essas estruturas.

A nossa proposta tipológica, denominada Tipologia das Interfaces, é composta por quatro princípios epistemológicos que justificam o nosso lócus de pensamento em torno da hipótese de que a interface atua na organização da gramática da Libras. Os princípios – simultaneidade, hibridismo estrutural, perspectiva ontogenética e iconicidade – são os fundamentos epistemológicos que possibilitam o funcionamento da gramática da Libras nas interfaces.

Diante desses princípios, apresentamos nossa concepção acerca dos parâmetros fonológicos, a qual nos fez situar a fonologia em um nível não interfático, dada à natureza bivalente dos parâmetros fonológicos, os quais atuam ora no âmbito estritamente fonológico, ora entre os níveis gramaticais, unindo-os. Assim, há a natureza fonológica

dos parâmetros, codificada gramaticalmente em regras e parâmetros fonológicos, de um lado; e de outro lado, a natureza multifacetada, codificada a partir das funções que os parâmetros desempenham para interligar os níveis gramaticais.

Em seguida, definimos o que consideramos ser a Tipologia das Interfaces e sua funcionalidade; organizamos as categorias que compõem cada interface; e sistematizamos o funcionamento das categorias em regras, como generalizações, que puderam ser extraídas a partir das evidências linguísticas que apresentamos na Análise.

## **6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: POR UMA TIPOLOGIA DA LIBRAS**

Iniciamos esta seção explicando o caminho filosófico-epistemológico que percorremos para investigar as categorias em Libras a partir das interfaces, com vistas a pensar uma tipologia linguística para esta língua. Organizamos as relações de interface em três grupos – morfossintática, sintático-semântico e morfossemânticas – em um movimento epistemológico que nos permitiu pensar a Tipologia das Interfaces para a Libras.

Precisamos entender as incompatibilidades presentes nos próprios modelos descritivos e explicativos empregados para as línguas de sinais e para a Libras, pois não há clareza na definição, em termos conceituais, das categorias básicas que sustentam a gramática da Libras em seus níveis estruturantes – o que são os parâmetros fonológicos, o que é o morfema, qual o tipo de morfologia da Libras, como a sintaxe acontece, como a semântica se estrutura.

Estamos dizendo que encontramos fragilidades na revisão bibliográfica acerca da tipologia das línguas de sinais e da tipologia da Libras, o que nos fez ousar formular uma reflexão epistemológica, pois vimos como a maioria dos trabalhos traziam termos fonológicos para analisar questões morfológicas; critérios sintáticos para elucidar aspectos morfológicos; e percepções semânticas para esclarecer aspectos morfológicos e sintáticos, ao invés de empregarem termos e critérios no próprio nível gramatical para tratar os fenômenos que estão situados nesse nível.

Precisamos retornar, então, para um lócus de pensamento que nos permita definir o que é cada nível gramatical e as estruturas básicas que sustentam cada nível, se é que podemos, de fato, enxergar esses níveis separadamente; ou definir como a língua se comporta, fazendo com que a gramática seja construída pelos usos dos indivíduos surdos, em prol de uma gênese das estruturas linguístico-conceituais.

O ímpeto de provar o estatuto linguístico das línguas de sinais levou os estudos sobre essas línguas para um caminho altamente comparativo com as línguas orais. É evidente que não era possível descrever línguas com funcionamento tão diverso – dada sua natureza visual e espacial – das línguas orais sem termos um ponto de partida tanto teórica quanto metodologicamente. Esse ponto de partida foi as línguas orais.

Estamos, no entanto, no momento histórico em que a tecnologia nos permite coletar e organizar dados extraídos de situações de uso das línguas de sinais, o que nos

faz revisitar conceitos e proposições gramaticais para essas línguas. Revisitar não implica retrocesso nem apagamento. Revisitar significa olhar para o que já existe e para o que já foi, deslocando nossos pensamentos do presente para o passado, a fim de descortinar horizontes anteriormente não vislumbrados.

A mutabilidade inerente à natureza humana e a adaptabilidade cognitiva que nos torna humanos possibilitam-nos (re) criar, (re) inventar, (re) produzir, (re) organizar, (re) significar a vida, em nossa relação linguística com o mundo sobre o qual falamos, vivemos e experienciamos.

Estamos compondo nossa história em transformações. Por que as proposições científicas para a língua deveriam ser estáticas e absolutas se a língua é dinâmica e variável? Por que não reconhecer mudanças se desde que nascemos estamos constantemente evoluindo e ampliando nosso modo de ser e de estar no mundo?

Por isso, buscamos apresentar proposições e introduzir alterações, em face de novas informações que temos hoje sobre a língua, sobre sua funcionalidade e sobre sua relação com a mente humana. Não estamos argumentando que anos de pesquisa linguística por cientistas renomados devam ser extintos, desprezados ou invalidados. Estamos justificando o motivo que nos levou a adotar uma rota científica diferente daquilo que vem sendo feito ao longo dos anos, entendendo que a ciência funciona, também, por convulsões (DASCAL, 1978) ou revoluções científicas (KUHN, 1972).

Em nosso apanhado teórico, vimos em Schuit, Baker e Pfau (2011) que a complexidade morfológica das línguas de sinais – por conta da simultaneidade que as caracteriza em detrimento da sequencialidade – impede que a morfologia seja amplamente adotada como base para uma proposição tipológica.

Nesse sentido, precisamos pensar, primeiro, em **Princípios** que podem constituir a base conceitual para que as categorias da Libras funcionem de forma imbricada e regular, ao mesmo tempo. Os princípios, para nós, são os fundamentos epistemológicos que regulam o funcionamento da gramática da Libras. Propomos quatro princípios:

- 1) Simultaneidade,
- 2) Hibridismo estrutural,
- 3) Perspectiva ontogenética,
- 4) Iconicidade.

A partir de Stokoe (1960), Schuit, Baker e Pfau (*op cit*), Brentari (2011), Sandler (1989; 2012), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Meier, Cormier e Quinto-Pozos (2002), Hulst (1993) e como atestamos em Máximo (2016), a Simultaneidade é um traço inerente aos elementos que constituem o sinal e à própria estrutura da Libras, ou seja, a organização interna do sistema linguístico é de natureza simultânea. Assim, as unidades que originam os sinais estão ligadas umas às outras ao mesmo tempo, impossibilitando que sejam desmembradas em uma disposição sequencial.

Ao reconhecermos a Simultaneidade como um Princípio, justificamos epistemologicamente, que os parâmetros fonológicos, como as unidades mínimas que compõem o sinal, são simultâneos. Com isso, defendemos que o âmbito da fonologia da Libras trata da caracterização desses parâmetros, com suas especificações quanto aos tipos de configuração de mão, de movimento, de locação, de orientação da palma da mão e de expressões não manuais; com as regras que ordenam as combinações desses parâmetros; e com os processos fonológicos.

Em Máximo (2016), resgatamos algumas regras fonológicas<sup>23</sup> e inserimos outras neste estudo por conta do comportamento imprevisível da mão não-dominante, a saber:

- 1) a regra dos dedos selecionados que determina que uma mudança na configuração de mão do sinal implica uma mudança nos dedos selecionados;
- 2) a regra da formação tripartida do sinal que determina que um sinal pode ser realizado com uma mão, com duas mãos sob condição de simetria e com duas mãos sob condição de dominância;
- 3) a regra Locação-Movimento-Locação que define uma locação inicial e uma locação final para os sinais que apresentam um percurso de movimento;
- 4) a regra de simetria no sinal com duas mãos, a qual define que quando as duas mãos estão em condição de simetria, elas devem apresentar os mesmos tipos de configuração de mão, movimento e locação;
- 5) a regra de dominância, em que quando uma mão é ativa e outra passiva, a mão passiva tem uma configuração não marcada ou a mesma configuração da mão ativa;

---

<sup>23</sup> Quando se trata das regras fonológicas, não conseguimos trazer em Máximo (2016), na revisão bibliográfica acerca da fonologia em sinais, uma pesquisa que tratasse exclusivamente de regras fonológicas para as línguas de sinais. No entanto, a partir dos trabalhos de Sandler (2012), Brentari (1995; 2011), Battison (1978), buscamos agrupar essas regras nesta tese, com a finalidade de delimitarmos o que seria estritamente fonológico na Libras.

6) a regra de que “a configuração de mão não pode sofrer mudanças nos sinais em que a segunda mão atua como suporte para a primeira mão, visto que os movimentos possíveis para a mão não favorecem tais mudanças” (MÁXIMO, 2016, p. 148);

7) a regra de restrição quanto ao movimento da mão não-dominante quando esta acompanha o movimento da mão dominante, de forma que os movimentos são “retilíneo ou semicircular, de esfregar, unidirecional para frente, bidirecional para frente e para trás ou para a direita e para a esquerda, contínuo ou de retenção, simples ou repetido” (MÁXIMO, 2016, p. 148)<sup>24</sup>;

8) regra da obrigatoriedade da mão não dominante pela iconicidade, pela impossibilidade de sua realização no espaço token e pela distintividade do número de mãos<sup>25</sup>.

Quanto aos processos fonológicos, a Libras apresenta os processos de assimilação, neutralização, acréscimo ou inserção, apagamento, metátese, geminação, antecipação e preservação da mão não-dominante, abaixamento da mão não-dominante, congelamento da mão não-dominante, distalização e proximalização (SILVA; XAVIER, 2020)<sup>26</sup>.

O segundo princípio que definimos é o Hibridismo estrutural<sup>27</sup>. Em nossa concepção, as superfícies dos níveis gramaticais estão imbricadas, ou seja, as categorias, as estruturas estão interligadas, fazendo com que a gramática da língua funcione nas interfaces. Desta forma, não poderíamos olhar os níveis gramaticais isoladamente.

O que possibilita esse hibridismo estrutural são as funções que os parâmetros fonológicos assumem para arquitetar as categorias gramaticais, dada à simultaneidade inerente aos parâmetros. Apontamos a atuação dos parâmetros fonológicos para orquestrar relações entre os níveis gramaticais nos trabalhos de Schuit, Baker e Pfau (2011), Schwager e Zeshan (2008), Zeshan (2002), Sandler (1995, 1999), Fernald e

<sup>24</sup> Não propusemos claramente esta regra em Máximo (2016), mas ao revisitarmos o texto, percebemos que poderíamos extrair esta regra fonológica porque restringe o comportamento da mão não-dominante como um elemento que também compõe a estrutura do sinal na Libras.

<sup>25</sup> Em Xavier (2006), vemos que o número de mãos é um parâmetro distintivo na Libras, o que foi corroborado em Máximo (2016) em face da imprevisibilidade do comportamento da mão não-dominante.

<sup>26</sup> Optamos por não detalhar cada um dos processos fonológicos para não fugirmos do propósito desta seção que é apresentar os caminhos epistemológicos para a nossa análise e para a proposição da Tipologia das Interfaces. O leitor pode, no entanto, buscar se aprofundar na temática através de Silva e Xavier, 2020.

<sup>27</sup> O termo “hibridismo estrutural” não é novo, pois o encontramos em Nascimento (2008) quando ela trata dos textos escritos em língua portuguesa por indivíduos surdos, mostrando que esses textos trazem marcas da estrutura da Libras. Todavia, ressaltamos que o emprego dessa expressão no âmbito de uma pesquisa tipológica, considerando o sentido que escolhemos, ainda não foi constatado.

Napoli (2000), Johnson e Liddell (1986), Liddell (1984, 2003) Wilbur (1993), Padden (1988), Johnston (2006), dentre outros que apresentamos na revisão bibliográfica que demonstram como mudanças em alguns parâmetros carregam questões morfológicas, sintáticas e semânticas.

Com isso, os parâmetros fonológicos podem ser vistos como unidades bivalentes, porque, de um lado, apresentam uma natureza estritamente fonológica nas especificações das configurações de mão, dos movimentos, das locações, das orientação da palma da mão e das expressões não-manuais, nas regras e nos processos fonológicos; e uma natureza multifacetada, do outro lado, ao desempenharem funções que interligam os níveis gramaticais, fazendo emergir as interfaces. Consequentemente, o Hibridismo Estrutural nos move a olhar a gramática da Libras como múltiplos fios que se entrelaçam, tecendo significados que permitem aos indivíduos surdos representarem e codificarem o mundo que vivem.

Aparentemente, o Hibridismo Estrutural poderia dificultar o estabelecimento de padrões, os quais são esperados em uma pesquisa tipológica. Ressaltamos, no entanto, que embora haja a possibilidade de não encontrarmos um ou dois padrões, podemos sim encontrar relações que funcionam de forma regular e que são recorrentes na língua.

Isso requer de nós um olhar mais maleável para a tipologia como um campo que não busca realizar uma taxonomia ou estabelecer classificações para as línguas, a fim de encaixotá-las. Precisamos encarar a tipologia como um campo que nos oferece métodos para encontrarmos regularidades e recorrências no funcionamento dos elementos que compõem a gramática de uma língua.

O terceiro princípio que propomos é a Perspectiva Ontogenética. Entendemos, a partir de uma perspectiva teórica funcional e cognitiva que a gramática de uma língua e, consequentemente, uma proposição tipológica para uma língua, não é isenta de aspectos que envolvem a percepção e a interpretação que os indivíduos fazem do mundo.

Assim, ao encontrarmos regularidades para a Libras, estamos, na realidade, mergulhando nas operações conceituais que os indivíduos surdos fazem para codificar e representar suas experiências do mundo. Por isso, a nossa proposta reconhece o que é subjacente à tipologia da Libras – a forma que as pessoas surdas representam a realidade e conferem significado a tal realidade por meio desta língua.

O quarto princípio é a Iconicidade. Percebemos que a Libras apresenta tanto a iconicidade de base diagramática, na perspectiva funcional e cognitiva de gramática que vimos anteriormente em Langacker (2013), quanto a iconicidade imagética. De maneira

geral, a iconicidade permeia a gramática, ao revelar as motivações linguístico-conceituais para que as estruturas se entrelacem em seu funcionamento interfático.

Neste sentido, precisamos revisitar, em certa medida, a noção de iconicidade e propor uma noção que possa abrigar todos os tipos de motivação que a Libras apresenta. A partir da Semiótica de Peirce (1990), Neves (1997) distingue iconicidade diagramática de iconicidade imagética.

A primeira revela as motivações que fazem com que as estruturas gramaticais de comportem de determinada forma, isto é, o sistema linguístico traz motivações ligadas aos níveis gramaticais. A segunda se aproxima mais da concepção de Saussure de que a língua não é icônica, pois não há uma relação natural entre significante e significado linguísticos. A partir disso, a iconicidade imagética evidenciaria algo na forma linguística que remonta ao objeto que esta forma designa.

O nosso ponto de partida para olhar a iconicidade está ancorado em Givón (1984) e Croft (1990), os quais defendem que o sistema linguístico é governado por princípios motivadores. Desta forma, a língua é uma representação de como os indivíduos percebem e estruturam o mundo real e/ou imaginário. No entanto, o olhar que adotamos é incompatível com a iconicidade imagética encontrada na Libras.

Percebemos, em nossos dados, que a Libras apresenta motivações que vão desde o seu léxico à sintaxe, perpassando a semântica. Em uma visão centrada no papel da interface para o funcionamento gramatical, precisamos encontrar uma forma de reunir e a iconicidade imagética e a diagramática sem que estas se excluam. Ao concebermos o papel da interface na gramática da Libras,

Diante disso, defendemos que a Iconicidade presente na Libras está situada em um campo semântico e ontogenético, pois representa a forma que as pessoas surdas percebem e interpretam o mundo, visto que os fenômenos linguísticos designam aspectos semânticos que organizam a forma que codificamos o mundo por meio da língua, como vimos na seção 3. Desta forma, propomos que a Libras possui uma Iconicidade Semântico-Genética que permeia a natureza das estruturas em sua forma e em seus possíveis arranjos gramaticais como uma representação cognitiva da percepção de mundo das pessoas surdas. Tal iconicidade se estrutura em relação:

- 1) às estruturas em si, como o possessivo que atrai o substantivo permitindo diferenciar o sinal que apresenta a mesma forma linguística para substantivo e verbo, em conformidade com o que analisamos na seção 5.1.1 ao mergulharmos nas classes ontogenéticas;



- 2) à entidade do mundo, como nos sinais CASA, PRESENTE, os quais trazem na forma no sinal alguma característica do objeto do mundo ou algum aspecto de como se manipula esse objeto de acordo com a ontogênese linguística da pessoa surda<sup>28</sup>, o que pode ser visto nas imagens 10 e 11;
- 3) ao evento do mundo, representando a ação, maneiras de executar a ação e/ou a concepção cognitiva que os indivíduos surdos têm sobre o que é a ação, também na ontogênese linguística da pessoa surda, como vemos na imagem 12;
- 4) à língua portuguesa, nos sinais que são realizados com as configurações de mão que representam o alfabeto em português, como na imagem 13.

**Imagem 10** – Sinal CASA



**Fonte:** (58) PARA TODOS! - YouTube.

**Imagem 11** – Sinal PRESENTE



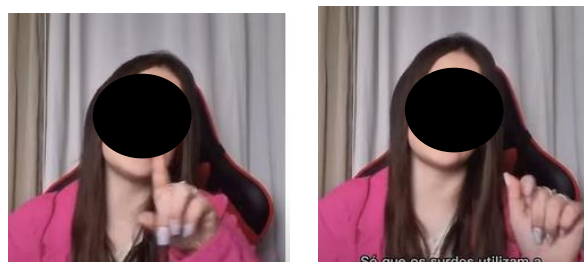
**Fonte:** (58) A IMPORTÂNCIA DA GRATIDÃO - YouTube.

---

<sup>28</sup> Em Máximo (2016) mostramos como a iconicidade reflete a ontogênese linguística da pessoa surda em um fenômeno que, aparentemente, não carregava iconicidade que foi a mão não-dominante. Assim, estendemos esta noção aos outros sinais na Libras e não apenas aos sinais em que a mão não-dominante atua.

**Imagem 12 – Sinal SINALIZAR**

**Fonte:** Meus Sinais Expressam (@meussinaisexpressam) • Fotos e vídeos do Instagram.

**Imagem 13 – Sinal DEFICIENTE AUDITIVO**

**Fonte:** (58) Surdo x Pessoa com deficiência auditiva - YouTube.

Estamos vendo a língua de cima, ou seja, de forma pluridimensional, visto que as categorias revelam a ontogênese linguística da pessoa surda – sua percepção e interpretação das realidades física e imaginativa –, mostrando como os indivíduos surdos são e estão no mundo, codificando-o e representando-o através da Libras.

Ancorados nesses quatro princípios, somos levados a apresentar a ideia de que a Libras se aproxima mais de uma língua isolante<sup>29</sup> – as informações gramaticais são expressas através dos sinais, os quais são invariáveis. Estamos admitindo que os parâmetros fonológicos são as unidades que constituem o sinal. Consequentemente, o próprio sinal é a unidade significativa na Libras.

Fernald e Napoli (2000) destacaram a impossibilidade de diferenciar fonemas de morfemas nas línguas de sinais, ao cunharem os termos fonomorfemas e ion-morfes. Defendemos que essa impossibilidade abre espaço para que possamos propor outra visão acerca dos parâmetros fonológicos, a fim de acomodar as categorias gramaticais de uma forma que nos permite descrever como essas categorias são, de fato, desapegando-nos de certos limites impostos pelos estudos das línguas orais.

<sup>29</sup> Tomamos como base o modelo de Sapir (1921) acerca da classificação tipológica das línguas a partir de critérios morfológicos.

O que acontece é que os parâmetros fonológicos podem assumir funções entre os níveis gramaticais, de forma que percebemos que alguns parâmetros adquirem certa proeminência por serem responsáveis por arquitetar a relação de interface em um determinado fenômeno gramatical.

Isso reforçaria a ideia das relações entre os níveis gramaticais organizadas pelo que denominamos de parâmetros bivalentes e não apenas parâmetros fonológicos, pois esses parâmetros não estruturam apenas a fonologia nesta língua. Os parâmetros derrubam as fronteiras entre os níveis gramaticais, fazendo com que as relações aconteçam nas interfaces. Do lado fonológico, os parâmetros não possuem significado, porém do lado interfático, os parâmetros são geradores de significado.

## 6.1 EVIDÊNCIAS DE RELAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS

### 6.1.1 Classes ontogenéticas

Aquilo que se chama de classe de palavras na tipologia linguística, estamos denominando de classes ontogenéticas porque os tipos de sinais revelam a perspectiva dos indivíduos surdos acerca das categorias substantivo, verbo, adjetivo, pronome, advérbio, numeral, conjunção, as quais existem para satisfazer a necessidade das pessoas surdas de nomearem as entidades do mundo, de descrever ações e eventos, de especificar atributos para as entidades, de substituir entidades, de delimitar a forma que as ações acontecem, de representar quantidades e de unir enunciados, a partir do que vimos em Givón (2011).

Em nossos dados, percebemos que há sinais que apresentam uma forma para um único significado no mundo. Denominamo-los de sinais puros. Os sinais que apresentam a mesma forma linguística para mais de um significado no mundo, denominamo-los de sinais não puros. Observamos que isso acontece para sinais que integram as classes ontogenéticas substantivo, verbo e adjetivo.

Diante disso, os substantivos que definem entidades como um todo, nomeando-as. Os substantivos puros agrupam as entidades em seres animados, como os sinais SURDO, FILHO, BEBÊ; seres inanimados, como SOL, PRESENTE, CAIXA, CELULAR, BOI; nomes abstratos, como SURDEZ, EXPERIÊNCIA, MUNDO, CULTURA, EMOÇÃO; nomes de pessoas, como os sinais das pessoas CAROLINE ZOCCA, CRISTIANE PEREIRA, GERMANO, ANTÔNIO CARDOSO e nomes de lugares, como SÃO PAULO, BRASIL, BUTANTÃ, VILA MARIANA, BRASÍLIA.

Há sinais que apresentam a mesma forma linguística para substantivos, verbos e adjetivos. Percebemos que não há nenhuma marca morfológica que seja possível diferenciá-los. É o contexto sintático através do sinal e/ou enunciados que o antecedem e/ou sucedem que nos permite identificar como substantivo, verbo ou adjetivo. Vejamos os exemplos abaixo, nos quais deixamos em negrito os sinais analisados e em colchetes algumas informações gramaticais que caracterizam os sinais morfofossintaticamente:

- (a). Tempo período final perfeito combinar o que? **Agradecer** *passado até hoje* viver junto [repetição do sinal] pessoas [repetição do sinal] interagir [repetição do sinal] encontrar [repetição do sinal] 1 ano agradecer [repetição do movimento].

- (b). **Gratidão** dar [direcionalidade do espaço para o sinalizante - dar a mim] saúde bem.
- (c). **Gratidão** [apontação] dar [direcionalidade do espaço para o sinalizante - dar a mim] bem.
- (d). **Grato** [repetição do sinal/espaço sub-rogado] feliz [repetição do sinal/ espaço sub-rogado]
- (e). Mas tema reclamar coisa besteira tema coisa particular exemplo **casa não ter** [negação lexicalizada no sinal] comida reclamar ok.
- (f). Minha mãe [soletração manual] idade 2, 3 criança **morar** interior local frio.
- (g). “Você surdo **namorar** poder namorar estranho. Você **namorar** paquerar vida desenvolver criar família desenvolver poder?”
- (h). Se **namorado** brigar reclamar é história outra.
- (i). Eu não saber estar **esposa** minha PATRÍCIA [soletração manual]

Em (a), vemos que o sinal AGRADECER/GRATIDÃO/GRATO é um verbo porque apresenta um complemento para a ação de agradecer e o sinal aparece no início da frase e é repetido no fim da frase. Ressaltamos que embora o sujeito não seja expresso por pronome, substantivo ou apontação, é possível identificar o sinal como verbo pelas justificativas que apresentamos.

Em (b) e (c), o sinal AGRADECER/GRATIDÃO/GRATO é um substantivo porque estão no início da frase, são sucedidos por verbos e em (c) ainda há o recurso referencial da apontação marcar substantivos. Em (d) é o emprego do espaço sintático sub-rogado permite a comparação e oposição de intensidades, noções e ideias da mesma categoria, fazendo com que o sinal o adjetivo GRATO seja trabalhado de forma comparativa com o adjetivo FELIZ. Assim, é o paralelismo sintático que garante isso.

Em (e) e (f), temos a mesma forma linguística CASA/MORAR. O que nos permite identificar (e) como substantivo é o sinal NÃO TER, o qual é o evento cujo objeto sintático é o sinal CASA enquanto o sujeito – um sujeito hipotético “eu” – não é marcado estruturalmente, mas podemos inferi-lo porque nesse contexto a sinalizante está dando um exemplo incorporando uma suposta fala de um eu. Em (f), são os constituintes na frase que nos fazem identificar o verbo MORAR, através do sujeito MINHA MÃE e do complemento INTERIOR LOCAL FRIO.

Em (g), o sinal em negrito é um verbo porque é antecedido por um sujeito expresso, através da apontação, indicando uma terceira pessoa VOCÊ. Em (h), o sinal em

negrito é um substantivo porque é sucedido pelo verbo BRIGAR, há um elemento de condicionalidade expreso no sinal SE, gerando a relação de condicionalidade, cuja condição é sucedida por um estado.

Em (i), a forma linguística é a mesma para CASAR e ESPOS@. Sabemos que é o substantivo ESPOS@, mesmo sem haver marcação de gênero, por conta do pronome possessivo MEU/MINHA, o qual também não apresenta marcação de gênero. Destacamos que encontramos a ordem ESPOS@ MEU/MINHA ao invés de MEU/MINHA ESPOS@. Entendemos, então, que ambas as ordens são aceitáveis na Libras pelo tipo de sintaxe espacial, mas que não é possível inserir um elemento entre o substantivo e o possessivo, pois quebraria a regularidade que permite a inversão desses dois termos.

Nesta descrição, vemos que não precisamos de critérios semânticos para enquadrar os sinais nas classes ontogenéticas, como fez Zeshan (2002), porque podemos ver que o argumento dele de que há palavras gramaticais e palavras fonológicas, com clíticos e afixos se desfaz diante do contexto morfossintático que é o que nos permite categorizar os sinais em substantivos, verbos e adjetivos.

Ademais, a dificuldade sugerida por Schwager e Zeshan (2008) acerca do critério da diferenciação dos sinais é desfeita quando verificamos o papel da interface, isto é, da relação morfossintática na gramática para nos dar subsídios que nos ajudem a identificar e classificar os sinais em substantivos, verbos e adjetivos nos contextos de uso da Libras.

Schwager e Zeshan (idem) ainda propõem um critério semântico binário em uma organização hierárquica para categorizar os sinais em classes. Acreditamos, no entanto, que esses critérios são dispensados porque é preciso uma análise morfossintática do enunciado para que os atributos sugeridos por eles sejam identificáveis.

O critério morfossintático que eles também trazem mediante a função que o sinal assume na frase coaduna com a nossa interpretação e acreditamos que é o critério mais produtivo dada a natureza do fenômeno que estamos estudando – as categorias ontogenéticas – que se constrói no interface morfologia-sintaxe. Além disso, nossa análise de cunho tipológico reforça a relevância da relação morfossintática à medida que apresentamos regularidades quanto ao funcionamento do sistema linguístico através dos nossos dados.

Os critérios morfológicos que os autores propõem não podem ser verificados porque requerem uma morfologia que aproxime mais as línguas de línguas aglutinantes, com a atuação de afixos, quando nossos dados estão mostrando que a Libras está mais

próxima do funcionamento de uma língua isolante, em nossa proposta de encarar os parâmetros fonológicos como unidades bivalentes como argumentamos anteriormente.

Além disso, confirmamos a limitação da proposta de Chaibue (2013) de que o movimento é o que diferencia nomes de verbos e de que gênero, tempo/modo/aspecto e negação serviriam como critérios gramaticais para essa distinção. Vimos que é uma análise sintática que nos permite identificar as categorias nome e verbo, marcando a interface morfologia-sintaxe.

Passemos agora para as classes ontogenéticas cujos sinais apresentam a forma linguística que os vinculada diretamente a uma classe – pronomes, numerais, advérbios, conjunções e preposições. Os pronomes indicam as entidades do mundo assim como os substantivos, mas com o propósito de permitem que o substantivo seja substituído, introduzido no texto ou retomado no texto.

Em Libras, os pronomes possuem duas formas de configuração de mão específicas, em 1, em B e em P como está ilustrado abaixo. Assim, gramaticalmente, já vemos uma restrição em relação ao parâmetro fonológico configuração de mão para que os parâmetros possam assumir sua natureza multifacetada, a fim de que a categoria gramatical seja construída na interface. A CM em 1 e em B com uma mão apenas codifica os pronomes que denominamos pronomes de pessoa (EU, TU/VOCÊ, EL@) e pronomes de objeto que são os que conhecemos como demonstrativos; e a CM em B e em P codifica os pronomes de posse própria (MEU/MINHA) e de posse de outrem (SEU/SUA, TEU/TUA), respectivamente.

**Figura 22** – Configurações de mão em 1, em B e em P

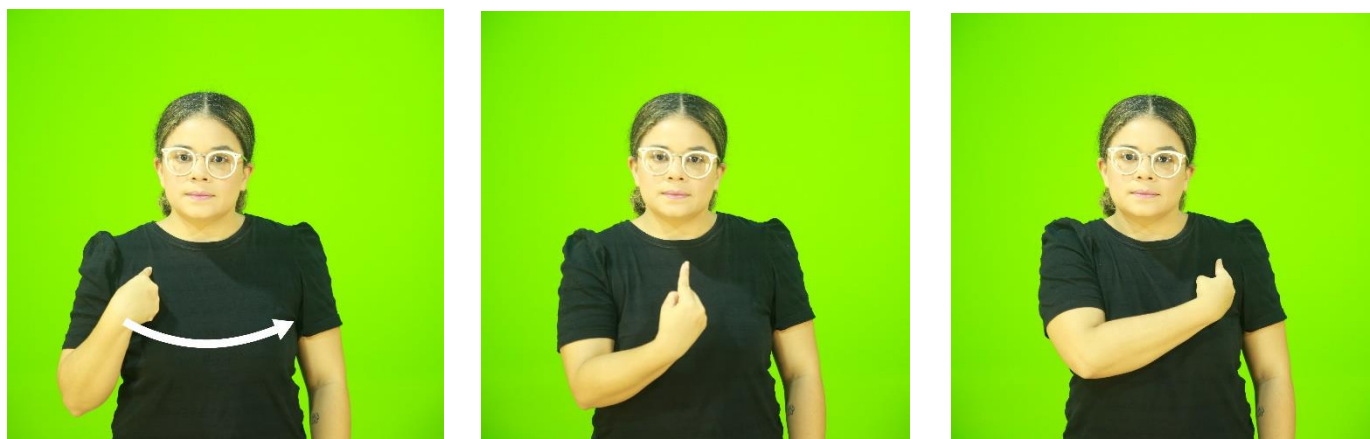


**Fonte:** Configurações de mão da Libras. Adaptado de: Felipe [2009]. | Download Scientific Diagram (researchgate.net).

Além dessa restrição no que tange à configuração de mão, há restrições quanto aos movimentos possíveis e quanto às locações que os sinais pronomes. Os movimentos possíveis são semicircular para o pronome NÓS, circular para o pronome EL@S e direcional para os pronomes EU, TU/VOCÊ, EL@ e para os demonstrativos, retilíneo

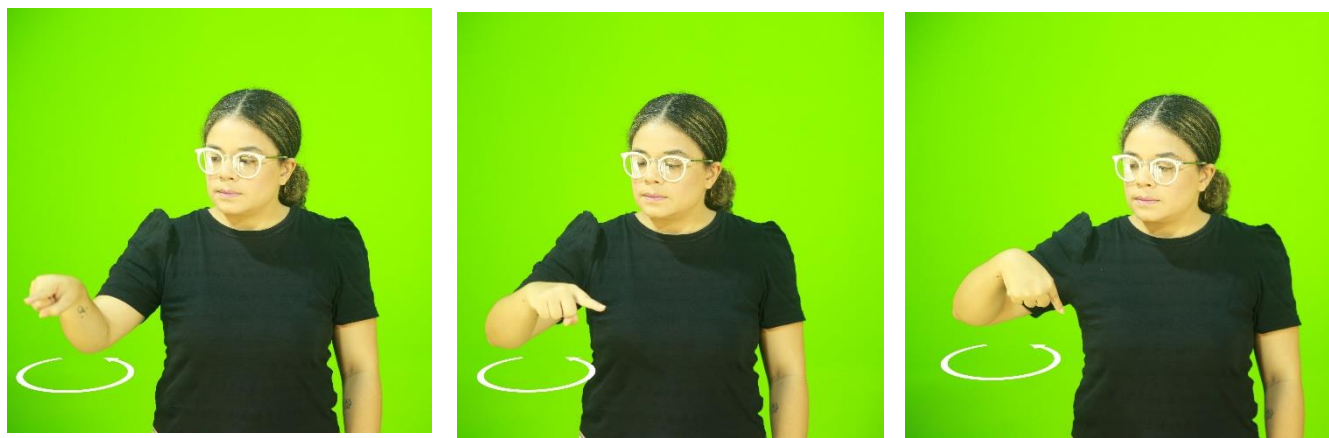
para VOCÊS como vemos na imagem abaixo a representação desses movimentos. Ressaltamos que essas restrições quanto aos parâmetros são simultâneas porque assumimos nesta tese que a simultaneidade é um princípio intrínseco à gramática da Libras.

**Imagem 14** – Sinal NÓS, movimento semicircular



**Fonte:** A autora (2023).

**Imagem 15** – Sinal ELES, movimento circular







**Fonte:** A autora (2023).

**Imagem 16** – Sinal EU, movimento direcional



**Fonte:** A autora (2023).

**Imagem 17** – Sinal TU, movimento direcional



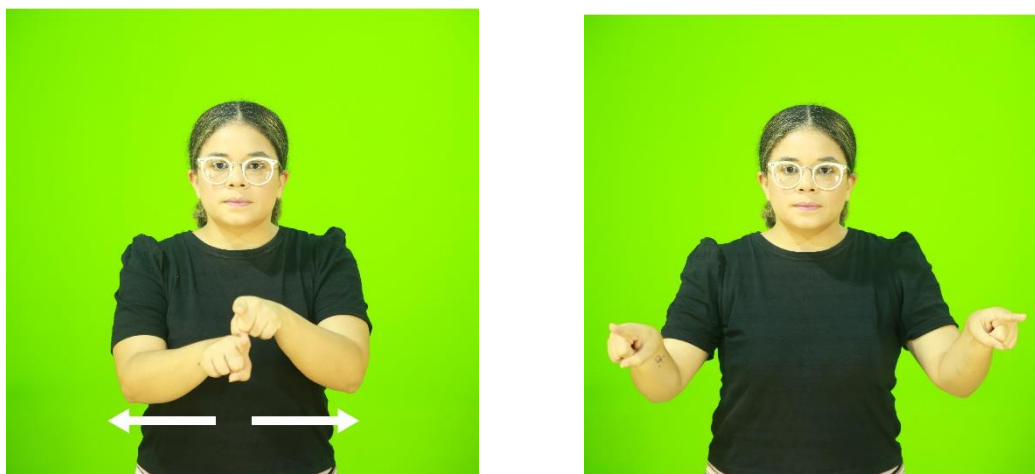
**Fonte:** A autora (2023).

**Imagem 18** – Sinal EL@, movimento direcional



**Fonte:** A autora (2023).

**Imagem 19** – Sinal EL@S, CM em 1, movimento retilíneo



**Fonte:** A autora (2023).

**Imagem 20** – Sinal EL@S, CM em B, movimento retilíneo



**Fonte:** A autora (2023).

Abaixo, vemos cada um dos pronomes em suas realizações sintáticas, marcando a relação de interface morfologia-sintaxe:

**Imagem 21** – Pronome EU com a CM em 1 e em B e pronome VOCÊ.



**Fonte:** (57) Futuro Surdo: ZOOTECNIA! - YouTube.

**Imagem 22** – Pronome EL@ com a CM em 1, locação mais lateralizada



**Fonte:** (58) O GRITO DAS MÃOS! - Setembro Surdo! - YouTube.

**Imagem 23** – Pronome NÓS



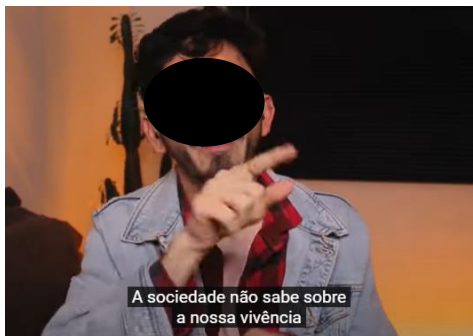
**Fonte:** (58) POR QUE LEGENDAR OS VÍDEOS? - YouTube.

**Imagem 24** – Pronome VOCÊS com a CM em B, movimento retilíneo e CM em 1, movimento circular.



**Fonte:** (57) Futuro Surdo: ZOOTECHNIA! - YouTube; (58) PERGUNTAS ABSURDAS QUE FAZEM PARA SURDOS - YouTube.

**Imagem 25** – Pronome EL@S com CM em 1, movimento circular, locação lateralizada.



**Fonte:** (58) PERGUNTAS ABSURDAS QUE FAZEM PARA SURDOS - YouTube.

Quanto aos pronomes de objeto que são os que conhecemos como demonstrativos, eles possuem uma restrição no espaço sintático de sinalização, podendo acontecer apenas no espaço token, seja com uma locação mais próxima do sinalizante para indicar referentes mais próximos do indivíduo ou mais distante dele para indicar referentes conceptualmente mais afastados. Assim, é a realização sintática do sinal que permite a identificação conceptual dos tipos de demonstrativos.

Tratemos agora dos numerais. Apesar da diversidade tipológica dos sistemas de numerais nas línguas de sinais como postulam Hammarström (2010), Zeshan e Palfreyman (2017), seguimos o que eles defendem acerca do padrão para essas línguas com um sistema semelhante à soletração manual e que a ordem dos numerais é espacial e de maneira sequencial. Podemos visualizar tanto a espacialidade quanto a sequencialidade através da representação pictórica que temos na imagem 26:

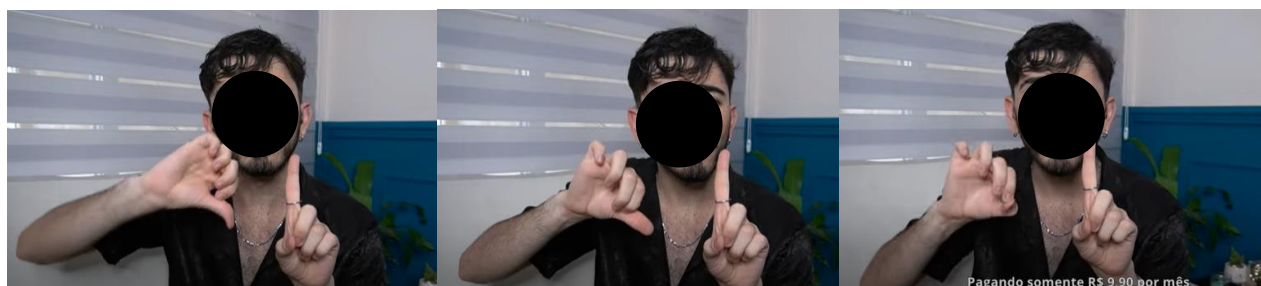
**Imagem 26** – Sequencialidade e espacialidade dos numerais

**Fonte:** A autora (2023).

Nessa representação, visualizamos uma restrição quanto ao espaço sintático de realização dos numerais por conta da sua distribuição sequencial, especificamente da esquerda para a direita para quem é destro e da direita para a esquerda para quem é canhoto. Assim, as locações e os tipos de movimentos são restritos no que tange aos numerais – a locação na frente da cabeça do sinalizante e o movimento é sempre retilíneo.

Zeshan e Palfreyman (2017) defendem que a iconicidade é intrínseca aos numerais, embora prefiram o termo motivação ao entenderem que a motivação abrange a multiplicidade de relações não arbitrárias entre significante e significado. Entendemos, no entanto, que a iconicidade na Libras reúne tanto a iconicidade diagramática quando a iconicidade imagética, formando o que denominamos de Iconicidade Semântico-Génética, como argumentamos na secção 5.

Assim, a iconicidade pode ser notada nessa disposição sequencial dos numerais, nas restrições quanto à locação e ao movimento. Abaixo, vemos essa realização dos numerais em alguns exemplos extraídos do nosso corpus, em que podemos perceber locações distintas em um movimento retilíneo que possibilita a construção sequencial.

**Imagem 27** – Sequência do numeral 9,90.

**Fonte:** (57) A IMPORTÂNCIA DA GRATIDÃO - YouTube.



**Imagem 28** – Sequência do numeral 9,90.

**Fonte:** (57) O GRITO DAS MÃOS! - Setembro Surdo! - YouTube.

Quanto à classe ontogenética denominada advérbio, a Libras apresenta sinais com função adverbial no enunciado para representar algumas noções. Nos nossos dados, encontramos sinais para representar tempo (AGORA/HOJE, ONTEM) espaço (AQUI, ALI), modo (BEM), intensidade (MUITO, POUCO), afirmação (SIM, CLARO), negação (NÃO), dúvida (TALVEZ, MAIS OU MENOS).

Além disso, algumas noções representadas pelos advérbios são lexicalizadas em estruturas mais complexas que alguns autores chamam de classificadores e outros, como Cuxac (1995, 2000), que denominam de estruturas de transferência. Concordamos com Cuxac dada à natureza morfossintática dessas estruturas para que adquiram função adverbial. Por isso, optamos por colocar essas estruturas em uma seção específica<sup>30</sup>.

Quanto à classe de conjunções, a Libras não apresenta uma diversidade de conectivos. Isso não impede, no entanto, que as relações sintático-semânticas de adição, oposição, explicação, alternância e conclusão; causalidade, consequência, condicionalidade, comparação e tempo não aconteçam na língua.

Situamos as conjunções no nível morfossintático porque é organização sintática do enunciado que também nos ajuda a pensar a noção de classe ontogenética advérbio, visto que a partir do hibridismo estrutural estamos compreendendo que as interfaces que arquitetam a organização da gramática.

Nos nossos dados, encontramos as conjunções<sup>31</sup> MAS, TAMBÉM, PORQUE, ENTÃO que foram amplamente utilizadas na sinalização. É interessante notar o posicionamento desses sinais nas frases no nosso corpus, pois essas conjunções aparecem sempre no início da frase; no espaço real quando o sinalizante emprega a conjunção como operador argumentativo; e no espaço sub-rogado quando o sinalizante está assumindo em

<sup>30</sup> Veja a seção 6.1.2 Entidades representativas.

<sup>31</sup> Nas seções 6.2.1 e 6.2.2 apresentamos o contexto sintático-semântico no qual as conjunções estão presentes para construir as relações de adição, oposição, explicação, alternância e conclusão; causalidade, consequência, condicionalidade, comparação e tempo.

seu corpo a fala de outra pessoa. Ressaltamos que as conjunções não foram realizadas no espaço token.

Por fim, a classe ontogenética preposição não é produtiva na Libras, pois encontramos apenas duas realizações de uma única preposição que foi PARA. Assim, entendemos que essa classe não é recorrente na gramática da Libras.

### 6.1.2 Entidades representativas

Estamos denominando de entidades representativas tanto os classificadores quanto os proformas, dada à sua natureza icônica e ao seu funcionamento nas interfaces, embora reconheçamos que há uma diferença entre esses dois conceitos a partir de Cuxac (1985; 2000).

Tradicionalmente, há um grupo de teóricos que admite apenas a existência de classificadores. Para Johnston (2006), os classificadores são sinais multimorfêmicos. Demonstramos na revisão bibliográfica através de cinco proposições que, na descrição do autor, essas estruturas teriam uma natureza morfossemântica. Ademais, a forma que o autor trata os parâmetros fonológicos nos fez questionar se esses parâmetros empregados na descrição dos classificadores seriam fonológicos ou se seriam morfemas.

Já Sandler e Lillo-Martin (2006) e Schuit, Baker e Pfau (2011) veem os classificadores como formas nominais, evocando critérios sintáticos para a sua descrição, de forma que percebemos indícios da interface morfologia-sintaxe. Supalla (1982; 1986), por sua vez, define os classificadores como construções complexas simultâneas, dada à sua morfologia.

Brentari (1998), Sandler (1999) e Aronoff (2003) descrevem os classificadores a partir de um viés puramente fonológico, embora reconheçam que essas estruturas desempenham papéis sintáticos e semânticos, classificando os classificadores como frases entonacionais. Apontamos, na revisão bibliográfica, as limitações dessa perspectiva ao ressaltarmos o papel da interface no funcionamento dos classificadores.

Zucchi (2012) destacou o papel da semântica na estrutura morfológica dos classificadores, em que notamos que a configuração de mão e o movimento do sinal atuam simultaneamente na incorporação manual dos domínios conceituais nome e evento na constituição dos classificadores.

De outro lado, temos Cuxac que traz uma perspectiva semiótica diferenciando os classificadores de proformas, em função da iconicidade que é intrínseca à tais estruturas, defendendo que as línguas de sinais apresentam unidades de transferência que são as EIA.

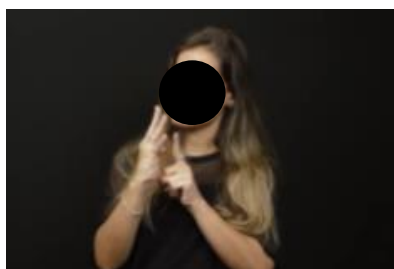
Diante disso, optamos por propor uma categoria mais abrangente – as entidades representativas – que abrigue as subcategorias denominadas classificadores e proformas, em face do olhar funcional e cognitivo que temos sobre essas estruturas e por enquadrarmos essas estruturas na interface morfologia-sintaxe. Concebemo-las, então, como estruturas morfossintáticas que apresentam natureza representativa por conta do princípio da Iconicidade, em face da ontogênese linguística da pessoa surda.

Assim, nas entidades representativas, propomos que a iconicidade pode ser em relação: 1) às entidades do mundo, representando alguns de seus traços atributivos na concepção de mundo na ontogênese linguística da pessoa surda; 2) aos eventos do mundo, representando a ação ou formas que a ação é executada seguindo também a ontogênese linguística do indivíduo surdo.

Situamos essas entidades na interface morfologia-sintaxe pelas informações gramaticais – pessoa, número, aspecto – que estão lexicalizadas no sinal no espaço sintático, o que interfere ainda na ordem dos constituintes. Há, então, duas tipos de entidades representativas que propomos: 1) entidades que representam a forma e/ou aparência dos objetos e pessoas, isto é, sua existência; 2) entidades que representam a forma que o objeto é manipulado, a forma que as pessoas experienciam a ação ativa ou passivamente ou a própria percepção da ação em si.

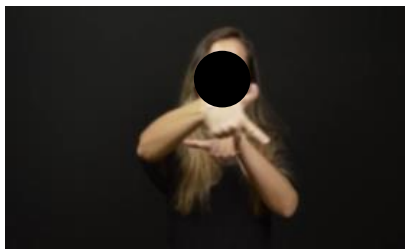
Observemos as imagens abaixo que ilustram o primeiro tipo de entidades representativas:

**Imagem 29** – Entidades representativas 1a.



Fonte: Renata Freitas (@renata\_freitas\_libras) • Fotos e vídeos do Instagram



**Imagem 30** – Entidades representativas 1b.

**Fonte:** Renata Freitas (@renata\_freitas\_libras) • Fotos e vídeos do Instagram

**Imagem 31** – Entidades representativas 1c.

**Fonte:** Renata Freitas (@renata\_freitas\_libras) • Fotos e vídeos do Instagram

**Imagem 32** – Entidades representativas 1d.

**Fonte:** Renata Freitas (@renata\_freitas\_libras) • Fotos e vídeos do Instagram

Na imagem 29, vemos que a forma das mãos ao lado do tipo de movimento e das expressões não-manuais empregadas indicam um grupo de pessoas e uma pessoa isolada. Nas imagens 30, 31 e 32, a forma das mãos ao lado do tipo de movimento e das expressões não-manuais representam o indivíduo em pé se movendo na frente da cama, o indivíduo deitando na cama e o indivíduo se levantando da cama, respectivamente.

Ressaltamos que no tipo de entidade que descrevemos em 1, os parâmetros fonológicos empregados simultaneamente, com a proeminência dos parâmetros configuração de mão, movimento e expressões não-manuais, faz-nos enquadrar os sinais realizados com grupo de pessoas, pessoa sozinha, pessoa com duas pernas e cama, porque visualizamos sua forma, sua aparência, sua existência no mundo na ontogênese linguística do surdo na sintaxe, isto é, na constituição simultânea dos parâmetros que traz a composição de enunciados que podem ser diferenciados pelas pausas entre um e outro.

Vejamos agora exemplos das entidades representativas que descrevemos em 2:

**Imagem 33** – Entidades representativas 2a.



**Fonte:** Meus Sinais Expressam (@meussinaisexpressam) • Fotos e vídeos do Instagram.

**Imagem 34** – Entidades representativas 2b.



**Fonte:** Meus Sinais Expressam (@meussinaisexpressam) • Fotos e vídeos do Instagram.

**Imagem 35** – Entidades representativas 2c.



**Fonte:** Meus Sinais Expressam (@meussinaisexpressam) • Fotos e vídeos do Instagram

**Imagem 36** – Entidades representativas 2d.



**Fonte:** Meus Sinais Expressam (@meussinaisexpressam) • Fotos e vídeos do Instagram.

Nas imagens 33 e 34, observamos a forma que o suporte do chicote é segurado através da proeminência dos parâmetros configuração de mão, movimento e expressão não-manual. Nas imagens 35 e 36, vemos forma que o chicote é manipulado, representando o ato de chicotear, com a proeminência dos três parâmetros que destacamos antes.

Com isso, notamos que essas entidades representativas abarcam construções nominais e construções verbais, de acordo com o funcionalismo-tipológico no trabalho de Mendonça (2012).

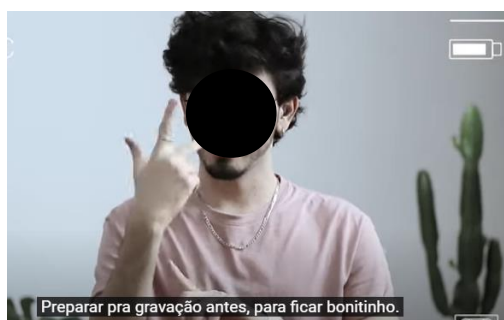
Assim, as entidades representativas são construções conceituais que codificam e representam a maneira que os indivíduos surdos conferem existência aos objetos e pessoas do mundo, de um lado, e ações, do outro lado, em estruturas complexas e não apenas em sinais específicos, situando o fenômeno no campo da morfossintaxe.

### 6.1.3 Estrutura argumental do verbo e ordem dos constituintes

Enquadramos a estrutura argumental do verbo na interface morfologia-sintaxe, considerando que o tipo do verbo determina se os argumentos sujeito e objetivo estarão lexicalizados no sinal ou não e determina ainda as possibilidades quanto à ordem dos constituintes na sentença.

Reconhecemos que a concordância é de natureza espacial em relação aos argumentos sujeito e objeto. Assim, a flexão verbal é necessariamente na interface com a sintaxe. Considerando esse uso do espaço como um elemento definidor da sintaxe, propomos duas categorias: verbos com concordância, que apresentam locação inicial e final por conta do percurso de movimento que o sinal faz (Imagem 37); e verbos sem concordância, que apresentam locações mais restritas, especificamente no corpo do sinalizante, na mão não dominante ou em um ponto específico do espaço (Imagens 38, 39 e 40).

**Imagem 37** – Verbo FILMAR com concordância



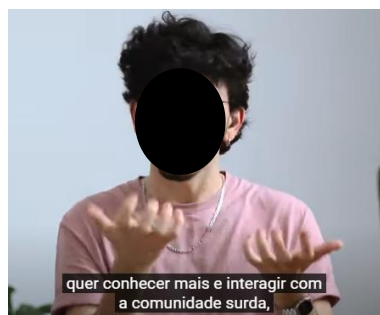
Fonte: (58) [POR QUE SOU SURDO? - YouTube.](#)

**Imagem 38** – Verbo CONHECER sem concordância, com locação no corpo no sinalizante



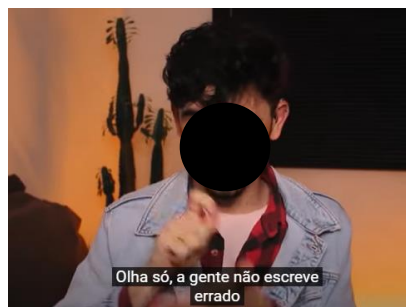
Fonte: (58) [POR QUE SOU SURDO? - YouTube.](#)

**Imagem 39** – Verbo QUERER sem concordância, com locação no espaço



Fonte: (58) [POR QUE SOU SURDO? - YouTube.](#)

**Imagem 40** – Verbo ESCREVER sem concordância, com locação na mão não-dominante



Fonte: (58) [POR QUE SOU SURDO? - YouTube.](#)

Quando o verbo é com concordância, a ordem sintática é, obrigatoriamente, SVO porque os argumentos sujeito e objeto estão representados nas locações inicial e final, em função do movimento que o sinal faz no espaço. Quando o verbo é sem concordância, podemos ter a ordem básica SVO, mas há outras possibilidades em conformidade com seguintes contextos:

- OV quando o sujeito já foi expresso anteriormente: “remédio tomar”; “experiência encontrar”;

- VO quando o sujeito já foi expresso anteriormente: “conhecer novos [repetição do sinal para plural] oportunidade novas”; “usar aparelho implante dependência comunicação”; “*não ter* [negação lexicalizada no verbo] regra acompanhar mais claro”.

Vimos que Meir et al (2006) defendem a proeminência do objeto em detrimento do sujeito como um padrão tipológico no sistema verbal das línguas de sinais, fazendo com que o corpo seja o argumento sujeito. Isso coaduna com os contextos nos quais não temos a realização do sujeito através de um pronome, por exemplo, fazendo com que o sujeito esteja aparentemente elíptico, mas estaria na verdade representado no próprio corpo do sinalizante. Também coaduna com os dois tipos de ordens que vimos acima com o verbo no início ou com o objeto no início da frase, quanto o sujeito já havia sido expresso anteriormente.

Diante disso, vemos que a ordem básica para a Libras é, de fato, SVO tanto para verbos com concordância quanto para verbos sem concordância e que nos verbos sem concordância é possível inverter a ordem dos constituintes quando o sujeito já foi expresso anteriormente no contexto sintático seja através de um pronome, da apontação ou mesmo da própria ordem SVO empregada inicialmente no discurso tendo o corpo como sujeito.

#### 6.1.4 Interrogação

Como vimos na seção 2.1.5, os interrogativos variam nas línguas de sinais quanto ao sistema de codificação a noção de perguntar. De maneira geral, as línguas de sinais possuem o elemento não manual dos interrogativos através das expressões faciais e corporais.

Além disso, as línguas de sinais apresentam sinais interrogativos para entidades, para quantidades, para duração de tempo, dentre outros, de acordo com Tang (2006).

Ficher (2006) mostra que na Língua de Sinais Americana, os interrogativos derivam das perguntas WH, o que também acontece com a Libras.

Na Libras, observamos que as expressões não-manuais são um elemento que marca a interrogação; que os sinais O QUE, COMO, QUANDO, ONDE, QUAL, POR QUE são empregados na construção de perguntas; e que esses sinais podem aparecer no início, no fim da frase ou em ambas as posições, como destaca Zeshan (2017) em relação à posição dos interrogativos.

Na Libras, das sessenta e seis realizações do interrogativo O QUE, cinquenta e nove foram no final da frase, quatro no início da frase e encontramos 3 no meio da frase, o que foge um pouco do padrão esperado para as línguas de sinais, mas que ocorreu mesmo que inexpressivamente. Diante disso, o padrão que a Libras adota para a posição do interrogativo O QUE é no fim da frase.

No interrogativo COMO encontramos um padrão mais diversificado. Das quarenta e cinco realizações, quinze foram no início de frase, principalmente quando este interrogativo aparecia sozinho; dezenove foram no fim da frase; dez foram no meio da frase e uma foi no início e no final da frase. Assim, vemos que para o interrogativo as posições no fim e no início da frase são mais recorrentes.

No interrogativo QUANDO, não encontramos nenhuma realização. No interrogativo ONDE, encontramos duas realizações no final da frase. No interrogativo QUAL, encontramos dez realizações, das quais cinco foram no meio da frase, quatro no final e uma no início e no final ao mesmo tempo. No interrogativo POR QUE, das dezessete realizações, nove foram no início da frase, cinco no fim da frase, duas no meio da frase e uma no início e no fim.

Diante disso, podemos identificar que o padrão tipológico dos interrogativos para a Libras é o no início e no final da frase, respeitando ainda as especificidades encontradas para cada tipo de interrogativo.

#### 6.1.5 Negação

Na Libras, a negação apresenta quatro formas de realização: através do sinal manual, com as configurações de mãos em 1 e B; apenas com o balanço da cabeça para a direita e para a esquerda; a dupla negação; a negação lexicalizada em alguns verbos.

Das duzentos e doze realizações de negação, cento e nove foram do primeiro tipo; dez do segundo tipo; vinte e três do terceiro tipo e oitenta do quarto tipo.

Consequentemente, as formas linguísticas mais recorrentes para a negação são a primeira e a quarta, sendo a primeira a que mais acontece ainda.

Destacamos que os três paradigmas com a negação manual, a lexicalizada em alguns verbos e apenas com a cabeça se enquadram na proposta de Zeshan (2006) em relação aos sistemas manual e não manual de negação.

Pfau (2015) defende que a posição sintática mais frequente na negação é no fim de frase. Entretanto, na Libras, não foi possível identificar a recorrência quanto à posição da negação na frase porque encontramos posições diversas de acordo com os seguintes contextos sintáticos:

- 1) No início da frase como resposta à uma pergunta anterior: “Surdo precisar pessoa [sinal pessoa nele mesmo no sentido do verbo ser] feio? Não”.
- 2) No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa: “Nós [pronome] *não poder* [negação lexicalizada no verbo] esquecer como?”
- 3) No meio da frase com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação: “Dia surdo não [sinal NÃO com o dedo indicador] *não é* [negação lexicalizada no verbo] comemorar ser [sinal de pessoa com a direcionalidade para o sinalizante] surdo”.
- 4) No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação: “Eu [pronome] saber maioria geral sociedade geral não [sinal NÃO com o dedo indicador] preparar entender informação sobre mundo surdo”.
- 5) No início da frase por ser um verbo que lexicaliza a negação: “*Não combina* [negação lexicalizada no verbo] **nada a ver** [gíria].
- 6) No início da frase como marcador de opinião, usando a cabeça: “Parecer mostrar também ele [apontação] ouvir nada deixa sinal [seu sinal] invisível. Não [apenas com a cabeça]”.

Diante disso, reforçamos a importância de vermos o fenômeno na interface, pois permite-nos uma análise mais abrangente do fenômeno, descrevendo sua realização através dos usos que encontramos em nosso corpus.

Nesse sentido, contrariamos Zeshan e Palfreyman (2017) que enquadram a configuração de mão negativa e um padrão negativo de movimento como estratégias morfológicas, pois diante da própria simultaneidade dos parâmetros vemos que, na realidade, há uma proeminência de alguns parâmetros no funcionamento das categorias gramaticais da Libras, pois não é o parâmetro, em si, que é um morfema ou elemento

morfológico. Os parâmetros atuam para organizar as categorias entre os níveis gramaticais, com funções específicas em cada uma dessas categorias, isto é, os parâmetros assumem funcionalidades no sistema gramatical da Libras como defendemos na seção 5.

#### 6.1.6 Posse

Na Libras, a posse é um fenômeno morfossintático porque apresenta três sinais que indicam a posse com seus respectivos contextos sintáticos de realização. Os sinais são MEU; SEU e DELE, cuja forma da configuração de mão é a mesma, mas a distância da locação para o sinalizante é o que indica qual sinal possessivo está sendo empregado; e PRÓPRIO, que é empregado com a noção de posse.

Para a diferenciação descrita acima entre os sinais de posse SEU e DELE, Zeshan e Palfreyman (2017) defendem que há flexão dos possessivos de pessoa em uma morfologia espacial. No entanto, isso só aplicaria para a distinção acerca da qual estamos falando. Ademais, apenas a locação não configura um sistema de flexão, pois como temos visto em outras categorias gramaticais é preciso que o parâmetro movimento seja empregado, especificamente com um percurso de movimento que gera uma locação inicial e uma locação final, o que não é o caso para a diferenciação desses dois possessivos.

Abaixo, estão as realizações morfossintáticas que encontramos para os possessivos:

- 1) Ênfase de posse com o uso de um possessivo que se aproxima mais de um pronome e um possessivo que não é pronome: “Também você [pronome] dá [sinal capacidade] criar meu **próprio** lista quero presente vontade enviar e-mails [repetição do movimento] amigo família qualquer eles pensar escolher presente me dar certo combina você [pronome] gostar”;
- 2) Sequência POSSESSIVO-SUBSTANTIVO: “Olha, vocês ainda registro **meu** canal ainda?”, “**Meu** pai surdo como?”;
- 3) Sequência SUBSTANTIVO-POSSESSIVO: “Também ajudar [com direcionalidade do espaço para o sinalizante] trabalho processo **meu** colocar vídeo”.

Nessas realizações, vemos que o possessivo está ao lado do substantivo independente da ordem, sendo agramatical sua separação por qualquer outro elemento



linguístico, o que também é um aspecto que contribui na distinção de nomes e verbos para os sinais que apresentam a mesma forma linguística como discutimos na seção 5.1.1 ao tratarmos das classes ontogenéticas.

## 6.2 EVIDÊNCIAS DE RELAÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS

### 6.2.1 Relações de adição, oposição, explicação e conclusão

Embora a Libras não apresente uma variedade de conectivos, as relações de adição, oposição, explicação, alternância e conclusão são organizadas na gramática na interface sintaxe-semântica, entendendo que são noções de significado representadas na sintaxe. Diante disso, encontramos as seguintes estratégias para viabilizar essas relações:

- 1) Emprego das conjunções MAS, TAMBÉM, PORQUE, ENTÃO;
- 2) Utilização do espaço token e sub-rogado;
- 3) Utilização de perguntas retóricas;
- 4) Emprego específico da conjunção ENTÃO como elemento de coesão;
- 5) Estratégia de enumeração.

Vamos analisar as estratégias acima. Para a estratégia 1, trouxe algumas frases transcritas do *corpus* para ilustrar o emprego das conjunções para arquitetar relações de oposição, adição, explicação e conclusão, com as respectivas conjunções MAS, TAMBÉM, PORQUE, ENTÃO:

- Uso de MAS para oposição: “Perguntar aproveitar agora explicar enumerar evitar perguntas [repetição do sinal] chatas [repetição do sinal] **mas** várias perguntas *sem sentido*” [sinal que dá essa ideia];
- Uso do TAMBÉM para acrescentar informações e ideias: “Registrar acompanhar *daqui pra frente* **também** ajudar [direcionalidade do espaço para o sinalizante] trabalho processo meu colocar vídeo você”;
- Uso do PORQUE para introduzir explicação: “Trabalhar viver experiência novas [repetição do sinal para indicar plural] *uiii* [gíria] São Paulo **porque** maior Brasil”.
- Uso do ENTÃO para concluir uma ideia e finalizar um texto: “Então, olha vocês entrar ver Instagram eu colocar explicar tema SHARE [datilologia]. Explicar pouco. Vocês também curioso dentro Instagram próprio SHARE [datilologia] conhecer melhor como dentro apartamento.

Ressaltamos que o sinal ENTÃO também foi empregado como operador argumentativo para manter a atenção do interlocutor no texto e para indicar a mudança de tema do texto ou para introduzir o tema, como nas sentenças abaixo:

- “Trabalhar viver experiência novas [repetição do sinal para indicar plural] *uiii* [gíria] São Paulo **porque** maior Brasil. Certo? [sinal feito com uma mão]. **Então** eu morar aqui São Paulo *uiii* [gíria] desafio aprendizado novos [repetição do sinal para indicar plural] oportunidade/aproveitar experimentar vida desenvolver *uiii* [gíria]”.
- “Eu sou [sinal pessoa nela mesma] Tainá [sinal dela]. Eu sou [verbo ser] surda, youtuber, *mais ou menos* influenciadora digital. Então hoje vir falar tema muito importante principal geral ouvinte. Então eu não sei como começar”.

#### 6.2.2 Relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação

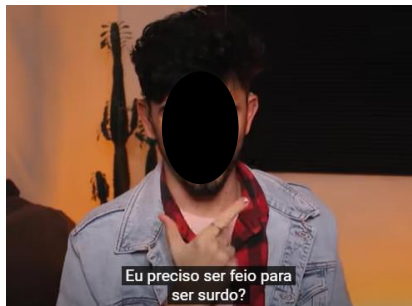
Nas relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação encontramos estratégias semelhantes às que destacamos na seção anterior:

- 1) Utilização dos espaços token e sub-rogado para relações de causalidade, consequência e comparação;
- 2) Utilização de perguntas retóricas;
- 3) Uso do sinal SE para condicionalidade: “Se você assinar dentro Amazon”; “Se assinar cancelar gostar simples cancelar fácil”;
- 4) Utilização do sinal IGUAL para construir comparação: “Humano igual pessoa [desenhando a pessoa] branca”; “Nós posicionar-se autonomia [com direcionalidade para o sinalizante] igual [repetição do sinal] todos.

Para ilustrar 1) e 2), temos um trecho no qual o Gabriel usa o espaço real trazendo uma pergunta retórica que apresenta a feiura como uma possível causa para surdez. Depois, usa o espaço sub-rogado para argumentar de que a beleza não é um elemento que gera a surdez. O enunciado completo é o seguinte: “Eu precisar pessoa [sinal pessoa nele mesmo] feio mostrar pessoa [sinal pessoa nele mesmo no sentido de sou] surdo? Beleza

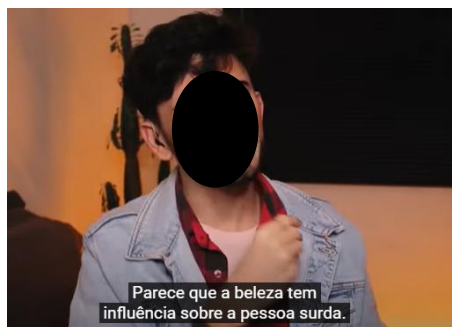
[mesmo sinal de bonito] influenciar surdo”. Abaixo vemos as imagens com o espaço real e o espaço sub-rogado.

**Imagem 41** – Espaço real.



**Fonte:** (59) PERGUNTAS ABSURDAS QUE FAZEM PARA SURDOS - YouTube

**Imagem 42** – Espaço sub-rogado.

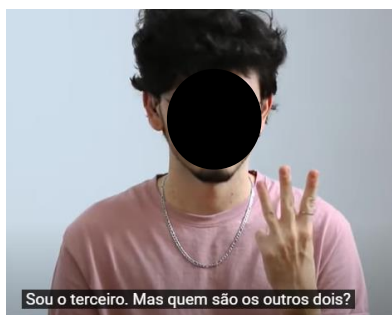


**Fonte:** (59) PERGUNTAS ABSURDAS QUE FAZEM PARA SURDOS - YouTube.

### 6.2.3 Referenciação

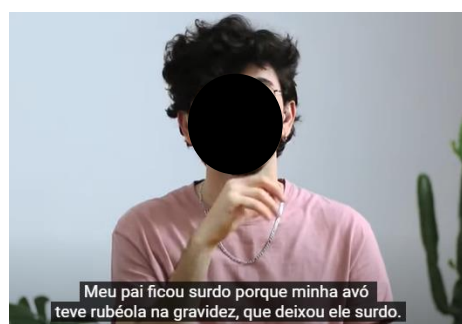
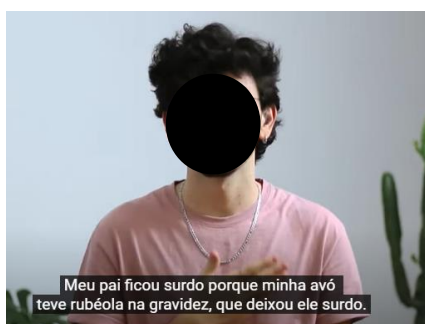
A referenciação incide sobre o estabelecimento dos referentes no espaço e sua recuperação. Em nosso corpus, verificamos que essa categoria sintático-semântica acontece através dos pronomes de pessoa, de substantivos e do uso do espaço token para inserir os referentes e da repetição de pronomes de pessoa e de substantivos, uso apontação para o local em que o referente foi localizado inicialmente e do uso do espaço sub-rogado para recuperar os referentes. Vejamos algumas imagens:

**Imagem 43** – Uso do espaço token para estabelecimento de referentes



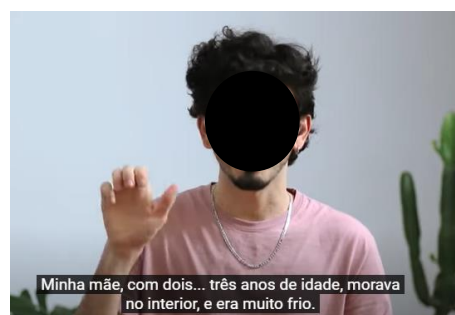
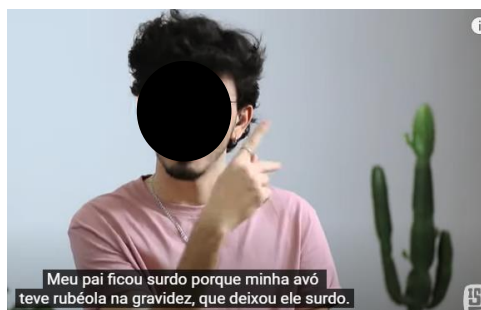
**Fonte:** (59) POR QUE SOU SURDO? - YouTube.

**Imagem 44** – Repetição do sinal PAI para recuperar a referência



**Fonte:** (59) POR QUE SOU SURDO? - YouTube.

**Imagem 45** – Uso do espaço sub-rogado para recuperar os referentes PAI e MÃE



**Fonte:** (59) POR QUE SOU SURDO? - YouTube.

As imagens acima são do vídeo em que Gabriel narra como ele adquiriu a surdez. Destacamos três formas em que ele usa o espaço token para inserir três referentes pela enumeração. Em seguida, ele repete os sinais pai e mãe. Depois, ele usa o espaço sub-rogado para recuperar esses dois referentes contando como cada um deles havia adquirido a surdez, visto que seus pais são surdos.

#### 6.2.4 Categorias de ser e de estar

Na Libras, as noções de ser e de estar acontecem através do emprego desses dois verbos, mas há outras formas de se construir essas noções na sintaxe, marcando a relação sintático-semântica. Em nossos dados, encontramos as seguintes possibilidades, com suas respectivas realizações gramaticais:

##### 1) Uso dos verbos SER e ESTAR:

- “É comemoração sou [sinal de pessoa nele mesmo] surdo?”;
- “Esse [apontação] dia não [sinal manual com CM em 1] é [sinal É] comemoração qualquer”;
- “Cultura surda começar desenvolver passos também língua natural mas qual língua? É Libras”;
- “Porque passado 2001 estar curso capacitação”.

##### 2) Não realização dos verbos com seus sinais específicos;

- “Meu pai surdo como?”;
- “Língua de sinais língua o que?”;
- “Eu [duas mãos, CM em B] Ariana [sinal dela] designer MODA [datilologia] também modelo profissão”.

##### 3) Uso do sinal pessoa com a direcionalidade para o sinalizante

- “Sou [sinal de pessoa com a direcionalidade para a sinalizante] Cristiane Pereira [sinal dela]. Sou [sinal de pessoa com a direcionalidade para a sinalizante] formar odontologia”.

##### 4) Uso no sinal VIVER/VIDA para representar a noção de estar:

- “Agora vida [no sentido de estar] aqui sala própria particular estudar”;
- Exemplo primeiro [estratégia de enumeração] agora vida [no sentido de estar] aqui [apontação] sala estudar; segundo [estratégia de enumeração] academia 24 horas; terceiro [enumerando] lavar roupa secar estender; quarto [estratégia de enumeração] supermercado pequeno você precisa vontade comer ou precisa descer elevador comprar dentro mesmo local.

É interessante observarmos que SER e ESTAR são noções semânticas e não apenas verbos, pois a interface sintaxe-semântica mostra que a noção de ser e estar estão explícitas através dos próprios verbos como vimos em 1); que a noção de SER está

implícita na relação substantivo-adjetivo como vimos em 2); que a noção de SER está representada no sinal PESSOA com a direiconalidade para o próprio sinalizante, indicando que a entidade PESSOA carrega em si a noção de essência, de existência como vimos em 3); que a noção de ESTAR é representada pelo sinal VIVER, com a caracterização sintática do uso de locativos por meio da apontação e de substantivos que indique espaço físico como o sinal SALA.

Nossos dados contrariam o que Oliveira (2020) defende para a categoria sintática predicativo, pois os verbos SER e ESTAR são realizados na Libras. Ademais, ela destaca relação sintaxe-semântica acontece mediante o uso da expressão não manual associada ao predicativo, porém não achamos evidência dessa questão. Vimos que SER e ESTAR são noções que constroem na interface sintaxe-semântica através da análise que realizamos acima.

## 6.3 EVIDÊNCIAS DE RELAÇÕES MORFOSSEMÂNTICAS

### 6.3.1 Formação de sinais

Para a formação dos sinais, adotamos a visão de que a Libras se aproxima mais de uma língua isolante como discutimos na seção 5. Diante disso, defendemos que a formação dos sinais não acontece com marcas morfológicas, pois a Libras não apresenta morfemas. Na interface morfologia-semântica, é a atuação dos cinco parâmetros fonológicos dada à sua simultaneidade que permite a formação dos sinais.

A formação dos sinais, em nosso trabalho, trata de como os sinais são criados como unidades significativas. Não nos interessamos, porém, em mostrar aspectos morfológicos que permitem a afixação, pois a Libras não possui morfemas nem afixos.

Além disso, o argumento de Johnson e Liddell (1986), Liddell (1984), Sandler (1995) e Wilbur (1993) de que os sinais são constituídos por sílabas para justificar a organização interna dos sinais pela morfologia simultânea não se sustenta em uma língua isolante. Consequentemente, não reconhecemos a derivação como um fenômeno para a formação dos sinais desde o momento em que fizemos a revisão bibliográfica sobre a tipologia das línguas de sinais. A composição pode ser verificada, pois vemos que há simples e sinais compostos.

Reconhecemos a Libras apresenta amplamente sinais simples e poucos sinais compostos. Propomos que sinais simples são unidades lexicais formadas por apenas um sinal enquanto os sinais compostos são formados por dois sinais, com dois significados distintos, mas que passam a gerar um outro significado ao serem adjungidos um ao outro. Então, é a mudança de significado gerada pela junção de dois sinais que possibilita a composição.

Em nosso corpus encontramos três sinais compostos, a saber SALA DE ESTUDOS, QUARTO, ESCOLA e um sinal com uma ruptura no paradigma dos compostos que foi o sinal LOJA, como vemos nas imagens abaixo:



**Imagem 46** – Sinal composto SALA DE ESTUDOS



Fonte: (59) TOUR PELO APARTAMENTO - YouTube.

**Imagem 47** – Sinal composto QUARTO



Fonte: (59) TOUR PELO APARTAMENTO - YouTube.

**Imagem 48** – Sinal composto ESCOLA



Fonte: (59) PARA TODOS! - YouTube).

**Imagem 49** – Sinal composto LOJA



**Fonte:** (59) PARA TODOS! - YouTube.

Percebemos que esses sinais compostos estão situados em dois campos semânticos específicos: locais que carregam a ideia de espaços físicos mais restritivos, especificamente em formato de quadrado, como os sinais SALA DE ESTUDOS e QUARTO; e locais que carregam a ideia de espaços físicos mais amplos, como ESCOLA e LOJA. Observe que no sinal LOJA temos uma quebra do padrão dos compostos, pois não encontramos dois sinais adjungidos e sim parte do sinal CASA e a configuração de mão que representa a letra L.

Notamos ainda que o sinal COZINHA não foi realizado pelo Gabriel como sinal composto que comumente é realizado pela comunidade surda, com os sinais SALA e COZINHAR ou SALA e FOGÃO, dependendo da região do país. Como vemos na imagem abaixo, ele fez apenas o sinal COZINHAR. Neste caso, seria o contexto sintático que nos faria identificar o sinal como a parte da casa denominada “cozinha”.

**Imagem 50** – Sinal COZINHA



**Fonte:** (59) TOUR PELO APARTAMENTO - YouTube.

Diante disso, defendemos que embora a Libras apresente alguns sinais compostos, esta não é uma categoria muito produtiva na língua dada à sua morfologia de língua isolante. Assim, contrariamos as pesquisas de Carvalho (2019), Ferreira (2013), Mak (2021), Rabelo (2020), Abreu (2019) e Lima (2012) que tratam a composição como um fenômeno produtivo na Libras e que abordam a incorporação como um fenômeno de formação de sinais.

De acordo com esses autores, a incorporação é encontrada em verbos e na negação. Não consideramos que seja um fenômeno de formação de sinais, efetivamente, porque enxergamos a flexão verbal na estrutura argumental do verbo associada à ordem dos constituintes pela sua natureza morfossintática; e porque vimos a negação

lexicalizada em alguns verbos como uma das possíveis realizações da categoria negação na interface morfossintática também.

Somos imbuídos a propor que a formação dos sinais não se dá por processos específicos, mas pela natureza simultânea dos parâmetros fonológicos que atuam na interface morfologia-semântica para criar os sinais na Libras, como unidades significativas.

### 6.3.2 Quantificação e intensificação de entidades

Estamos vendo a categoria número ou plural na interface morfologia-semântica, pois estamos nos debruçando sobre as noções de quantificação e intensificação de entidades, como um todo, e suas respectivas formas linguísticas. Vimos em Carneiro (2020) que a categoria número é abordada em uma perspectiva tipológica, com a proposta de várias estratégias morfológicas.

Em nossos dados, observamos que a categoria número não marcava apenas quantidades de entidades possíveis de serem contabilizadas, mas também ideias e noções verbais, o que nos fez enxergar a categoria como quantificação e intensificação, visto que algumas noções abstratas e os eventos do mundo não podem ser contabilizados em termos numéricos, mas podem ser intensificados a fim de representar a ideia que denominamos de plural.

Como estamos vendo a categoria como quantificação e intensificação, propomos que o padrão tipológico que marca o que é amplamente aceito como plural é a repetição do sinal e não apenas a repetição do movimento, em face da natureza simultânea dos parâmetros fonológicos e por adotarmos a simultaneidade como um princípio epistemológico. Nesse sentido, aquilo que Carneiro (idem) e Zeshan (2003) denominam de reduplicação estamos nomeando como repetição do sinal tanto para sinais com locação no corpo quanto para sinais com locação no espaço.

Supúnhamos que a repetição do sinal como marcador de quantificação e intensificação seria mais produtiva nos sinais cuja locação é no espaço, facilitando sua a repetição, pois os sinais cuja locação é no corpo do sinalizante dificultariam a repetição diante da própria limitação articulatória. Encontramos, no entanto, a repetição do sinal para quantificar/intensificar entidades concretas, abstratas ou mesmo noções verbais e até conjunções como verificamos nos sinais FESTA, PESSOA, FELIZ, AGRADECER, TAMBÉM, COMPRAR, PERGUNTA, IGUAL, CRIANÇA, dentre outros.

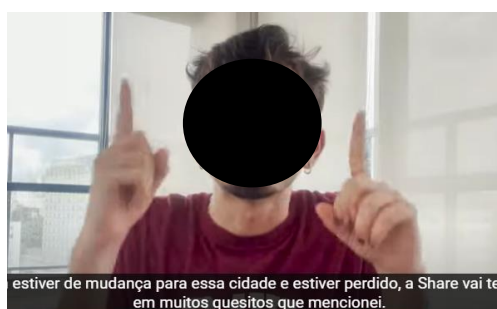
Encontramos cento e trinta e uma ocorrências de repetição do sinal como quantificar/intensificar entidades. Além disso, encontramos a estratégia da duplicação de mãos e o apoio de apoio de advérbios que trazem a noção de quantidade ao lado de expressões não-manuais que representam a noção de intensidade. Abaixo, temos dois exemplos da duplicação de mãos.

**Imagem 51** – Sinal NOVO com mãos duplicadas



**Fonte:** (59) TOUR PELO APARTAMENTO - YouTube.

**Imagem 52** – Sinal DIFÍCIL com mãos duplicadas



**Fonte:** (59) TOUR PELO APARTAMENTO - YouTube.

### 6.3.3 Marcação de tempo

Situamos um tempo como uma categoria semântica, quanto à natureza da sua percepção pelas pessoas surdas, e morfológica por ser representado na língua através da classe ontogenética de advérbio, demarcando a interface morfologia-semântica. Na seção 2.4, percebemos na revisão bibliográfica que o tempo é marcado na Libras pelos advérbios de tempo, pelas expressões temporais e pelas especificações aspectuais do verbo.

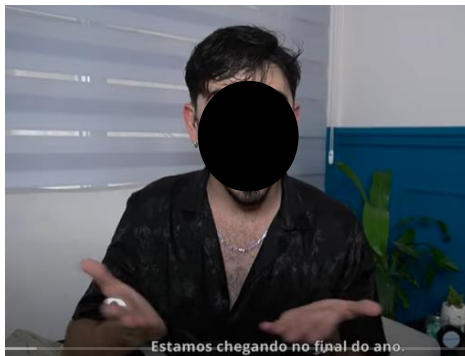
Em nosso corpus, encontramos as seguintes estratégias para marcação de tempo:

1) uso de advérbios, como AGORA, DEPOIS, ONTEM, HOJE, AMANHÃ, ANTES; 2)

uso de expressões temporais, como PASSADO, FUTURO, PERÍODO, TEMPO; DAQUI PARA FRENTE, DO PASSADO ATÉ HOJE. Não encontramos especificações aspectuais de verbos indicando tempo. Abaixo, temos algumas imagens de advérbios e expressões temporais.

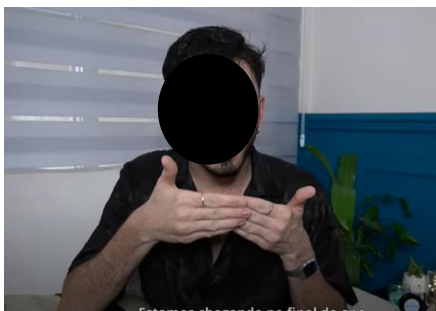
**Imagem 53 –**

Sinal AGORA



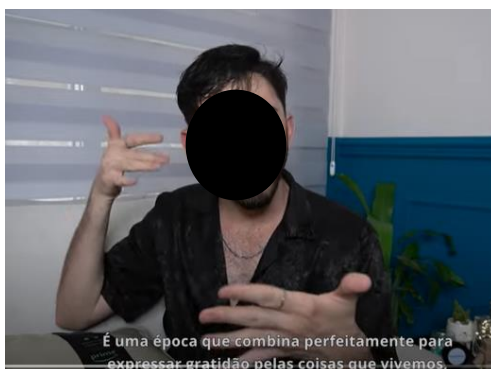
**Fonte:** (59) A IMPORTÂNCIA DA GRATIDÃO - YouTube.

**Imagem 54 –** Expressão temporal DAQUI PARA FRENTE



**Fonte:** (59) A IMPORTÂNCIA DA GRATIDÃO - YouTube.

**Imagem 55 –** Expressão temporal DO PASSADO ATÉ HOJE



**Fonte:** (59) A IMPORTÂNCIA DA GRATIDÃO - YouTube.

Diante dessas duas estratégias que representam o tempo da interface morfologia-semântica, entendemos que o tempo é interpretado pelos indivíduos surdos em blocos de

passado, presente e futuro apenas, sem desmembramentos em cada uma dessas noções temporais.

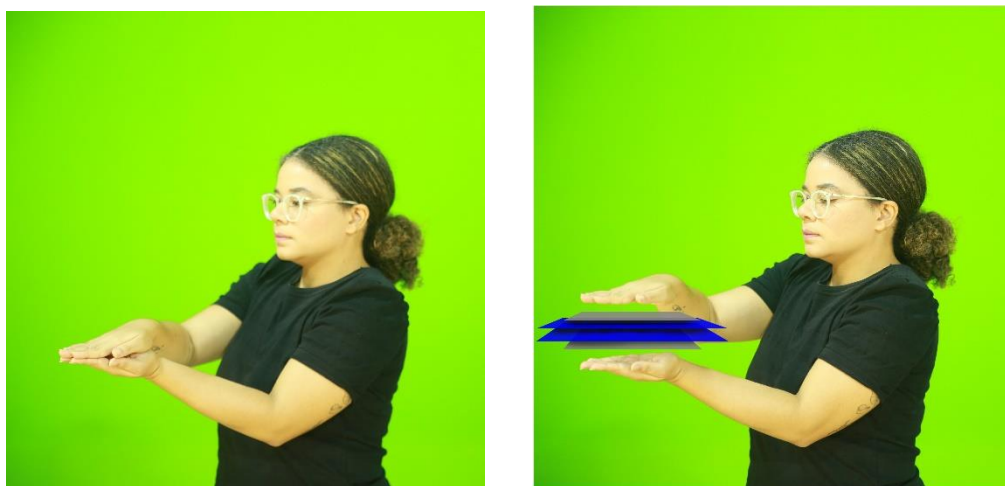
## 7 TIPOLOGIA DAS INTERFACES: DEFINIÇÃO E FUNCIONALIDADE

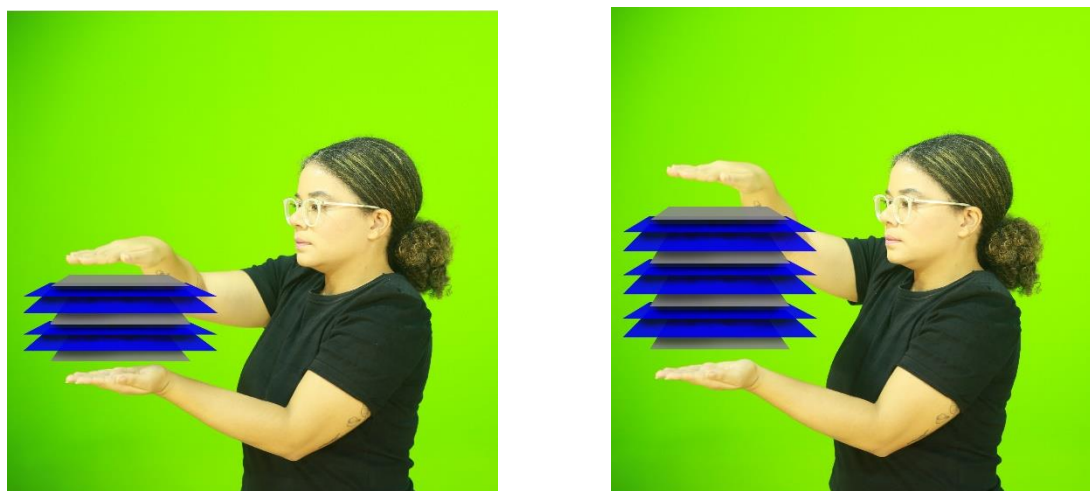
Após fazermos um enquadramento prévio das categorias gramaticais nas interfaces para a construção de subsistemas que contribuem na arquitetura da gramática da Libras, apresentando evidências linguísticas a fim de trazer elementos para pensar uma tipologia para a Libras, necessitamos apresentar a nossa proposta tipológica, efetivamente – a Tipologia das Interfaces.

Para nós, as interfaces são dimensões gramaticais através das quais as categorias na Libras ganham não apenas forma e significado linguísticos, como também existência conceptual e funcionalidade para que os indivíduos surdos possam representar suas experiências de mundo.

Nesse sentido, propomos que a gramática da Libras seja organizada multidimensionalmente em planos, nos quais as interfaces se sobrepõem e se desdobram, organizando as estruturas da língua. A imagem abaixo representa a concepção abstrata que temos das interfaces na gramática:

**Imagem 56** – Plano multidimensional das interfaces gramaticais





**Fonte:** A autora (2023).

Na imagem 56, cada interface é um contorno de quadrado sobreposto um no outro, permitindo que se fundam completamente para gerar um quadrado robusto e consistente que é a gramática da Libras. Assim, a Tipologia das Interfaces é o axioma de relações de interface que compõe a gramática.

Abandonamos, então, a visão que concebe os níveis gramaticais como sistemas de natureza distinta e com elementos constituintes específicos, derrubando os muros e limites gramaticais. Não há apenas aspectos que liguem um nível ao outro – há sistemas interligados, interdependentes e reciprocamente significativos. A interface não é um mero meio de comunicação entre um nível e outro. A interface é o conjunto de elos que unem os níveis, imbricando-os totalmente para que se sobreponham, a fim de compor a gramática.

A função da interface é, por conseguinte, representar a ontogênese linguística da pessoa surda quanto à existência do mundo. A partir de Givón (2011), entendemos que a Libras visa representar a visão de mundo do indivíduo surdo, no movimento que este indivíduo realiza conceptualmente para perceber e interpretar o mundo.

A partir de Langacker (2013), a gramática está organizada em uma estrutura simbólica composta por estrutura fonológica e estrutura semântica, de maneira que léxico, morfologia e sintaxe estão dispostos em um *continuum*. Nesse sentido, justificamos a organização das interfaces em sobreposições, no sentido de que as partes que compõem cada interface não se separam e que as interfaces, em si, relacionam-se umas com as outras para compor e sustentar a gramática.



As interfaces são morfologia-sintaxe, sintaxe-semântica, morfologia-semântica. Cada uma delas é composta por categorias que apresentam formas linguísticas de realização das operações conceituais e cognitivas que as pessoas surdas empregam. Buscamos perceber nas reflexões epistemológicas que fizemos traços de quais interfaces estavam se delineando para compor a nossa tipologia.

Na revisão bibliográfica que fizemos com um viés epistemológico, percebemos que as informações gramaticais tradicionalmente situadas no campo da Morfologia, nos estudos tipológicos das línguas de sinais, como classes de palavras, flexão, interrogação, negação e possessivos necessitavam de aspectos sintáticos para serem descritas gramaticalmente; que relações sintáticas, como coordenação, subordinação, referenciação e verbos estativos ou predicativos necessitavam de categorias e traços semânticos para elucidar o funcionamento sintático; e que fenômenos morfológicos como processos de formação de sinais, plural e marcação de tempo necessitavam de aspectos semânticos para uma análise morfológica.

Diante disso, propomos que a Tipologia das Interfaces esteja organizada nas seguintes categorias:

### 1. Relações morfossintáticas

- a. Classes ontogenéticas
- b. Entidades representativas
- c. Estrutura argumental do verbo
- d. Interrogação
- e. Negação
- f. Posse

### 2. Relações sintático-semântico

- a. Relações de adição, oposição, explicação, alternância e conclusão
- b. Relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação
- c. Referenciação
- d. Noções de ser e estar

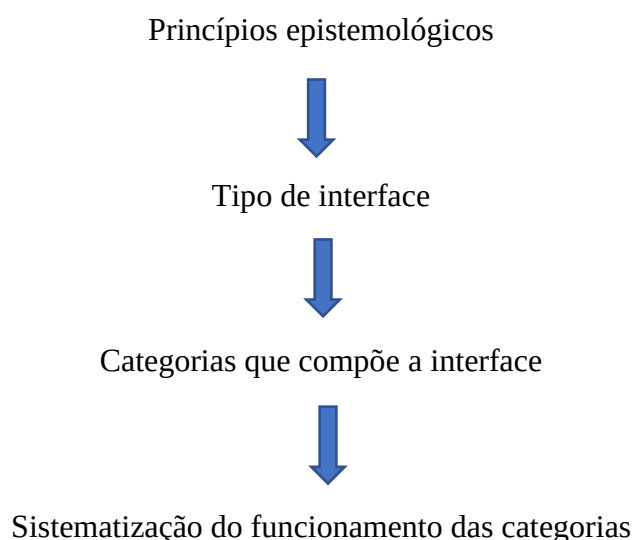
### 3. Relações morfossemânticas

- a. Formação de sinais
- b. Quantificação de entidades

### c. Marcação de tempo

Essas são categorias mais abrangentes e não fenômenos específicos porque vemos os fenômenos através de um olhar multidimensional sobre a língua. Além disso, cada categoria é composta por regras sistemáticas que ordenam e sustentam a natureza da categoria. Na nossa análise, descrevemos e confrontamos nossas descrições com a revisão bibliográfica. Diante disso, entendemos que precisamos retomar descrições para que possamos sistematizá-las o funcionamento das categorias nesta seção.

Assim, nossa proposta tipológica percorre o caminho abaixo:



Ressaltamos que ainda não temos uma metalinguagem totalmente própria. Tentamos harmonizar entre alguns termos que já estão consolidados na tipologia linguística por conseguirem denotar a natureza das categorias e outros termos que decidimos cunhar para representar conceptualmente o que estávamos percebendo no funcionamento da gramática. Abaixo, temos uma proposta de sistematização do funcionamento das categorias e os parâmetros fonológicos mais proeminentes:

## 1. Relações morfossintáticas

### a. Classes ontogenéticas

- os substantivos, verbos e adjetivos puros possuem formas linguísticas específicas;

- os substantivos, verbos e adjetivos não puros possuem a mesma forma linguística e podem ser diferenciados da seguinte forma:

- os verbos aparecem no início da frase, são repetidos no final da frase e apresentam um complemento que especifica a ação ou a forma da ação;
- os substantivos aparecem no início da frase, são sucedidos por um verbo e podem receber o recurso da apontação;
- o uso do espaço sintático sub-rogado permite a comparação de entidades de mesma natureza (substantivos e substantivos; verbos e verbos; adjetivos e adjetivos).
- a identificação do sujeito e do objeto da frase demarcam se o sinal é verbo ou não;
- quando o sujeito é expresso, o sinal pode ser identificado como verbo invés e não como substantivo ou adjetivo;
- quando há algum elemento de condicionalidade antes do sinal, este sinal é um verbo;
- quanto antes do sinal há um possessivo, o sinal é um substantivo;
- os pronomes de pessoa apresentam restrições quanto aos parâmetros fonológicos (CM em 1 e em B; movimento circular para NÓS, circular para EL@S, direcional para EU, TU, VOCÊ, ELA, retilíneo para VOCÊS)
- os pronomes de objeto apresentam restrições de quanto aos parâmetros fonológicos (CM em 1, movimento direcional) e quanto à realização sintática no espaço token, mais próximo ou mais distante do sinalizante.
- os numerais apresentam restrições quando aos parâmetros fonológicos: locação na frente da cabeça do sinalizante e o movimento é sempre retilíneo, da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda;
- os advérbios são de tempo (AGORA/HOJE, ONTEM) espaço (AQUI, ALI), modo (BEM), intensidade (MUITO, POUCO), afirmação (SIM, CLARO), negação (NÃO), dúvida (TALVEZ, MAIS OU MENOS);
- as conjunções são MAS, TAMBÉM, PORQUE, ENTÃO, SE.

## **b. Entidades representativas**

- há dois tipos de entidades representativas: 1) entidades que representam a forma e/ou aparência dos objetos e pessoas, isto é, sua existência; 2) entidades que representam

a forma que o objeto é manipulado, a forma que as pessoas experienciam a ação ativa ou passivamente ou a própria percepção da ação em si.

### **c. Estrutura argumental do verbo e ordem dos constituintes**

- verbos com concordância apresentam locação inicial e final por conta do percurso de movimento que o sinal faz;
- verbos sem concordância apresentam locações mais restritas, especificamente no corpo do sinalizante, na mão não dominante ou em um ponto específico do espaço;
- nos verbos com concordância, a ordem sintática é, obrigatoriamente, SVO;
- nos verbos sem concordância, as possíveis ordens sintáticas são SVO, OV e VO quando os sujeitos já foram expressos anteriormente.

### **d. Interrogação**

- as expressões não-manuais são um elemento que marca a interrogação;
- os sinais O QUE, COMO, QUANDO, ONDE, QUAL, POR QUE são empregados na construção de perguntas;
- o padrão da posição do interrogativo O QUE é no fim da frase;
- as posições mais recorrentes do interrogativo COMO e POR QUE são no início e no fim da frase;
- o padrão da posição do interrogativo QUAL é no meio da frase;
- o padrão da posição do interrogativo ONDE é no fim da frase;

### **e. Negação**

- Há quatro realizações da negação:
  - através do sinal manual, com as configurações de mãos em 1 e B;
  - apenas com o balanço da cabeça para a direita e para a esquerda;
  - a dupla negação;
  - a negação lexicalizada em alguns verbos;
- As posições para a negação são:
  - no início da frase como resposta à uma pergunta anterior;
  - no meio da frase, próximo de um pronome de pessoa;
  - no meio da frase com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação;

- no meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação;
- no início da frase por ser um verbo que lexicaliza a negação;
- no início da frase como marcador de opinião, usando a cabeça.

#### **f. Posse**

- A posse se realiza através dos sinais MEU; SEU e DELE, cuja forma da configuração de mão é a mesma, mas a distância da locação para o sinalizante é o que indica qual sinal possessivo está sendo empregado; e PRÓPRIO;
- Ênfase na posse mediante o uso de PRONOME + sinal PRÓPRIO;
- A ordem POSSESSIVO-SUBSTANTIVO ou SUBSTANTIVO-POSSESSIVO, impedindo que outro sinal fique entre o possessivo e o substantivo.

### **2. Relações sintático-semântico**

#### **a. Relações de adição, oposição, explicação, alternância e conclusão**

- Essas relações acontecem através:
  - do emprego das conjunções MAS, TAMBÉM, PORQUE, ENTÃO;
  - da utilização do espaço token e sub-rogado;
  - da utilização de perguntas retóricas;
  - do emprego específico da conjunção ENTÃO como elemento de coesão;
  - da estratégia de enumeração.

#### **b. Relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação**

- Essas relações acontecem através:
  - da utilização dos espaços token e sub-rogado para relações de causalidade, consequência e comparação;
  - da utilização de perguntas retóricas;
  - do uso do sinal SE para condicionalidade;
  - da utilização do sinal IGUAL para construir comparação.

#### **c. Referenciação**

- Acontece através:
  - de pronomes de pessoa;
  - de substantivos;

- do uso do espaço token para inserir os referentes;
- da repetição de pronomes de pessoa e de substantivos;
- do uso da apontação para o local em que o referente foi localizado inicialmente;
- do uso do espaço sub-rogado para recuperar os referentes.

#### **d. Noções de ser e estar**

- Acontece através:
  - do uso dos verbos SER e ESTAR, com seus sinais específicos;
  - da não realização dos verbos com seus sinais específicos;
  - do uso do sinal pessoa com a direcionalidade para o sinalizante;
  - Uso no sinal VIVER/VIDA para representar a noção de estar.

### **3. Relações morfossemânticas**

#### **a. Formação de sinais**

- os sinais não formados através da combinação dos cinco parâmetros fonológicos;
- os sinais são unidades significativas, dada à morfologia de língua isolante;
- a composição não é um fenômeno muito produtivo para a formação de sinais.

#### **b. Quantificação e intensificação de entidades**

- Acontece através:
  - da repetição do sinal;
  - da duplicação de mãos;
  - do apoio de advérbios que trazem a noção de quantidade ao lado de expressões não-manuais que representam a noção de intensidade.

#### **c. Marcação de tempo**

- Acontece através:
  - do uso de advérbios, como AGORA, DEPOIS, ONTEM, HOJE, AMANHÃ, ANTES
  - do uso de expressões temporais, como PASSADO, FUTURO, PERÍODO, TEMPO; DAQUI PARA FRENTE, DO PASSADO ATÉ HOJE.

## 8 CONCLUSÕES

A postura epistemológica que adotamos nesta tese nos possibilitou refletir e criticar o referencial teórico acerca da tipologia das línguas de sinais e da tipologia da Libras, a fim de demonstrarmos nessas descrições e modelos gramaticais indícios de que as categorias gramaticais da Libras funcionam nas interfaces.

Ao fazermos isso, percebemos como a metalinguagem empregada para as línguas orais limita, em certa medida, a visualização da gramática da Libras como ela realmente é. Diante disso, foi relevante situarmos nossa pesquisa dentro de uma orientação funcional e cognitiva para elaborarmos uma proposta teórica de uma tipologia que possa ser aplicada à Libras, em faces das suas especificidades.

Para tal, descrevemos e analisamos o funcionamento das categorias gramaticais nas interfaces morfossintática, sintático-semântica e morfossemântica, trazendo evidências linguísticas de nosso corpus. Em nossa análise, identificamos regularidades para o funcionamento dessas categorias, o que nos possibilitou realizar sistematizações.

Além disso, aproximamos a Libras da morfologia de uma língua isolante, o que também contribuiu para propormos duas faces para os parâmetros fonológicos – uma estritamente fonológica e uma voltada para a sua funcionalidade nas interfaces. Isso revela como a gramática da Libras opera de forma distinta da língua portuguesa, o que nos pensar na importância de se revisitar as próprias categorias gramaticais.

Nesse sentido, buscamos iniciar uma gênese das estruturas linguístico-conceituais da Libras ao propormos a Tipologia das Interfaces. Entendemos que estamos no momento histórico no qual podemos revisitar conceitos, categorias, modelos e métodos propostos para a Libras, como um processo epistemológico intrínseco ao percurso da ciência.

Assim, os princípios epistemológicos – simultaneidade, hibridismo estrutural, perspectiva ontogenética, iconicidade – nos ofereceram a base de conhecimento pluridimensional através da qual estamos concebendo a forma que as categorias gramaticais são organizadas, revelando a ontogênese linguística da pessoa surda. Vemos, então, como os indivíduos surdos são e estão no mundo, representando-o através da Libras.

Nesse movimento epistemológico, fizemos uma tentativa de uma metalinguagem que buscasse representar tanto a percepção quanto a interpretação que os indivíduos surdos fazem no mundo, compreendendo que a língua funciona em uma relação simbólica com o mundo, como elemento caracterizador da nossa abstração.

Consequentemente, ao apresentarmos evidências linguísticas das interfaces e do funcionamento das categorias nessas interfaces, pudemos ver nas relações morfossintáticas como os indivíduos surdos representam as classes ontogenéticas, organizando-as, diferenciando-as e particularizando-as. Nas entidades representativas, percebemos como elas funcionam como construções complexas para abrigar informações de pessoa, número e aspecto.

Na estrutura argumental do verbo, vimos como tal estrutura não pode ser dissociada da ordem dos constituintes, mostrando restrições em conformidade com o tipo de verbo, dada à projeção dos seus argumentos internos. Também vimos como a interrogação apresenta um padrão através das expressões não-manuais e dos sinais O QUE, COMO, QUANDO, ONDE, QUAL, POR QUE.

Na negação e na posse, percebemos a existência de quatro e três padrões de realizações linguísticas, respectivamente, mostrando os contextos sintáticos quanto ao posicionamento desses padrões na frase, o que nos faz concluir que embora a Libras apresente uma natureza visual e espacial, sua sintaxe é permeada de restrições que ordenam o funcionamento das categorias gramaticais. Assim, a espacialidade não licencia todos os tipos de locações e movimentos no espaço.

Nas relações sintático-semânticas, notamos que “a. Relações de adição, oposição, explicação, alternância e conclusão” apresentam um funcionamento semelhante à “b. Relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação”, o que nos faz perceber como coordenação e subordinação usam, principalmente, as poucas conjunções e o espaço sintático para que essas noções semânticas sejam codificadas.

Na referenciação, ficou claro como o uso do espaço, de pronomes e de substantivos foi empregado tanto para introduzir quanto para recuperar os referentes, conferindo existência física, de fato, às entidades, em face da natureza visual e espacial da Libras. Desta forma, a referenciação pressupõe a representação manual e locativa das entidades do mundo – existência no mundo requer existência gramatical de forma manual e espacial.

Nas noções de SER e ESTAR, as quatro realizações que encontramos nos mostram o plano semântico dessas noções e como elas precisam ser codificadas na língua para que as entidades sejam e estejam no mundo através de uma forma linguística específica ou da ausência de uma forma linguística. Assim, ser e estar no mundo são também um não ser e não estar no mundo. É a dicotomia SER-NÃO SER e ESTAR-NÃO ESTAR que faz com que as pessoas surdas interpretem a categoria maior de existir.



Nas relações morfossemânticas, quebramos totalmente o paradigma amplamente aceito para as línguas de sinais quanto à sua morfologia ao não constataremos processos morfológicos para a formação dos sinais. Ademais, o processo de composição não se mostrou muito produtivo. Dessa forma, a formação dos sinais não acontece por meio processos específicos. É a simultaneidade inerente aos parâmetros fonológicos que atua na interface morfologia-semântica para criar os sinais na Libras, como unidades significativas.

Na quantificação e intensificação de entidades, percebemos que as noções de quantificar e intensificar estão no mesmo campo semântico, de acordo com a ontogênese linguística do indivíduo surdo, porque o padrão para a quantificação é a repetição do sinal – até mesmo em sinais que não aceitaram essa repetição por estarem localizados no corpo – ao lado de expressões não manuais que carregam a noção de intensificação. Ademais, para a duplicação de mãos e para o apoio de advérbios, também foram fundamentais as expressões não-manuais.

Na marcação de tempo, percebemos que os indivíduos surdos organizam o tempo cronologicamente em passado, presente e futuro, cujo padrão é o uso de advérbios de tempo e de expressões temporais. Ressaltamos que essas expressões temporais apresentam uma forma específica no espaço quanto à sua lateralidade e sequencialidade do movimento, como representação da forma cronológica que os indivíduos surdos percebem o tempo.

Diante disso, a Tipologia das Interfaces, como a nossa proposta teórica de uma tipologia para a Libras, está pautada nos princípios epistemológicos que nos mostram como concebemos o conhecimento gramatical; no tipo de interface organizada em relações morfosintáticas, relações sintático-semânticas e relações morfossemânticas; nas categorias que compõe cada interface; e na sistematização do funcionamento dessas categorias.

Ressaltamos que a nossa proposta não pretende ser completa e acabada. Ela é fruto de uma análise de dados extraídos de situações de uso da Libras através de vídeos do Youtube e do Instagram como ferramentas tecnológicas que viabilizam a realização de múltiplos textos em Libras entre as pessoas surdas. Assim, é possível que alguma categoria tenha escapado à nossa proposição.

Destacamos, ainda, que nosso modelo não exclui nem anula os modelos que vigoram para as línguas de sinais e para a Libras na contemporaneidade, pois reconhecemos que a ciência também evolui com novas proposições que são outras

possibilidades interpretativas para os fenômenos gramaticais. Cabe, então, ao leitor e a qualquer pesquisador empregar a sua subjetividade para escolher sua filiação teórico-metodológica.

Assim, a Tipologia das Interfaces é a primeira proposta teórica de uma tipologia aplicada à Libras, como resultado desses quatro anos de estudo no doutorado – tempo no qual pudemos amadurecer intelectualmente quanto ao perfil de pesquisadora. Pretendemos, então, ampliar, aperfeiçoar e detalhar ainda mais nossa proposta daqui para frente – este é nosso compromisso como cientistas da linguagem humana.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Walber Gonçalves de. **Processos de formação de sinais: derivação e incorporação nominal na língua brasileira de sinais**. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal do Pará. Pará, p. 167. 2019.
- ANDRADE, Alliny de Matos Ferraz. **Causatividade em Libras**. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, 120. 2015.
- ARAÚJO, Adriana Dias Sambranel. **As expressões e as marcas não-manuais na língua de sinais brasileira**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, p. 107. 2013.
- ARAÚJO, Magali Nicolau de Oliveira de. **Os espaços na Libras**. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, 142. 2016.
- ARONOFF et al. **Classifier Constructions and Morphology in Two Sign Languages**. 2003. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/253282139>.
- ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; SANDLER, Wendy. **The paradox of sign language morphology**. *Language* (Baltim). 2005 Jun; 81(2): 301–344.
- BAKER Shenk, Charlotte and Dennis Cokely. **American Sign Language: A teacher's resource text on grammar and culture**. Green Books, Teachers resources. Washington DC: Gallaudet University Press, 1980.
- BELLUGI, U; FISCHER S D. **A comparison of sign language and spoken language.** *Cognition* 1, 173–198, 1972.
- BELLUGI, U. & E.S. KLIMA. **The acquisition of three morphological systems in American Sign Language**. *Papers and Reports on Child Language Development* 21, 1-35, 1982
- BICKFORD, J. Albert; FRAYCHINEAUD, Kathy. **Mouth morphemes in ASL: a closer look**. In: *Sign language the past, present and future*. TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th Theoretical Issues in Sign Language Research Conference Florianopolis, Brazil, December 2006, Ronice Müller de Quadros (ed.). pages 32-47. *Theoretical Issues in Sign Language Research* 9. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul
- BICKERTON, Derek. (1981). **Roots of language**. Ann Arbor: Karoma
- BREDO, E.; FEINBERG, W. **The critical approach to social and educational research**. In: BREDO, E.; FEINBERG, W. (Eds.). *Knowledges and values in social and educational research*. Philadelphia: Temple University Press, 1982.

- BOYLAND, Joyce Tang. **Morphosyntactic Change in Progress: A Psychlinguistic Approach**. Dissertation, University of California at Berkeley. 1996.
- BRENTARI, Diane. **Theoretical foundations of American Sign Language Phonology**. PhD dissertation: University of Chicago, 1990.
- BYBEE, Joan. **Evolution of communication**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1998.
- BYBEE, Joan. **Markedness: Iconicity, Economy, and Frequency**. In: SONG, Jae Jung. *The Oxford handbook of linguistics typology*. New York: Oxford University Press, 2012.
- CARNEIRO, Bruno. **A categoria número em língua de sinais**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 187. 2020.
- CASTRO, Cristina de Almeida Siaineis de. **Composicionalidade semântica em libras: fronteiras e encaixes**. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 145. 2007.
- CHAIBUE, Karime. **Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 162. 2013.
- CRASBORN, O. **Phonetics**. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. *Sign Language – an international handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2012.
- CROFT, William. **Typology and universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- CUXAC, C. **Esquisse d'une typologie des Langues des Signes**. In: CUXAC, C. (Org.). *Autour de la Langue des Signes - Journée d'études*, n. 10, Paris, 1985. p. 35-60.
- CUXAC, C. **Fonctions et structures de l'iconicité des langues des signes**. Tese de Doutorado – Université Paris, 1996.
- CUXAC, C. **La Langue des Signes Française (LSF)**. Les voies de l'iconicité. *Faits de Langues*, p. 15- 16. Paris, 2000
- DANIEL, Michael. **Linguistic typology and the study of language**. In: SONG, Jae Jung. *The Oxford handbook of linguistics typology*. New York: Oxford University Press, 2012.
- DASCAL, Marcelo (org.). **Fundamentos metodológicos da Linguística**. São Paulo: Global, 1978.
- DIAS JÚNIOR, Jurandir Ferreira. **Os verbos nos espaços mentais em língua brasileira de sinais**. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 254. 2016.

- DIK, S. C. **The theory of Functional Grammar** (org. by K. Hengeveld). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- ERLENKAMP, S. (2000). **Syntaktische Kategorien und lexikalische Klassen. Typologische Aspekte der Deutschen Gebärdensprache**. Munich: Lincom Europa.
- FALK, Y. N. **Subjects and Universal Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- FILLMORE, C. J. **The case for case**. In: BACH, E.; HARMS R.T. (Orgs.). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, 1968. p. 1-88
- FAUCONNIER, G; TURNER, M. **The Way We Think**. New York: Basic Books
- Pfau, R. & Salzmann, M. & Steinbach, M., (2018) “The syntax of sign language agreement: Common ingredients, but unusual recipe”, *Glossa: a journal of general linguistics* 3(1), p.107, 2002.doi: <https://doi.org/10.5334/gjgl.511>
- FELIPE, Tanya Amara. **O processo de formação de palavras na libras**. Educação Temática Digital, vol. 7, n. 2. Campinas-SP: jun. 2006, p. 200-217.
- FERNALD, Theodore B. & Donna J. Napoli. **Exploitation of morphological possibilities in signed languages: Comparison of American Sign Language with English**. *Sign Language & Linguistics* 3(1): 3–58, 2000.
- FERREIRA, Geyse Araújo. **Um estudo sobre os verbos manuais na língua de sinais brasileira**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, p. 101. 2013.
- FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FIGUEIREDO, Lorena Mariano Borges. **A (não) marcação de tense em língua brasileira de sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 160. 2020.
- FINAU, R. **Os Sinais do Tempo e Aspecto na Libras**. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- FISCHER, Susan D. **Questions and negation in American Sign Language**. In *Interrogative and Negative Constructions in Sign Language*. Nijmegen: Ishara Press, 2006.
- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

- \_\_\_\_\_, T. **Compreendendo a gramática**. São Paulo: Cortez, 2011.
- GRIMSHAW, J. **Argument Structure**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990
- HAIMAN, John. **Ritualization and the Development of Language**. In Wm. Pagliuca (ed.), *Perspectives on Grammaticalization* (pp. 3-28). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1994.
- HAMMARSTRÖM, Harald: **Rarities in numeral systems**. In: WOHLGEMUTH, Jan; CYSOUW, Michael (eds.), *Rethinking Universals: How Rarities Affect Linguistic Theory*. Berlin: De Gruyter Mouton, pp. 11-60, 2010.
- JACKENDOFF, R. S. **Semantic and cognition**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.
- JOHNSTON, T. **Sign Language: Morphology**. In: JOHNSON, R. E.; LIDDELL, S. K. *Sign Language: Lexicography*, 2006.
- JOHNSTON, T., M. VERMEERBERGEN, A. SCHEMBRI & L. LEESON. **Real data are messy**: Considering cross-linguistic analysis of constituent ordering in Auslan, VGT, and ISL. In: Perniss, P., R. Pfau & M. Steinbach (eds.), *Visible variation: Cross-linguistic studies on sign language structure*. Berlin: Mouton de Gruyter, 163-205, 2007.
- KELLER, Jörg; PFAU, Roland; STEINBACH, Markus. **Syntaktische Kategorien und lexikalische**. *Sign Language & Linguistics* 5(2): 247–253, 2002
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. London: Harvard University Press, 1979.
- KUHN, T. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1978.
- LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.
- LANGACKER, Ronald W. **Essentials of Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- LEESON, Lorraine; SAEED, John. **Irish sign language: a cognitive linguistic account**. Dublin: Edinburgh University Press, 2012.
- LIBERALI, Fernanda Coelho; LIBERALI, André Ricardo Abbade. **Para pensar a metodologia de pesquisa nas ciências humanas**. Inter Fainc, Santo André, SP, v. 1, n. 1, p. 1-84, jun./dez. 2011.
- LIDDELL, S. **American Sign Language syntax**. The Hague: Mouton, 1980.
- LIDDELL, S. K. **Think and believe**: Sequentiality in American Sign Language. *Language* 60, 372–399, 1984.

- LIMA, Layane. **Relações de causalidade em orações complexas na língua brasileira de sinais**. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, 197. 2019.
- MAK, Jessica. **Formação de verbos manuais na Libras**. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, p. 137. 2021.
- MASLOVA, E. **A Dynamic Approach to the Verification of Distributional Universals**, *Linguistic Typology* 4: 307–33, 2000.
- MEDEIROS, Davi. **Iconico ou arbitrário? Motivado ou imotivado? O Signo linguístico da língua brasileira de sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 366. 2019.
- MÁXIMO, N. **Fonologia da Libras: estatuto da mão não-dominante**. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 161. 2016.
- MEIR, Irit. **A realização morfológica dos campos semânticos**. In: QUADROS, Ronice; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. *Questões teóricas de pesquisas em língua de sinais*. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2006.
- MEIR, Irit; PADDEN, Carol; ARONOFF, Mark; SANDLER, Wendy. **Repensando classes verbais em línguas de sinais: O corpo como sujeito**. In: QUADROS, Ronice; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. *Questões teóricas de pesquisas em língua de sinais*. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2006.
- MENDES, Maria Luisa. **A metaforização na constituição dos sinais na Libras**. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 164. 2013.
- MENDONÇA, Cleomasina. **Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, p. 171. 2012.
- MIRANDA, João Paulo. **Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?** Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, 120. 2014.
- McCLEARY, L; VIOTTI, Evani; LEITE, T. A. **Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados**. *Alfa*, São Paulo, 54 (1): 265-289, 2010.
- NADEAU, M. **Y a-t-il un ordre des signes en LSQ?** In: C. Dubuisson & M. Nadeau (eds.), *Études sur la Langue des Signes Québécoise*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 83-102, 1993.

- NAPOLI, Donna Jo; SUTTON-SPENCE, Rachel. **Order of the major constituents in sign languages:** implications for all languages. *Frontiers in Psychology*. Belgium, Brussels, v.5, 736, p. 1-18, may, 2014.
- NEIDLE, C., J. KEGL, D. MACLAUGHLIN, B. BAHAN & R.G. Lee. **The syntax of American Sign Language:** Functional categories and hierarchical structure. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- NETO, José Borges. **Ensaio de filosofia linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_, Maria Helena de Moura. **A interface sintaxe, semântica e pragmática no Funcionalismo**. DELTA 33, Jan-Mar, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445038558096931414>. Acesso em 20 de setembro de 2022.
- NEWMYER, Fritz. **Natural selection and the autonomy of syntax**. *Brain and behavioral sciences*, 13, 745-746, 1990.
- OLIVEIRA, Fernanda Alves. **Distinção entre aspecto lexical e aspecto gramatical na língua brasileira de sinais**. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 81. 2018.
- OLIVEIRA, Lindilene Maria. **A categoria sintática predicativo na língua brasileira de sinais: um estudo descritivo**. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 82. 2020.
- PADDEN, C. **The interaction of morphology and syntax in American Sign Language**. New York: Garland, 1998.
- PEGO, Carolina Ferreira. **Articulação-boca na Libras: um estudo tipológico semântico-funcional**. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 158. 2021.
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Trad. J. Teixeira Coelho. 2 ed., São Paulo: Perspectiva, 1990.
- PERINI, Mário A. **Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola, 2006. 208 p.
- PERLMUTTER, D.M. **Sonority and syllable structure in American Sign Language**. *Linguistic Inquiry*. v. 23, p. 407-42. 1992.
- PINKER, Steven. **The language instinct**. New York: William Morrow, 1994.



PINTO, Charridy Max Fontes. **A interpretação da sentença com verbos simples (plain verbs): a ambiguidade em construções com os verbos abraçar e conversar em libras.** Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 86. 2018.

PIZZIO, Aline Lemos. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos.** Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 237. 2011.

PFAU, R. **Applying morphosyntactic and phonological readjustment rules in natural language negation.** In: R.P. Meier, K.A. Cormier & D.G. Quinto-Pozos (eds.), *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 263-295, 2002.

POPPER, Karl. **Conjecturas e refutações: pensamento científica.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968.

QUADROS, R.M. **Phrase structure of Brazilian Sign Language.** PhD dissertation, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, 1999.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

RABELO, Andreolina Heloisa Ribeiro. **Libras e o fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 140. 2020.

RATHMANN, C. G. **Event structure in American Sign Language,** PhD thesis, University of Texas at Austin, 2005.

SÁ, Thaís. **Definidos fortes e fracos: um estudo sobre Libras.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 95. 2013.

SAGARA, Keiko. **The numeral system of Japanese Sign Language from a cross-linguistic perspective.** MPhil dissertation, University of Central Lancashire, Preston, UK, 2014.

SCHUIT, Joke; BAKER, Anne; PFAU, Roland **Inuit Sign Language: a contribution to sign language typology.** ACLC Working Papers, 2011

SANDLER, W. **One phonology or two? Sign language and phonological theory.** *Glott International* 1(3), 3–8, 1995.

- SANDLER, Wendy. **Cliticization and prosodic words in a sign language**. Studies on the phonological word, Tracy A. Hall & Ursula Kleinhenz (eds.), 223–254. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- SANDLER, W; LILLO-MARTIN, D. **Sign language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução à uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SAPIR, E. **Language**. Nova York: Harcourt, 1921.
- SCHLENKER, Philippe. **Visible Meaning**: Sign language and the foundations of semantics. *Theoretical Linguistics*, De Gruyter, 2018, 44 (3-4), pp.123 - 208. ff10.1515/tl-2018-0012ff. ffhal-03052010
- SCHUIT, J. **The typological classification of sign language morphology**. MA thesis, Universiteit van Amsterdam, 2007.
- SCHUIT, J; BAKER, A; PFAU, R. **Inuit sign language**: a contribution to sign language. *ACLA Workin Papers*, Germany, Amsterdam, p. 1-15, 2001.
- SCHWAGER, W. **Polymorphemische Gebärden in der Russischen Gebärdensprache**. MA thesis, Universiteit van Amsterdam, 2004.
- SCHWAGER, Waldemar; ZESHAN, Ulrike. **Word classes in sign languages Criteria and classifications**. *Studies in Language* 32:3 (2008), 509–545. Doi 10.1075/sl.32.3.03sch issn 0378–4177 / e-issn 1569–9978 © John Benjamins Publishing Company
- SILVA, Cintia. **Coordenação ativa e adversativa na Libras**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, 68. 2019.
- SILVA, A; XAVIER, A.N. **Identificação, documentação e descrição de processos fonológicos na Libras**. v. 7 n. 26 (2020): *Línguas de Sinais da América Latina*
- SILVA, L. **Investigando a Categoria Aspectual na Aquisição da Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- SOARES, Chaley Pereira. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico da homonímia**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, p. 136. 2013.
- SOUZA, Guilherme Lourenço. **Concordância, caso e ergatividade em língua de sinais brasileira**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 161. 2014.

- SOUZA JÚNIOR, José Ednilson Gomes. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira**: uma perspectiva de toponímia por sinais. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, p. 346. 2012.
- STOKOE, W. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. *Studies in Linguistics*, n<sup>o</sup> 8 University of Buffalo, 1960.
- SZE, Yim. **Word order of Hong Kong Sign Language**. In: A. Baker, B. Van den Bogaerde & O. Crasborn (eds.), Cross-linguistic perspectives in sign language research. Selected papers from TISLR 2000. Hamburg: Signum Verlag, 163-191, 2003.
- TANG, Gladys. **Questions and negatives in Hong Kong Sign Language**. 198-224. 2006.
- WHALEY, Lindsay. **Introduction to typology**: the unity and diversity of language. California: Sage Publications, 1997.
- WILBUR R B (1993). **Syllables and segments**: hold the movements and move the holds! New York: Academic Press, 1993.
- ZESHAN, Ulrike; PALFREYMAN, Nick. **Typology of sign languages**. In AIKHENVALD, A.Y; DIXON, R.M.W. (eds.) The Cambridge Handbook of Linguistic Typology. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- ZESHAN, Ulrike. **‘Towards a notion of ‘word’ in sign languages’**. In AIKHENVALD, A.Y; DIXON, R.M.W. (eds.), pp. 153-179, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Interrogative and Negative Constructions in Sign Languages**. Sign Language Typology Series No. 1. Nijmegen: Ishara Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. **‘Interrogative constructions in signed languages: Cross-linguistic perspectives’**, *Language* 80(1): 7-3, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Towards a notion of ‘word’ in sign languages**. In: AIKHENVALD, A.Y; DIXON, R.M.W. (eds.) *Word: A cross-linguistic typology*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002
- \_\_\_\_\_. **Indo-Pakistani sign language grammar**: a typological outline. *Sign Language Studies*, Washington, v. 3, n. 2, p. 157-212, winter, 2003.
- ZUCCHI, Sandro. **Formal semantics of sign language**. *Language and Linguistics Compass* 6/11 (2012): 719–734, 10.1002/inc3.348

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DOS DADOS EM LIBRAS

### Transcrição dos vídeos

Canal IsFlocos ([\(93\) Isflocos - YouTube](#));

#### 1. A importância da gratidão (5:35)

##### [\(13\) A IMPORTÂNCIA DA GRATIDÃO - YouTube](#)

Oi! Agora quase *daqui pra frente* final ano. Falta *daqui pra frente* Réveillon. Certo? [1 mão]. Agora **hora/tempo** dezembro festas [repetição do sinal]. Certo? [expressão interrogativa. 1 mão]. **Hora/tempo** período final perfeito combinar o que? **Agradecer/gratidão** *passado até hoje* vida/viver junto [repetição do sinal] pessoas [repetição do movimento] interação [repetição do sinal] encontrar [repetição do movimento] 1 ano **agradecer/gratidão** [repetição do sinal]. Você [pronome] saber alguns pesquisas psicologia explicar o que? Gratidão dar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] saúde bem. Entender? Como? **Gratidão/agradecer** ajudar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] também mal-estar ansiedade estresse mal-estar sumir **gratidão/agradecer. Gratidão/agradecer** [espaço sub-rogado] ligado felicidade [espaço sub-rogado]. **Agradecer/grato** [repetição do sinal e espaço sub-rogado] feliz [repetição do sinal e espaço sub-rogado] ligado certo [duas mãos]. Qualquer pequeno [repetição do movimento] **agradecer/gratidão** [repetição do sinal] todo dia processo. Mas [1 mão] **agradecer/gratidão** o que? Qualquer. Conseguir [repetição do movimento] VIBRAÇÃO [gesto] **agradecer/gratidão**. Também **agradecer/gratidão** família vida dentro junto **agradecer/gratidão** [repetição do sinal]. Também **agradecer/gratidão** [repetição do sinal] amigo conhecer novo [repetição do sinal] **interação/interagir** [repetição do sinal] **agradecer/gratidão** [repetição do movimento]. Também amigo quantos antigo *passado até hoje* junto [repetição do movimento] **agradecer/gratidão**. Agradecer [sem concordância] casa *casa pessoa dentro* [classificador] **comer/comida casa/morar** [permanece 1 mão de casa] **sentir/sentimento** conforto agradecer. **Agradecer/gratidão** experiência **vida/viver** *passado até hoje* agradecer. Perder [repetição do sinal] difícil [com as duas mãos] **agradecer/gratidão** [repetição do sinal] também [repetição do sinal]. **Agradecer/gratidão** pouco [repetição do sinal e com direcionalidade dando a ideia de pouco que dá a mim] DUAS MÃOS COLOCADAS NO POUCO DANDO A IDEIA DE INTERIORIZAR [gesto] posicionar-se certo? [1 mão]. Também **agradecer/gratidão**

simples nascer do sol acordar. Agradecer nós **viver/vida**. **Agradecer/gratidão** [[apontação]] dar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] bem. *Passado até hoje* grupo [repetição do sinal] família amigo qualquer vários sempre continuidade presentes [repetição do sinal] [[apontação]] também **agradecer/gratidão** certo presente dar também presente dar a si mesmo egoísta [mas não é no sentido de egoísta]. Como? **Agradecer/gratidão** [sinal realizado na direção do próprio sinalizador] cuidar [com direcionalidade/cuidar de si] carinho [sinal realizado junto do corpo do sinalizador] olhar para si **agradecer/gratidão**. Nós não poder [negação lexicalizada no verbo] esquecer como? Qualquer encontrar [repetição do sinal] pessoas [repetição do sinal] ou lugares [repetição do sinal] qualquer **interação/interagir** presente dar **brincadeira/brincar** **interação/interagir** presente dar **agradecer/gratidão** [repetição do movimento] **união/unir**. Exemplo amigo segredo **interação/interagir** brincadeira legal gostoso certo [com 1 mão]. Você saber [sem concordância] **onde/lugar** dentro escolher [repetição do sinal] presente enumerar mais 50 milhões objeto. Também enumerar tipos [repetição do movimento] 30 uau + A até Z tipos [repetição do sinal] vários dentro. Também acompanhar lista presente pensar escolher presente. Só? Também descontos [repetição do sinal] uau **hora/tempo** *daqui pra frente* final ano. Você [pronome/apontação] saber onde? É Amazon. Uau. Agora parceria dentro vídeo explicar dica vocês [pronome/apontação]. Dentro site Amazon dá [sinal capacidade] lista vontade presente dar pessoas. Quer presente pensar escolher comprar dar presente. Também você [pronome/apontação] dá [sinal capacidade] criar meu próprio lista quero presente vontade enviar e-mails [repetição do sinal] amigo família qualquer eles pensar escolher presente me dar certo combina você [pronome/apontação] gostar. Quer não saber [negação lexicalizada no verbo] presente dar? Não [sinal manual]. Dentro lista acabar *mostrar lista* ou *pegar lista* pensar escolher presente dar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] presente dar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] próprio certo. Dentro site Amazon encontrar presente perfeito combina vontade querer. Agora *daqui pra frente* final ano **hora/tempo** período comprar [repetição do sinal] vários uau descontos [repetição do sinal]. Você [pronome/apontação] não poder [negação lexicalizada no verbo] esquecer Amazon PRIME dentro assinatura dar muitas promoções [repetição do sinal] especial certo. Também frete Brasil [[apontação]] [apontação para vários pontos no espaço] Brasil geral objetos qualquer preço frete de graça. Uau. Se você assinar dentro Amazon uau entrar [repetição do sinal] vários dá [sinal capacidade]. Primeiro [estratégia de enumeração] filme editar vários PRIME vídeo. Segundo [estratégia de enumeração]

música podcast Amazon MUSIC PRIME uau. Terceiro [estratégia de enumeração] livro revista dentro PRIME READING. Quarto [estratégia de enumeração] jogo *de graça* vários dentro PRIME GAMING. Uau. Ver enumerar dentro Amazon uau 1 mês pagar preço 9. 90. 1 ano somar pagar 89 reais perfeito [1 mão]. Se assinar cancelar gostar simples cancelar fácil. Dentro Amazon combinar comprar [repetição do sinal] internet vários uau gostar comprar [repetição do sinal] certo. *Daqui pra frente interação/interagir* presente dar aproveitar **interação/interagir** certo? OLHA [gesto]. Eu [pronome/apontação] querer presente. Beijos. Xau.

## 2. Perguntas absurdas que fazem para surdos (8:41)

Oi. Agora organizar filmar [direcionalidade para ele mesmo] mas brabo [no sentido de nervoso]. Nossa. Agora explicar sobre o que? Maioria geral ouvinte perguntar [direcionalidade do espaço para o sinalizador e repetição do sinal] geral surd@. Refletir aproveitar organizar vídeo explicar enumerar principal geral perguntar [direcionalidade do espaço para o sinalizador e repetição do sinal] *passado até hoje* [CM em B]. Você ouvinte também perguntar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] já ou você vontade perguntar [direcionalidade do sinalizador para o espaço]. Perguntar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] aproveitar agora explicar enumerar evitar perguntas chatas. Mas várias perguntas *sem sentido* [CM igual ao sinal areia] Grupo [CM com dedo indicador] saber ok? Vamos. Oi. Sou [sinal pessoa nele mesmo] Gabriel. Olha, vocês [pronome/apontação] ainda registro meu canal, ainda? Registrar acompanhar *daqui pra frente*. Também ajudar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] **trabalho/trabalhar** processo meu colocar vídeo você. Eu [pronome/apontação] saber maioria geral sociedade geral não [sinal manual] organizar [no sentido de não estar preparada] entender informação sobre mundo surd@. Geral explicar vida processo. Também eles [pronome CM com o dedo indicador] organizar [no sentido de preparar] ainda dentro [no sentido de inclusão/movimento da lateral ao invés de cima pra baixo/no sentido de incluir] surd@. Parece eles [com o dedo indicador] surpresa diferente CHAMAR [gesto] olha perguntar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] *sem sentido* [CM igual ao sinal areia] diferente. Mas diferente não [sinal manual/mão espalmada] nada. Igual [repetição do sinal] humano. Mas diferente o que cultura + língua de sinais. Mas dentro interação vida processo igual [repetição do sinal]. Agora [com 1 mão] aproveitar agora mostrar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] enumerar perguntas [repetição do sinal]. Mas perguntas explicar + eu explicar como [com 1 mão]

acusar [sinal utilizado com outro sentido] combina? Não combina [negação lexicalizada no verbo] nada a ver. Olha vamos. “Nossa tadinho indivíduo lindo mas triste [no sentido de infelizmente] surd@”. Eu precisar pessoa [sinal pessoa nele mesmo] feio mostrar pessoa [sinal pessoa nele mesmo no sentido de sou] surd@? **beleza/bonito** influenciar surd@ *sem sentido* [cm igual ao sinal areia] não combina [negação lexicalizada no verbo] qualquer [no sentido de independente]. Surd@ precisar pessoa [sinal pessoa nele mesmo no sentido de sou] feio? Não [com a mão espalmada]. Isso [apontação no espaço neutro] mostrar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] *sem sentido* [CM igual ao sinal areia]. Parecer preconceito O que? Surd@ ou qualquer pessoa [repetição do sinal] junto deficiência significar não ter [negação lexicalizada no verbo] capacidade vida crescer posicionar-se crescer trabalhar bonito mostrar perfeito? Parece não. Parece não poder [negação lexicalizada no verbo]. Mudar isso (com a palma da mão espalmada). “Ele [apontação] surd@-mud@. Nossa”. **Vem eu (com a palma da mão espalmada) antes já explicar sobre surd@-mud@ errado** [sinalizou o trecho marcado na cor laranja com 1 mão só porque estava segurando o celular com a outra mão]. Como? Surd@ só. Mas mudo o que? Mudo ter problema voz oralizar [acompanhado da negativa da cabeça para não falar]. Não conseguir [negação lexicalizada no verbo] oralizar [acompanhado da negativa da cabeça para não falar e expressão] nada. Mudo. Mas surd@ significa surd@ oralizar nada significa mudo? Nada disso. Surd@ sinalizar mas mudo falar não [sinal manual] por que? Surd@ pode aprender oralizar (falar) “oi você ta me ouvindo. Meu nome é Gabriel” [falando mesmo]. Ouvir? Eu aprender falar conseguir falar. Mas depender surd@ falar não [sinal manual] [o espaço sub-rogado dá a ideia da alternância mesmo com a supressão do “ou”]. Mas [CM com dedo indicador] surd@ pode gritar GESTO OLHA COMO SE TIVESSE CHAMANDO. Mudo não [sinal manual]. “Ele [apontação] fala [sinal oralizar] bem. Não é surd@”. Não. OLHA [GESTO] olha [sinal] dentro grupo [no sentido de comunidade] surd@ dentro ter vários. Todos um igual [repetição do sinal indicando plural]? Não [sinal manual]. Vários. Oralizado como? Pessoas [desenhando o sinal e repetição do sinal indicando plural] sentir combina [mudança na direcionalidade pra perto do corpo] sinal [direcionalidade meu sinal] ou poder DA [datilologia] também. Mas [com 1 mão] ele [apontação] sinalizar nada escolher falar [sinal oralizar] sentir bem [com duas mãos] falar [sinal oralizar] português. Surd@ sinalizar meu sinal sou [desenhando pessoa nele mesmo] surd@ sinalizar. Surd@ oralizado mais sinalizar poder variação sentir meu sinal surd@ ou DA [datilologia] eles [apontação] sentir bem [com as duas mãos] sinalizar mais falar ou bimodal sinalizar

depende eles [apontação] também. DA [datilologia] ter variação **acontecer/acontecimento** exemplo um o que? Pessoa crescer ouvinte crescer. Depois idade acontecer perder audição [com duas mãos] mas ele [apontação] **sentir/sentimento** ótimo dentro comunidade surd@ **interação/interagir** [repetição do sinal] comunidade [no sentido de convivência/repetição do sinal] não [sinal manual] sentir meu sinal DA [datilologia] perda auditiva [com uma mão] depois idade. “triste ouvir nada” [sinal “nada” com uma mão]. Triste o que? Você não saber Libras. Então triste o que? Sociedade olhar [com duplicação dos dedos para indicar plural] surd@ ouvir nada. Parece foco surdez porque geral ouvinte esse [apontação no sentido de esses surd@s] não [sinal “não” direcionado para onde apontou esse]. Olha eles [apontação] capacidade ouvir local visão? **Ver/visual interação/interagir** sinalizar língua. Mas precisa ver sentir **igual/igualdade** [repetição do sinal]. Não precisar ver diferente [direcionalidade do sinalizador para o espaço neutro] não [as duas mãos com CM em B]. Parecer mostrar também ele [apontação] ouvir nada deixa sinal [seu sinal] invisível. Não [apenas com a cabeça]. Nós posicionar-se/posicionamento também. É ISSO [gesto]. “você surd@ namorar pode namorar estranho”. Você namorar paquerar vida desenvolver [sinal feito na lateral] criar família desenvolver pode? Eu precisar [com 1 mão] também. Mas surd@ surd@ [aqui a direção do sinal é para frente] **limitar/limitação** geral nada [com as duas mãos/CM em O]. Nós **posicionar-se/posicionamento** autonomia [com direcionalidade] igual [repetição do sinal] todos. **Limitação/limitar** nada [CM em O]. Sinalizar **interação/interagir amar/amor ligado a** [com direcionalidade do peito para frente]. **Amor/amar** esse [apontação enquanto a outra mão permanece no sinal “amor”] uau ampliar [com direcionalidade do peito para as laterais] língua de sinais mais [com 1 mão]. “surd@ usar celular”. Eu uso celular. [mostra mexendo no celular]. Nós dois igual. Mas como digitar [digitando no celular]? Digitar [sinal “digitar”] dá [sinal “capacidade”/com uma mão porque a outra está segurando o celular] digitar. Mas precisa [com 1 mão] maioria o que? Redes sociais eles ampliar ter o que? Legenda divulgar estimular legenda todos [com 1 mão] dentro também. Surd@ participar [sinal “entrar”] geral legenda. É ISSO [gesto]. Você por favor não mandar (com direcionalidade “me mandar”) áudio (sinal de opinião) É ISSO [gesto]. “EI [gesto] surd@ dançar como ouvir nada [com 1 mão]?”. Vocês saber ter muito [com as duas mãos] surd@ professor dança? “Como estranho professor?” PASSADA [gesto ou sinal] certo [com uma mão]? Como? Eles **sentir/sentimento** [com duas mãos] vibração [repetição do sinal para indicar plural]. Dá junto caixa **sentir/sentimento** [com duas mãos] vibração [repete menos porque já havia



repetido antes]. Você saber dança música tudo [com uma mão com o dedo indicador selecionado e a outra com CM diferente] corpo **expressar/expressão** importante geral surd@ uau *ligado a* [com direcionalidade vertical colado no corpo do sinalizador]. *Ligado a* mas música precisa [com as duas mãos]. Não [com a cabeça e sinal manual com a mão espalmada]. *Ligado a* primeiro corpo *ligado a* expressar. Depois *ligado a* [com direcionado para a lateral] caixa acompanhar vibração [repetição do sinal para indicar plural] dança. Eu amar dançar balada entrar gostoso, maravilhoso. Você coisa **limitação/limitar** nada. “nossa surd@ escrever [com 1 mão porque a outra estava segurando do celular] trocado [com 1 mão porque a outra estava segurando do celular] como por que?” Olha, nós surd@ escrever trocado não [com a mão espalmada]. Nós escrever gramática própria Libras. ‘Libras gramática?’. Sim. Própria gramática igual português seu próprio gramática igual língua própria. Língua Libras gramática mas surd@ usa língua de sinais por que? É língua primeira nós sentir sinalizar também completa interagir sinalizar visual sinalizar próprio gramática deixa. Esse [apontação] português dois [espaço sub-rogado] nós aprender [espaço sub-rogado] língua segunda esse português escrever aprender igual vocês aprender outra língua inglês, espanhol enumerar. Aprender Libras também? Aprender Libras. também outro triste o que? Sistema ensino Brasil não tem [negação lexicalizada no verbo/com duas mãos para indicar plural. não é bem noção de plural, mas todo o sistema do brasil] **estimular/estímulo** perfeito acabar [no sentido de pronto] organizar adaptar dar surd@ também aprender bilingue certo simultâneo libras [espaço sub-rogado] português [sub-rogado]. Maioria falhas [repetição do sinal]. Não tem [negação lexicalizada no verbo/com as duas mão para indicar plural/quantificação] experiência próprio desenvolver [direcionalidade para frente]. Agora momento desenvolver [direcionalidade para frente] escola bilingue. Tomara desenvolver [direcionalidade para frente] ensino esse [apontação] influenciar nós surd@ aprender desenvolver [direcionalidade para frente] língua dois [espaço sub-rogado] língua um [espaço sub-rogado] simultâneo. Nós escrever trocado errado não [CM com o indicador]. Vocês vem mais entender como própria gramática. É ISSO [gesto]. Desculpa participação especial. “surd@ pode [com uma mão porque a outra estava segurando o celular] filho mas como bebê chorar como ouvir nada?”. Mas filho local ouvido filho? Surd@ pode filho sim. Filho cuidar [direcionalidade do corpo do sinalizador para o espaço] ensinar [direcionalidade do corpo do sinalizador para o espaço] desenvolver [direcionalidade de baixo para cima] igual geral todos interação surd@ pode. Mas saber minha mãe pai é surd@. Agora sou [sinal de pessoa em

si mesmo] eu [duas mãos CM B] mãe ensinar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] muito desenvolver [direcionalidade para frente]. Experiência ligado língua Libras *ligado a interação/interagir* cultura igual surd@ *interação/interagir ligado a* mãe surd@. Mas como **interação/interagir**? Dá [sinal ‘capacidade’] agora momento ajudar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] dá [sinal ‘capacidade’] como **choro/chorar** *como pegar no colo* nós **sentir/sentimento** vibração ou *pegar no colo* ver vídeo ver tudo ajudar ajudar. Certo. Ver surd@ surdez limitação nada. Vocês pensar mas não é. Se você dúvida agora explicar [repetição do sinal] entender claro. Sumiu. Acabou. Se mais [CM em L] dúvida enumerar mais [CM em L], pode comentários eu ler depois vídeo responder [com as duas mãos indicando plural]. Quer curioso mais [CM em L] também aproveitar você compartilhar quem ter dúvida não entender como surd@ pode enumerar aproveita compartilhar entender claro. Vem conhecer mais mundo surd@ entender como enumerar interação aprender Libras também. É ISSO [gesto]. Registrar canal não [só com a cabeça] registrar daqui pra frente mais [CM em L] participar acompanhar. Ok? Beijo.

### 3. Precisamos do dia dos surdos? (6:02)

#### [\(14\) PRECISAMOS DO DIA DOS SURDOS? - YouTube](#)

O que especial dia 26 setembro? Ah [com a boca] é nacional surd@. Ah [com a boca] é **comemoração/palmas** sou [sinal de pessoa nele mesmo] surd@? Agora vim vídeo explicar qual significado verdade. Esse [apontação] dia não [sinal manual] é [sinal manual] comemoração qualquer. Esse [apontação] dia ter **significado/significar** forte. Nós conseguir **conquista/conquistar** nosso mundo. Dia 26 setembro começar criar INES. Começar desenvolver [direcionalidade de baixo para cima] **ensino/educação** geral surd@ Brasil. Comunidade surd@ começar desenvolver [direcionalidade de baixo para cima] verdade. Cultura surd@ começar desenvolver [direcionalidade de baixo para cima] passos também língua natural mas qual língua? É Libras. Mas lembrar Libras não é linguagem. É língua. Esse [apontação] dia representar nossa luta direito acessibilidade escola bilíngue para surd@ geral surd@; legenda intérprete **local/lugar educação/ensinar** cultura. Mas vocês lembrar frase **ditado/dizer** ‘legenda para quem não ouvir mas emoção sentir’. Nós querer [com as duas mãos]]dentro sociedade. Nós viver dentro mundo. Nós viver esse [apontação] mundo. Agora parecer óbvio. Certo? Mas porque todos já saber. Mas precisa falar isso [apontação]? Resposta é sim. Surd@ não [sinal manual] é [sinal manual] diferente por causa comunicação mãos sinalizar. Vocês ver [com uma mão] eu

[apontação] sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] sinalizar. Mas nós ter voz. Saber? Quer ver? Por favor não chamar nós mudo. Nós ter só problema audição. Eu [as duas mãos com CM em B] perfeito. Lembrar surd@ igual human@ você. Nós poder profissão vontade querer [com as duas mãos]. Também trabalhar coisas fazer qualquer. Estudar coisas poder.

- miss deaf world [datilologia]. Modelo. Farmacêutica bioquímica [datilologia]. Professor@ Libras. atriz. Maquiadora.

- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Caroline zocca [(sinal dela) designer moda [datilologia] mais [+] fotógrafa.

- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Cristiane Pereira [sinal dela]. sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **formar/formação** odontologia

- meu nome Germano [datilologia] meu sinal eu **formar/formação** cinema

- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Fernando [sinal dele]. Agora eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **estudante/estudar** Administração.

- eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Maurício [sinal dele] eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **estudante/estudar** Jornalismo.

- nome [com direcionalidade para o sinalizador] Caroline meu sinal [com direcionalidade para o sinalizador] [faz o sinal dela]. Eu ser [verbo ser] **formar/formação** Administração. Eu trabalhar banco.

- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Marcel [sinal dele]. sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Automação Industrial.

- eu Maria Luiza [sinal dela] **formar/formação** Pedagogia também modelo mais um [numeral] dançarina.

- Andrey [sinal dele] eu **biólogo/biologia** também professor.

- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Nathalia [sinal dela]. Sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **profissional/profissão** **maquiagem/marquiar**. Trabalhar banco.

- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Roberto [sinal dele]. sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **formar/formação** designer gráfico

- meu sinal [com direcionalidade para o sinalizador] Flaviane [sinal dela]. Eu [apontação/pronome] sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] qual [no sentido de o que?]. Eu doutorado área **educação/ensino**. Professora UFU.
- meu sinal [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Rodrigo [sinal dele]. Eu formado História.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Paulo [sinal dele]. Eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] professor Linguística. Eu **escritor/escrever** jornal.
- meu sinal [com direcionalidade para o sinalizador] Alexandre [sinal dele]. sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **arquiteto/arquitetura** também **criador/criar** organizar teatro surd@.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Pedro [sinal dele] vereador Catalão.
- meu sinal [com direcionalidade para o sinalizador] Fábio [sinal dele]. Nome [direcionalidade para o sinalizador] Fabio [datilologia]. Eu professor ensinar língua de sinais mais? Ator mais **poeta/poesia**
- eu [duas mãos CM em B] Ariana [sinal dela] designer moda [datilologia] também modelo **profissional/profissão**.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Rafaela [sinal dela]. sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **contadora/contabilidade**.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Leonardo [sinal dele]. **Profissão/profissional maquiador/maquiagem**.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Vitor [sinal dele] **formar/formação** Direito.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Klicia [sinal dela]. sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] professor Linguística Aplicada UFPR. sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] cordelista.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] João [sinal dele] **formar/formação cozinhar/gastronomia**.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Kleyver [sinal dele]. Eu professor língua de sinais. Já **formar/formação** Letras Libras, Educação Física.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Lucas [sinal dele] estudar Nutrição.

- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Levy [sinal dele] **pianista/piano**.
- meu [pronome] sinal Leonel [sinal dele]. Meu [no sentido de 'eu'] Engenheiro Civil [datilologia].
- meu sinal [com direcionalidade para o sinalizador] Leandro [sinal dele]. sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] professor Libras também **fotógrafo/fotografar**.
- meu [no sentido de 'eu'] Leonardo [sinal dele]. meu [no sentido de 'eu'] **educador/ensinar** surd@ museu.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Catharine [sinal dela]. sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **engenheira/engenharia** Tele [datilologia] telecomunicação **telefone/telefonar**.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Murilo [sinal dele]. Eu [pronome/apontação] sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **estudante/estudar** software.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Renata [sinal dela] **formar/formação** moda.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Jessika [sinal dela]. Sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] o que? **Estudante/estudar** Veterinária.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Endy [sinal dela] **estudante/estudar** foto.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Giliar [sinal dele]. sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **psicólogo/psicologia**.
- meu sinal [com direcionalidade para o sinalizador] Lucio [sinal dele] eu [pronome/apontação] **mestre/mestrado trabalhar/trabalho** aqui [apontação] professor língua de sinais UFU
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Andreia [sinal dela] formar/formação Letras Libras. Sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] professor@ criança [repetição do sinal para indicar plural] surd@.
- sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Felipe [sinal dele]. Eu [pronome/apontação] ser [verbo ser] **formar/formação** Engenharia civil [datilologia].
- meu sinal [com direcionalidade para o sinalizador] Giuliano [sinal dele] **trabalhar/trabalho** ator cinema **profissão/profissional** foto.

Sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] designer gráfico. [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] professor Libras. Nós aqui mostrar nós poder fazer coisa qualquer. Dia surd@ não [sinal manual com o dedo indicador] não é [negação lexicalizada no verbo] comemorar ser [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] surd@. Não [só com a cabeça]. Nós comemorar conseguir [repetição do sinal para indicar conquistas] vitória [repetição do sinal]. Nós continuar lutar vencer. Nós calado? Não [só com a cabeça permanecendo o sinal 'calado']. Nós precisar usar mãos voz lutar. Nós sonhar todo dia. Feliz dia surd@.

#### 4. Por que sou surdo? (4:21)

##### [\(14\) POR QUE SOU SURDO? - YouTube](#)

Antes organizar filmar [direcionalidade para o sinalizador]. Organizar roupa bonito. Por que sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] surd@? “como surd@?” “perda auditiva?” “mãe pai saber como?” “saber?”. Sempre [CM bem, no sentido da expressão *ao longo do tempo*] vários [CM em 1] tocar [direcionalidade para o sinalizador] mas várias tocar [direcionalidade para o sinalizador] medo. Tocar [direcionalidade para o espaço/expressão de receio]. Eu nunca antes explicar sobre isso nunca. Agora explicar você. Agora sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] surd@ único? Três. Três [apontando pra cada dedo]? Eu [apontando pra um dedo], minha mãe [apontando pra um dedo], meu pai [apontando pra um dedo]. Como assim? Parecer geração todos. Não é. Meu pai surd@ como? Minha avó [datilologia] dele mãe [datilologia] adquirir rubéola. Nascer surd@. Minha mãe [datilologia] idade 2, 3 criança morar interior local frio. Acontecer infecção ouvido sangrar doer. *Passar o tempo* sumir surd@. Os dois conhecer *se ver* local comunidade surd@ geral. Passar o tempo eu [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] nascer. Bebê idade 6 meses [só com mão dominante] bebê colou/anexou o que? Rins [datilologia] [tocou nas costas] forma doer [com as duas mãos para indicar que doeu muito]. Levar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador] hospital tratamento remédio tomar [repetição do sinal para indicar plural]. Sumir surd@. Encontrar [no sentido de descobrir] surd@ sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] idade 1 meio encontrar [no sentido de descobrir]. Mãe *expandir a ideia*. Antes minha mãe crescer oralizar. Esse [apontação] momento [sinal tempo] período antes proibir língua de sinais. Mais [CM em B] obrigar oralizar. Mas idade mãe começar adquirir língua de sinais idade 15. Esse [apontação]

momento [sinal tempo] 15 mãe começar *abrir a mente* entender [com as duas mãos] temas/assuntos línguas de sinais; entender [com as duas mãos] significado/significar [repetição do sinal para indicar plural]; conhecer [repetição do sinal para indicar plural] palavra [repetição do sinal para indicar plural] *ligado a* [repetição do sinal para indicar plural] língua de sinais. Antes mãe crescer nada [com uma mão passando na frente de testa]. Não conhecer [negação lexicalizada no vero] palavra [repetição do sinal para indicar plural] nada [com uma mão passando na frente de testa] não entender [negação lexicalizada no vero]. Língua de sinais língua primeira dela natural. Adquirir. Uau. Mãe imaginar meu filh@ surd@ futuro vai **barreira/limitar dificuldade/difícil** [com as duas mãos para indicar plural]? Não [só com a cabeça]. Mãe pensar estratégia estimular (direcionalidade do sinalizador para o espaço) estimular [direcionalidade do espaço para o sinalizador]. *Passar o tempo* [mesmo sinal de desenvolver na lateral]. Eu [CM em B] crescer primeira língua como? Adquirir língua de sinais. Língua de sinais também *dentro de mim* [com direcionalidade para o corpo do sinalizador]. Já dentro [sinal realizado perto do corpo] *sair de dentro* [estrutura de transferência]. Às vezes **brincar/brincadeira** o que? Avisar [com direcionalidade do sinalizador para o espaço] língua de sinais aprender onde? Barriga [tocando na barriga dele] *dentro de mim* [com direcionalidade para o sinalizador] minha mãe barriga [estrutura de transferência desenhando a barriga nele]. Como? Eu falar o que? Barriga [estrutura de transferência desenhando a barriga nele] dentro olhar [mesma CM do sinal ‘certo’]. Mãe sinalizar [estrutura de transferência uma mão na barriga e outra sinalizando] olhar olhar [mesma CM do sinal ‘certo’]. Nascer sinalizar. ‘Maçã. Maçã. Limão. Aniversário Gabriel [sinal dele] idade 5 anos especial **agradecer/gratidão** Deus **bençãos/abençoar** vida. Então esse [apontação] língua de sinais adquirir materna [datilologia] essa [apontação] desenvolver. Mãe pensar estratégia estimular aprender português mais língua de sinais. Como? Sempre colocar várias coisas parágrafo nome me perguntar tocar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador] esse sinal? [espaço sub-rogado] Sinal [espaço sub-rogado]. Certo! [espaço sub-rogado] Agora nome. Eu datilologia certo me estimular [com direcionalidade do espaço para o sinalizador] bilíngue duas línguas. Mundo surd@ **viver/vida** mundo ouvinte significa o que? [com as duas mãos] Eu aprender língua português incluir entrar mundo ouvinte geral sociedade geral povo grande. Língua de sinais língua o que? Minha língua primeira adquirir língua de sinais comunicação geral surd@. Minha língua natural. [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **usurário/usar** aparelho auditivo também oralizar sinalizar. Se vocês querer [com as duas mãos] conhecer mundo outros [com as duas mãos]

sons nada [mão espalmada] sinalizar. Quer conhecer mais [CM em B] **interação/interagir** tema comunidade surd@. Esse [duas mãos CM em B] encontrar canal Isflocos. Dentro trabalhar vários temas [repetição do sinal para plural] vários dentro comunidade surd@ história, luta, língua de sinais, vários. Dentro só mais (CM em B) respeito, amor, mais interação. Esse [duas mãos CM em B] olha dica o que? Esse [apontação] vídeo primeiro [polegar selecionado] meu colocar vídeo idade 12. Eu começar entender ter verdade barreiras dentro sociedade geral. Assistir conhecer mais [CM em B]

## 5. Tour pelo apartamento (6:29)

### [\(14\) TOUR PELO APARTAMENTO - YouTube](#)

Ei agora mês quase final o que? Férias. Voltar estudar. Voltar trabalhar. Voltar sempre [com as duas mãos] mesma rotina [sinal de *do passado até hoje*]. Certo? [com 1 mão] Chato. Mas é vida. Agora nós vai assoberbado confusão tempo estudar confusão trabalhar. Agora nós precisar organizar certo **viver/vida** estudar. Certo? [com 1 mão]. Mas olha sair não. Quero [com as duas mãos] mostrar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] legal experiência maravilhoso, também bom como ver [com as duas mãos] vida, também **liberdade/libre posicionar-se/posicionamento** experiência novo, também local novo, aprender novo [repetição do sinal para plural] todos todo dia. Uii. Mostrar [direcionalidade do sinalizador para o espaço]. Olha. Agora **vida/viver** [no sentido de estar] aqui sala própria particular estudar. Aqui legal se marcar [repetição do sinal para indicar plural] amigo se reunir olha interação/**interagir discussão/discutir** organizar estudar qualquer legal. Se você vontade mudar cidade [variação linguística é o sinal ‘interior’ usado em Recife] mudar lugar São Paulo ou você conhecer alguma [com 1 mão] pessoa [com 1 mão] vai mudar São Paulo mas não sabe onde morar/casa nova experiência ‘meio assim’ falta lugar não conhece não [sinal manual CM em 1] também faltar material local [repetição do sinal para plural] estrutura bom. Certo? [com 1 mão]. Eu [CM em B] dica o que? Vontade mudar São Paulo certo [com as 2 mãos]. Ui dica é SHARE [datilologia]. SHARE [datilologia] esse [apontação] o que? Dentro próprio **vida/viver estudar** dentro apartamento **interação/interagir**. Mas estrutura dentro acabado/completo. Só mudar o que? Mala morar experiência vida morar pronto [CM em B]. Maravilhoso experiência por quê? Ter estrutura tudo material local [repetição do sinal] o que? Você precisar. Exemplo primeiro [estratégia de enumeração] agora **vida/viver** [no sentido de estar] aqui sala estudar; segundo [estratégia de enumeração]



academia 24 horas; terceiro [estratégia de enumeração] lavar roupa secar estender; quarto [estratégia de enumeração] supermercado pequeno [as duas mãos CM em B] você precisar vontade comer ou precisa descer elevador comprar dentro mesmo [com as duas mãos igual ao sinal ‘sempre’] local. *Mais em cima* prédio *em cima* ter churrasqueira cozinha grande dá [sinal ‘capacidade’] marcar amigos se reunir festa. Momento curtir gostoso. Também tem praia bonita sol ver [com as duas mãos] apartamento [repetição do sinal para plural] cidade São Paulo área [com as duas mão]) bonita mais sala próprio curtir videogame ter tudo. Mostrar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] pouco [com as duas mãos] vocês conhecer melhor. [sinalização apenas com uma mão porque com a outra estava segurando o celular] Legal o que? Olha lugar academia. Você poder vir vontade o que? Querer hora qualquer vir academia 24 hora [sinal realizado no rosto] como? Agora conhecer olha subir em cima. Bonito. Conhecer olha.

Olha eu dentro televisão junto Betina. Então nós filmar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] dentro mesmo [com as duas mãos igual ao sinal ‘sempre’] apartamento SHARE [datilologia]. Eu **curiosidade/curioso** vocês saber qual bairro maior uau pessoa [repetição do sinal] andar [classificador] conhecer Brasil oficial? São Paulo. Certo? [com uma mão]. **Trabalhar viver** experiência novo [repetição do sinal para indicar plural] uiii São Paulo porque maior Brasil. Certo? [com uma mão]. Então eu morar aqui São Paulo ui desafio **aprendizado/aprender** novo [repetição do sinal para indicar plural] **oportunidade/aproveitar** experimentar **vida/viver** desenvolver [sinal realizado na lateral] ui. Dentro aqui casa SHARE [datilologia] experiência maravilhosa maravilhosa certo [com as duas mãos. Eu [CM em B] imaginar [com as duas mãos] se cada [CM igual ao sinal ‘o que’] mudar São Paulo *meio assim* difícil [com as duas mãos]. Mas dentro SHARE [datilologia] ajudar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] muito local [repetição do sinal] conhecer novo [repetição do sinal para plural] experiência novo [repetição do sinal para plural] muita coisa. Você saber aqui SHARE [datilologia] interação apartamento ter centro [repetição do sinal para plural]. Centro [repetição do sinal para plural] depender você combinar eu querer [com 1 mão] morar onde. Você pesquisar dentro site olha ter centro [repetição do sinal para plural] exemplo primeiro [estratégia de enumeração] Butantã; segundo [estratégia de enumeração] Vila Mariana; terceiro [estratégia de enumeração] aqui Consolação. Ter mais [CM em L] centro [repetição do sinal] você olhar encontrar qual combinar. Também ter **quarto/dormir** [com 1 mão] vários tipo [repetição do sinal para plural]. Você querer [com as duas mãos] saber experiência **morar/casa** aqui maravilhosa. Agora dica se cada [CM igual ao sinal

‘o que] querer morar você conversar olha local assistir todo [assistir todo o vídeo] vídeo Gabriel ajudar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] explicar como você conseguir *ligado a* morar aqui SHARE [datilologia]. Só experiência morar dentro [estrutura de transferência]? Não [só com a cabeça]. Também vai conhecer novos (repetição do sinal para plural) pessoa [repetição do sinal para plural] dentro casa mesmo [com as duas mãos igual ao sinal ‘sempre’] vir [classificador pessoas vindo] **interação/interagir** [repetição do sinal para plural] desenvolver [sinal realizado na lateral] ter marcar [repetição do sinal para plural] festa conhecer interação [repetição para plural] pessoa [repetição do sinal] dentro casa mesmo ([com as duas mãos igual ao sinal ‘sempre’]). Experiência encontrar, conhecer novo [repetição do sinal para plural] oportunidade novo [repetição do sinal para plural]. Você esperar o que? Vir experiência junto também casa dentro **interação/interagir** SHARE [datilologia]. [sinalização apenas com uma mão porque com a outra estava segurando o celular] Ver geral lindo. Imaginar você sentar ver calmo gostoso. Então, olha vocês entrar ver Instagram eu colocar explicar **sobre/tema** SHARE [datilologia]. Explicar pouco. Vocês também curioso dentro Instagram próprio SHARE [datilologia] conhecer melhor como dentro apartamento. Eu esperar gostar dica vocês aproveitar vir experiência novo aqui. Beijo.

Canal Visurdo ((93) [Visurdo - YouTube](#));

### 1. Surdo X Pessoa com deficiência auditiva (1:30)

#### [\(14\) Surdo x Pessoa com deficiência auditiva - YouTube](#)

Atenção/oi [2 mãos/mão espalmada]. Tudo bem? [com as duas mãos]. Eu sou [CM em B] Tainá [sinal dela]. Eu vir [CM em 1] explicar qual diferença palavra surd@ palavra junto DA [datilologia/espaco sub-rogado]. Palavra [com as duas mãos] qual? Primeiro errado [com 1 mão] falar deficiente auditivo porque pessoa [desenhando a pessoa] vir primeiro. Depois **deficiência/deficiente**. Então certo [com as duas mãos] falar pessoa junto DA [datilologia]. LEGAL [gesto]. Palavra surd@ esse [apontação] significar qualquer nascer surd@ ou perda auditiva qualquer. Principal [CM em B] contato língua de sinais essa [apontação/permanece com 1 mão como resquício do sinal língua de sinais]. Conviver comunidade surd@ esse [apontação mantendo a CM de comunidade] entrar tema direito lutas até hoje. Também tem identidade surd@, cultura surd@, orgulho [com 1 mão] surd@ igual eu [sinal ‘meu’] sou [CM em B] surd@. *Do outro lado* DA [datilologia] é mais usar geral próprio médico lei próprio [com 1 mão] Brasil palavra DA

[datilologia]. Mas também DA [datilologia] qualquer nascer surd@ ou perda auditiva principal (CM em B) aquisição já língua oral, não usar língua de sinais, comunidade surd@ não. Usar aparelho implante dependência comunicação só [2 mãos CM em B] mas *do outro lado* surd@ também os dois também usar aparelho implante. Mas [CM em 1] diferença o que? Surd@ usar língua de sinais, DA [datilologia] não. Mas [CM em 1] é bom você perguntar pessoa [desenhando a pessoa] como **sentir/sentimento** melhor palavra surd@ ou DA [datilologia]. LEGAL [gesto] Beijo. Tchau.

## 2. Língua de sinais é universal? (1:02)

### [\(14\) Língua de sinais é universal? - YouTube](#)

Tainá: Atenção/oi [2 mãos/mão espalmada]. Vocês saber como surd@ propri@ [com 1 mão] Brasil **comunicar/comunicação** outro país língua de sinais como? Então vocês saber país exemplo 120 país vir [classificador pessoas vindo] enumeração evento enumeração seminário palestra interação usar língua principal [CM em B] mundo nome esperanto [datilologia]. Certo? [com 1 mão]. Mas surd@ usa o que [com as duas mãos] qual?

Andrei: esse gestuno nome palavra SI sinais mundo. Países cada [repetição do sinal para plural] ter próprio língua [repetição do sinais para plural] estrutura ter pegar [repetição do sinal para plural] dentro 1 gestuno **comunicação/comunicar** mais fácil surdo@ Não ter regra acompanhar mais claro, flexível. Então história esse [apontação] mundo língua de sinais ter próprio cada [repetição do sinal para plural] língua. não igual [repetição do sinal para plural] mundo. Ok?

## 3. Por que legendar os vídeos (6:43)

### [\(14\) POR QUE LEGENDAR OS VÍDEOS? - YouTube](#)

Atenção/oi [2 mãos/mão espalmada]. Tudo bem? [com 1 mão]. Eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Tainá [sinal dela]. Eu ser [verbo ser] surd@, youtuber, *mais ou menos* influenciadora digital. Então, hoje vir [CM em 1] falar tema muito importante principal geral ouvinte. Então [com 1 mão] eu não saber [negação lexicalizada no vero] como começar. Porque eu acreditar maioria vocês ouvinte nunca pensar. Certo? [com as 2 mãos]. Não [sinal manual]. Por isso vir [CM em 1 vídeo tocar vocês ouvinte. Então passado [sinal realizado como se estivesse estralando os dedos] passado passado [CM em B] nós comunidade surd@ sentir excluído esse [apontação]

Instagram aqui sociedade já sentir excluído até Instagram porque então vocês não imaginar quantos eu vejo Instagram esse [apontação] olhar [CM igual CERTO] stories vários eu amigo ouvinte ou pessoa famosa blogueiro [datilologia] legenda não [sinal manual]. O que você achar como eu ficar? Eu surd@. Eu não consigo leitura labial. Agora eu quero olhar vocês dá [sinal ‘capacidade’] ver [direcionalidade do espaço para o sinalizador] eu sinalizar legenda não [sinal manual] não entender [negação lexicalizada no verbo] você. Entender [com 2 mãos] bem [com 2 mãos? Não? [sinal manual/com 2 mãos]. Entender o que eu falar antes? Frase [no sentido de legenda] nada [com 2 mãos]]? É como nós surd@ **sentir/sentimento** quando [com 2 mãos] ver seu ouvinte vídeo não tem [negação lexicalizada no verbo] frase [no sentido de legenda]. Você sentir nada [CM em O na testa]. Imaginar quantas eu pedir por favor. Sim eu sempre [CM dominante em V e não dominante em B] ter o que? Por favor colocar frase [no sentido de legenda]. Esse [apontação] ouvinte falar desculpar ‘eu esquecer colocar’. Se cada falar ‘eu esquecer’ 1 real me dar [direcionalidade do espaço para o sinalizador/com 1 mão/repetição do sinal], eu rica já [com 2 mãos] quantas falar “eu esquecer”. Colocar frase [no sentido de legenda] legal. Esquecer “frase [no sentido de legenda] desculpar colocar frase [no sentido de legenda]”. 1 semana depois. Nunca mais colocar frase [no sentido de legenda/com 2 mãos]. Não é 1 frase [no sentido de legenda]. Sempre. Saber? Vocês ouvinte precisar [com 1 mão] entender o que? Esse [apontação] Brasil ter quase 10 milhões [datilologia] surd@. Maioria surd@ usar Instagram. Surd@ ter pessoa [repetição do sinal] fã [datilologia] ter. Surd@ ter **curiosidade/curioso** entender seu vídeo tem. Eu achar nós surd@ merecer [com 2 mãos] receber [com 2 mãos] informação [com direcionalidade do sinalizador para o espaço] igual ouvinte. Por que? Até Instagram nós retirado? [estrutura de transferência tirar de dentro]. Então o que fazer? Eu colocar vídeo meu story pedir por favor todos ouvinte colocar frase [no sentido de legenda]. Muito [repetição do sinal] ouvinte me mandar “nossa nunca pensar. Isso [apontação] *abrir meus olhos*. Eu olhos. Obrigada. Eu começar colocar [com 2 mãos] frase [no sentido de legenda/com 2 mãos]”. Obrigada! Porque não [sinal manual] fácil. Eles começar colocar frase [no sentido de legenda/com 2 mãos]. LEGAL [gest/repetição]. Bom eu feliz porque agora conseguir acompanhar todos. Só o que? Eles depois isso [apontação para referente legenda] parar frase [no sentido de legenda/com 2 mãos]. Acabar. Sumir. O que já eu falar? Saber tudo bem vocês esquecer [repetição do sinal] porque não acostumar não. Eu entender. Tudo bem [com as 2 mãos]. Eu achar o que estranho porque vocês falar “eu apoiar vocês ideia. Bem. Eu apoiar”. Praticar [mesmo sinal de profissional CM em B] não. Olhar. Por isso

eu falar “por favor obrigação lembrar sempre [apenas 1 mão com CM em V]” porque nós **viver/vida** aqui sempre [CM dominante em V e não dominante em B] mundo você. Nós usar Instagram. Nós acompanhar seu vídeo. Story só? Feed, IGTV [datilologia] também porque eu vários vídeos tema legal exemplo autoestima, amor próprio, enumeração [estratégia de enumeração], dica [repetição do sinal para plural] nós surd@ “eu querer aprender”. Como acompanhar? Entender? Então, precisar [com 2 mãos] frase [no sentido de legenda/com 2 mãos] sim acessibilidade dentro surd@. Saber vocês ouvinte poder “mas vida não ter [negação lexicalizada no verbo] seguidor [sinal me acompanhar com direcionalidade] surd@ Instagram não [CM em B]”. Claro se você não ter [negação lexicalizada no verbo] seguidor [sinal ‘acompanhar’] surd@ porque não ter [negação lexicalizada no verbo] frase [no sentido de legenda]. Depende se você frase [no sentido de legenda] surd@ pode tudo bem [com 1 mão] acompanhar seu Instagram. Eu sempre [apenas 1 mão com CM em V] pensar sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] surd@ é difícil. Eu **barreira/limitar** sempre [apenas 1 mão com CM em V] deficiência geral também barreira. Eu pensar “não”. Verdade nós deficiente não ter [negação lexicalizada no verbo] **barreira/limitar** não [só com a cabeça]. Vocês sociedade dar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] **barreira/limitar**. Eu não conseguir [negação lexicalizada no verbo] acompanhar seu vídeo porque vocês não colocar [com as 2 mãos] frase [no sentido de legenda/com 2 mãos]. Eu pedir mais 1 vez por favor colocar [com as 2 mãos] frase [no sentido de legenda/com 2 mãos] story, FEED [datilologia], IGTV [datilologia], youtube também. Então eu [CM em B saber vocês perguntar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] “como eu frase [no sentido de legenda/.com 2 mãos]”. Mas [com as duas mãos] primeiro vocês não poder resumo. Frase [no sentido de legenda/.com 2 mãos] tudo tudo o que falar. Certo? [com 1 mão]. Porque surd@ não merecer entender metade você falar não. Completo. Certo? [com 2 mãos. Surd@ dentro sociedade certo? [com 2 mãos]. Então como frase [no sentido de legenda/.com 2 mãos]? Ter vários jeitos você primeiro [estratégia de enumeração] você poder [com 1 mão] frase [no sentido de legenda] vídeo mesmo [igual ao sinal SEMPRE CM dominante em V e não dominante em B] story digitar. Digitar o que? Tradução o que seu falar digitar ou segundo [estratégia de enumeração] APP [datilologia] celular [sinal telefone] cupomatic [sinal do aplicativo] esse [apontação] cupomatic [datilologia]. Esse [apontação] é seu oralizar frase [no sentido de legenda] seu. Pagar eu achar mais ou menos 17 reais lembrar se eu enganar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] não [CM em B]. Meu não [sinal manual] é [verbo] caro porque eterno. 1 pagar 1 vez sempre [apenas

1 mão com CM em V] eterno. Esse [apontação] APP [datilologia] clipomatic [datilologia] bom quem não conseguir [negação lexicalizada no vero] digitar não. Terceiro [estratégia de enumeração] telefone android autocap [datilologia] bem [com as 2 mãos]. Os três [estratégia de enumeração] ter jeito ou quarto [estratégia de enumeração] app [datilologia] inshot [datilologia] também SEGURA O CELULAR DIGITAR [recurso mimético]. Achar só isso [apontação com 2 mãos]. Eu vir [CM em 1] pedir por favor vocês colocar frase [no sentido de legenda] ouvinte bem? frase [no sentido de legenda] ajudar qualquer pessoa [repetição do sinal] surd@ não só. Não ouvinte também porque depender [no sentido de às vezes] ouvinte ônibus, metrô dentro sentar como VER CELULAR [recurso mimético segurando o celular] ouvir não frase [no sentido de legenda] [recurso mimético segurando o celular] ajudar [direcionalidade do espaço para o sinalizador]. Eu esperar esse [apontação] vídeo ajudar (direcionalidade do sinalizador para o espaço) vocês ouvinte entender **importância/importante** frase [no sentido de legenda]. Tudo bem? [com as 2 mãos]. Comunidade surd@ **agradecer/gratidão**. Legenda quem ouvir não [sinal manual], emoção. Xau.

#### 4. Eu uso aparelho auditivo 5:50

##### (14) EU USO APARELHO AUDITIVO? - YouTube

Atenção/oi [2 mãos/mão espalmada]. Tudo bem? [com 2 mãos]. Eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Tainá [sinal dela]. Saudade vocês [com as 2 mãos/ CM em B]. Hoje eu vir [CM em 1] expressar [com 1 mão] minha história como processo minha surdez porque ter quantas perguntar [direcionalidade perguntar a mim] “se você nascer” também perguntar [direcionalidade perguntar a mim] se eu usar aparelho auditivo. Então verdade eu nascer surd@ sim. Meu [sinal eu com dedo indicador] pai ouvinte descobrir [CM em B] hora eu nascer pegar [estrutura de transferência pegar bebê no colo] ela [apontação] surd@ porque já ter experiência meu [sinal eu com o dedo indicador] irm@ [sem marcação de gênero] mais velh@ nascer surd@ também. Libras essa [apontação] sempre [apenas 1 mão com CM em V] é minha língua materna [mão não dominante CM em 1 e dominante em S fazendo movimento de aquisição como se fosse aquisição na própria pessoa]. Eu bilíngue crescer. Eu aprender Libras português simultâneo. Então eu crescer até hoje escola bilíngue mas eu ter vários [CM de S para 5] grupo surd@ usar aparelho auditivo, implante. Eu sempre [apenas 1 mão com CM em V] ter curiosidade como é ouvinte mais saber **curioso/curiosidade** começar 9 idade começar curiosa isso [apontação]. Então eu mesma [igual ao sinal SEMPRE CM dominante em V

e não dominante em B] eu [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] **autonomia/autônomo** pedir meu pais dar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] aparelho auditivo. Também eu sempre [apenas 1 mão com CM em V] encantada eu amar [sinal I Love You] **dançar/dança** eu fazer ballet pequena. Eu sempre [apenas 1 mão com CM em V] assistir curiosa copiar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] mulher dançar também eu conseguir ouvir pouco também sentir vibração ritmo. Mas eu querer [com 2 mãos] ouvir mais olha como é sentir sensação [CM igual ao sinal areia]. Então, eu começar fazer **processo/desenvolver** exemplo audiometria. Vocês saber ter variação surdez grau? Sim leve [estratégia de enumeração], [estratégia de enumeração] severa [datilologia], [estratégia de enumeração] moderada [datilologia], [estratégia de enumeração] profunda [datilologia]. Ele descobrir meu [sinal eu com dedo indicador] grau [tocando no ouvido] é severo-moderado [datilologia]. Isso [apontação] **significar/significado** eu conseguir ouvir quantos [com 1 mão/no sentido de alguma coisa]. Primeiro esperar ansiosa chegar aparelho auditivo. Hora eu aparelho auditivo [no sentido de colocar o aparelho/movimento mais lento] chocada, chocada palavras [com as 2 mãos] não [com as 2 mãos/ CM em B]. Eu abismada [mesmo sinal de ‘assistir’ mas sem movimento] porque eu conseguir [com as 2 mãos] ouvir [com as 2 mãos] tudo. Eu não saber [negação lexicalizada no verbo] COÇAR MÃO [gesto coçando a mão] fazer barulho [mesmo sinal de ‘som’]. Eu conseguir COÇAR MÃO [gesto coçando a mão perto do ouvido], COÇAR CABEÇA [gesto coçando a cabeça] som, conseguir ouvir chuveiro lavar (estrutura de transferência se lavando/ com as 2 mãos/ CM em A). eu abismada [mesmo sinal de ‘assistir’ mas sem movimento] como? Eu nunca [com 2 mãos] imaginar [com 2 mãos] isso [apontação] fazer som, isso [apontação] fazer som também, isso [apontação] também. Mas [CM em B/2 mãos] susto também porque eu acostumar mas amar eu vontade ir [CM em B] rua ouvir carro [estratégia de enumeração], moto [estratégia de enumeração], caminhão, ônibus saber forte som mas vontade saber começar conhecer lembrar qual é tipo transporte identidade carro é, moto, voz pais. Então eu pedir pais eu querer [com 2 mãos] ir [CM em B] fonoaudióloga começar aprender oralizar [CM em 5] quantas [no sentido de algumas/ apenas 1 mão] palavra [com 1 mão/repetição do sinal]. Eu [pronome meu] pais aceitar verdade eu [pronome meu] pai sempre [apenas 1 mão com CM em V] acompanhar eu fonoaudióloga. Então eu aprender falar quantas [no sentido de algumas/com as 2 mãos alternando] palavras [com as 2 mãos/alternando as mãos] exemplo oi tudo bem. Aparelho ajudar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] também perceber voz alta baixa média pouco. Mas eu parar não perguntar

[direcionalidade do espaço para o sinalizador] eu como como ouvinte vocês aguentar assim esse [apontação] ouvir isso [apontação] todo dia. Como? Porque não ter [negação lexicalizada no verbo/com 2 mãos] 1 minuto não ter [negação lexicalizada no verbo/com 2 mãos]. Como? Mas tempo desenvolver (na lateral) aparelho quebrar. Depois eu ter 15 idade eu pedir de novo aparelho. Então, chegar aparelho perceber som pouco mais forte. Então eu usar mais ouvir música mais foco esse [apontação] música. Eu conseguir muito [com 1 mão] legal conhecer mundo ouvinte como é. Também importante vocês respeitar diversidade/vários [sinal de 'vários'] surd@ então [com 1 mão]. Por isso ter surd@ só sinalizar, [estratégia de enumeração] segundo surd@ oralizado, [estratégia de enumeração] surd@ implante aparelho não usar língua de sinais. Tem vários [mantendo 1 mão na estratégia de enumeração] Também importante vocês saber ter grau [sinal realizado junto do ouvido] dá [sinal 'capacidade'] leve, profundo. Eu mostrar eu [pronome meu] aparelho. Eu usar pilha é rayovac [datilologia] maravilhosa. Esse [apontação] ter tecnologia novo eterno [no sentido de durar] mais tempo. Também som mais forte. Esse [apontação] eu usar guardar aparelho. Lembrar tem quantos [com 1 mão] vários [com 1 mão] pilha tipo [repetição do sinal para plural] tem pilha aparelho auditivo implante tamanho vários [com 1 mão] eu mostrar [direcionalidade do sinalizador para o espaço]. Meu esse [gesto mostrando a pilha]. Esse [apontando para botão do aparelho] som alto baixo. Eu conseguir ouvir eu som [com as 2 mãos] geral [com 2 mãos]. Esse [apontação] pilha ajudar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] muito. Então [com 1 mão] eu não [só com a cabeça] **preocupar/preocupada** tempo eterno [no sentido de duração/ repetição do sinal]. Eu esperar vocês vontade esse [apontação] vídeo. Não esquecer like, inscrever, compartilhar se poder. Obrigada. Beijos, xau.

## 5. Como se comunicar com o surdo 6:16

### (14) Como se comunicar com o surdo? - YouTube

Tainá: oi. Tudo bem? [2 mãos]

Andrei: Tudo bem? [2 mãos]

Tainá: Eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Tainá [sinal dela].

Andrei: Eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Andrei [sinal dele].

Tainá: hoje vídeo é muito [1 mão] **interessante/interesse**. Então muito ouvinte querer [2 mãos] saber como **comunicar/comunicação** surd@ encontrar porque muito ouvinte nervoso surd@. Também segundo [estratégia de enumeração] vocês vai conhecer mais



sobre surd@ como **observar/experimentar interação/interagir surdo**. LEGAL [gesto/com 2 mãos].

Andrei: esse [apontação] vídeo ajudar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] você **melhorar/melhor** encontrar surd@ esse [apontação] ajudar [direcionalidade do sinalizador para o espaço acreditar sim [2 mãos]

Tainá: LEGAL [gesto/com 2 mãos]. Vir [com a mão espalmada].

Andrei: oi [oralizando]

Tainá: eu surd@.

Andrei: [oralizando]

Tainá: Eu surd@.

Tainá: então meu [sinal eu] amig@ mulher Jéssica [sinal dela] el@ [apontação sem marcação de gênero] surd@ também. Ela me dizer [direcionalidade do espaço para o sinalizador] “por favor fazer vídeo sobre isso [apontação]”. Então isso [apontação] eu saber muito ouvinte ver por que surd@ usar fone de ouvido se não ouvir. Eu saber vocês estranho mas [CM em B] não [sinal manual] é todos surdo não ouvir nada [CM em 5]. Ter quanto [no sentido de alguns] surd@ tipo grau [sinalização perto do ouvido] variação. Já explicar esse [apontação] vídeo ter ouvido grau vários. Então também muit@ surd@ vontade ouvir música sentir vibração poder não [sinal manual/CM em 1] entender nada [CM igual sinal certo] letra igual vocês ouvinte vontade música inglês outr@ mundo você não entender [negação lexicalizada no verbo] nada [CM em 5] língua del@ [repetição do sinal para plural] mas [CM em 1] vontade isso [apontação] música igual nós surd@. Exemplo meu [sinal eu] irmão [com marcação de gênero] não ouvir muito música mas [CM em 1] vontade sentir vibração festa. Eu vontade usar fone de ouvido porque eu vontade ouvir. Eu conseguir ouvir pouco. Entender? LEGAL [gesto/com 2 mãos].

Tainá: [oralizando]

Andrei: não. Ouvir [tocando no ouvindo e balançando a cabeça para negação].

Tainá: LEITURA LABIAL [gesto]?

Andrei: eu LEITURA LABIAL [gesto]. Você digitar.

Andrei: quando encontrar surd@, você não saber [negação lexicalizada no verbo] é surd@, você falar [espaço sub rogado], falar eu não ouvir [espaço sub-rogado] surd@. Você poder perguntar importante “você saber leitura labial”. Se surd@ falar “sim”. Você falar calm@ não [apenas com a cabeça] precisar rápido, falar alt@, médio ou se surd@ “não entender [negação lexicalizada no verbo] **oralização/oralizar**” você digitar esse [apontação]. Mas [2 mãos/CM em B] lembrar alguns [2 mãos/CM em 1 igual ao sinal às

vezes] surd@ ter **dificuldade/difícil** português ler. Se não entender [negação lexicalizada no verbo] tentar gesto ligado surdo entender conversa/conversar. LEGAL [gesto/com 2 mãos].

Tainá: [gritando]

Andrei: não OUVIR [gesto]. Tocar ombro.

Andrei: então como chamar [1 mão] surdo precisar [1 mão] gritar [1 mão] alto? Sem não escutar [CM em R/2 mãos] profunda como chamar [1 mão]? Você sentir *chegar perto* ei tocar ombro não tocar *com força*, surdo susto [1 mão]. Imagina trocar [mesmo sinal de transformar/mudar] você eu *chegar perto* eu gritar [1 mão]. Você susto coração. Também acenar, surd@ ver, surd@ quase olhar 360 ver [com 2 mãos], ouvinte 190. Certo? [1 mão]. Também não conseguir [negação lexicalizada no verbo] acenar longe tentar pedra jogar cuidado [sinal proteger] cabeça. Surdo ver [direcionalidade para as costas dos sinalizador]. LEGAL [gesto/com 2 mãos].

Andrei: ei eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] ouvinte. Amig@ surd@ essa [apontação/CM em B]. Eu amar conhecer mundo surdo. Eu ver todos [1 mão] surdo mudo esse [apontação] sinalizar eu bonit@ querer língua de sinais aprender.

Tainá: surd@-mud@? Não [sinal manual] é falar você surd@ é mud@?

Andrei: porque eu ver tod@s [1 mão] não voz, sinalizar, silêncio, tod@s eles [apontação] mud@ sim.

Tainá: se eu surd@, você surd@, precisar [1 mão] gritar [1 mão]? Não. Eu, *nós dois* ter voz. Meu Deus. Surd@ ter voz só surd@ precisar não [1 mão]) usar. Surd@ poder gritar, poder rir [1 mão], poder falar algumas [mesmo sinal de às vezes] palavra [2 mãos].

Tainá: Eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] linguagem [variação linguística sinal de aquisição da linguagem] língua de sinais muit@ [1 mão] legal.

Andrei: linguagem [variação linguística sinal de aquisição da linguagem] como [1 mão]? Linguagem [variação linguística sinal de aquisição da linguagem/1 mão] por que?

Tainá: porque é linguagem [variação linguística sinal de aquisição da linguagem/1 mão].

Andrei: eu também **amar/amor** linguagem [variação linguística sinal de aquisição da linguagem] português **escrita/ escrever**.

Tainá: diferente [1 mão] português estrutura gramática coisa.

Andrei: Libras também ter estrutura gramática.

Tainá: você saber isso [apontação]?

Andrei: olha, eu conhecer filme eu Netflix homem último. Ver [direcionalidade do espaço para o sinalizador]. Eu sinalizar.

Tainá: se você conversar surdo *olhar nos olhos* importante visual. *Olhar nos olhos*, desviar olhar, surd@ poder [1 mão] pensar você não ver [1 CM em ver e outra CM espalmada] ou surd@ poder [1 mão] pensar você desprezar [CM em B/ 2 mãos].

Tainá: eu sou (sinal de pessoa nela mesma) surda

Mulher: sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] intérprete Libras

Andrei: eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] ouvinte

Andrei: [oralizando]

Mulher: desculpa. Sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] Tainá [sinal de Tainá] não [com a cabeça]. Poder perguntar [direcionalidade para uma terceira pessoa] direto el@ [apontação]. El@ [apontação] vai responder [direcionalidade do espaço para o sinalizador].

Tainá: então final vídeo é resumo sim. Mas [CM em 1] vocês entender perceber como comunicar certo [2 mãos] surd@ também como é sentir [1 mão] seu surd@.

Andrei: eu esperar esse [apontação] vídeo ajudar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] entender quando encontrar surd@ preparar, não precisar [1 mão] medo. Surd@ calma conversar claro você certeza [1 mão] **amar/amor** aprender seu mundo língua mundo. Legal (gesto 2 mãos).

Tainá: entender muito (1 mão) ouvinte ter medo comunicação, não por isso preconceito não medo porque se você saber básico língua de sinais, ele (apontação) surdo saber língua de sinais. Então oi tudo bem, ele (apontação) já sinalizar, você não entender, você só falar desculpa eu não entender eu aprender língua de sinais. Surdo vai falar calmo você. Legal (gesto 1 mão). Não preocupar surdo morder. Se vontade esse (apontação) vídeo inscrever, também like esse (apontação), também compartilhar esse (apontação) vídeo espalhar mostrar amigo ouvinte. LEGAL [gesto/com 1 mão].

Andrei: não esquecer acompanhar nosso Instagram Visurdo. Ter aula vocês aprender 1 minuto. Mas [CM em 1] se querer [1 mão], se quer [1 mão] acompanhar meu Instagram, Instagram del@. Nós dois quase sempre [1 mão/ CM em V] colocar [1 mão] tema surd@, você acompanhar mais sobre surd@. Beijo. Xau.

Canal A Moda Muda ([\(93\) A moda muda - YouTube](#)); Carol

1. O grito das mãos 8:49

Carol: Ei [2 mãos]. Tudo bem [2 mãos] vocês [2 mãos/CM em B. Então hoje começar vídeo bom [2 mãos] porque esse [apontação/2 mãos] mês nós surd@ comemorar mês setembro surd@. É mês orgulho [com 1 mão] surd@. Então hoje **entrevistar/entrevista** pessoa [CM em P na testa] pessoa [desenhando a pessoa] importante **nossa/nós** comunidade surd@ porque é surd@ sinal Antonio [sinal dele] sempre [CM dominante em V e não dominante em B] **preocupado/preocupar** surd@ interior porque [1 mão] sempre [1 mão/ CM em V] **lutar/luta** direito surd@ principal surd@ interior. Então vir **interação/interagir** papo **interação/interagir** conversar Antonio [sinal dele]. LEGAL [gesto/2 mãos].

Ei [2 mãos]. Tudo bem [2 mãos] esse [2 mãos em B] ele [apontação] **apresentar/mostrar** ele [apontação] sinal nome tod@s conhecer ele [1 mão/CM em B].

Antonio: **obrigad@/agradecer/gratidão** primeiro convidar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] **entrevista/entrevistar**. LEGAL?! [gesto/1 mão].

Carol: bom [2 mãos].

Antonio: *meu sinal* [com direcionalidade] Antonio [sinal dele] nome [com direcionalidade] Antonio Cardoso [datilologia] *meu sinal* [com direcionalidade] Antonio [sinal dele] porque sinal [apontando para a lateral do queixo] próprio. Sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] surd@.

Carol: Certo [2 mãos]. Depois conhecer história ele [apontação] bom [2 mãos] importante ele [apontação] ter valor ric@ [2 mãos] noss@/nós sociedade surd@ Pernambuco. Ele [CM em B] valor. Então perguntar começar perguntar [repetição do sinal para plural] certo [2 mãos]. Você primeiro **autonomia/autônomo** organizar passeata seu Pernambuco. Certo?! [1 mão].

Antonio: sim.

Carol: então por que organizar passeata por que passeata como?

Antonio: ui perguntar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] resposta [direcionalidade do sinalizador para o espaço] bom. Porque passado 2001 estar curso capacitação [mesmo sinal de profissional] esse [apontação] é agente multiplicador [datilologia] instrutor espalhar [mão não dominante em 1 e mão dominante de A para 5] fui [mesmo sinal de posicionar-se] lá [apontação] Brasília. Eu conhecer contato [repetição do sinal] pessoa [desenhando pessoa] é líder empoderamento é nome [direcionalidade para o espaço] Amauri Junior [datilologia] ter dicionário história dele ele [apontação].

Carol: ele [apontação] surdo?

Antonio: surdo sim. Ele [apontação] **morar/casa** Minas Gerais ele [apontação] **autonomia/autônomo**.

Carol: pensar é Antonio Campos [sinal dele]. Eu pensar Antonio Campos [sinal dele].

Antonio: não [CM em B], seu sim os dois [pronome]. Primeiro ele tocar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] “você Antonio vai Pernambuco lá [apontação] o que [com 2 mãos]?”. Eu não saber estar **casar/espos@ meu/minha** Patricia [datilologia] nós dois [pronome] atenção ver ele [apontação] explicar o que [com 1 mão] passeata explicar. Eu perceber [repetição do sinal] ver [direcionalidade do espaço para o sinalizador/ 2 mãos] emoção. Eu pensar Pernambuco nada [CM igual do sinal certo]. Isso [apontação] o que passeata isso [apontação] o que [com 1 mão]? Vai [com 1 mão] isso [apontação] cuidado sempre [1 mão/CM em V] ouvir *passar na frente* ele [apontação] sofrer. Ele [apontação] começar 2000 ele [apontação] ano 2000 ter ele [apontação] mostrar ter dicionário dele mulher mestrado mostrar não sei [negação lexicalizada no verbo]. Ele [apontação] ter prova foto [repetição do sinal]. Ele [apontação] junto Antonio Campos [sinal dele] nome [direcionalidade para o espaço] antonio campos de abreu [datilologia] sinal [direcionalidade para o sinalizador] Antonio Campos [sinal dele]. Então [sinal de uma pessoa] sinal Amauri [datilologia] ele [apontação] chamar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] tocar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] explicar [repetição do sinal] eu passeata como. Ele [apontação] já sofrer [1 mão] barreira *passar na frente* surdo principal [sinal com 2 mãos/CMs diferentes]. Ele [apontação] explicar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] exemplo empatia igual [com 1 mão] geral feminismo passeata mulher autonomia homem *passar na frente* [CM em 1] homem tirar autonomia mulher empoderar. Eu certo [1 mão]. Segundo [enumeração] o que índio [sinal com locação na boca] índio ver passeata luta pessoa branca *passar na frente* não. Terceiro [enumeração] negro. Eu certo [1 mão]. Depois *daqui pra frente* escolher [direcionalidade do sinalizador para o espaço] diretor geral Feneis seu Pernambuco. Vir [sinal posicionar-se] sentir ideia passeata eu insistir *tocar nas pessoas* [2 mãos]. Eu vir [sinal posicionar-se] reunião aproveitar ele [apontação] *eu tocar nele* “você saber passeata?”. Amauri [sinal dele] responder [direcionalidade do espaço para o sinalizador] sim. Detalhe passeata. *Tocar nele* eu pensar passeata como [1 mão] medo polícia trotar geral [2 mãos] cair. Antonio Campo “não. Não é protesto não. É passeata orgulho [1 mão] próprio surdo”. Eu certo [1 mão]. Eu adquirir Amauri me explicar documento. Depois vir ligado começar. Passado rede social, whatsapp não ter mensagem, secretária ligar como documento

caminho como. Pedir pessoa detalhes isso [apontação] começar eu amar [sinal I love you]. Passeata 2002 primeira seu Pernambuco.

Carol: 2002 essa [apontação] primeira oficial?

Antonio: oficial setembro 2002 sim eu chamar [repetição do sinal] Associação, também Escola Barbosa Lima, Suvag, quinto [enumeração] outros [repetição do sinal]. *Tocar nas pessoas* grupo passeata mais ou menos 500 é marco esse [CM em B/ 2 mãos]. Eu agradecer Amauri primeiro [enumeração], Antonio Campos segundo [enumeração] os dois explicar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador] sobre ui esse [apontação] Pernambuco começar até hoje. Agradecer.

Carol: continuar isso [apontação] por isso falar ele [pronome] valor porque passeata até continuar por causa ele [pronome]. Se ele [pronome] nada [CM igual sinal certo/ 2 mãos] difícil [com 2 mãos]. Você continuar [sinal sempre] você por isso eu mais ou menos às vezes [sinal depende] eu brincar sinal [com direcionalidade do sinalizador para o espaço] ele [pronome] líder ele [CM em B] porque ele [pronome] líder sempre líder não esquecer não, esquecer não, lutar surdo, ele nunca esquecer não. Principal o que? Surdo interior. Ele mais famoso ele. Eu já eu [CM em B] exemplo viajar interior perguntar “geral conhecer sinal Antonio?” todos já conhecer ele. Ter marco forte. Todos (1 mão) surdo já conhecer ele [CM em B]. Você ter por isso valor você [CM em B/ 2 mãos] valor história. Certo [2 mãos].

Antonio: verdade. Mas [CM em B/ 1 mão] porque esse [apontação] objetivo passeata interior forte [2 mãos/ CM em S]. Eu líder não. Grupo empoderar eu sozinho não [sinal manual] dá [1 mão]. Junto esse [apontação] saber ajudar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador] cada [repetição do sinal] perfil ligado. Sozinho não conseguir. Precisar todos união interior mais [+]. Por isso política governo ver prova passeata ter Pernambuco objetivo, ter **barreira/limitação/limitar**, acessibilidade, vários. Por isso isso [apontação] Carol: ótimo. Então você sentir você já sinal você Antonio eles líder ótimo. Você sentir você achar preocupação qual mais marco surdo luta? Qual mais maioria preocupado surdo você sentir qual? **Luta/lutar** [repetição do sinal] objetivo marco qual mais importante?

Antonio: então eu **sonhar/sonho** [no sentido de achar] passeata objetivo é igual igual [CM em B] ouvinte geral igual [CM em B]. Hierarquia não [sinal manual]. **Barreira/limitação/limitar exemplo** já ter acabar deficiência esse [apontação] grupo não. Deficiência geral ok. Mas [CM em B/ 2 mãos] esse [apontação] cego, cadeirante dá língua **comunicação/comunicar**. Surdo não. **Intérprete/interpretar**. Por isso esse [apontação] passeata *colocar* [colocar numa lista] detalhe claro. Às vezes [sinal de

depende] política já tem deficiência 10% ver [mão não dominante em S e mão dominante em V/ repetição do movimento] **trabalhar/trabalho** todo dia detalhe surdo *pessoa* [classificador] esse [apontação] esbarrar **barreira/limitação/limitar**. Às vezes [sinal depende] também **oralizar/oralização/oralizado escolher/escolha** Libras tirar. Sempre sociedade assim [gíria]. Por isso marco política ele [pronome] ver [com direcionalidade do sinalizador para o espaço/2 mãos] o que dia Brasil surdo. Não é surdo direito. Orgulho [1 mão] isso [CM em B/ 2 mãos] igual direito o que? Mulher. Direito negro. Vários. Esse [CM em B/ 2 mãos] surdo sempre mês setembro? Não [2 mãos]. Abril lei libras esse [apontação] valor língua ligado. Setembro surdo ligado **desenvolver/desenvolvimento** sempre ano de novo [repetição do sinal] até final sempre.

Carol: bonito. Verdade. Emoção você [CM em B] verdade. Bom [2 mãos] história você [CM em B]

Antonio: tomara por favor vir [2 mãos, CM em B] manhã roupa azul passeata.

Carol: eu já pouco [2 mãos] por causa aproveitar. Bom [2 mãos] vir [2 mãos] passeata.

Antonio: passeata.

Carol: Xau.

## 2. Futuro surdo zootecnia 5:51 [Futuro Surdo: ZOOTECHNIA! - YouTube](#)

Ei [2 mãos]. Tudo bem [2 mãos] vocês [2 mãos/ CM em B]. Eu já [2 mãos] pensar anteriormente [2 mãos/ CM em B] pensar sobre como fazer vídeo pequeno vídeo, vídeo pequeno, vídeo pequeno, igual sinal série mesmo tema é futuro surdo. Então eu pensar entrevista 3 estudar aluno faculdade dentro mas [CM em 1/ 2 mãos] curso vários [enumeração]. Verdade importante nós pensar futuro surdo. Certo? [2 mãos]. Então hoje primeira **entrevista/entrevistar** estudar aluno essa [2 mãos/ CM em B]. Ela [pronome/sem marcação de gênero] mostrar [com direcionalidade do sinalizador para o espaço] esse [apontação] curso ela [apontação] fazer vocês conhecer. Certo? [2 mãos]. Vocês **curioso/curiosidade**? Esperar chamar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador/sem rotação de punho] vir [2 mãos] **sentar/cadeira** nós. Certo? [2 mãos]. Então hoje chamar pessoa [CM em P na testa] sentar/cadeira aqui [2 mãos] nós. Certo? [2 mãos]. Poder vir [2 mãos/ CM em B]. Tudo bem? [2 mãos].

Maria: tudo bem [1 mão]

Ela: prazer você [2 mãos/ CM em B]. Então eu gostar você apresentar seu [sinal você] sinal, seu [sinal você] nome eles [2 mãos/ CM em B] conhecer você [CM em B].

Maria: meu [pronome meu] sinal [com direcionalidade do espaço para o sinalizador]. Eu nome Maria [datilologia].

Ela: então você curso faculdade você fazer qual?

Maria: eu fazer Zootecnia UFRPE.

Ela: bom [2 mãos] você Zootecnia é Zootecnia [datilologia] curso **diferente/diferença**. Certo? [1 mão]. Bom [2 mãos] eu feliz ver surdo fazer curso diferente Zootecnia como. Bom [mãos]. Então como você sentir vontade fazer esse [apontação] curso Zootecnia diferente bom [2 mãos] como sentir vontade fazer esse [apontação] curso como expressar **sentir/sentimento** vontade como você [2 mãos em B] pensar?

Maria: então eu [CM em B] sempre [1 mão, CM em B] crescer meu animal. É meu **sonho/sonhar** veterinária mas [2 mãos/ CM em 1] escolher zootecnia tema área ter **diferente/diferença** eu encantada área meu. Por isso entrar fazer Zootecnia esse [1 mão, CM em B].

Ela: bom [2 mãos] então você conseguir imaginar como você futuro profissional já **formar/formação** *ver a si mesma* [2 mãos] eu conseguir **trabalhar/trabalho**. Você já conseguir imaginar isso [apontação].

Maria: imaginar muito [2 mãos] coisa.

Ela: já alguns surdo **perguntar/pergunta** [repetição do sinal] você fazer curso Zootecnia todos como **sentir/sentimento** ver surdo fazer curso estranho esse [apontação] Zootecnia bom [2 mãos] perguntar/pergunta [repetição do sinal] como?

Maria: muito [2 mãos] perguntar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador] esse [apontação] é Zootecnia perguntar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador] nunca ver palavra também nunca ouvir isso [apontação]. Eu precisar explicar **diferença/diferente** áreas [2 mãos] claro diferença Zootecnia [espaço token] Veterinária [espaço token] diferença áreas [2 mãos]. Mas [2 mãos em B] sempre [2 mãos] cuidar animais. Eu explicar **tema/sobre** bom coisa essa [apontação].

Ela: bom você. Aproveitar explicar você sobre isso [apontação] o que **significar/significado** certo [2 mãos] curso Zootecnia [datilologia] você explicar Zootecnia esse [apontação] Zootecnia explicar aproveitar eu até eu conhecer pouco isso [apontação] até eu. Como? Você [2 mãos/CM em B] explicar pouco [2 mãos].

Maria: esse [apontação] Zootecnia esse [apontação] objetivo ter cuidar animal grupo porte [datilologia] grande exemplo cavalo [enumeração na outra mão], boi [enumeração na outra mão], porco [enumeração na outra mão], quarto [enumeração] cabra, quinto [enumeração] porco, vários grupo o que vida geral rural. Esse [apontação] cuidar também



aproveitar como **cuidar/cuidado** para como certo [2 mãos] **comer/comida**, nutrição dar, evitar, evitar errado **vida/viver**, **vida/viver** saúde.

Ela: então você como você pensar futuro você profissional **formar/formação** “eu sou [CM em B] surda zootecnia” como você **sentir/sentimento** como?

Maria: esse [apontação] **trabalho/trabalhar** **sonhar/sonho** muito [2 mãos] esse [apontação] como futuro eu trabalhar formada tema. Eu [CM em B] não sei [negação lexicalizada no sinal] encontrar outro igual meu Zootecnia. Tempo observar procurar contato. Eu querer **tema/sobre** se não [só com a cabeça] encontrar, eu precisar **representar/representação** como primeir@ surd@ Zootecnia.

Ela: é ruim, bom?

Maria: bom, mas [2 mãos, CM em 1] eu precisar chamar [2 mãos] mais [sinal de novo/2 mãos] grupo zootecnia aumentar. Só 1 não. Aumentar.

Ela: você **apresentar/apresentação** geral **começar/início/começo** **interesse/interessante** **curioso/curiosidade** como você [CM em B] **apresentar/apresentação**. Esperar vocês também [tocando na pontinha dos dedos] imaginar pensar futuro pode copiar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador] você [CM em B] curso zootecnia.

Maria: tomara

Ela: você não única surda certo [2 mãos]?

Maria: certo [1 mão].

Ela: bom. Esperar vocês [2 mãos/CM em B] gostar ela [2 mãos/CM em B/sem marcação de gênero] **entrevista/entrevistar** ela [2 mãos/CM em B/sem marcação de gênero] fazer curso Zootecnia. Bem [2 mãos]. Xau

### 3. Para todos 6:39 [PARA TODOS! - YouTube](#)

- Eu [sinal meu] sinal [com direcionalidade do espaço para o sinalizador]. Eu [sinal meu] nome [com a orientação da palma da mão para dentro] Rafael [datilologia].

- *Meu sinal* [com direcionalidade do espaço para o sinalizador]. Meu (meu) nome [com a orientação da palma da mão para fora] Rafael. Tudo bem? [1 mão]. **Nascer/nascimento** Recife ótimo puro.

- Boa tarde. Meu [sinal meu] nome [com a orientação da palma da mão para dentro] Marize [datilologia]. *Meu sinal* [com a orientação da palma da mão para dentro].

- Boa tarde. Meu [sinal meu] nome [com a orientação da palma da mão para fora].

- Surdo, surdo, surdo iguais [repetição do sinal] é primeiro [enumeração] **comunicação/comunicar** qualquer lugar, segundo [enumeração] Libras ter lugares [mesma CM do sinal o que/repetição do sinal], terceiro [enumeração] legenda zero, **barreira/limitação/limitar**, zero, entrar ter **comunicação/comunicar**, **sentir/sentimento** confortável/conforto também **ouvinte/ouvir** falar [CM do sinal oralizar], surdo **sinalizar/sinalização livre/liberdade**, quinto [enumeração] diminuir preconceito Libras desprezível, também [tocando nas pontinhas dos dedos] entender **significado/significar** língua [datilologia] não é linguagem [mesmo sinal de aquisição da linguagem] não. Língua [datilologia]. Língua de sinais, Libras. Claro [no sentido de estar claro ou esclarecer]. Precisar [1 mão] aceitar conhecer esse [apontação] mundo cultura surdo. Precisa também 1, 2, 3, 4 [numeração] surdo **trabalhar/trabalho livre/liberdade trabalhar/trabalho, profissão/profissional**, não ter [negação lexicalizada no sinal] abaixo, hierarquia, **comunicação/comunicar** qualquer até chefe não, igual, qualquer, é isso [apontação] eu **sonhar/sonho**. Surdo, Eu também, nós surdo ótimo.

- Agora eu contar [sinal de expressar/1 mão] sobre universidade Gallaudet [datilologia] o que isso [apontação para a mão com resquício da datilologia] local EUA lá [apontação] mundo primeiro surdo local só faculdade usar [com 2 mãos] **sinalizar/sinalização** ASL [datilologia]. Professor ouvinte minoria, maioria professor surdo **ensinar/ensino/educação** [repetição do sinal] também só professor ouvinte saber língua de sinais **ensinar/ensino/educação** [repetição do sinal para plural]. Muito surdo muito curso **aprender/aprendizagem** [repetição do sinal] curso vários profissional variação. Por isso Gallaudet lá [apontação] **estimular/estímulo**.

Carol: vontade mudar [mudar de local] casa?

- Vontade ir. Querer [2 mãos]

- Então comunidade surda precisar não medo, você poder, você saber o que ter dentro [sinal realizado junto do corpo] eu surdo capacidade. Faltar, faltar **desafio/desafiar** [com

direcionalidade do espaço para o sinalizador] ui difícil. Saber como eu já [2 mãos] também desafiar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador]. Precisar medo? Eu **começar/início/começo organizar/organização** medo como sociedade ver [com direcionalidade do espaço para o sinalizador/múltiplos dedos] **desprezível/desprezar** segundo [enumeração]. Não [2 mãos/CM em B]. Preocupar não [2 mãos/CM em 1]. Eu pensar **começar/início/começo desculpa/desculpar** igual [1 mão] **sentir/sentimento** autoestima

- Também família ajudar [com direcionalidade do sinalizador para o espaço] porque precisar **preocupar/preocupação** é [2 mãos] precisar pensar superior junto certo [1 mão]. Pessoa [CM em P na testa] você capaz fazer, fazer. Preocupar nada [CM igual sinal certo].  
 - É igual [mesmo sinal de também] você achar surdo não [sinal manual] não conseguir [negação lexicalizada no verbo] dono eu loja **preocupar/preocupação** não [sinal manual]. Pensar [2 mãos] não [2 mãos, CM em B]. Ir [2 mãos/CM em B]. Loja fazer **organizar/organização** querer vontade o que? Seu conteúdo qualquer **trabalhar/trabalho** coisa colocar [2 mãos] qualquer. Poder futuro acreditar seu. Não [sinal manual] precisar ver opinião, opinião, ele [pronome] não [CM em B]. Negatividade [sinal baixa autoestima com apoio na mão não dominante] **desculpa/desculpar** negativo. Nos aceitar desafiar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador] pesado multiplicado [CM em 4] surdo.

- Não [sinal manual] obrigado não [CM em B]. Eu autonomia vontade querer [2 mãos] quando [2 mãos] mudar [mudar de local] faculdade aqui ui nada [CM em 0] **intérprete/interpretar** ajudar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] nada [1 mão/CM em 0] porque antes escola **acostumar/costume dependente/dependência**. Aqui [apontação] faculdade eu já [2 mãos] experiência [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] difícil. Ver **intérprete/interpretar** ele [pronome] só **interpretar/intérprete** só [2 mãos/CM em B como sinal acabar]. Eu [CM em B] autonomia/autônomo ui, esforço ler [repetição do sinal], eu [CM em B] **autonomia/autônomo** parecer professor ensinar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador]. Eu agora ver [direcionalidade do espaço para o sinalizador] ótimo professor, **desculpa/desculpar**, eu **certo/certeza** surdo **bilíngue/bilinguismo**. Fácil? Não [com a cabeça]. Difícil. Mas [CM em B, 2 mãos] português primeiro [enumeração], Libras segundo [enumeração], terceiro [enumeração] futuro poder **aprender/aprendizagem** inglês sim (2 mãos)

- Perguntar ouvinte ele [pronome] ouvinte já **criar/criação** cancelar muito? Não. Às vezes [1 mão]. Eu **criar/criação**, eu aqui dia cancelar primeiro [enumeração], cancelar segundo [enumeração], cancelar terceiro [enumeração], cancelar quarto [enumeração], por isso ele [pronome] ouvinte ele [pronome] não [sinal manual] cancelar, 1 *faz tempo* cancelar eu por causa surdo preconceito.

Ela: certo [2 mãos] parecer poder medo porque não saber [negação lexicalizada no verbo] **comunicar/comunicação**. Bom [2 mãos] você dever avisar [repetição do sinal] vocês convidar pessoa [CM em P na testa] **ensinar/ensino/educação** sinais [2 mãos/repetição]] exemplo bom dia, boa tarde, boa noite, obrigada, xau. Dever.]]

- Você surdo poder [sinal capacidade] entrar não [sinal manual] precisar [1 mão] surdo **igualdade/igual** não. **Igualdade/igual** surdo ouvinte. Capacidade sentar/cadeira [1 mão], poder visual capacidade. Poder pouco **comunicação/comunicar**, poder gesto, é [2 mãos] simples. É ouvinte **sentar/cadeira** silêncio não [só com a cabeça]. Saber língua de sinais você saber poder comunicar/comunicação Libras, poder perguntar [direcionalidade do sinalizador para o espaço], perguntar [direcionalidade do espaço para o sinalizador], ensinar [direcionalidade do sinalizador para o espaço].

- Perguntar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] bom [1 mão] muito [1 mão] importante esse [apontação] **sobre/tema** comunidade surda mandar é social importante. Isso [apontação] precisar geral surdo **estimular/estímulo desenvolver/desenvolvimento** você **aprender/aprendizagem**, você **sonhar/sonho** objetivo esse [apontação] **sentir/sentimento capaz/capacidade**. Surdo não saber [negação lexicalizada no verbo] ler? Surdo capacidade **sentir/sentimento** ter vibração, perceber visual, copiar, capacidade como visual fácil. Por isso não entender [negação lexicalizada no verbo] vocês não [sinal manual] desistir vir junto meu dança. Legal [gesto/2 mãos]

#### 4. Minha Libras! 5:09 [MINHA LIBRAS! - YouTube](#)

Ei [2 mãos]. Meu [pronome meu] sinal [direcionalidade do sinalizador para o espaço]. Aqui [2 mãos] moda muda vocês saber dia 23 abril é dia nacional língua de sinais. Por causa isso [apontação/resquício do sinal língua de sinais] língua de sinais hoje fazer vídeo **sobre/tema contar/conto** minha história pouco também [tocando na pontinha dos dedos]] língua de sinais minha língua de sinais. Vocês surdo vai gostar vai entender ligado

igual [2 mãos]. Quando [2 mãos] eu aceitar língua de sinais **começar/início/começo** entender eu sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] surda é problema geral sociedade **diferente/diferença**, não é problema meu porque meu língua de sinais. Pessoa [CM em P na testa] pessoas [desenhando várias pessoas] preconceito surdo. Preconceito eu jeito [igual sinal sentir] ver [1 mão/direcionalidade do espaço para o sinalizador] surdo. Eu posicionar-me, acusar [direcionalidade do espaço para o sinalizador], não aceitar meu direito surdo. Pessoa [CM em P na testa] pessoas [desenhando várias pessoas] mandar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] eu obrigar **oralizar/oral/oralização** [CM em 5]. Não [2 mãos/CM em B]. Nada [CM igual sinal certo]. Triste ter muito surdo **autonomia/autônomo** preconceito próprio porque já [2 mãos] crescer aquisição discurso sonho/sonhar [no sentido de ideia, pensamento] surdez ouvinte língua oral superior Libras diminuída. Então eu comparar igual [2 mãos] pessoa negra **sofrer/sofrimento** preconceito por causa cor. **História/lembrar** surdo parecer **história/lembrar sofrer/sofrimento** negro. É triste verdade certo [2 mãos] porque muito surdo preferir ver [2 mãos/direcionalidade para o próprio sinalizador] eu sou [verbo ser] **deficiente/deficiência**, não é **reconhecer/reconhecimento** ver [2 mãos/direcionalidade para o próprio sinalizador] eu sou [verbo ser] cultura. Por que? Então por isso nós comunidade linguística visual precisar **valorizar/valor** [2 mãos] língua de sinais. **Valor/valorizar** língua de sinais essa [apontação com resquício do sinal língua de sinais] só essa essa [apontação com resquício do sinal língua de sinais]? Também precisar **aprender/aprendizagem amar/amor, aprender/aprendizagem interagir/interação** pessoas [desenhando várias pessoas], **aprender/aprendizagem respeitar/respeito** lugar geral surdo, sinal alteridade. Também [tocando nas pontinhas dos dedos] o que [2 mãos]? Precisar [repetição do sinal] aprender o que [2 mãos]? É sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] surdo. Pensar fácil eu descobrir [sinal encontrar] eu sou [verbo ser] surda não é [2 mãos]. Difícil. Até hoje continuar. Aprender [2 mãos alternando] ver [2 mãos/direcionalidade para o próprio sinalizador] descobrir [sinal encontrar/repetição do sinal] surdo. Até hoje continuar. Pode acreditar pensar fácil descobrir [sinal encontrar] surdo eu é orgulho? Não. Sempre como é **estudar/estudo**, ler, entender, grupo encontrar surdo. Desenvolver [na vertical de baixo para cima] identidade *até alcançar* acabar. Eu certa [2 mãos] até hoje. Não ter *até alcançar*, **sentir/sentimento** surdo não fácil não. Por isso nós surdo ter papel ajudar [direcionalidade do sinalizador para o espaço], ajudar [direcionalidade do espaço para o sinalizador], ajudar [direcionalidade do sinalizador para o espaço] outros [2 mãos]

alternando] surdo lutar direito. Seu [2 mãos], seu [2 mãos] perceber valor valor [datilologia] sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] surdo aceitar marca é surdo. Então fechar vídeo eu gostar dica avisar todos ouvinte o que? Por favor vocês **estudar/estudo**, ler, **pesquisar/pesquisa**, procurar conhecer **história/lembrar** surdo porque eu **certeza/certo** [2 mãos] vocês fazer isso [apontação/2 mãos] poder diminuir preconceito, diminuir desigualdade, igualdade surdo ouvinte igualdade. Também [tocando nas pontinhas dos dedos] espalhar todos **livre/liberdade** língua de sinais respeitar respeitar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador], surdo ouvinte união. Então, esperar vocês gostar esse [apontação/2 mãos] vídeo. Feliz dia língua de sinais. Xau.

#### 5. Somos visuais 3:06 [SOMOS VISUAIS - YouTube](#)

Ei [2 mãos]. Eu [CM em B] sou [CM em B] Carol [sinal dela]. Eu ter Youtube sinal A Moda Muda. Hoje gostar **sinalizar/sinalização** algumas coisas importante aqui [2 mãos] IGTV [datilologia]. Vocês saber mês setembro é mês surdo? Então eu [CM em B] sou [CM em B] surda acompanhar colocar [2 mãos alternando/CM em C] mensagem aqui tema. Eu ver [movimento em 180] muita coisa **interessante/interesse** também colocar [2 mãos alternando/CM em C]. Legal [gesto/2 mãos]. Mas [2 mãos/CM em B] eu perceber palavra **significado/significar** sou [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] surda sempre longe nós verdade. Quase nunca *visibilidade* [CL ver pessoa] verdade. Maioria pessoa [CM em P na testa] *ver* [CL ver pessoa] pessoa pessoa [desenhando a pessoa no classificador] ele [apontação para o CL] surdo problema surdez ouvido. *Ver pessoa* [CL pessoa ver pessoa] surdo é ouvir nada [CM em B]. Mas [CM em 1] esquecer palavra mais **interessante/interesse** é identidade surda. Se vocês **pesquisar/pesquisa** exemplo palavra identidade surda vai mostrar o que? Ser [sinal de pessoa com direcionalidade para o sinalizador] surdo é dentro mundo perceber visual. Conseguir [2 mãos alternando] **desenvolver/desenvolvimento** experiência língua de sinais várias. Certo? [2 mãos]. Google perfeito, ótimo. Alguns surdo não perceber ter problema ouvido, problema nada [CM igual sinal certo]. Surdo gostar **amar/amor** é natural sinalizar livre sentir, ótimo, normal. Surdo obrigado *abrir ouvido*, obrigado falar [sinal oralizar]? Nada [CM em 0]. O que obrigar é dentro disciplina Libras todos escola também faculdade. Isso [apontação] obrigado todos. Então, mês setembro azul é mês **história/lembrar**, é mês **luta/lutar**, é mês surdo **lutar/luta** direito. Isso [apontação] nós não poder [negação lexicalizada no vero] esquecer.

@renata\_freitas\_libras;

### 1. Metamorfose 0:36

[Lagarta caminhando em cima do braço na horizontal. Braço na vertical, lagarta subindo].  
[Mão não dominante em B com orientação para baixo, mão dominante com pontas dos dedos unidas]. Transformar. Borboleta. [Borboleta voando]. Passeata. Brasil.

Isso [apontação] **significar/significado** o que? [2 mãos]. [Mão não dominante em B com orientação para baixo, mão dominante com pontas dos dedos unidas] transformar borboleta. Também passeata mostrar Brasil precisar mudar. Verba. Verba diminuir Universidade? Não. Verba [repetição do sinal] continuar [sinal sempre] Vamos [2 mãos] apoiar.

### 2. Mãe pássaro 1:00

[Bebê pássaro (CM em N) se preparando para voar (expressão de preparação)]. [tentando voar (expressão esforço, mas não consegue)]. [Mamãe pássaro chega voando (CM em B), chega olhando]. [Bebê pássaro tenta de novo, mas não consegue]. [Mamãe pássaro incentiva, com uma asa empurra o bebê]. [Bebê pássaro tenta de novo (expressão mais forte de esforço) e consegue]. [Mamãe pássaro olha satisfeita]. [Cada um voa de um lado]. [Locação no mesmo lado os dois voando juntos].

### 3. Poema em favor da campanha setembro amarelo 1:35

[Deitada no chão, mão dando close no rosto].

Positivo [mãos se movendo], negativo.

[Deitada no chão, mão dando close no rosto].

[1 mão em 4, outra mão em 1, mão em 4 se aproxima do indivíduo, depois se afasta].

[Deitada no chão, mão dando close no rosto].

[CM em B indicando cama. Outra mão em pessoa em pé na frente andando de um lado para o outro, deitar, levantar, deitar].

[Deitada no chão, mão dando close no rosto].

[Mãos ao lado dos olhos indicando cílios balançando. 1 mão indicando arrumando os cílios. Mão caindo ao lado do rosto. Cílios caindo]. Qualquer.

[Deitada no chão, mão dando close no rosto].

Legal [2 mãos]. Não legal [2 mãos, com as mãos ao contrário como dislike].

[Deitada no chão, mão dando close no rosto].

Não legal [2 mãos, com as mãos ao contrário como dislike]. Legal [2 mãos].

[Deitada no chão, mão dando close no rosto].

Qualquer. [Cílios caindo. Mão caindo ao lado do rosto. Mão caindo ao lado do rosto].

[Mãos ao lado dos olhos indicando cílios].

[Deitada no chão, mão dando close no rosto. Deitar, levantar, deitar. Outra mão em pessoa em pé na frente andando de um lado para o outro].

[Deitada no chão, mão dando close no rosto].

[1 mão em 4, outra mão em 1, mão em 4 se afasta do indivíduo, depois se aproxima].

[Deitada no chão, mão dando close no rosto].

Negativo, positivo.

[Deitada no chão, mão dando close no rosto. Abre os olhos como despertar].

#### 4. A dor do silêncio 1:44

[Puxa a orelha dela de um lado. Puxa a orelha dela do outro lado].

[Oralizar de um lado. Oralizar do outro lado. Oralizar os dois].

[Apertam as mãos].

[Um segura o queixo dela, o outro com arma no ouvido dela. Um segura do lado do ouvido dela, outro com a mão espalmada ao lado do outro ouvido cortando. Ela grita. A mão cortando se transforma no sinal escorrer sangue].

[As duas mãos tocam cada uma num lado do ouvido com CM de cartão. Duas mãos cada um com telefone ao lado do ouvido dela. Ela grita. Cai o rosto].

[A mão levanta o queixo dela. Ela enxuga as lágrimas. Sinalizar. Uma mão tira a mão dela, outra mão tira a mão dela].

[Uma mão sinal mandar, ela estende uma mão como se fosse sinalizar, a outra mão segura a mão dela e coloca na garganta, ela oraliza].

[A mesma mão que mandava abre a boca dela. Ela oraliza].

[Oralizar de um lado. Oralizar do outro lado. Oralizar os dois. Mãos gritando oralizando, mãos em silêncio].

[Sinalizar de um lado. O outro lado puxa uma mão dela para ela sinalizar. Puxa a outra mão. Sinalizar do outro lado. Ela sinaliza].

[Pares de mãos tremendo. Ela mãos tremendo (expressão feliz)].

#### 5. A gaiola 1:00

[Duas mãos, CM em 4. Latera, lateral, frente, trás, lateral].



[Segurar a grade. Soltar].

[CM como 1 asa, para embaixo. CM como 1 asa, para embaixo. CM como 1 asa, para em cima. CM como 1 asa, para em cima. CM como 1 asa, para na frente].

[Voar. CM em 4 do lado].

[Voar. CM em 4 do lado].

[Voar. CM em 4 do lado].

[Voar. CM em 4 do lado].

[CM em 4 sai voando pela lateral].

@meussinaisexpressam;

### 1. Ingenuidade 2:01

[CM em O na frente na testa, descendo pelo rosto]

[2 mãos na CM de greve se movendo rapidamente. Sinal brigar mas com expressão fácil positiva]. Sentir.

[Pessoa vindo pela lateral esquerda]. Sentir. [Sentir saindo na direção da pessoa. Pessoa sai].

[Outra pessoa vindo pela lateral direita]. Sentir. [Sentir saindo na direção da pessoa]. [Pessoa a beija]. [Pessoa sai].

[Pessoa vindo pela frente]. Sentir. [Sentir saindo na direção da pessoa]. [Coração com 2 mãos na forma de coração. Pessoa sai].

[Expressão de maldade. 2 mãos alternada sinal pessoa. Inverte as pessoas. 1 mão na CM de sentir, ri com maldade, come. Vira de lado, 1 mão na CM de sentir, cospe em cima, limpa na roupa, sentir. Ri com maldade].

[Vira para o outro lado, 1 mão na CM de sentir, joga para trás. Ri com maldade].

[2 mãos alternada sinal pessoa. Ela ri ingenuamente. Sentir 2 mãos. As duas mãos como se fosse vibração. Duas mãos tocando pessoas. 2 mãos CM em 1 como pessoas vindo na direção dela. Duas mãos tocando pessoas. 2 mãos CM em 1 como pessoas vindo na direção dela].

[2 mãos na CM de greve se movendo rapidamente. Sentir. 2 mãos na CM de greve se movendo ainda mais rapidamente].

[Mão não dominante em B e mão dominante em C. duas mãos enxugando lágrimas com CM em C. Buas mãos CM em C faz uma bola. Inverte a bola da barriga para o coração. Beija a bola. Toca a bola no coração].

[Pessoa vindo pela lateral esquerda. Ignora a pessoa. Pessoa insiste. Pessoa sai].

[Pessoa vindo pela lateral direita. Ignora a pessoa. Pessoa insiste. Pessoa sai.]  
 [Pessoa vindo pela frente. Ignora a pessoa. Palavras com 2 mãos (direcionalidade palavras a mim). Pessoa sai].  
 [2 mãos pulsando. Segura algo com as mãos. Beija algo. Sentir com mãos sobrepostas].

## 2. Racismo 2:05

[Tirando um pau. Bate com o pau.]  
 [Pega um caderno e coloca na frente do olho]  
 [Tira o chicote. Toca nas cerdas do chicote. Chicoteia].  
 [Pega um caderno e coloca na frente do olho.]  
 [Tirando um pau. Desenhando o bigode no rosto com as 2 mãos. Colocando chapéu com 1 mão. Engatilha arma. Aponta arma.]  
 [Pega um caderno e coloca na frente do olho.]  
 [Barba]. Sentir. [Tirando a capa da arma no peito. Aponta a arma].  
 [Pega um caderno e coloca na frente do olho].  
 [2 mãos CM em S abrindo e fechando na frente do rosto. Prender. Marca (repetição do sinal). Negro (repetição do sinal). 2 mãos CM em L, seu sinal, favela, fome, roubar, máscara na frente dos olhos, monstro. Parar.]  
 ]Pessoa vindo de um lado. Pessoa vindo do outro. Apontar escondido. Apontar escondido]. Negro. [Apontar escondido]. Negro. Roubar. Cuidado, cuidado. Preconceito. Humano igual pessoa [desenhando a pessoa] branca. [2 pessoas vindo. 2 pessoas param e se olham (CM em V)]. [1 mão permanece sinal ver, ver dos pés a cabeça, experiência. Sou (desenhando pessoa nela mesma)] **formar/formação**. Eu **formar/formação** médico. **formar/formação** professor. Vários profissionais. Mostrar [direcionalidade do sinalizador para o espaço]. Mostrar [direcionalidade do espaço para o sinalizador] **Desculpar/perdão**, não é experiência certo [1 mão]. Seu sinal desprezo sim, diminuir. Diretor filme vários [2 mãos simetria] chamar [2 mãos/repetição do sinal], filme [1 mão], negro, mulher, homem, seu sinal, papel, sempre empregada, pobre, bêbede [2 mãos], puta, prostituta, sexo, como?, seu sinal, marca rótulo [datilologia].  
 Superior, poder [substantivo] pessoas [desenhando várias pessoas] principal policial vários [2 mãos em simetria]. Arma. Atirar. Desculpar/perdão. Tonto. Eu não é seu [2 mãos] parecer imagem. Uau [com as 2 mãos no rosto]. Provocar, provocar. [a sinalizadora mostra o livro pequeno manual antirracista]. Vai **orientar/conselho** vocês diminuir preconceito. Não precisar [1 mão] falar eu sou [direcionalidade para o próprio sinalizador]

não é preconceito posicionar-se ter escondido. Seu sinal não ver [CM em B] preconceito sim. Só simples **respeitar/respeito amor/amor** união nós **vida/viver** negro sim (2 mãos). Problema? *Posicionar-se contra mim* [com direcionalidade] quem?

### 3. Brincadeira ou ofensa 0:54

Brincadeira fácil, brincadeira respeitar ok. Provocar não ter [negação lexicalizada no verbo] **respeito/respeitar**, é preconceito pessoas [desenhando várias pessoas]. Nós já saber errado o que? Principal ouvinte sempre provocar nossa língua mímica, também incorporar macaco. Cansado forte [1 mão/CM em S]. Mas [2 mãos/CM em B] nós comunidade surdo já fazer o que? Minoria surdo não [sinal manual] **desenvolver/desenvolvimento**. O que acontecer? Sempre incorporar mímica, grupo surdo rir, também pior mais usar celular digitar whatsapp ou Instagram, vários, *palavras trocadas*, digitar desprezar, rir. Verdade surdo *é assim*, quarta categoria *trocado palavras* não saber. Igual consciência surdo ouvinte é **brincadeira/brincar** ou provocar?'

### 4. Hipocrisia 0:53

[Tocando na cabeça com as duas mãos (uma na testa, uma na frente da cabeça)].

Mundo. [pulsar, segurar com a mão, com outra mão segurar o rosto, com a mão que segurava algo jogar para trás, com a outra mão segurar o rosto].

[Pessoa vindo CL, pessoa vindo CL] positivo, positivo.

Você inteligente, você maravilhoso, você melhor amigo, [mãos em forma de coração], positivo.

Positivo. [toca no tronco]. [Positivo em 180, mão segurar o rosto, tira a mão do rosto, segura algo, outra mão dedo indicador para cima da mão que segura algo]. você não [com a cabeça apenas] pensar, você feio, você é burro. [mão segurar o rosto].

[1 mão em I love you, outra mão em dislike bem em cima do I love you].

[Mão segurar algo, essa (apontação para a mão que segura algo)]. você quer. [aperta a mão que segura algo e joga fora].

### 5. Um apoia o outro 7:57

Ei, Meus Sinais Expressam. Então tempo esse [apontação] quarentena. também comunidade surda **lutar/luta**, *tocar nas pessoas*, atenção, *CL pessoa ver*, **valor/valorizar** pessoas [desenhando várias pessoas] surda. Esse mês julho exemplo pessoas [desenhando pessoas] também **autonomia/autônomo** *tocar nas pessoas* ouvinte famoso referência

divulgar youtube vários o que? Não ter [negação lexicalizada no verbo] legenda também o que? Pessoas **intérprete/interpretar** *legenda ruim* música música libras truncada, ruim [sinal de acusar]. Também aumentar incorporar ter variação mas tema chamar pessoa profissional certo não [só com a cabeça]. Pessoas [desenhando pessoas] marco [marco na pessoa] o que? Sobre privilégio ouvinte, sempre pegar, não conseguir querer geral local o que? Surdo querer **trabalhar/trabalho** professor vários. Entender **resumo/resumir**. Esse momento mês julho eu **começar/início/começo** refletir, claro agora ontem momento refletir. Ok. Eu resolver *vir aqui* o que? Eu Refletir. Parecer ter vários tentar pequeno o que principal escolher três [enumeração]. Ok. Primeiro [enumeração] reclamar. Segundo [enumeração] **lutar/luta autonomia/autônomo** [no sentido de agir] **lutar/luta** fazer coisa. Terceiro [enumeração] imagem [CM em L/2 mãos na frente do rosto]. Por que eu falar como os três [enumeração]? Porque sempre passado até hoje ver [2 mãos] papo [2 mãos] contato doce tem *CL pessoa, CL pessoa* perceber também eu papo [2 mãos] *por trás*, pessoas atitude perceber claro ter *por trás* estratégias não falar, mostrar *por trás* ter alguns o que? Meu entender porque eu sou surda + eu crescer ter **barreira/limitação/limitar dificuldade/difícil** [2 mãos], vocês também **barreira/limitação/limitar dificuldade/difícil**, exemplo não ter [negação lexicalizada no sinal] **intérprete/interpretar** *faz tempo* agora ter aumentar + legenda filme, antes não ter [negação lexicalizada no sinal] imagem legenda não ter [negação lexicalizada no sinal]. Ter desenvolver, ainda desenvolver, parecer aumentar. + CC próprio quase TV, antes não ter [negação lexicalizada no sinal] CC. Hoje ter CC legenda graças a Deus. Já desenvolver. Então eu refletir porque eu falar como? Eu de novo? Ok olhar porque já **acostumar/costume** o que? ver pessoas *palavra dura*. Exemplo pessoas meu convivência comunidade surda pessoas surda ter identidade vários, ter várias identidade, consciência várias, mas iguais se língua Libras, empatia iguais surdo **história/lembrar** ok. Exemplo pessoas ver pessoa surda igual saber pessoa surda sempre reclamar. Exemplo não ter [negação lexicalizada no sinal] **intérprete/interpretar**. As vezes eles palavra. Faltar **lutar/luta**. Esse [apontação] faltar **lutar/luta**, palavra, esse [apontação] faltar **lutar/luta**. Eu pensar também até eu palavra **lutar/luta** mas esse [apontação] momento eu errado palavra, eu dever não falar palavra. Por que não dever falar palavra? Se você reclamar então barreira não ter [negação lexicalizada no sinal] **intérprete/interpretar** enumerar, nós pode fazer o que? Apoio. Faltar ligado. Faltar dica. Estimular pessoa ajudar o que? Estimular [com direcionalidade do espaço para o sinalizador]. Parecer empoderamento comer *ficar forte*. Coragem **lutar/luta**. É nós faltar união ajudar estimular, estimular [com

direcionalidade do espaço para o sinalizador], lutar, conseguir. Se deixar reclamar porque pessoas ainda *ver a si* + não saber [negação lexicalizada no verbo] fazer como processo **tema/sobre** denúncia, segundo [enumeração] processo, terceiro [enumeração] *tocar nas pessoas*, quarto [enumeração] **tema/sobre** opinião reclamar. Não saber [negação lexicalizada no verbo] como fazer processo. Nós **silêncio/silenciar**, nós ajudar nada? Parecer acomodado. **Significar/significado resumo/resumir** o que? Egoísmo. Parecer não querer [negação lexicalizada no verbo] igual surdo. Por isso eu refletir se pessoa reclamar nós precisar **autonomia/autônomo, apoio/apoiar**, dica. Se reclamar todo dia. *Tocar nela* por que reclamar? Por que querer falar? Explicar porque minha mãe não saber [negação lexicalizada no verbo] Libras. Você tentar estratégia pegar seu amigo saber Libras ou **intérprete/interpretar** não ter [negação lexicalizada no verbo], enumeração, *CL pessoa* [2 pessoas], você expressar *enumeração detalhe*, mãe pai vai atenção pensar mudar consciência pessoa vai aprender você Libras desenvolver contato. É conseguir mudar comportamento. Consciência. É importante. Mas **tema/sobre** reclamar coisa besteira **tema/sobre** coisa particular exemplo casa não ter [negação lexicalizada no verbo] **comida/comer**, reclamar, ok. **História/lembrar** outra. Se namorado brigar, reclamar, é **história/lembrar** outra. Mas **tema/sobre** reclamar **tema/sobre limite/barreira/limitar** social geral ouvinte, nós comunidade surda poder o que? **Resumo/resumir**. Por isso eu refletir, perceber *por trás* sinalizar qual por que eles reclamar? faltar lutar por que esse não ajudar? Por que não ajudar? Estimular? Por que não estratégia olha explicar vocês tentar colocar, expressar informação redes sociais. Exemplo pessoa Joao, Gabriel ter vários surdos colocar [repetição do sinal] **significar/significado** reclamar? Prova nós mostrar ter **vida/viver** nós sim. Também Acordar, vocês precisar mudar o que? Consciência **respeito/respeitar** nós perceber inclusão social porque aqui Brasil ter 2 o que? Surdo, ouvinte **Vida/viver** + ter vários deficiência, precisar inclusão social. Não poder [negação lexicalizada no verbo] exclusão não [sinal manual]. Por isso eu refletir. Ok. Outro o que? Imagem. Às vezes eu refletir o que? *Pessoas* [CL pessoa] ver ele mostrar sobre informação ter enumeração **tema/sobre limite/barreira/limitar** segundo [enumeração] dica, terceiro [enumeração] principal comunidade surda importante dica, as vezes pessoas ele não gostar [negação lexicalizada no verbo] imagem, *falar no ouvido*. Meu refletir imagem *nada a ver*. Imagem **significar/significado** o que?

Eu sou EU próprio mostrar vida eu (CM em B, 2 mãos) lógico. Se pessoas mostrar imagem por trás é ligado pessoas surda tem igual. Exemplo tema exemplo. pessoas tem

problema exemplo barreiras, barreiras pegar sinalizar informação imagem pessoas *ver* [direcionalidade do espaço para o sinalizador/múltiplos dedos] é lógico. *Lá trás* é informação dicas adquirir, sinalizar, eles atenção, pensar ele é só um? Não. é logico. Ajudar muito. Tema ter *por trás* líder, segundo [enumeração] estimular, dica tem. Tema imagem não gostar [negação lexicalizada no verbo]? Meu *nada a ver*. Meu *nada a ver* imagem não. Ter *por trás* ajudar por que? Povos é diversos pegar sinalizar. Vocês *abrir a mente* pensar. Então eu refletir vocês precisar parar reclamar, não saber [negação lexicalizada no verbo] fazer porque egoísmo. Se você perceber pessoas reclamar, *tocar nelas* por que reclamar, expressar, capacidade ajudar. Se não saber [negação lexicalizada no verbo], procurar pessoa olha amigo muito limite, dica. Importante é união comunidade surda, também povo surdo + identidade várias, precisar união, não poder [negação lexicalizada no verbo] segregar, precisar juntar união. Se *não união* nós sempre igual [Cm em B/2 mãos], Brasil vai limite. Se comunidade ligado surdo vai mudar Brasil melhor. Consciência + respeito mais. Então esperar vocês refletir, também vocês ter ideia coisa vontade complementar livre mandar [direcionalidade do espaço para o sinalizador]. Esperar vocês **interação/interagir**. Xau.

@rodrigocustodio84.

### 1. Surdo sendo médico

Eu ver vários surdo opinião “eu futuro querer **médico/medicina**”. Mas não conseguir [negação lexicalizada no verbo]. Eu futuro capacidade fazer curso **medicina/médico**. **medicina/médico**, **medicina/médico**, **medicina/médico**. Surdo **medicina/médico**. Certo. Besteira. ATCHIM. Precisar **médico/medicina** curso. Vai. Vai.

### 2. O engraçado é que muitos não querem filmar

[espaço sub-rogado] Você **amar/amor** curso língua de sinais certo [1 mão]?

[espaço sub-rogado] Sim.

[espaço sub-rogado] Você **amar/amor** foto, vídeo colocar [2 mãos] Instagram divulgar **amar/amor**?

[espaço sub-rogado] Sim.

[espaço sub-rogado] Você já [2 mãos] *filmar a si mesmo* atividade mandar [repetição/2 mãos] curso Libras?

[espaço sub-rogado] Sim ... expressão não.

### 3. Vamos pensar melhor juntos?

Sou [sinal de pessoa com a direcionalidade para o próprio sinalizador] surdo *CL* *pessoa* não comunicação [negação lexicalizada/repetição] Porra [2 mãos].

*Pessoas indo* [2 mãos]. Fila. [Apontando para a fila], ouvinte comunicação fácil comunicação. [CM em 4, outra mão em 1 no meio dos dedos] não comunicação [negação lexicalizada]. Difícil [2 mãos] **sentir/sentimento**. Pessoas olhar [2 mãos]. Como? Não aceitar [negação com a cabeça enquanto o sinal é realizado] *não comunicação* [negação lexicalizada]. Eu direito **comunicação/comunicar** melhor. Porra. Apontação.

### 4. E vocês conseguiram fazer expressão facial?

Ei aluno tudo bem? [2 mãos]. Agora eu ensinar sinais. Olha nome roubar [datilologia]. Ter sinal vários. Olha mostrar exemplo. Roubar [para cima]. Roubar [para baixo]. Roubar [1 mão]. Vários, mas [2 mãos em B] ou só expressão capacidade. Mostrar olha exemplo. Entender. Você mostrar [com direcionalidade do espaço para o sinalizador] vamos. Certo [1 mão]. Próximo.

### 5. E vocês conseguiram movimentar a língua na boca

Ei aluno tudo bem? [2 mãos]. Agora eu [2 mãos/CM em B] ensinar vocês aprender como língua *mexer dentro da boca* próprio surdo profissional [CM em legal e não dominante em S]. Mostrar exemplo olha. MEIXE A LÍNGUA. olha. Vamos. Parabéns. Conseguir, parabéns.

## ANEXO A – TRADUÇÃO DOS TRAÇOS SEMÂNTICOS HIERÁRQUICOS

